antigo testamento

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NO



CHRISTOPHER J. H. WRIGHT

MC

CHRISTOPHER J. H. WRIGHT

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NO ANTIGO TESTAMENTO

Traduzido por CECÍLIA ELLER

MC
mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Como leitor assíduo de Christopher J. H. Wright, sempre me surpreendo com sua capacidade de explicar, com clareza e precisão, os temas a que se dedica. De forma consistente, em linguagem simples, ele nos conduz a níveis mais profundos de compreensão. Este é mais um brilhante texto de um excelente mestre, leitura obrigatória para todos que se dedicam ao ensino das Escrituras Sagradas. Que Deus abençoe o ministério desta obra entre nós!

ZIEL J. O. MACHADO
Pastor da Igreja Metodista Livre e vice-reitor do Seminário Servo de Cristo (São Paulo – SP)

Será que a pregação do Antigo Testamento continua relevante para a igreja de hoje? De modo descomplicado, mas com profundidade e sabedoria, o dr. Chris Wright mostra como as Escrituras do antigo Israel são fundamentais para entendermos o grande drama da redenção que culmina em Cristo e do qual todos nós participamos. Assim como um filme não faz sentido se não assistirmos ao início, a vida e obra de Jesus precisam ser entendidas à luz da primeira parte da história da salvação, relatada no Antigo Testamento. De forma didática e clara, Wright

apresenta uma metodologia bastante útil para seminaristas, pastores e líderes de igreja, usando os principais gêneros literários das Escrituras. Essa é uma obra indispensável para todos os que desejam pregar e ensinar com excelência TODA a Palavra de Deus, em especial o Antigo Testamento.

TIAGO ABDALLA T. NETO
Professor de exegese e teologia do Antigo Testamento do Seminário
Bíblico Palavra de Vida (Atibaia – SP) e membro do comitê
de tradução da Nova Versão Transformadora (NVT)

Didática, equilibrada e esclarecedora, a obra *Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento*, do importante professor Christopher J. H. Wright, enfrenta o desafio, comum aos pregadores e ensinadores da Bíblia, de expor e aplicar o Antigo Testamento; nunca foi tarefa confortável levar para a sala de aula ou púlpitos cristãos os textos da Bíblia hebraica. Por ser percebido por alguns, mesmo não declaradamente, como parte ultrapassada ou fonte somente da história da religião de Israel, o Antigo Testamento comumente perde espaço nos sermões.

Por outro lado, em diversos ambientes eclesiásticos percebe-se a utilização hermeneuticamente problemática dessa indispensável parte das Escrituras. Com erudição e clareza, Wright não somente descortina a importância do AT na prática ministerial, mas também serve seus leitores com instrumentos e pressupostos relevantes para seu uso na pregação e no ensino. Este livro chega em tempo oportuno e auxiliará na compreensão e exposição da primeira parte do cânon.

KENNER TERRA
Doutor em ciências da religião e professor da
Faculdade Unida (Vitória – ES)

O estudo e a pregação de passagens do Antigo Testamento são muitas vezes feitos de forma literalista, legalista, alegórica, historicista, ou ainda doutrinal. Nem sempre somos capazes de aprofundar o entendimento das passagens do Antigo Testamento e aplicá-las aos ouvintes de hoje. Essa valiosa obra de Christopher J. H. Wright é singular não só pelo assunto, como também pela maneira prática, didática e relevante de oferecer ferramentas para o estudo e

modos de interpretação do Antigo Testamento com vistas à pregação.

WILLIAM LACY LANE
Doutor em teologia e professor da
Faculdade Teológica Sul Americana (Londrina – PR)

Copyright © 2016 por Christopher J. H. Wright
Publicado originalmente por Langham Preaching Resources, Carlisle, Cumbria, Reino Unido.
Direitos negociados por Piquant Agency.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (sob permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo indicação específica. Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Daniel Faria (editor)
Heda Lopes
Natália Custódio
Diagramação: Luciana Di Iorio
Preparação: Cristina Fernandes
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Capa: Douglas Lucas
Diagramação para e-book: Yuri Freire

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W933c
Wright, Christopher J. H
Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento [recurso eletrônico] / Christopher J. H. Wright ; tradução Cecília Eller. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2018.
recurso digital ; 1421 MB

Tradução de: How to preach & teach the Old Testament for all its worth
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-433-0265-2 (recurso eletrônico)

1. Pregação. 2. Bíblia - Uso homilético. 3. Livros eletrônicos.
I. Eller, Cecília. II. Título.

17-44616

CDD: 251
CDU: 27-475.2

Categoria: Teologia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: janeiro de 2018

Todos os direitos autorais deste livro foram irrevogavelmente cedidos à Langham Literature (antiga Evangelical Literature Trust).

Langham Literature é um programa da Langham Partnership International, fundada por John Stott. Chris Wright é o diretor do ministério internacional.

A Langham Literature distribui livros evangélicos para pastores, estudantes de teologia e bibliotecas de seminários dos países em desenvolvimento. Também promove a escrita e a publicação de literatura cristã em muitos idiomas locais.

Para mais informações sobre a Langham Literature e outros programas da LPI, visite o *site* <www.langham.org>.



Sumário

PARTE I — POR QUE DEVEMOS PREGAR E ENSINAR COM BASE NO ANTIGO TESTAMENTO?

1. Disse Deus
2. A história e a promessa
3. Como entender Jesus por meio do Antigo Testamento
4. Não me dê só Jesus
5. Conexão com Cristo

PARTE II — COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NO ANTIGO TESTAMENTO?

6. A história de Deus e as nossas histórias
7. Cinco perguntas a fazer ao pregar e ensinar histórias do Antigo Testamento
8. Sete perigos a evitar ao pregar e ensinar histórias do Antigo Testamento

9. Entenda a lei do Antigo Testamento
10. Como pregar e ensinar com base na lei do Antigo Testamento
11. Conheça os profetas
12. Como pregar e ensinar com base nos profetas
13. Conheça os salmos
14. Como pregar e ensinar com base nos salmos
15. Como pregar e ensinar com base na literatura de sabedoria

Anexo 1
Anexo 2
Bibliografia

Parte 1

Por que devemos pregar e ensinar com base no Antigo Testamento?

1

Disse Deus

Por que devemos nos dar o trabalho de pregar com base no Antigo Testamento? Muitos pregadores quase nunca o fazem. Diversas igrejas passam ano após ano somente com sermões baseados no Novo Testamento e, quem sabe, às vezes, um salmo. Talvez você se pergunte: "O que há de errado nisso? Somos seguidores de Jesus Cristo, e é no Novo Testamento que lemos a seu respeito. E há muito o que pregar do Novo Testamento. Do que mais precisamos?".

E, para ser honesto, o Antigo Testamento é uma coleção difícil de livros. Há muita história, e não gostamos de história, sobretudo quando ela está cheia de nomes estranhos. Há muita guerra e violência, e

também não gostamos disso. E ainda tem um monte de questões cerimoniais esquisitas, sobre sacerdotes e sacrifícios, alimentos puros e impuros, bem como leis rígidas com punições terríveis. Como tais costumes antigos teriam condições de se aplicar a nós hoje? E tudo parece dizer respeito a essa única nação "escolhida", Israel, o que não parece nada justo com o restante do mundo. Uma vez que tudo isso aconteceu antes de Jesus, não seria agora desatualizado e irrelevante? É claro que existem algumas boas histórias, sobre as quais é possível pregar uma mensagem clara e simples. Além disso, alguns dos salmos podem servir de grande incentivo para os fiéis. Tirando isso, porém, pregar um sermão ou ensinar uma lição da escola dominical com base no Antigo Testamento é cansativo demais para o pastor ou professor de estudos bíblicos, além de confuso demais para as pessoas. É muito mais fácil ficar com o que conhecemos: o Novo Testamento.

Se é assim que você se sente, permita-me oferecer três razões logo de início que devem fazer você pelo menos querer ir um pouco mais fundo na tentativa de entender o Antigo Testamento e aprender como pregar e ensinar com base nele.

O ANTIGO TESTAMENTO VEIO DE DEUS PARA NÓS

Se uma autoridade renomada de seu país lhe desse um presente pessoal, imagino que você levaria o objeto para casa com cuidado e o guardaria muito bem. Quem sabe colocaria em uma prateleira para todos verem. Ou suponha que você dê um presente extremamente especial para alguém que você ama mais do que tudo. Trata-se de algo muito caro, e você economizou durante anos para comprar e presentear. Então, a pessoa só dá uma olhada num pedacinho do presente e nem se dá o trabalho de desembrulhar a maior parte. Ela apenas o coloca de lado e esquece. Como você se sentiria? Bem, Deus é mais importante que qualquer pessoa no universo e nos ama tanto que entregou o próprio Filho para nos salvar. E esse é o mesmo Deus que nos deu toda a Bíblia, inclusive aquilo que hoje chamamos de Antigo Testamento. O que Deus sentirá se nós nem sequer nos dermos o trabalho de abrir a maior parte de seu presente? Ele nos presenteou com esses livros. O que revela a nosso respeito o fato de simplesmente os ignorarmos ano após ano?

Às vezes, referimo-nos à Bíblia como "as Escrituras", e é claro que incluímos tanto o Antigo quanto o Novo Testamento nessa expressão. Mas na época em que Jesus e Paulo viveram, quando as pessoas falavam sobre "as Escrituras", estavam aludindo aos livros que hoje fazem parte do que denominamos Antigo Testamento. Para elas, "as Escrituras" eram o maior presente de Deus a seu povo (atrás somente do Senhor Jesus Cristo). Eles as valorizavam. Eles as estudavam com amor e as ensinavam a seus filhos.

Paulo, por exemplo, sabia que seu amigo Timóteo, cuja mãe e avó eram judias, havia aprendido as Escrituras (i.e., o Antigo Testamento) desde a infância e o encorajou a estudá-las com cuidado, a fim de ensinar e pregar sua mensagem com urgência e regularidade. Quando o apóstolo fala sobre as "Sagradas Letras" ou "toda a Escritura", está se referindo ao todo daquilo que chamamos de Antigo Testamento. Leia o que Paulo diz nesta passagem sobre o Antigo Testamento e observe os motivos que apresenta para Timóteo pregar e ensinar acerca desses escritos:

> Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.
>
> Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina.
>
> 2Timóteo 3.14—4.2, NVI

Paulo diz três coisas que devemos levar a sério.

Em primeiro lugar, as "Sagradas Letras" (e lembre-se, ele estava falando do Antigo Testamento) são capazes de tornar as pessoas sábias para a salvação mediante a fé em Jesus Cristo. Elas preparam o caminho para Jesus, o Messias, e mostram como o mesmo Deus que tantas vezes livrou seu povo no passado atua agora por intermédio de Jesus para levar salvação a pessoas em toda parte. Paulo sabia disso porque havia dedicado a vida a trazer pessoas para a fé em Jesus, usando o

Antigo Testamento para tecer seus argumentos e provar suas ideias. Logo, o Antigo Testamento não é um "livro morto". Ele contém salvação e aponta para o Salvador.

Segundo, as Escrituras do Antigo Testamento foram "sopradas por Deus". Essa expressão costuma ser traduzida por "inspiradas por Deus". Mas Paulo não estava dizendo que os autores eram "inspirados" da maneira como costumamos nos referir a uma bela obra de arte, uma música ou um excelente jogador de futebol. O apóstolo estava falando que as palavras que hoje encontramos no Antigo Testamento foram "expiradas" por Deus. Isso significa que, embora tenham sido ditas e escritas por seres humanos comuns como nós, é como se aquilo que foi dito e escrito tivesse saído da boca de Deus.

Suponha que você é um repórter e compareça a uma coletiva de imprensa organizada pelo governo. O porta-voz faz uma declaração. Imediatamente, você pergunta:

— Quem é a fonte dessa declaração?

O porta-voz responde:

— Eu ouvi da boca do presidente [ou primeiro-ministro].

Isso significa: "Aquilo que eu falei carrega a autoridade do presidente". É como se o próprio presidente houvesse pronunciado as palavras. Pode levá--las a sério.

O mesmo ocorre com as Escrituras, inclusive com o Antigo Testamento. O que lemos é aquilo que Deus queria dizer. Por isso o Antigo Testamento tem autoridade. É claro que isso ainda nos deixa o trabalho de pensar bastante sobre o que as palavras *significavam* para aqueles que as ouviram em primeiro lugar e o que elas *significam* para nós hoje, a fim de descobrir *o que devemos fazer em resposta.* Sim, temos todo esse trabalho a fazer, mas *precisamos* fazê-lo e *vale a pena* o esforço, pois tais textos provêm do próprio Deus.

Terceiro, Paulo diz que as Escrituras do Antigo Testamento são "úteis". Em seguida, apresenta uma lista de como as Escrituras são "úteis" ("para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra"). E todas essas coisas devem acontecer dentro da comunidade da igreja para ajudar as pessoas a viver do jeito que Deus quer que vivamos. É por isso que Paulo

imediatamente instrui Timóteo a pregar "a palavra". Não é que o Antigo Testamento funcionava no *passado* para conduzir as pessoas à fé e à salvação em Cristo. Nada disso. Como ele provém de Deus e carrega consigo a *autoridade* divina, continua a ser *relevante* para nós. Nós podemos e devemos *usar* o Antigo Testamento para o ensino e a instrução para a vida — assim como Paulo instrui Timóteo a fazer. Mais uma vez, é claro que precisamos ser cuidadosos para descobrir *como* o Antigo Testamento é relevante para nós. Sem dúvida, isso não quer dizer que devemos apenas fazer tudo que diz ali, exatamente como está escrito. Refletiremos sobre isso em capítulos posteriores. Por ora, tudo que precisamos estar de acordo é com o fato de que o Antigo Testamento tem *autoridade* (porque provém de Deus) e é *relevante* (porque é "útil" para nossa vida).

O ANTIGO TESTAMENTO LANÇA OS ALICERCES PARA NOSSA FÉ

Você já chegou a uma reunião prestes a acabar e tentou participar da conversa das pessoas acerca de um tópico importante perto do fim da pauta? *Você* não sabe o que todos disseram ao longo da última

hora, mas os que estão falando *pressupõem* tudo que já foi mencionado e acordado. É muito fácil que você entenda errado alguma coisa dita no final por não saber o que se passou antes. As pessoas sentadas em volta da mesa não precisam repetir tudo que se passou porque já sabem. Dão como certas todas as questões que já foram debatidas. Mas você não estava ali. Você pode perder um bom acordo e entender errado quase toda a conversa, especialmente se as coisas decididas na primeira parte da agenda foram muito importantes.

Se você ler somente o Novo Testamento, é como entrar atrasado numa reunião e perder o debate que aconteceu e as decisões que foram tomadas até então. Isso acontece porque o Novo Testamento *pressupõe* tudo aquilo que Deus disse e fez durante a história do Antigo Testamento e não necessariamente repete essas coisas. E isso inclui algumas verdades essenciais da fé cristã bíblica. Aqui estão algumas coisas que Deus nos ensina no *Antigo* Testamento, que então são presumidas no Novo e inseridas no relacionamento com Cristo.

- *Criação.* Não só em Gênesis 1 e 2, mas em outras passagens também (em Salmos e em alguns dos profetas), aprendemos a verdade sobre nosso mundo. Ele não é um acidente, uma ilusão ou nada além de átomos. Tudo que existe (com exceção de Deus) foi criado e ordenado pelo único Deus vivo. Toda a criação é continuamente sustentada por ele, pertence a ele e lhe dá glória e louvor. Deus ama tudo que criou. Essas são verdades que o Antigo Testamento ensina e o Novo Testamento presume.
- *Deus.* A quem nos referimos quando usamos a palavra "Deus" em português (ou seu equivalente em qualquer outra língua)? A quem os autores do Novo Testamento se referiam quando falavam sobre *theos* (em grego)? Pode parecer óbvio, mas é uma pergunta muito importante porque existem, é claro, muitos "deuses" e conceitos sobre "Deus" no mundo — tanto naquela época quanto agora. Até mesmo quando dizemos "Jesus é Deus", a frase pode estar aberta a todo tipo de confusão, a menos que sejamos muito claros acerca do que queremos dizer com a palavra "Deus". E os escritores do Novo Testamento, sem dúvida,

tinham bastante clareza a esse respeito. Eles se referiam ao Deus que se revelou no Antigo Testamento, na história, vida e adoração do Israel do Antigo Testamento. Aludiam ao Deus cujo nome pessoal costuma ser traduzido por "o SENHOR" em português. Eles não repetiram todas as profundezas oceânicas da revelação sobre esse Deus que se encontra nas Escrituras do Antigo Testamento. Simplesmente presumiam. Eles sabiam de quem estavam falando. Por isso, precisamos ler o Antigo Testamento com profundidade, a fim de sabermos quem é o Deus verdadeiro — o Deus que conhecemos quando veio viver entre nós na pessoa de Jesus de Nazaré. De outra maneira, se não o fizermos, podemos acabar associando Jesus a todo tipo de ideias errôneas sobre "divindade" que absorvemos de nosso contexto cultural ou religioso.

- *Nós.* Quem nós somos e o que significa ser humano? Mais uma vez, é o Antigo Testamento que nos ensina as verdades básicas a nosso respeito. Somos criaturas (não deuses, nem anjos). Deus, porém, nos criou à sua imagem, de modo que pudéssemos exercer sua autoridade no

restante da criação, fazendo bom uso e cuidando dela.

- *Pecado*. O que deu errado com o mundo? As religiões e filosofias deste mundo dão muitas respostas diferentes a essa pergunta. O Antigo Testamento deixa claro que nós, seres humanos, nos rebelamos contra o Criador. Recusamo-nos a confiar em sua bondade e escolhemos desobedecer a suas ordens. O Antigo Testamento mostra como nosso pecado se encontra enraizado, afetando todas as partes de nossa personalidade, todas as gerações e todas as culturas. Somente quando entendemos o tamanho do problema (com base no Antigo Testamento), temos condições de compreender o tamanho da solução divina para ele por intermédio de Cristo no Novo Testamento.
- *O plano de Deus*. Gênesis 3—11 nos conta o que deu errado com a raça humana, tanto no nível individual quanto étnico. A terra foi amaldiçoada, e as nações foram dispersas. Gênesis 12 revela o que Deus planejou fazer em relação ao problema. Quando chamou Abraão, foi com o intuito de dar início ao grande plano da redenção que ocuparia

todo o restante da Bíblia, até o Apocalipse. Deus prometeu transformar a maldição em bênção. Ele o faria primeiro por intermédio do povo de Abraão. No futuro, porém, por meio de Israel, levaria bênçãos a todas as nações da terra e, por fim, restauraria toda a criação — um novo céu e uma nova terra (Is 65.17-25). Esse é o grande plano divino de salvação para o mundo (o mundo de nações e o mundo da natureza), que foi concretizado por Cristo no Novo Testamento. O Novo Testamento nos apresenta a resposta final de Deus, mas é o Antigo Testamento que nos mostra tanto a dimensão do problema quanto a dimensão da promessa de Deus. Logo, temos condições de entender o evangelho de maneira muito mais completa e abrangente quando o vemos primeiro no Antigo Testamento.

Portanto, necessitamos estudar e pregar o Antigo Testamento a fim de compreender essas grandes verdades básicas que Deus passou milhares de anos ensinando a seu povo antes de enviar seu Filho ao mundo. Se somente lermos e pregarmos o Novo Testamento, será como desejar morar no andar de

cima de uma casa que não tem alicerce, nem os andares de baixo, ou como querer desfrutar o sabor do fruto de uma árvore cortando suas raízes e serrando o tronco.

O ANTIGO TESTAMENTO ERA A BÍBLIA DE JESUS

Todavia, o motivo mais importante para nossa necessidade de conhecer o Antigo Testamento é que ele era a Bíblia de Jesus. É claro que lemos *sobre* Jesus no Novo Testamento. Mas Jesus mesmo nunca leu o Novo Testamento! Conforme já observado, para ele as Escrituras eram os livros que agora formam nosso Antigo Testamento. E Cristo os conhecia muito bem. Aprendeu primeiro sobre eles com Maria e José, como qualquer garoto judeu de sua época. Aos doze anos, conhecia tão bem as Escrituras que ficou dias no templo de Jerusalém debatendo-as com adultos, que eram teólogos e eruditos. Os meninos judeus do tempo de Jesus costumavam memorizar livros inteiros do Antigo Testamento. Se fossem bons nisso (e fica claro que Jesus era), saberiam seções inteiras (a Torá, os livros dos profetas) e se qualificariam como "rabinos" — professores. Era assim que chamavam

Jesus. Ele conhecia as Escrituras tão bem quanto suas ferramentas de carpinteiro.

Quando chegou o momento de começar seu ministério público, após ser batizado no Jordão por João Batista, Jesus foi para o deserto, onde permaneceu sozinho por quarenta dias e lutou diante da imensa tarefa que se encontrava à sua frente. O que ele ficou fazendo ali durante todo esse tempo? Bem, quando Satanás o tentou para que tomasse um rumo diferente do que ele sabia ser necessário para obedecer ao Pai, Jesus respondeu três vezes com citações das Escrituras. Todos os três textos que Jesus citou vêm de Deuteronômio 6 e 8. Isso sugere que ele estava refletindo profundamente sobre os desdobramentos de toda essa seção de Deuteronômio (1—11) para si mesmo e sua missão. E, ao longo de seu ministério, até a cruz e após a ressurreição, Jesus insistiu no fato de que as Escrituras deviam se cumprir. Todo o entendimento que ele tinha sobre si — sua vida, sua missão e seu futuro — estava fundamentado em sua leitura das Escrituras, o Antigo Testamento.

Você já foi à Terra Santa ou sentiu vontade de conhecê-la? Algumas pessoas vão até lá em

peregrinação porque dizem (ou os panfletos de propaganda o fazem) que isso as levará para mais perto de Jesus, ao andarem na terra pela qual ele caminhou, verem os montes que ele conheceu, se assentarem junto ao mar da Galileia, e assim por diante. Bem, sem dúvida a história ganha vida quando você visita a terra onde boa parte dessas ações se desenrolou. Se tiver essa oportunidade, aproveite-a. No entanto, se quiser conhecer Jesus de verdade, entender o que preenchia sua mente e dirigia suas intenções, existe uma maneira melhor do que fazer uma peregrinação em Israel (e custa bem mais barato!): leia a Bíblia que Jesus lia. Leia o Antigo Testamento.

Pois nele estão as histórias que Jesus ouvia quando era criança. Nele se encontram os cânticos que ele cantava. Esses eram os rolos lidos toda semana na sinagoga que ele frequentava. Essas eram as visões proféticas que deram esperança para seu povo por gerações. Foi nele que Cristo discerniu o grande plano e propósito de Deus para seu povo Israel e, por meio deste, para o mundo. Foi nele que Jesus encontrou os textos originais que moldaram quem ele era e o que viera fazer.

Ora, naturalmente, lembramos que Jesus era o Filho de Deus e que ele tinha um relacionamento muito direto e próximo com Deus, seu Pai. Sem dúvida, ele entendia a si mesmo e sua missão numa forma de consciência divina. No entanto, Lucas nos diz duas vezes que Jesus desenvolveu-se como uma criança normal, humana, crescendo em capacidade física, mental e espiritual (Lc 2.40,52). Creio que isso deve ter incluído o crescimento na compreensão mediante o estudo das Escrituras. Seja como for, ele com certeza *usou* as Escrituras do Antigo Testamento para explicar a si mesmo aos discípulos e ajudá-los a entender o significado de sua vida, ministério, morte e ressurreição para Israel e para o mundo — não apenas durante o período de sua existência, mas especialmente depois de sua ressurreição (Lc 24).

Assim, se Jesus fez isso, não deveríamos seguir seu exemplo? Não deveríamos "pregar a Cristo" do modo como Cristo pregou a si mesmo — ou seja, usando as Escrituras? Nos próximos dois capítulos, veremos como o Antigo Testamento é importante para compreender Jesus. Precisamos do Antigo Testamento para entender a história e a promessa que Jesus cumpriu. E precisamos do Antigo Testamento

para entender quem Jesus acreditava ser e o que tinha vindo fazer.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. O que você diria a alguém que desconsidera o Antigo Testamento, talvez lhe dizendo que não se dê o trabalho de pregar ou ensinar sobre ele, porque, segundo essa pessoa, "Agora somos cristãos do Novo Testamento. Temos Jesus. Não precisamos mais do Antigo Testamento"?
2. Faça uma lista breve dos ensinos essenciais da fé cristã. Quantos deles são ensinados no Antigo Testamento? O que *não* saberíamos (ou não saberíamos com clareza) se não tivéssemos o Antigo Testamento?
3. Prepare um sermão ou uma lição sobre 2Timóteo 3.14-16. Deixe claro que Paulo estava falando sobre as Escrituras do Antigo Testamento. Explique o que ele diz sobre sua fonte, sua autoridade, seu poder e sua utilidade. Qual será sua lição principal — a principal ação que você deseja que seus ouvintes coloquem em prática em decorrência de seu ensino?

2

A HISTÓRIA E A PROMESSA

A jornada levava dez horas de estrada em um micro-ônibus! Era um grupo de pastores, e a viagem que eles faziam os levava de Guayaquil, na costa do Equador, no Pacífico, até a capital Quito, a quase três mil metros de altitude. Chegaram para participar do seminário de pregação do Instituto Langham, do qual eu era um dos facilitadores. Quando soube da longa jornada que haviam percorrido, senti o desejo de ensinar da melhor maneira possível e fazer a viagem deles valer a pena!

O DESTINO DA JORNADA

Imagine que você tivesse parado o micro-ônibus em algum ponto do caminho e perguntado aos passageiros:

— Para onde vocês estão indo?

— Para Quito! — eles teriam respondido, em tom alegre ou cansado.

Você ouviria a mesma resposta, caso os parasse e perguntasse perto do início da jornada, em algum ponto no meio do caminho ou próximo ao final. A jornada inteira, do início ao fim, teria o mesmo destino: Quito. A estrada era sinuosa. Talvez tenham precisado fazer alguns desvios. Em alguns momentos, durante o trânsito pesado, talvez parecesse que não estavam avançando. Em outros, podem ter parado para um intervalo e saído para admirar a vista. É possível que, em algum lugar, tenha havido um deslizamento de terra ou bloqueio de estrada e, por isso, precisaram voltar e tomar uma rota diferente. Mas não importa o que tenha acontecido durante a jornada, por mais longa e complicada que tenha se tornado, o destino continuava a ser o mesmo. Por fim, chegaram ao destino. E o destino era o fim da jornada.

O Antigo Testamento é uma jornada que conduz a

um destino, e esse destino é Jesus Cristo. Foi uma jornada bem longa, com muitas voltas e curvas, paradas e partidas. Essa jornada foi interrompida e ameaçada por todo tipo de coisas e pessoas ruins. Envolveu muito mais gente do que cabe em um micro-ônibus e muito mais quilômetros do que de Guayaquil a Quito. E não demorou dez horas, mas, sim, vinte séculos! Essa jornada envolveu a história de uma nação inteira — Israel — inserida na história de muitas outras nações. Mas não importa onde você entre na jornada, se perto do início, no meio ou chegando ao fim, a direção é sempre a mesma. Trata-se da história de Deus conduzindo o povo de Deus ao Messias de Deus, Jesus de Nazaré. Essa é a direção constante do movimento. Jesus é o destino. *O Antigo Testamento conta a história que Jesus completa.*

Você já se perguntou por que Mateus começa seu relato da maneira como o faz? No primeiro versículo, ele nos conta que quer falar sobre Jesus. Então, por que não vai direto a 1.18, "Foi assim que nasceu Jesus Cristo"? Não é isso que queremos saber? Por que começa com Abraão e nos apresenta uma lista inteira de pais e filhos por 42 gerações? Bem, porque todos esses nomes fizeram parte da grande história do

Antigo Testamento. Alguns foram reis da linhagem de Davi — e Jesus foi o prometido Filho de Davi, que seria o verdadeiro Rei de Israel. Todos eles eram descendentes de Abraão, e Jesus seria aquele por meio de quem se cumpriria a promessa de abençoar todas as nações da terra mediante o povo de Abraão.

Logo, Mateus está dizendo ao leitor: "Quer conhecer Jesus? Muito bem! Mas você só entenderá quem é Jesus quando perceber que ele veio como o fim da grande história representada por essa genealogia. Essa é a jornada que leva até Jesus. Ele é o destino da grande jornada histórica que começou com Abraão. A fim de compreender o sentido de Jesus, primeiro você precisa entender esse ponto de partida e essa jornada".

Voltando à jornada que os pastores fizeram, poderíamos dizer o seguinte: a jornada (de Guayaquil) só fazia sentido por causa do destino (Quito). Caso eles não tivessem destino, estariam apenas dirigindo de um lado para o outro sem motivo. Do mesmo modo, o Antigo Testamento, considerado como um todo, só faz sentido à luz de seu destino: Jesus Cristo. Não se trata de uma mera miscelânea de histórias. Não é um livro de literatura

infantil, sem conexão ou direção. (Infelizmente, é assim que algumas pessoas usam a Bíblia e algumas igrejas a ensinam. É dessa forma que muitos cristãos veem o Antigo Testamento, uma mera miscelânea de histórias, e algumas delas não muito boas.) Nada disso! Na verdade, o Antigo Testamento é uma única narrativa longa e complexa, com muitas histórias menores dentro dela, que conduz, em última instância, a Jesus e só faz sentido quando chega ao destino nele.

Eu disse "longa e complexa"? Sim, de fato é. E é isso que deixa as pessoas confusas. O Antigo Testamento contém tantos tipos diferentes de escrita e tantas pequenas histórias que é fácil se perder. Certa vez, meu pai ficou perdido na floresta Amazônica. Ele era missionário e trabalhava com várias tribos indígenas ali, antes que estradas e aviões a tornassem acessível, e estava viajando a pé. Era aterrorizante, ele dizia. Debaixo da copa de tantas árvores, não é possível se orientar pelo sol. Às margens do rio, sem uma bússola, não dá para saber em que direção ele está fluindo. O Antigo Testamento é vasto e complexo como o Amazonas. Não se trata de um aqueduto construído com toda organização em linhas retas que

vão diretamente de um lugar para o outro. Contudo, em meio a tantas curvas, reviravoltas e afluentes, o Amazonas consiste em um grande corpo de água, acumulando volume de várias fontes ao longo do caminho, mas sempre se movendo na mesma direção. Por fim, chega ao oceano Atlântico. Esse é o destino final. De igual modo, o Antigo Testamento, com seus vários braços e afluentes, se move em apenas uma direção: rumo a Jesus Cristo.

Além de ver o Antigo Testamento como uma história que só faz sentido à luz de Jesus, também precisamos entender Jesus à luz da história que se passou. Cristo veio ao mundo por causa de tudo que havia acontecido na história até então. É por isso que precisamos ler, entender, ensinar e pregar o Antigo Testamento. Nós o fazemos por causa de Cristo. Essa é a história dele. É como se fosse seu DNA.

O PROPÓSITO DA JORNADA

Suponha que, ao parar o micro-ônibus, depois de os passageiros informarem *para onde* estavam indo (para Quito, o destino), você lhes fizesse mais uma pergunta:

— *Por que* vocês estão indo para Quito?

Eles responderiam:

— Porque semana que vem acontecerá o seminário de pregação do Instituto Langham, e queremos participar.

Logo, a jornada daquele grupo tinha não apenas um destino, mas também um *propósito.* Um evento empolgante aconteceria em Quito, e eles haviam planejado estar lá. Durante as longas horas da jornada, pensavam no que se encontrava à frente deles, cheios de expectativa. A jornada valia a pena porque algo bom os esperava. Era uma jornada longa, mas promissora.

Aliás, em certo sentido, a jornada começou bem antes de o grupo entrar no micro-ônibus. Muito tempo antes, eles receberam uma carta falando sobre o seminário em Quito, convidando-os a comparecer e participar, com a promessa de que seriam momentos de bastante ensino e comunhão. Eles seriam ricamente abençoados e fortalecidos se fizessem a jornada e participassem. Logo, toda a jornada, toda a preparação arrumando malas, viajando, suportando cada desconforto e dificuldade do caminho — tudo isso foi feito em resposta a um convite e uma promessa, com fé (confiando na promessa dos

organizadores) e esperança (olhando adiante para as coisas boas que o seminário faria por eles no futuro, quando chegassem).

O Antigo Testamento é assim. Não se trata apenas de uma jornada no tempo, de uma longa sequência de coisas acontecendo uma após a outra até chegar ao fim quando Jesus viesse. Ele também consiste em uma jornada com propósito e objetivo. A vinda de Cristo não era apenas o fim da jornada, mas todo o seu propósito. Ele foi não só o destino, mas também o *cumprimento*. Assim como os pastores de Guayaquil receberam uma carta prometendo-lhes o que aconteceria em Quito e motivando-os a fazer a jornada, o Antigo Testamento apresenta a promessa de Deus. E, quando Jesus veio, Deus cumpriu sua promessa. *O Antigo Testamento declara a promessa que Jesus cumpre.*

Voltemos para os dois primeiros capítulos de Mateus. Por cinco vezes, Mateus nos conta uma história de quando Jesus era criança e imediatamente prossegue com uma referência ao Antigo Testamento. E, em cada uma dessas vezes, ele diz que um texto do Antigo Testamento se cumpriu de alguma maneira. A tabela mostra todos os eventos juntos. Separe um

momento para ler os versículos de Mateus e então conferir a citação do Antigo Testamento ao lado de cada passagem.

Mateus	**Evento**	**"Cumprimento de"**
1.22-23	Anúncio do nascimento e nome	Isaías 7.14
2.5-6	Nascido em Belém	Miqueias 5.2-4
2.14-15	Levado para o Egito	Oseias 11.1
2.16-18	Matança dos meninos em Belém	Jeremias 31.15
2.23	Infância em Nazaré	incerto

Por que Mateus faz isso? Bem, em primeiro lugar, fica claro que ele não estava simplesmente citando *predições.*

- Somente uma das passagens do Antigo Testamento é uma predição aberta que se

cumpriu diretamente em Jesus. É a de *Miqueias*, dizendo que o futuro rei de Israel nasceria em Belém.

- *Isaías* estava dando um sinal ao rei Acaz de que logo nasceria uma criança que receberia o nome de "Emanuel" ("Deus conosco") porque, dentro desse intervalo, os inimigos que ameaçavam o reino de Judá (Israel e Síria) seriam derrotados. Mateus enxerga o significado messiânico mais profundo no nome ("Emanuel") e no fato de que a jovem que deu à luz Jesus de fato era virgem na época da concepção e do nascimento. (Não foi uma predição e cumprimento diretos porque, nessa ocasião, o filho de Maria não recebeu o nome de "Emanuel", mas, sim, de "Jesus". A importância reside no *significado* da palavra "Emanuel". Jesus é, de fato, "Deus conosco".)
- *Oseias* não estava fazendo nenhuma predição para o futuro; em vez disso, referia-se ao fato de Deus ter tirado Israel do Egito por ocasião do êxodo, no passado.
- *Jeremias* estava falando sobre o povo de Judá indo para o exílio em 587 a.C. Ao passarem pela sepultura de Raquel, o profeta a imagina

chorando (dentro do túmulo) por seus descendentes sofredores. No entanto, o versículo seguinte de Jeremias diz a Raquel que seque as lágrimas, pois seus filhos retornariam. O exílio chegaria ao fim.

- A última passagem de Mateus é meio enigmática, pois nenhum texto parece trazer exatamente as palavras: "Ele será chamado nazareno".

Então, o que Mateus estava fazendo, se a maioria desses textos não consistia em predições diretas? Ele nos mostra que, até mesmo durante a infância de Jesus, alguns acontecimentos de sua vida chamavam a atenção para as Escrituras do Antigo Testamento. Ele considera *todo* o Antigo Testamento uma grande *promessa* de Deus. Tudo nele fala sobre o compromisso de Deus com seu povo (e, por intermédio de Israel, com o mundo inteiro). Assim, mesmo o bebê Jesus teve uma "experiência de êxodo" que lembra como Deus havia resgatado Israel do Egito. E a chegada de Jesus foi como o fim do exílio (pondo fim às lágrimas de Raquel). E, o melhor de tudo, em Jesus, Deus verdadeiramente veio a ser

"conosco". *O Antigo Testamento declara a promessa que Jesus cumpre.*

Neste momento, pode ser útil pensar rapidamente na diferença entre uma *predição* e uma *promessa.* Uma predição é algo bem direto. Eu posso predizer algo que acontecerá em algum momento do futuro. Se acontecer, minha predição será verdadeira. Se não acontecer, ou minha predição estava errada ou ainda não se cumpriu. Uma predição pode ser feita acerca de algo completamente externo e alheio a mim. Não preciso me envolver em nada. Mas, se eu fizer uma *promessa* a alguém, é bem diferente. Eu me comprometo em um relacionamento com essa pessoa, pelo menos no que diz respeito àquilo que prometi. Não é apenas uma questão de minha promessa "se tornar realidade" ou não. Em vez disso, diz respeito ao fato de eu ser confiável ou não. Minha integridade está envolvida. Minha reputação está em jogo. Minha palavra é testada. Uma promessa muda tudo.

Quando eu lecionava no All Nations Christian College, costumava explicar a diferença entre uma predição e uma promessa para a classe da seguinte maneira. Eu dizia: "Posso *predizer* que pelo menos um dos homens desta sala se casará com uma destas

mulheres até o fim do ano. (Era uma predição bastante segura. Todos os anos alguns alunos chegavam solteiros à faculdade e iam embora casados!) Mas, como é uma predição, não estou envolvido pessoalmente de nenhuma maneira. Caso, porém, um dos homens e uma das mulheres que aqui estão disserem um para o outro, em um dia muito especial: 'Aceito você como meu marido/minha esposa para amar e cuidar na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, por todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe', isso não é apenas uma predição. Trata-se de uma *promessa*, que mudará a vida deles para sempre".

Uma promessa desse tipo expressa compromisso e intenção de *longo prazo.* Essa é outra questão. Uma predição pode se tornar realidade (ou não), e acabou. Mas uma promessa pode continuar a se cumprir por um longo período, de diversas maneiras novas em circunstâncias diferentes. Estou casado há 46 anos. Minha esposa e eu fizemos promessas um para o outro em agosto de 1970. Não precisamos repeti-las ou mudá-las toda vez que algo novo acontece em nossa vida ou em nossa família. A promessa prossegue, expande-se, assume novos níveis de

compromissos e se "cumpre" de tantas maneiras que jamais poderíamos sonhar no dia do nosso casamento.

O mesmo acontece com o Antigo Testamento. Deus declarou sua promessa lá em Gênesis. Ali no jardim do Éden, logo depois de Adão e Eva pecarem, Deus afirmou que a descendência da mulher um dia esmagaria a cabeça da serpente. Depois, com clareza ainda maior, em Gênesis 12.1-3, Deus prometeu que todas as nações da terra seriam abençoadas por intermédio dos descendentes de Abraão. Essa é uma promessa tão importante que Paulo chegou a chamá-la de evangelho preanunciado (Gl 3.8). Não se trata de mera predição. É algo com que Deus se comprometeu. É uma promessa que ele cumprirá por causa da própria integridade e fidelidade confiável. Deus investiu o próprio caráter nessa promessa.

A partir de então, toda a história do Antigo Testamento é impulsionada adiante por essa promessa. A palavra "aliança" é usada para se referir às grandes promessas que Deus fez na Bíblia. Elas vêm em sequência e estão ligadas umas às outras. Pode-se dizer que a grande promessa de Deus segue sendo cumprida e depois "realimentada" para outra

parte da jornada. É possível delinear toda a história bíblica como uma corrente, com elos que são formados na sequência das alianças, isto é, cada aliança tem uma renovação adicional ou expansão da promessa de Deus.[1]

- Aliança com Noé.
- Aliança com Abraão.
- Aliança com Israel no monte Sinai.
- Aliança com Davi.
- A nova aliança, prometida pelos profetas e inaugurada por Jesus.

Assim, quando finalmente viramos a página de Malaquias para Mateus, a mensagem é: "Tudo que Deus prometeu está se tornando realidade!". Até agora, analisamos apenas Mateus 1—2, mas, ao ler o restante desse evangelho, você verá que o autor continua a destacar esse ponto vez após vez. Lucas faz o mesmo com empolgação ainda maior em Lucas 1. Esse capítulo se encontra repleto de ecos e citações das Escrituras do Antigo Testamento. Aliás, quando Maria, mãe de Jesus, e Zacarias, pai de João Batista, entoaram seus cânticos de júbilo, ambos celebraram

como Deus havia se "*lembrado*". Eles não estavam dizendo que Deus se esquecera deles até então, mas, sim, que agora ele agiria para cumprir as grandes promessas que fizera desde Abraão (1.54-55,72-73). E, no final do evangelho, Lucas nos mostra Jesus ajudando seus discípulos a ver que todo o Antigo Testamento apontava para ele (Lc 24.25-27,44-48).

Logo, você pode ver que não é suficiente dizer que o Antigo Testamento contém algumas *predições* messiânicas interessantes que se tornaram verdadeiras em Jesus (p. ex., que ele nasceu em Belém). Em vez disso, o Antigo Testamento revela o compromisso de Deus, a aliança de Deus e a *promessa* de Deus (feita primeiro a Israel, mas depois para o mundo inteiro — para todas as nações, conforme Deus disse a Abraão).

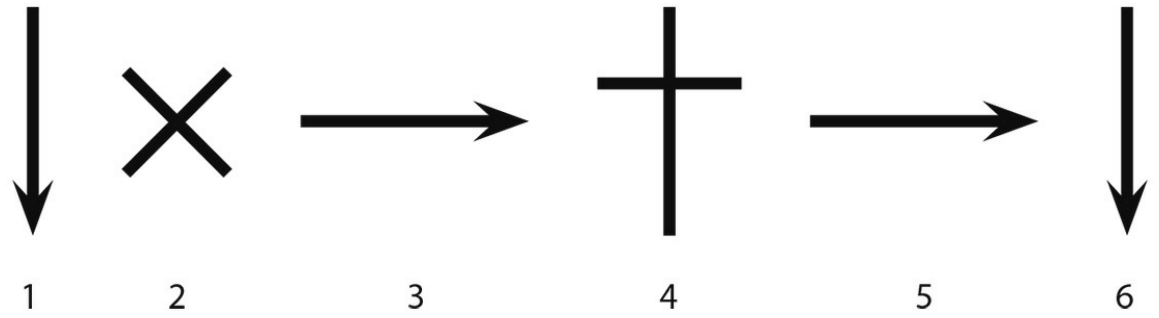
No próximo capítulo, refletiremos sobre *quem Jesus pensava que era* e *o que Jesus pensava que viera fazer.* Uma vez, porém, que o próprio Cristo respondeu a essas duas perguntas usando citações do Antigo Testamento, precisamos fazer o mesmo. Isto é, se quisermos entender de forma plena o que Jesus conquistou, precisamos entender de forma plena o que Deus prometeu fazer (a promessa feita no Antigo Testamento). E, para entender o que Deus prometeu

fazer, precisamos entender o problema que ele se propôs solucionar (o problema apresentado bem no início do Antigo Testamento). E, para entender esse problema, precisamos voltar ao princípio de tudo. É isso que faremos agora.

A HISTÓRIA EM SÍMBOLOS[2]

Na verdade, a Bíblia inteira (não só o Antigo Testamento) é uma grande história. Tem princípio (criação), fim (nova criação, que, aliás, é um novo princípio) e meio (a longa história da redenção dentro da história, centrada em Cristo).

"A Bíblia inteira é uma única história? Simplesmente não consigo entender", disse uma mulher, membro da igreja de Phoenix, Arizona, da qual Chris Gonzalez era pastor. Ele estava de pé perto da escrivaninha de trabalho dela nessa ocasião. No calor do momento, pegou um envelope usado e, no verso, desenhou os símbolos mostrados no diagrama, explicando enquanto prosseguia. "Aqui está toda a história da Bíblia", disse, "bem aqui, no verso de um envelope."



A Bíblia é semelhante a um drama com seis atos ou cenas.

Ato 1: Criação. A seta voltada para baixo aponta para o momento em que Deus desceu, por assim dizer, e criou a terra (Gn 1—2). A criação inclui, é claro, todo o universo espaçotemporal, mas a Bíblia se concentra em como Deus criou a terra na qual vivemos. Ele a fez para funcionar perfeitamente, com dias e noites, clima e estações e com toda abundância do solo, mar e céus. Deus a formou tanto para ser o lugar onde nós, seres humanos, habitaríamos, como sua imagem e semelhança nela, quanto para ser o local onde ele poderia viver conosco. A criação era como um vasto templo para Deus morar, enchendo-a com sua glória e toda diversidade de vida.

Ato 2: Queda. A cruz em forma de X indica algo errado. E, de fato, as coisas deram errado. Gênesis 3—11 conta como o pecado e o mal entraram na

experiência dos seres humanos. Escolhemos nos rebelar contra Deus, questionar sua bondade e rejeitar sua autoridade. Como resultado, toda a nossa vida na terra e o próprio planeta em si foram infectados por nosso pecado e suas consequências.

Ato 3: Promessa. Em um mundo que deu errado (e que vai de mal a pior), Deus prometeu acertar as coisas. Em um mundo sob maldição, Deus prometeu bênção. A promessa de Deus a Abraão em Gênesis 12 dá início a todo o restante da história da Bíblia, mas, de maneira especial, à história de Israel no Antigo Testamento. Deus planejou levar bênção e salvação ao mundo *por meio* desse povo. Isso não quer dizer que, de alguma maneira, Israel salvaria o mundo. O Antigo Testamento mostra que, como povo, os israelitas eram tão pecadores e necessitados da salvação quanto qualquer outra nação. Isso significa que Deus usaria Israel como meio de levar a salvação ao mundo, uma salvação que, segundo sabemos, só seria efetuada por intermédio de Jesus, o Messias de Israel. Como temos afirmado, o Antigo Testamento inteiro é semelhante a uma jornada com destino e propósito, toda ela conduzindo a Jesus Cristo. Trata-

se de uma história de promessa e esperança, mesmo em meio à continuidade do mal e do pecado.

Ato 4: Evangelho. Encontramos aqui o centro de todo o drama da Bíblia. Em fidelidade à sua promessa a Israel, Deus enviou Jesus como o Messias de Israel e (portanto) o Salvador do mundo. O evangelho é a boa-nova de tudo que Deus realizou por meio do nascimento, da vida, dos ensinos, da morte, ressurreição e ascensão de Jesus de Nazaré. O símbolo da cruz tem aqui a intenção de incluir tudo que se encontra nas narrativas dos Evangelhos (não só a cruz do Calvário em si).

Ato 5: Missão. Depois dos Evangelhos vem Atos, contando como Deus derramou o Espírito Santo no dia de Pentecostes, a fim de dar poder aos discípulos de Jesus para cumprir a missão de testemunhar dele a todas as nações, até os confins da terra. A comunidade do povo de Deus, que Deus chamou à existência por intermédio de Abraão (inicialmente o Israel do Antigo Testamento), agora inclui tanto judeus quanto gentios que têm fé em Jesus Cristo. Podemos chamar o Ato 5 de era da igreja, mas devemos lembrar que a igreja não começou apenas no Novo Testamento. Se estamos "em Cristo", então

fazemos parte do povo de Abraão (Gl 3). E a razão de nossa existência como povo de Deus permanece a mesma. Nossa missão é participar da missão divina de levar bênçãos a todas as nações da terra.

É claro que o Novo Testamento não conta a história toda até a segunda vinda de Cristo. Ele mostra como Deus cumpriu sua promessa ao Israel do Antigo Testamento ao enviar Jesus e como Cristo salvou o mundo inteiro por meio de sua morte e ressurreição. É tarefa da igreja, pelo poder do Espírito, levar as boas-novas da salvação aos confins da terra, como Jesus ordenou. É aí que nós entramos. Fazemos parte da continuação da história no Ato 5. Somos parceiros de Deus em seu grande projeto através de nossa vida e obra cotidianas. Vivemos entre a obra da redenção concluída por Cristo, no Ato 4, e o momento em que ele voltará para tornar realidade a grande cena final da Bíblia, o Ato 6.

Ato 6: Nova criação. A seta final do diagrama simboliza o retorno de Cristo. Desde o começo, Deus se preocupava com toda a criação. Gênesis 1—2 (os dois primeiros capítulos da Bíblia) conta como Deus criou "no princípio". Apocalipse 21—22 (os dois últimos capítulos) relata como Deus purificará e

restaurará a criação, transformando-a no lugar onde ele habitará com seu povo remido de todas as nações e onde todo sofrimento, mal, pecado, morte e maldição não mais existirão. Essa promessa também foi feita lá no Antigo Testamento (Is 65.17-25) e já se cumpriu, em antecipação, mediante a morte e ressurreição de Jesus (Cl 1.15-20). Logo, embora seja nesse momento que a história da Bíblia termina, não se trata, de fato, do "fim do mundo", mas, sim, de um novo princípio. Será o fim do mundo de pecado, mal e rebelião contra Deus, mas o princípio de uma nova criação que durará para sempre.

Talvez você esteja pensando que a seta final devesse apontar para cima, não para baixo, a fim de retratar que iremos para o céu. Na verdade, porém, não é assim que a Bíblia termina. Ela não nos retrata indo para algum lugar distante, mas apresenta Deus descendo à terra (Ap 21.1-5), transformando-a na cidade de Deus. Outras passagens falam sobre o fogo do juízo de Deus (2Pe 3), mas não se trata de um fogo que destrói toda a criação. Em vez disso, ele a purifica de todo pecado e mal, para que possa ser limpa, restaurada e fique pronta para que Deus viva conosco novamente (é isso que ele anuncia em Ap

21.3). O significado do nome "Emanuel" se aplica tanto à segunda vinda de Cristo quanto à primeira. Quer dizer "*Deus* [vindo aqui para estar] *conosco*", não "*nós* [indo a algum lugar para estar] *com Deus*".

PREGAÇÃO E ENSINO DENTRO DA HISTÓRIA

Como tudo isso afeta nossa pregação e ensino, sobretudo no que diz respeito ao Antigo Testamento? Significa que agora vivemos e pregamos nossos sermões em algum ponto do Ato 5, mas pregamos a Palavra de Deus entregue no decorrer do Ato 3 (o Antigo Testamento), à luz do que aconteceu no Ato 4 (os Evangelhos) e na expectativa do que acontecerá no Ato 6 (a nova criação). Não estou sugerindo, é claro, que nossos sermões se encontram no mesmo nível da própria Bíblia! Há alguns pregadores que parecem pensar assim. Mas devemos ter total clareza de que o texto da Bíblia é a Palavra de Deus única e completa, com autoridade final. Não podemos dizer ou pregar nada que chegue a esse mesmo nível e nunca devemos alegar que as palavras que pregamos são, em si, a Palavra de Deus.

O que quero dizer é que nós, pregadores,

professores e as pessoas a quem servimos, vivemos *dentro da estrutura* de toda a história bíblica. *Participamos do Ato 5 do drama bíblico*, que começou no dia de Pentecostes e continuará até a volta de Cristo. Nossa pregação e nosso ensino devem ter o objetivo de capacitar nossos ouvintes a se engajar no mundo como povo de Deus. Essa é a missão deles. É isso que Deus os chamou para ser e fazer. *Nossa* missão é fortalecê-los nesse papel e nessa tarefa. Nós, cristãos, somos o povo definido e moldado por aquilo que Deus fez por intermédio de Cristo no Ato 4. E vivemos neste mundo na expectativa do Ato 6. É dentro dessa história que vivemos — como cristãos, de modo geral, e professores ou pregadores da Bíblia em particular.

Quando nos enxergamos como participantes de toda a história da Bíblia dessa maneira, isso nos ajuda a lembrar que, ao pregar e ensinar sobre o Antigo Testamento, não estamos tratando apenas de várias histórias, canções e profecias velhas do antigo Israel, coisas remotas e distantes. Não, o Antigo Testamento é o Ato 3 de um único grande drama no qual agora vivemos. Eles viveram no Ato 3. Nós vivemos no Ato 5. Mas todos nós vivemos dentro da mesma grande

história bíblica. A história *deles* faz parte da *nossa* história. Somos *juntos* o povo de Deus. E o que nos liga a eles, e eles a nós, é o Ato 4 — os acontecimentos do evangelho. Aquele foi o cumprimento da parte deles na história e o início de nossa parte nela.

O Antigo Testamento também contém, é claro, os Atos 1 e 2, a criação e a queda. E, embora sejam momentos definidos dentro da grande história, eles também definem "onde nós estamos agora". Ainda vivemos dentro da criação de Deus como responsáveis mordomos dos recursos da terra que ele criou. E a raça humana inteira ainda vive em rebelião pecaminosa contra Deus. Por isso, nossa pregação e nosso ensino também devem explicar essas realidades e seus desdobramentos. Em particular, eles devem mostrar, a todo momento, como as realidades do pecado e do mal (presentes no mundo desde o Ato 2) nos levam a compreender nossa necessidade da solução divina para esses problemas fundamentais (no evangelho do Ato 4). No próximo capítulo, pensaremos em mais detalhes sobre como nossa pregação e o ensino do Antigo Testamento deveriam conduzir as pessoas a Cristo — de muitas maneiras

diferentes, mas, em essência, porque é para ele que o Antigo Testamento em si conduz.

Resumindo este capítulo, vimos o seguinte:

- Comparamos o Antigo Testamento a uma jornada que tem não só um destino a alcançar, mas também um propósito a cumprir. Jesus é esse destino. E Cristo cumpriu o propósito que Deus havia declarado no Antigo Testamento. Ou seja, o Antigo Testamento conta a história de Israel que Jesus completa, e o Antigo Testamento declara a promessa de Deus a Israel que Cristo cumpre.
- Depois, vimos que o Antigo Testamento em si faz parte da história bíblica como um todo. Essa "grande história bíblica" contém a história do evangelho de Jesus Cristo bem no centro e termina com o retorno de Cristo e a nova criação. Necessitamos pregar e ensinar de tal modo que as pessoas não só compreendam toda a história da Bíblia, como também enxerguem seu lugar dentro e à luz dela.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Como você explicaria a alguém que o Antigo Testamento não é apenas cheio de *predições* sobre Jesus, mas, em vez disso, declara a *promessa* de Deus, a qual Jesus veio cumprir?
2. Discuta a ideia de que a Bíblia consiste em um drama em seis atos ou etapas. Como essa estrutura (e os símbolos que a acompanham) pode ser útil para explicar "do que a Bíblia fala" para (a) um cristão recém-convertido e (b) alguém que ainda não crê, mas se interessa pela fé cristã?
3. Prepare um sermão ou uma série de seis sermões ou lições para ilustrar cada ato do "Drama da Bíblia em Seis Atos". Escolha com cuidado textos-chave que resumam cada um dos seis atos.

3

COMO ENTENDER JESUS POR MEIO DO ANTIGO TESTAMENTO

No capítulo 2, comparamos o Antigo Testamento a uma jornada que conduz a Cristo. Sempre que lemos ou nos preparamos para pregar ou ensinar sobre o Antigo Testamento, estamos olhando adiante, na direção da viagem, pensando no destino de toda a jornada. Mas, quando chegamos ao destino, e aí? Quando chegamos aos Evangelhos e encontramos Jesus ali, podemos simplesmente esquecer a jornada e jogar fora a passagem usada? Podemos ignorar o Antigo Testamento daí para a frente, agora que conhecemos o próprio Jesus? Não se quisermos seguir o exemplo do próprio Jesus e dos quatro homens que

nos deixaram seus relatos do evangelho, Mateus, Marcos, Lucas e João. Para Jesus e seus seguidores (inclusive o apóstolo Paulo), *o Antigo Testamento era essencial* para compreender a identidade e a missão de Jesus, isto é, quem ele era e o que veio fazer.

Por isso, a principal ideia deste capítulo é salientar um motivo muito importante para pregar e ensinar sobre o Antigo Testamento: as pessoas necessitam conhecê-lo a fim de entender Jesus, tanto da maneira como ele compreendia a si próprio quanto do modo como seus primeiros seguidores o explicaram.[1]

QUEM JESUS PENSAVA QUE ERA?

Jesus despertava muitos questionamentos na mente das pessoas. Certa vez, quando acalmou a tempestade que quase fez afundar o barco onde estava, os discípulos ficaram tão atônitos que perguntaram sem cerimônia: "Quem é este homem? Até o vento e o mar lhe obedecem!" (Mc 4.41).

Essa era a pergunta certa. *Quem é este homem?*

Jesus tinha interesse em saber como as *outras pessoas* respondiam a essa pergunta, por isso questionou os discípulos: "Quem as pessoas dizem que o Filho do

Homem é?" (Mt 16.13). Ao que parece, alguns pensavam que ele era João Batista que voltara a viver após ser morto por Herodes. Mas a maioria olhava ainda muito mais para trás — para as Escrituras. Jesus lembrava Elias, Jeremias ou um dos profetas. Tais suposições estavam parcialmente corretas. Cristo de fato foi um profeta, falando a palavra de Deus ao povo. Tinha poder para curar, assim como Elias. Tinha uma mensagem que lhe provocou sofrimento e rejeição, o que aconteceu com Jeremias. Por isso, quando as pessoas ao redor tentaram desvendar quem ele era, bem como tudo que fazia e dizia, procuravam respostas nas Escrituras, ou seja, no Antigo Testamento.

Jesus estava ainda mais interessado em como *seus discípulos* responderiam à pergunta, por isso lhes indagou: "E vocês? [...] Quem vocês dizem que eu sou?" (16.15). E Pedro respondeu: "O senhor é o Cristo" (v. 16). Isso quer dizer, o Messias, o ungido por Deus para cumprir seu propósito, aquele que deveria vir em cumprimento a várias promessas do Antigo Testamento. E Jesus concordou com a resposta de Pedro, dizendo que Deus a havia revelado ao discípulo (v. 17). Jesus sabia que, de fato, ele era o

ungido. Todavia, ainda não queria que os discípulos saíssem proclamando isso (v. 20). Por que não? Parece que muitas pessoas nutriam a ideia de que, quando o Messias viesse, lideraria uma grande campanha militar vitoriosa contra seus inimigos. E isso não fazia parte do plano de Jesus, de jeito nenhum. Ele via seu messiado de maneira bem diferente — uma forma não muito atraente para Pedro (v. 21-28).

E como *Deus, o Pai,* respondeu a essa pergunta? Mateus, Marcos e Lucas registram o batismo de Jesus. Foi um momento maravilhoso, no qual toda a Trindade se envolveu. Ali estava Deus, o Filho, saindo do rio Jordão. Ali estava Deus, o Espírito, descendo em forma de pomba. E ali estava Deus, o Pai, falando em uma voz vinda do céu. Como essa voz de Deus descreveu Jesus? Não foi com palavras completamente novas e inéditas, nunca antes ouvidas. Nada disso. Até Deus cita as Escrituras. "Este é meu Filho amado, que me dá grande alegria" (Mt 3.17). Há pelo menos dois textos do Antigo Testamento e talvez três que ecoam essas palavras:

- *Isaías 42.1*: "Vejam meu servo, que eu fortaleço; ele é meu escolhido, que me dá alegria". O Servo do Senhor em Isaías seria aquele que chamaria Israel de volta para Deus e levaria a salvação divina aos confins da terra. Deus identifica Jesus com essa figura — seu Servo/Filho. Isaías prosseguiu relatando como o Servo sofreria e morreria a fim de cumprir a vontade de Deus (Is 53).
- *Salmos 2.7*: "Você é meu filho; hoje eu o gerei". Deus proferiu essas palavras ao rei Davi e a seus descendentes, que reinaram depois dele. Nos dias de Jesus, não havia um rei literal da linhagem de Davi sentado no trono de Jerusalém. Por isso, as palavras desse salmo já eram interpretadas como uma aplicação ao Messias, o filho futuro de Davi que seria seu Rei verdadeiro. Deus identifica Jesus com essa figura — o grandioso filho do grande Davi.
- *Gênesis 22.2*: "Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você tanto ama, [...] ofereça-o como holocausto". Possivelmente as palavras de Deus, o Pai, no batismo de Jesus ecoem essas instruções divinas a Abraão. De fato, Jesus era o

"único filho", a quem o Pai se mostrou disposto a sacrificar pelos pecados do mundo.

Quem, então, era o homem que saiu do Jordão após receber o batismo de João? De acordo com seu próprio Pai, ele era Servo de Deus e Filho de Deus. Ele cumpriria a missão divina e reinaria não só sobre Israel, mas sobre todas as nações da terra (Sl 2.8). Primeiro, porém, sofreria rejeição e morte. E tudo isso é retratado em termos extraídos do Antigo Testamento. Era a Bíblia de Jesus que explicava sua identidade.

Mas como o *próprio Jesus* respondeu a essa pergunta? Bem, conforme vimos, ele aceitou o título "Messias/Cristo", mas escolheu não divulgá-lo muito, pois as pessoas nutriam ideias errôneas sobre o que isso queria dizer. Sua forma preferida de se referir a si mesmo era "*o Filho do Homem*". De onde ele extraiu esse termo e o que ele significava? Algumas pessoas acham que é apenas um título equivalente a "Filho de Deus", isto é, pensam que os dois termos — Filho de Deus e Filho do Homem — eram tão somente formas de dizer que Jesus era tanto divino quanto humano. Às vezes, as palavras "filho do homem"

realmente significam simplesmente “ser humano”, mas, em outras ocasiões, querem dizer muito mais do que isso.

Em uma das visões de Daniel (Dn 7), ele contemplou bestas provenientes do mar. Elas simbolizavam o mal violento de vários impérios ainda por vir. Mas então Daniel também contemplou Deus sentado em seu trono, soberano sobre todas essas “bestas”. Em seguida, viu outra figura:

> [...] alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens do céu. Ele se aproximou do Ancião e foi conduzido à sua presença. Recebeu autoridade, honra e soberania, para que povos de todas as raças, nações e línguas lhe obedecessem. Seu domínio é eterno; não terá fim. Seu reino jamais será destruído.
>
> Daniel 7.13-14

Esse “filho de homem” é uma figura exaltada que compartilha o reino com o próprio Deus. Por isso, não surpreende que, durante seu julgamento, quando Jesus afirmou ser o Filho do Homem que Daniel descreveu, os principais sacerdotes o tenham acusado imediatamente de blasfêmia (Mc 14.62-63). A

questão é que tanto Jesus quanto seus juízes entendiam o significado do título "Filho do Homem" com base no que essa passagem do Antigo Testamento diz. Logo, se quisermos aprender quem Jesus pensava ser, precisamos conhecer os textos bíblicos que ele usava para explicar quem era.

Jesus pensava que era Deus? Bem, certamente ele não se levantou do nada e disse: "Oi, pessoal, eu sou Deus". Isso o faria ser apedrejado na hora. Aliás, isso quase aconteceu quando ele usou o grande nome revelado de Deus em Êxodo ("EU SOU O QUE SOU") e disse aos líderes judeus: "Eu lhes digo a verdade: antes mesmo de Abraão nascer, EU SOU!". De fato, tentaram apedrejá-lo por blasfêmia (Jo 8.58-59). Esse foi um momento raro. Mas o que Jesus mais fazia era dizer e realizar coisas que o Antigo Testamento havia falado ou prometido sobre Deus, deixando as pessoas tirarem as próprias conclusões. Por exemplo:

- Deus tinha dito que enviaria Elias antes que o próprio Deus viesse ao povo (Ml 3.1; 4.5). Jesus disse que João Batista era Elias, enviado a fim de preparar o caminho para o SENHOR. Mas, se João

era Elias e Jesus veio depois de João, então quem era Jesus (Mt 11.11-15; 17.10-13)?

- Deus havia prometido que, quando ele viesse, os cegos veriam, os surdos ouviriam, os coxos andariam, e assim por diante (Is 35.4-6). Quando os discípulos de João lhe perguntaram se ele era aquele que havia de vir, Jesus basicamente lhes disse: "Olhem ao redor. O que está acontecendo? Quem está aqui?" (Mt 11.1-6).
- Jesus disse a alguns indivíduos que seus pecados estavam perdoados. As pessoas, muito apropriadamente, perguntavam: "Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" (Mt 9.1-7; Lc 7.36-50).
- Jesus disse que estava expulsando demônios "pelo Espírito de Deus" como prova de que o reino de Deus havia ido morar em meio ao povo, na pessoa e nas ações do próprio Jesus (Mt 12.28; Lc 11.20).
- E, depois de sua ressurreição, ele declarou: "Toda a autoridade no céu e na terra me foi dada" (Mt 28.18). É assim que o Antigo Testamento fala sobre YHWH, o SENHOR Deus de Israel (Dt 4.39),

mas Jesus calmamente aplica as palavras a si mesmo.

Poderíamos prosseguir indefinidamente. Quem foi Jesus? Pense em todos os títulos que puder. Senhor, Cristo/Messias, Salvador, Redentor, Rei, Profeta, Sumo Sacerdote, Filho de Deus, Filho do Homem, Filho de Davi, Cordeiro de Deus, Bom Pastor, Príncipe da Paz, Emanuel... Todos esses nomes e muitos mais vêm de passagens do Antigo Testamento. E não são expressões vazias, como os títulos exaltados que alguns reis e presidentes orgulhosos gostam de atribuir a si mesmos atualmente. Elas descrevem aspectos essenciais daquilo que Jesus fazia e continua a fazer. E, se quisermos compreender e explicar Jesus usando tais palavras, necessitamos saber como elas eram usadas no Antigo Testamento.

Portanto, mesmo para entender o que significa dizer que Jesus era divino, que era tão plenamente Deus quanto tão plenamente homem, necessitamos do Antigo Testamento. Pois é o Antigo Testamento que nos revela o Deus que se tornou humano e andou entre nós na pessoa de Jesus de Nazaré.

O QUE JESUS VEIO FAZER?

Jesus veio para dar início a uma nova religião? É isso que muitas pessoas pensam. Pergunta: Quem foi o fundador do cristianismo? Resposta: Jesus. Isso faz parecer que Jesus veio certo dia e disse: "Ouçam bem, amigos, já aguentamos esse tal de judaísmo por tempo demais e ele parece ter fracassado. Aqui está uma religião completamente nova que inventei. Comecem a me seguir e se tornem cristãos".[2] É claro, porém, que ele não fez isso. Aliás, disse para as pessoas que *achavam* que ele estava abolindo a lei e os profetas (a base bíblica da fé de Israel): "Não pensem dessa maneira! Não vim para aboli-los, mas, sim, para cumpri-los".

Lembra-se do capítulo 2, "A história e a promessa"? Jesus sabia em que história ele estava inserido: na grande história de Israel nas Escrituras do Antigo Testamento e na promessa divina que ela contém. E ele sabia que viera para cumprir essa promessa e realizar, para o bem do mundo, aquilo que Deus prometera fazer por intermédio de Israel. Jesus veio terminar a história que o Antigo Testamento havia começado.

Pense novamente naqueles símbolos da história bíblica apresentados no capítulo 2. Em sua forma mais simples, a parte que cabe ao Antigo Testamento nessa história (os Atos 1 a 3 de toda a história bíblica) pode ser resumida assim:

- Deus criou o mundo bom e os seres humanos à sua imagem e semelhança para amá-lo e adorá-lo, para fazer uso da criação e cuidar dela, e para amar e servir uns aos outros.
- Nós nos rebelamos e desobedecemos a Deus, trazendo juízo e morte sobre nós mesmos, divisões e contendas entre as nações e a deterioração da criação.
- Deus chamou Abraão e prometeu transformar a maldição em bênção para todas as nações por intermédio de seus descendentes, o povo de Israel.
- Entretanto, como Israel era uma nação de pecadores assim como o restante da humanidade, os portadores da cura divina também carregavam em si a doença. Israel mostrou necessitar da salvação tanto quanto o restante das nações.
- Mesmo assim, a promessa de Deus permaneceu. O Antigo Testamento aponta para aquele que

> cumpriria a missão de Israel, carregaria os pecados de Israel e do mundo e levaria as boas-novas da salvação até os confins da terra. Foi isso que Jesus veio fazer.

Portanto, Jesus veio como o Messias de Israel, para cumprir a missão de Israel e a promessa de Deus em benefício de todas as nações. Ele anunciou a boa notícia de que o reino de Deus havia começado. Foi isso que Jesus chamou de "as boas-novas [o evangelho] do reino". Ele convocou as pessoas a se arrependerem e crerem nessas boas notícias sobre o reino de Deus confiando nele, o Rei, e o seguindo.

O conhecimento das pessoas sobre o reino de Deus vinha dos salmos e dos profetas. Elas aguardavam com expectativa a vinda de Deus para começar seu reino na terra. Pensavam no acontecimento como uma era futura por vir. Imaginavam uma era messiânica completamente nova. Tanto João Batista quanto Jesus anunciaram que a esperança do povo finalmente estava se tornando realidade. "Enfim chegou o tempo prometido! [...] O reino de Deus está próximo!" (Mc 1.15). Isso significa que, na pessoa de Jesus, *Deus havia chegado*. Deus estava *endireitando as*

coisas em um mundo que dera errado. Deus estava *vencendo o poder de Satanás*, conforme Jesus demonstrou em seus milagres. Deus estava *trazendo salvação* ao mundo por intermédio de Jesus (cujo nome, assim como o de Josué, significa "O SENHOR é salvação").

Mas Deus estava fazendo tudo isso *não* do modo como algumas pessoas esperavam. O reino de Deus *não* foi estabelecido usando o poder militar, contrariando aqueles que desejavam derrotar e expulsar as forças romanas. O reino de Deus *não* foi estabelecido forçando todos a ser "bons", como os fariseus ("bons" nos termos deles). Em vez disso, o modo de Deus era o modo de Jesus. Ou, expressando de outra maneira, o modo de Jesus era o modo de Deus de cumprir sua promessa de levar bênção e salvação do reino de Deus. Foi isso que Jesus veio realizar.

Cristo viveu em fiel obediência a Deus (ao passo que Israel se rebelou e desobedeceu). Assim como Israel, Jesus foi "provado no deserto" (quarenta dias correspondentes aos quarenta anos do povo), mas, diferentemente de Israel, escolheu confiar em Deus, seu Pai, e obedecer-lhe. E ele foi obediente até a

morte. Quando Jesus morreu na cruz, Deus tomou sobre si, na pessoa de seu Filho, o juízo e as consequências do pecado, não só de Israel, mas do mundo inteiro. E assim, por meio da cruz e da ressurreição, ele conquistou vitória sobre o pecado, sobre Satanás e todos os poderes do mal. É por isso que exclamou: "Está consumado!", que significa "Cumpriu-se!".

Então, depois de ressuscitar, Jesus disse aos discípulos que o caminho agora estava aberto para eles irem e pregarem o arrependimento e o perdão dos pecados *em seu nome* a todas as nações, porque, conforme disse: "Assim está escrito". Com essa expressão, ele queria dizer que as Escrituras do Antigo Testamento haviam "programado" não só o que Jesus cumpriu em sua vida terrena como Messias, mediante sua morte e ressurreição, mas também o que ele continuaria a fazer por meio da missão da igreja (Lc 24.45-47; At 1.1). Jesus diz, então, que devemos ler e entender as Escrituras do Antigo Testamento (conforme ensinou a seus discípulos) tanto em relação ao *Messias* e o que ele fez quanto em relação à *missão* — o que nós fomos comissionados a fazer até os confins da terra.

QUAL É O TAMANHO DO EVANGELHO QUE VOCÊ PREGA?

Assim, você pode ver que necessitamos do Antigo Testamento não só para entender quem foi Jesus (e como ele se via), mas também para compreender por completo o que Cristo realizou. Necessitamos disso em especial para evitar um reducionismo de toda a mensagem da Bíblia a um mínimo puramente individualista.

É fácil demais reduzir a Bíblia a algo mais ou menos assim:

- Sei que sou pecador.
- Mas creio que Jesus morreu para limpar meus pecados.
- Por isso, posso ser perdoado e ir para o céu quando morrer.

Para esse tipo de mensagem, o Antigo Testamento não é nem um pouco necessário (com exceção, talvez, da história da queda e alguns versículos sobre o pecado). Aliás, não é preciso nem muito do Novo Testamento. Você só precisará do relato da morte de

Jesus e de alguns versículos de Paulo para explicar as Escrituras. Possivelmente seja por isso que alguns pastores só pregam usando esses poucos textos. Nunca enxergaram o quadro mais amplo, a história inteira. Por isso, não pregam acerca do restante da Bíblia.

É claro que esses três tópicos são verdadeiros — graças a Deus —, e eu também creio neles! Mas a Bíblia conta uma história muito maior. O pecado não consiste apenas em algo pessoal, nem a salvação. As Escrituras falam do grande projeto divino de restaurar toda a criação por intermédio de Cristo, curando a divisão entre as nações e levando salvação a todos os níveis de carência e perda, tanto humanas quanto da criação. Essa é a "grande história" da salvação encontrada na Bíblia. Era assim que o apóstolo Paulo entendia a salvação. Ela se destina à criação inteira, à igreja inteira e aos fiéis individualmente (em Cl 1.15-23, é nessa ordem que ele retrata as coisas).

Mude a ordem dos fatores. Qual foi o problema que Deus solucionou mediante a morte e ressurreição de Jesus Cristo? Algumas pessoas falam (e pregam, e ensinam, e cantam hinos) como se o *único* problema fosse "eu e meu pecado". É claro que isso é um

problema. Sem Cristo, permaneço condenado como pecador, sem esperança, nem futuro eterno com Deus. Por causa de Cristo e de sua morte em meu lugar, posso saber sem sombra de dúvidas que Deus me perdoa e posso ter a certeza da salvação eterna. Que boa-nova! Eu creio nela! Mas, se essa é a *única* maneira de pensarmos e falarmos sobre o evangelho, nós o centramos completamente em nós mesmos. Tudo diz respeito a mim, meu pecado e minha salvação. Isso é fazer o evangelho muito mais limitado do que a Bíblia o apresenta. E certamente é estranho e incorreto ser autocentrado ao pensar sobre o evangelho, que é o grande plano de Deus para toda a criação.

Quando voltamos e lemos a história bíblica desde o início, o que encontramos? Pense novamente nos seis atos do grande drama da Bíblia. As Escrituras começam com a criação. A vida humana se passa na terra onde Deus nos colocou (Ato 1). Mas, quando Adão e Eva desobedeceram a Deus (como se o único problema fosse que Adão e Eva eram pecadores individuais que precisavam ser perdoados), a criação também sofreu. "Maldita é a terra por sua causa" (Gn 3.17). *A criação inteira* foi afetada pelo pecado e pelo

mal, conforme afirma Paulo com toda clareza (Rm 8.18-22). Então, a história prossegue para mostrar como o pecado corrompeu *todos os relacionamentos humanos na sociedade* — no casamento, entre irmãos, na sociedade mais ampla e ao longo das gerações na história. Por fim, o pecado e a arrogância humanos resultaram *na divisão e dispersão das nações* (Gn 11).

Portanto, juntando todo o relato de Gênesis 3—11, o problema diante de Deus não é simplesmente que os indivíduos são pecadores que necessitam ser salvos do juízo e da morte, mas também que as famílias, sociedades, nações e culturas humanas estão despedaçadas e em conflito, e que a própria terra sofre as consequências do pecado e do mal. E por causa de *tudo* isso, somos confrontados com a realidade do juízo final de Deus. Esse, sim, é um grande problema! É por isso que temos um grande evangelho!

Onde o evangelho *começa*? Eu costumava fazer essa pergunta nas aulas que ministrava na Índia, e sempre havia alguém que dizia: "Em Mateus". Ao que eu respondia: "Errado! O evangelho começa em Gênesis!". É isso que Paulo diz. Dê uma olhada em Gálatas 3.8. É verdade. Paulo chamou a promessa de Deus a Abraão de "boas-novas". Deus fez um

chamado a Abraão e prometeu uma bênção — não só uma bênção pessoal para ele, mas também para todas as famílias/nações da terra.[3] Deus não estava pensando apenas em indivíduos, mas nas nações e na terra. Essas são as boas-novas do evangelho bíblico. E precisamos do Antigo Testamento a fim de nos preparar para isso. Então podemos ver a escala verdadeiramente gloriosa, cósmica e imensa daquilo que Deus realizou por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Onde o evangelho *termina* (se é que podemos dizer isso)? O grande drama da Bíblia nos leva até o Ato 6, no qual as boas-novas do grande projeto de salvação divino chegam a seu final triunfante — missão cumprida. Se você ler Apocalipse 21—22, encontrará muitos ecos de Gênesis 3—11. A solução definitiva de Deus equipara-se ao problema original em vários aspectos.

Pense nas consequências terríveis do pecado apresentadas em Gênesis 3—11 (Ato 2). Então reflita no retrato maravilhoso da vida na nova criação (Ato 6).

As consequências do pecado	**A nova criação**
A terra é amaldiçoada.	Não haverá mais maldição.
Vivemos sob sentença de morte por causa do pecado.	Não haverá mais morte.
Fomos expulsos da presença de Deus.	Deus habitará conosco em um novo céu e uma nova terra, unidos na "cidade de Deus".
Nosso acesso à arvore da vida foi negado.	A árvore da vida florescerá ao lado da água da vida no "jardim da cidade".
A vida humana se tornou cheia de violência, sofrimento e lágrimas.	Não haverá mais lágrimas, luto, choro ou dor, porque não existirão mais pecado, imoralidade, engano ou opressão.

As nações foram divididas em confusão, contendas e conflito.	Pessoas de todas as tribos, nações e línguas se unirão para adorar a Deus. "As folhas da árvore servem para a cura das nações" (isto é, além dos indivíduos receberem a vida eterna, as culturas e nações humanas se reconciliarão).

Toda a história bíblica da salvação, ou seja, a história da redenção que se estende ao longo do Ato 3 (a promessa do Antigo Testamento), Ato 4 (o evangelho) e Ato 5 (a missão da igreja), é o que preenche o abismo entre a grande rebelião (Ato 2) e a grande restauração (Ato 6). Depois de compreender a história inteira, não podemos mais pensar no "evangelho" apenas como a resposta para o meu problema individual com o pecado e a maneira para "eu entrar no céu". Em vez disso, passamos a reconhecer que "minha salvação pessoal", por mais preciosa que seja, se encaixa em um plano divino

muito maior, que inclui a cura das nações e a reconciliação de toda a criação com Deus.

É isso que Cristo veio fazer. É isso que ele conquistou mediante sua morte e ressurreição. É isso que estava incluído em suas triunfantes palavras finais na cruz: "Está consumado!", que significa "Cumpriu-se!". O que se cumpriu? Tudo aquilo que Deus prometeu nas Escrituras do Antigo Testamento.

Permita-me fazer uma pergunta: você prega o evangelho? Espero que sua resposta imediata seja "Sim!". No entanto, à luz do que acabou de ler, você prega o evangelho inteiro, baseado em tudo aquilo que a Bíblia inclui nas "boas-novas"? Ou limitou o evangelho apenas à mensagem da salvação individual? E, caso você seja honesto o suficiente para admitir que talvez se encaixe na segunda opção, saiba, em primeiro lugar, que você não está sozinho, pois muitos e muitos cristãos fazem exatamente isso. Contudo, você estaria disposto a mudar? Concorda que limitar o evangelho dessa maneira é uma desonra ao Senhor? Afinal, essa prática reduz o escopo e a importância de tudo que a Bíblia nos conta que Jesus realizou na cruz e anunciou pelo poder de sua ressurreição. Tenho certeza de que todos queremos

ser fiéis à Bíblia, pregar e ensinar a verdade. Mas o triste é que aquilo que algumas pessoas chamam de "evangelho puro" consiste, na verdade, em um evangelho truncado que reduz a gloriosa mensagem da Bíblia como um todo.

Começamos este capítulo pensando na jornada, como os pastores na estrada de Guayaquil a Quito. Quando lemos o Antigo Testamento, devemos nos lembrar de olhar para a direção da viagem. Tudo leva a Jesus. É por isso que necessitamos do Antigo Testamento, a fim de compreender quem foi Jesus, o que ele veio fazer e aquilo que de fato realizou nos eventos do evangelho. Lemos o Antigo Testamento ansiando por Jesus. Espero que este capítulo tenha ajudado você a ver como isso funciona e como é importante para uma compreensão bíblica adequada de Jesus.

Quando se chega ao destino, porém, também é possível olhar para trás e ver a jornada. Enquanto os pastores desfrutavam o seminário de pregação Langham em Quito, podem ter pensado na longa jornada que fizeram antes. Espero que tenham concluído que valeu a pena! Eles poderiam desenhar a jornada em um mapa e mostrar como cada parada

estava ligada à via que os fez chegar a Quito. Foi uma jornada conectada entre si e que alcançou seu destino. Assim é com o Antigo Testamento.

Os pastores também poderiam pegar os ensinos, as anotações e os livros que receberam no seminário (e a foto do grupo!) para comparar toda essa abundância com a carta que chegou até eles muito tempo antes, convidando-os a comparecer. Ela era uma promessa do que aconteceria quando eles fossem a Quito. Eles compareceram na fé de que a promessa se cumpriria, e foi isso o que aconteceu. E gosto de acreditar que o cumprimento da promessa (o seminário em Quito e tudo que eles receberam) foi ainda melhor do que qualquer coisa que eles poderiam ter imaginado durante a jornada. Dessa maneira, eles sempre olhariam para trás e enxergariam a jornada à luz da bênção que receberam ao fim dela.

De igual maneira, o Novo Testamento nos mostra como Jesus cumpriu todas as promessas do Antigo Testamento — de formas maravilhosas e surpreendentes que acabaram se mostrando muito melhores do que qualquer coisa que o povo do Antigo Testamento poderia imaginar. Os israelitas tinham fé na promessa de Deus e, ainda que muitos

deles não tenham visto o cumprimento, o Senhor foi fiel à sua promessa (essa é a mensagem de Hb 11). Por isso, podemos olhar de volta para a jornada do Antigo Testamento à luz do que aconteceu no final dela.

Isso quer dizer que, quando lemos e nos preparamos para pregar sobre uma passagem do Antigo Testamento, precisamos fazer duas coisas. Em primeiro lugar, devemos pensar que estamos "sentados no texto", como os pastores no micro-ônibus, olhando na direção da viagem, aguardando com expectativa o destino ao qual a viagem finalmente nos levará — a Cristo. Em segundo lugar, porém, precisamos olhar para o texto (que vem do Ato 3) à luz daquilo que realmente aconteceu ao fim da jornada, isto é, à luz de Cristo e de toda a história do evangelho no Ato 4. Lemos e pregamos essas passagens *como cristãos e para cristãos*, todos nós vivendo no Ato 5. Por isso, devemos "conectar" as passagens do Antigo Testamento a Jesus Cristo. Ou, conforme às vezes se diz, devemos "pregar Cristo usando o Antigo Testamento".

Nos dois capítulos a seguir, pensaremos em algumas boas maneiras de fazer isso, e em algumas maneiras

erradas também.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Discuta suas respostas às perguntas que fiz no parágrafo que começa com "Permita-me fazer uma pergunta" (p. 40). Seja honesto! Que passos você precisa dar para tornar seus ensinos e suas pregações do evangelho mais plenamente bíblicos em conteúdo?
2. Faça uma lista de alguns nomes ou títulos que costumamos usar para Jesus. De onde no Antigo Testamento eles vêm? O que nos ensinam sobre Jesus e o que ele veio fazer?
3. Prepare uma lição ou um sermão sobre o batismo de Jesus, concentrando-se, em especial, nas palavras de Deus, o Pai, em Mateus 3.16-17. Mostre como Deus ecoa palavras de textos do Antigo Testamento e use-as para explicar quem Jesus verdadeiramente foi e o que ele veio fazer.

4

Não me dê só Jesus

Anne Graham Lotz, filha de Billy Graham, é uma talentosa evangelista e pregadora. Após um período de muito estresse em sua vida, ela escreveu um poema e um livro intitulados *Just Give Me Jesus* [Dê-me só Jesus]. Trata-se de um poema maravilhoso, que descreve Jesus de diversas maneiras, cada seção terminando com a repetição de "Dê-me só Jesus".[1] Anne Graham também já realizou muitos seminários e conferências de reavivamento com esse tema. Sua ideia central, claro, é que nosso Senhor Jesus Cristo basta para tudo aquilo que podemos enfrentar na vida, na morte e além. Ele é tudo de que precisamos para a salvação e é a fonte de toda graça, bênção e

força que Deus nos dá para a vida na terra e na nova criação.

O título é, assim, uma frase espetacular para retratar a suficiência de Cristo para todas as nossas necessidades pessoais e pastorais. Mas, no que diz respeito à pregação com base no Antigo Testamento, temo que não seja o bastante. O pregador não deve imaginar que, ao falar da Bíblia, sua congregação está sentada dizendo: "Dê-me só Jesus". Pregar usando o Antigo Testamento não é só pregar *sobre* Jesus, embora sem dúvida deva, em última instância, conduzir as pessoas *a* Jesus.

Certa vez, enviaram-me o panfleto de uma conferência na qual eu iria falar. Meu tema era a base do Antigo Testamento para a missão cristã. Em seu destaque maior, o folheto dizia: "E o melhor do Antigo Testamento é que ele é todo sobre Jesus!". Os organizadores estavam tentando dar um incentivo. Mas eu não teria escrito essas palavras. Pois não é verdade dizer isso, de forma tão simplista.

Talvez depois de ler os dois capítulos anteriores deste livro você esteja pensando da mesma maneira que o panfleto da conferência. Ressaltei tanto a necessidade de entender o Antigo Testamento à luz

de Cristo (o Antigo Testamento como uma jornada que conduz a Cristo e declara a promessa que ele cumpriu) que você pode estar imaginando: "O Antigo Testamento? É todo sobre Jesus!".

Mas não é, não de maneira tão direta.

O que eu disse nos dois últimos capítulos não é que o Antigo Testamento é "todo sobre Jesus", mas que consiste em uma jornada que conduz a ele. Tudo *aponta* para Cristo. Mas nem tudo é "*sobre* Cristo".

Pense de novo naqueles pastores no micro-ônibus de Guayaquil a Quito. Sim, toda a jornada deles foi em direção a Quito. Sim, Quito era o destino desejado. Sim, eles pensavam e conversavam sobre o que aconteceria quando chegassem a Quito. Todo o foco da jornada se concentrava em Quito. Mas isso não quer dizer que toda vez que olhavam pela janela do micro-ônibus estavam vendo Quito. Não, eles contemplavam o cenário na estrada para Quito. É possível que, às vezes, houvesse placas informando: "Quito a 150 quilômetros". Mesmo nesse caso, porém, a placa não era Quito em si, mas apenas uma garantia de que estavam na direção correta. Então, se houvesse uma criança pequena no banco de trás que perguntasse, o tempo inteiro: "Já chegamos?", os

adultos teriam de responder: “Ainda não! Tenha paciência. Logo estaremos em Quito”.

Estar na estrada *para* Quito não é o mesmo que estar *em* Quito. Da mesma maneira, dizer que o Antigo Testamento conduz *a* Cristo não é o mesmo que afirmar que tudo ali é *sobre* Cristo.

Mas como isso afeta nossa pregação e nossos ensinos baseados no Antigo Testamento? Será que significa que, apesar de tudo que eu disse nos dois últimos capítulos, não podemos pregar sobre Cristo usando textos do Antigo Testamento? Nada disso. No capítulo 5, contarei que certamente podemos e, na verdade, devemos pregar Cristo com base no Antigo Testamento. E tentarei explicar como podemos fazer isso de forma boa e válida. Antes, porém, precisamos tirar do caminho alguns pontos negativos.

Infelizmente, alguns pregadores imaginam que, não importa qual passagem da Bíblia estejam usando, o sermão sempre precisa ser sobre Jesus. Entenderam a *verdade* de que toda a Bíblia é *centrada e focada* no Senhor Jesus Cristo e que dá testemunho dele de diversas maneiras, e então a transformaram em um método muito simplista de interpretação, segundo o qual todos os versículos do Antigo Testamento

precisam, de algum modo, falar "*sobre* Jesus". E suas pregações podem parecer muito inteligentes ao fazer isso. Mas esse método traz consigo todo tipo de problemas. A seguir estão alguns deles. Transformar todas as passagens do Antigo Testamento em textos "sobre Jesus" pode trazer as seguintes consequências negativas.

O PERIGO DE IGNORAR O SENTIDO ORIGINAL DO TEXTO

Qual é a primeira regra de exegese — a primeira coisa que devemos fazer quando lemos e interpretamos qualquer texto bíblico? Precisamos perguntar: "O que este texto *significava* na época em que foi escrito para as pessoas que o leram ou escutaram em primeiro lugar? Sobre o que o autor estava falando e o que *disse* sobre aquilo que estava falando?". Em outras palavras, buscamos entender o texto em seu contexto original *antes* de fazer quaisquer outras perguntas ou alguma aplicação.[2]

Mas, se você abordar um texto do Antigo Testamento com o pressuposto de que "ele deve ser sobre Jesus", pode facilmente negligenciar tudo

aquilo que o autor original de fato queria dizer. Na verdade, acaba colocando uma mordaça na boca do autor original, a fim de fazê-lo dizer o que você acha que deve ser o assunto do texto, já que tudo precisa ser "sobre Jesus". E isso é algo muito ruim de se fazer com a Bíblia!

Certa vez, ouvi um pregador falar sobre Amós 5.24: "Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene" (RA). Ele discorreu por alguns instantes sobre Amós, mas logo prosseguiu dizendo: "A única justiça que podemos ter é a de Cristo". A partir desse ponto, passou a abordar a justificação pela fé. Ele poderia muito bem ter pregado com base em Romanos. Tudo que ele falou era verdadeiro. Mas não tinha nada a ver com o que Amós disse! E o que é pior: *distorcia* essa passagem das Escrituras. Silenciava tudo que Amós de fato escreveu na passagem sobre *praticar* a justiça e dar fim à exploração, à fraude e à opressão.

Com isso, o pregador, por sua preocupação em colocar Jesus no texto ou extraí-lo de lá, acabou ignorando o sentido original da passagem em si. Quando Amós escreveu tais palavras, ele *não* estava falando sobre Jesus. Em vez disso, o profeta estava

desafiando o povo de Israel a viver como Deus queria que vivesse. S*eria* possível pregar sobre esse texto de uma maneira que *tanto* explicasse e aplicasse completamente o que Amós quis dizer *quanto* fizesse um elo com Jesus Cristo e o evangelho. No próximo capítulo, sugiro algumas formas de fazer isso de maneira apropriada — que não é simplesmente "pular para Jesus" no início de um sermão.

O PERIGO DAS INTERPRETAÇÕES FANTASIOSAS

Participei de um estudo da Bíblia por um tempo no qual alguns dos membros do grupo eram meio obcecados pela ideia de que toda e qualquer passagem do Antigo Testamento precisava ter Jesus em algum lugar. Então, passavam o tempo inteiro pensando em como esse poderia ser o caso — e sugerindo ideias muito estranhas. Um deles observou que havia treze levitas de pé ao lado de Esdras enquanto ele fazia a leitura da lei em Neemias 8. Constatou, assim, que isso devia representar os doze apóstolos originais de Jesus, mais Paulo. Com isso, Esdras se transformou em Jesus ensinando o povo, e Neemias 8 passou a ser um capítulo só sobre Jesus! Depois de soltar a

imaginação dessa maneira, qualquer coisa pode ser "sobre Jesus", de uma maneira ou de outra.

No entanto, essa é uma forma irresponsável de abordar a Bíblia. Se ensinarmos esse tipo de coisa, só reforçaremos a suspeita das pessoas de que a Bíblia é um livro que elas nunca conseguiriam entender por conta própria. Acham que precisam de pregadores e professores inteligentes, capazes de extrair de qualquer texto diversos significados "sobre Jesus" que elas nunca teriam condições de encontrar sozinhas. Mas a Bíblia não é um tipo de jogo. Você já viu aqueles livros ilustrados do tipo "Onde está Wally?"? São cheios de figuras complicadas e, escondido em cada uma delas, está o personagem Wally. É muito divertido tentar achá-lo. Mas não deveríamos abordar o Antigo Testamento dessa maneira, como se fosse um livro ilustrado "Onde está Jesus?".

Estou de acordo com Dale Ralph Davis, que também se preocupava com as consequências negativas de querer extrair Jesus de todo e qualquer texto do Antigo Testamento. Veja o que ele escreveu acerca do que Cristo disse em Lucas 24.25-27,44-47:

> Penso que Jesus está ensinando que *todas as partes* do Antigo Testamento testificam do Messias em seu sofrimento e glória, mas não creio que esteja dizendo que *cada* passagem ou texto do Antigo Testamento testemunha acerca dele. Jesus se referiu às coisas escritas a seu respeito *na* lei de Moisés, *nos* profetas e *nos* salmos, mas não afirmou que todas as passagens falavam dele (v. 44). Por isso, não me sinto obrigado a fazer todos os textos do Antigo Testamento apontarem para Cristo de alguma maneira, porque não acredito que ele próprio o exija [...] [Mas] [...] somente porque não acho que todos os textos do Antigo Testamento são sobre Jesus, isso não significa que me oponho à pregação de Cristo com base no Antigo Testamento se ele puder ser visto na passagem de forma legítima. [...] Contudo, tenho a convicção de que não honro a Cristo forçando-o a entrar em textos em que ele não está.[3]

O PERIGO DE NEGLIGENCIAR OUTRAS COISAS IMPORTANTES QUE DEUS ENSINA

Isso pode parecer errado. Afinal, o que poderia ser "mais importante" que Jesus? Nada, é claro. E é verdade que podemos conectar todas as coisas grandiosas que Deus revelou e ensinou no Antigo Testamento com Jesus. Por exemplo, o Antigo Testamento começa (Ato 1 da história bíblica) com a criação. E sabemos pelo Novo Testamento que todas

as coisas no céu e na terra foram criadas por Cristo e para Cristo (Jo 1.1-3; Cl 1.15-20; Hb 1.3). Sim, mas quando as Escrituras discorrem sobre a criação (não só em Gn 1—2, mas em muitos outros lugares, como Sl 19, 33, 104; Jr 10; Jó 28, 38—41), estão falando sobre a criação, e não "sobre Jesus". Temos muito a aprender nessas passagens a respeito de Deus, do universo, da terra e de nós mesmos. Então, vamos aprender, ensinar e pregar aquilo que os textos dizem, não o que lemos nas entrelinhas com base em partes subsequentes da Bíblia.

Pense em todas as outras coisas grandiosas que Deus revela no Antigo Testamento:

- O que significa ser humano, criado à imagem de Deus.
- A realidade do pecado e as consequências terríveis do mal.
- A ira de Deus contra a injustiça e a opressão.
- O amor de Deus e sua fidelidade àquilo que promete.
- O domínio soberano de Deus sobre todas as nações e toda a história.
- Como Deus quer que seu povo o adore.

- Como Deus deseja que as pessoas vivam e se comportem umas em relação às outras.
- O plano divino para a restauração de toda a criação.

É claro que podemos mostrar como todos esses temas importantes em algum momento conduzem a Cristo (e refletiremos sobre isso mais adiante). Mas, se lermos textos significativos nos quais Deus está ensinando sobre *essas* coisas e pensarmos, o tempo inteiro: "Isto deve ser sobre Jesus", podemos acabar perdendo toda riqueza e profundidade daquilo que Deus *realmente* está nos dizendo nesses textos originais. E isso não só é triste, como também trágico, pois deixa as pessoas sem entender e aplicar partes tão importantes que constam da Bíblia. Na verdade, isso as distrai de ouvir aquilo que Deus deseja lhes falar nessas passagens — o que é algo seriamente ruim de se fazer com a Bíblia.

Talvez você esteja se lembrando do apóstolo Paulo, que disse: "nós, porém, pregamos a Cristo crucificado", e como ele decidiu "nada saber [...] a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado" (1Co 1.23; 2.2, NVI). Algumas pessoas pensam que isso significa

que Paulo só pregava sobre Jesus e a cruz e mais nada. Mas isso não pode ser verdade.

Em primeiro lugar, observe o contexto desses dois versículos. Paulo estava contrastando seu estilo de pregação do evangelho com a eloquência sofisticada dos filósofos gregos. Ele não lançava mão de argumentos engenhosos e retórica qualificada como aqueles, mas apresentava simplesmente a verdade histórica sobre Jesus, com o poder do Espírito Santo. Em segundo lugar, o próprio Paulo afirma que ensinava a suas igrejas muito mais do que apenas a história da crucificação. Lembrou os líderes da igreja de Éfeso de que, durante os anos de sua permanência na cidade, "Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa" e "não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus" (At 20.20,27, NVI). Ou seja, a pregação de Paulo era tanto *tópica* (v. 20, atendendo às necessidades e dúvidas da igreja) quanto *bíblica* (v. 27, explicando toda a "vontade de Deus", que significa o plano e o propósito de Deus conforme revelado nas Escrituras, isto é, o Antigo Testamento). É claro que tudo isso *girava em torno* de Jesus, mas não era simplesmente

"*sobre* Jesus". Em vez disso, deve ter sido enriquecedor ensinar com base em toda a Escritura, sobretudo ao dirigir-se aos judeus. Paulo passou milhares de horas ao longo de seus dois anos em Éfeso lecionando e debatendo todos os dias no auditório público de conferências de Tirano. Ele deve ter abordado muito mais do que apenas a crucificação!

O PERIGO DE EMPOBRECER A HISTÓRIA BÍBLICA E ACABAR COM A SINGULARIDADE DA ENCARNAÇÃO

Quando falamos sobre "Jesus no Antigo Testamento", isso pode ter o efeito de colocar a Bíblia inteira no mesmo fuso horário, por assim dizer. Como se todas as pessoas do Antigo Testamento tivessem vivido na mesma época que Jesus e o "conhecessem", orassem a ele e até se encontrassem com ele de tempos em tempos. É claro que concordamos que Deus, o Filho, a segunda pessoa da Trindade, está vivo e ativo eternamente, desde antes da criação do mundo. Nesse sentido, o Deus a quem os santos do Antigo Testamento adoravam era o Deus que *nós* conhecemos como Pai, Filho e Espírito

Santo. Logo, a pessoa divina que conhecemos como Jesus de Nazaré no Novo Testamento também existia nos tempos do Antigo. Às vezes, ele é chamado de "Cristo *pré-encarnado*", isto é, Deus, o Filho, *antes* de se revestir de carne humana ao ser concebido pelo Espírito Santo no ventre da virgem Maria.

Deus em si, obviamente, é um espírito invisível. Ele não pode ser visto no sentido físico em sua essência como Deus. Todavia, escolheu assumir a aparência humana em diversas situações no Antigo Testamento, a fim de falar às pessoas, como nas ocasiões em que apareceu a Abraão, Moisés e outros. Alguns sugerem que essas foram aparições da segunda pessoa da Trindade, ou seja, de Deus, o Filho, o "Cristo pré-encarnado", conforme mencionei. Pode até ser, mas não acho que devemos insistir nisso. A Bíblia simplesmente diz que "Deus" ou "o SENHOR" apareceu. Deus criou os seres humanos à própria imagem. Era perfeitamente natural para ele assumir a forma humana quando desejava ter uma conversa direta com alguém.

Não devemos ignorar, porém, como a Bíblia apresenta a grande história da redenção — como uma história que passa de um ato para o outro. Há uma

diferença crucial entre o Ato 3 da história bíblica e o Ato 4. Foi somente no Ato 4 que Deus entrou na história da humanidade em carne e osso. Somente no Ato 4 Deus realmente *se tornou* humano, desde a concepção e ao longo do nascimento, da infância, juventude e idade adulta. Foi somente *então* que Deus, como homem, assumiu o nome de "Jesus". "Jesus" foi o nome dado ao filho de Maria, Jesus de Nazaré. E precisamos entender que algo novo e único aconteceu na encarnação, quando Deus se tornou humano, o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Foi algo que *nunca havia acontecido.* Jesus não foi apenas mais uma das aparições de Deus em forma humana, como as que lemos em alguns trechos do Antigo Testamento. Jesus não era, em nenhum aspecto, "uma aparição", mas um ser real, físico e humano, como você e eu.

Assim como os Evangelhos deixam claro em seus capítulos de abertura, o nascimento de Jesus e sua vida terrena foram o início de uma nova era da salvação divina. Tais eventos anunciaram a chegada do reino de Deus. Eram o cumprimento de tudo aquilo que Deus havia prometido no Antigo Testamento. Quando José e Maria deram ao bebê o

nome “Jesus”, Mateus conta que se cumpriu a profecia do Emanuel. Deus, afinal, viera estar “conosco”. Quando Jesus nasceu, um novo mundo teve início.

Na verdade, portanto, não deveríamos usar o nome “Jesus” antes de seu nascimento e falar sobre Jesus no Antigo Testamento. Esse é o nome do homem Jesus, nascido em Belém, crucificado por ordem de Pôncio Pilatos, ressurreto, que subiu aos céus e agora está sentado à direita de Deus como Senhor. “Jesus”, no sentido neotestamentário — o homem Jesus —, simplesmente “não estava” no Antigo Testamento (embora, claro, conforme afirmei, Deus, o Filho, certamente estivesse!). Por isso, não deveríamos ler e pregar as Escrituras dos Atos 1 a 3 da história bíblica (o Antigo Testamento) como se o Ato 4 já tivesse acontecido, ou como se as pessoas das etapas anteriores já soubessem tudo que ocorreria no Ato 4 (muito embora o aguardassem com expectativa, confiando na promessa de Deus).

O PERIGO DE QUE TODAS AS SUAS PREGAÇÕES PAREÇAM IGUAIS

Conheci uma igreja em que vários dos pregadores

adotavam o ponto de vista de que o Antigo Testamento era "todo sobre Jesus". Eles pregavam muito bem, mas para mim (e para vários outros na congregação) parecia sempre a mesma coisa. Não importava de onde viesse o texto bíblico, o sermão era *previsível*. Sempre terminávamos ouvindo bem rápido sobre Jesus. Além disso, por serem os pregadores muito comprometidos com o evangelismo, os sermões quase sempre terminavam com um convite para as pessoas se converterem e depositarem sua fé em Cristo. Aliás, algumas pessoas afirmam que toda pregação deve ser evangelística e terminar com um "chamado ao altar". Temo que precise discordar, como o apóstolo Paulo discordaria, creio eu, a julgar pelo modo como descreveu sua própria pregação em Atos 20.20,27.

Por favor, não me entenda mal. É claro que creio na importância da pregação evangelística, em falar de Jesus às pessoas e convidá-las a depositar sua fé nele. E há muitos textos em toda a Bíblia que fazem exatamente isso, incluindo, é claro, todos os quatro Evangelhos. Mas existem diversas outras passagens ao longo da Bíblia que *não* fazem isso. E, se nossa pregação deve ensinar às pessoas o que as Escrituras

realmente dizem, devemos *pregar o que o texto bíblico diz*, não o que podemos fazê-lo dizer, pulando logo para Jesus e um apelo à conversão. Aliás, eu diria que a pregação fiel da grande variedade de ensinos das Escrituras ao longo do tempo *conduzirá* as pessoas a uma compreensão superior de Cristo e do que de fato significa confiar nele como Salvador e segui-lo como Senhor. Elas enxergarão Jesus de muitos ângulos e diversas perspectivas diferentes e se conectarão com ele por meio da variedade extraordinária dos ensinos de Deus revelados tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Imagine por um instante que a Bíblia é uma casa muito grande. Alguns pregadores sempre estão na porta da frente, pregando sobre Jesus (com base em qualquer texto) e convidando as pessoas a vir, admirar a porta e entrar por ela para receberem a salvação e se tornarem membros da igreja. Isso é algo bom de se fazer, pois Jesus de fato disse: "Eu sou a porta". Sem dúvida, precisamos pregar o evangelho dessa maneira e chamar as pessoas ao arrependimento e à fé. Mas a pregação evangelística não é a única que existe. Nem sempre devemos apenas permanecer junto à porta da frente. Por que não convidar as pessoas a entrar e lhes

mostrar o restante da casa? Há tanto na Bíblia, tanto sobre Deus, sobre a vida, sobre como é viver com Jesus no centro, sobre o universo e tudo o mais!

Por que não planejar suas pregações para que, ao longo do tempo, você pregue fielmente sobre muitas partes diferentes da Bíblia, ensinando às pessoas o que realmente se encontra ali? É como oferecer visitas guiadas ao restante da casa bíblica. Assim, você pode mostrar aos outros as riquezas maravilhosas que se encontram em cada cômodo, para que almejem entrar e apreciem viver ali. Dessa forma, sua pregação e seus ensinos terão muita variedade. Ao mesmo tempo, porém, ficará claro que a única maneira de entrar na casa é pela porta que é Cristo.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Discuta como você explicaria a diferença entre dizer que o Antigo Testamento aponta para Cristo e afirmar que cada passagem do Antigo Testamento é "toda sobre Jesus".
2. Pense em suas pregações e em seus ensinos ao longo dos anos. É claro que é bom, correto e essencial que mantenhamos os olhos focados em

Jesus Cristo como o centro de nossa pregação. Mas existem partes das Escrituras, ou temas de ensinos bíblicos, que você mal tem abordado? Faça uma lista desses pontos e reflita (ou discuta com seu grupo) sobre como você planeja incluí-los em pregações e ensinos no futuro — sem se esquecer de Cristo!

5

Conexão com Cristo

Voltemos aos pastores no micro-ônibus na estrada de Guayaquil a Quito. Trata-se de uma rota cheia de belas paisagens. Há muitos lugares onde eles poderiam parar para apreciar a vista das montanhas e tirar fotos. Agora imagine um dos pastores mostrando as fotos para a família depois de voltar do seminário Langham em Quito. Ao apresentar cada uma delas, o que ele faz? Descreve o que se encontra em cada fotografia. Talvez aponte para o retrato de uma grande montanha e diga o nome dela. É possível que tenha tirado a foto de um restaurante onde pararam no caminho e diga o nome das outras pessoas na imagem. Quem sabe mostre a foto do lugar onde a

estrada estava tão danificada por um deslizamento de terra que tiveram de voltar e tomar outra rota. Assim, ele fala sobre o que se encontra em cada fotografia e a coloca em seu contexto. "Foi aqui que paramos para almoçar." "Foi aqui que precisamos pegar o caminho de volta e encontrar outra rota." "Esse é meu amigo Ricardo, quando saiu do ônibus se sentindo mal." Cada foto conta uma história, como se costuma dizer.

Mas, além disso, ele colocaria toda a coleção de fotos em seu contexto mais amplo. Todas elas foram tiradas *na viagem para Quito com o propósito de participar do seminário de pregação Langham.* Então ele poderia dizer: "Esta é uma foto de todos nós entrando no micro-ônibus no início da manhã, *a caminho de Quito*". Ou mostraria uma bela paisagem do alto de uma montanha e diria: "Aqui estamos *olhando para baixo, na direção de Quito* bem ao longe". Ele *faz ligações* entre o conteúdo específico de cada foto e o destino e propósito da jornada que estavam empreendendo. Quem sabe até ele mostraria a foto de uma placa na estrada apontando para Quito. Todas as fotos são da jornada e têm um conteúdo específico. Mas estão *conectadas* com o que se encontrava ao fim da jornada. Essas fotos específicas

só puderam ser tiradas porque eles estavam na estrada para Quito, não em qualquer outro lugar. Por isso, as imagens estão *conectadas umas às outras* (tudo era uma única jornada) e *conectadas ao destino* (a jornada para Quito, para o seminário de pregação).

O que ele *não* fará é mostrar uma foto tirada enquanto ainda estavam viajando e dizer: "Olha esta. Aqui está Quito". Ele não pode fazer isso sem que de fato chegue a Quito e tenha fotos da cidade propriamente dita.

Pense agora no Antigo Testamento mais uma vez. Vimos que ele é uma jornada que conduz a Cristo. E trata-se de uma jornada cheia de diversos cenários maravilhosos. Imagine o conteúdo do Antigo Testamento como um enorme álbum fotográfico. Quando você pega uma das fotos (um texto em particular), qual é sua primeira tarefa? Você precisa dizer *o que realmente está no texto.* Isso significa que, segundo a primeira regra da boa exegese, você observa o que a passagem realmente diz (o conteúdo do texto) em seu contexto. Faz todo o trabalho de estudar e compreender o texto em si. E, quando vai pregar, esse precisa ser o seu ponto de partida. Seu sermão precisa se fundamentar na explicação e aplicação do que o

autor original escreveu e quis dizer. O texto deve ser colocado em seu contexto (seu lugar na jornada), e você precisa ajudar as pessoas a compreender isso. Logo, conforme vimos no capítulo anterior, você não deve simplesmente "pular para Jesus" e ignorar as ideias principais da passagem em si. Isso seria como se um dos pastores mostrasse uma foto das montanhas na jornada e dissesse: "Esta foto foi tirada no caminho para Quito, então deixe-me contar para vocês sobre Quito".

Entretanto, como todos esses textos estão conectados por fazerem parte da grande jornada que conduz a Cristo, sem dúvida você pode e deve ajudar sua congregação a entender isso *criando pontos de contato* com Jesus e o evangelho do Novo Testamento. Há diversas maneiras de fazer isso, conforme veremos adiante. Neste capítulo, será suficiente apenas listar essas formas de criar pontos de contato, junto com alguns comentários sobre cada uma delas. Quando chegarmos à Parte 2 para refletir sobre como pregar e ensinar com base nos diferentes tipos de literatura do Antigo Testamento, poderemos explicar algumas delas em maiores detalhes e apresentar mais exemplos. Antes, porém, de analisarmos essas

conexões entre Cristo e os textos do Antigo Testamento, destaquemos algumas ideias rápidas:

- O benefício de estabelecer esses pontos de contato em seu ensino é que isso ajuda seus ouvintes a *entender a Bíblia inteira pelo que ela é* — uma grande história-jornada, na qual o Antigo Testamento conduz a Cristo e o Novo Testamento leva ao retorno de Cristo e à nova criação. Eles começarão a ver as conexões entre as diferentes partes e aprender a lê-las por si sós, procurando esses pontos de contato. Aprenderão a enxergar a si mesmos *dentro* da história bíblica, lendo-a da perspectiva do Ato 5.
- No entanto, você não deve transformar as conexões na mensagem principal. Concentre-se em ensinar o que está no texto em si; mas, quando chegar a pontos relevantes, mostre como a passagem está ligada a Cristo e por que isso é importante (explicaremos como fazer adiante).
- Não tente usar todos os tipos de pontos de contato mencionados abaixo em cada sermão! Em geral, um basta ou, às vezes, dois funcionam bem juntos.

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DA HISTÓRIA

O primeiro e mais óbvio ponto de contato entre qualquer texto do Antigo Testamento e Cristo é simplesmente destacar como a passagem se encaixa em uma história que, em última instância, conduz a Jesus. Isso fica mais evidente quando nos lembramos que todo o Antigo Testamento é "a.C." — antes de Cristo. Mas podemos mostrar que também é "r.C." — rumo a Cristo.

É relativamente simples estabelecer o ponto de contato histórico quando você prega sobre um texto narrativo do Antigo Testamento. É possível iniciar com o contexto de uma história menor para mostrar que ela faz parte da história mais ampla de Deus e Israel, e destacar como essa grande história acaba conduzindo a Cristo. Não precisa de muito para isso. Um sermão não é uma lição detalhada de história. Mas pode ser uma ocasião para tirar o foco das pessoas do mero pensamento "Como essa história em particular se aplica a mim?" para a reflexão "O que significa o fato de essa história fazer parte da história mais ampla que conduz a Jesus?".

Exemplo

Suponha que seu texto seja **Josué 1**. Você pode explicar que essa passagem vem após a história de como Deus resgatou Israel do Egito e então conduziu o povo e o sustentou no deserto (Êxodo a Deuteronômio). Agora ele está lhes entregando a terra que havia prometido. Logo, esse é o passo seguinte na longa história que conduz a Cristo, por intermédio de quem Deus nos resgatou do pecado, provendo-nos uma herança e um "descanso" ainda melhores do que a terra de Canaã, com uma referência a Hebreus 4. Nesse ponto, você precisa se concentrar no que Josué 1 diz e pregar com base no texto. Não pule direto para Jesus ou Hebreus. Mas, ao mencionar tais elementos, você mostra como *esta* história (Josué 1) se encaixa *naquela* e lhe prepara o caminho (o Novo Testamento).

Exemplo

Suponha que seu texto venha do livro de **Rute**. O autor termina o livro destacando que o filho

de Rute e Boaz se tornou avô do rei Davi. O livro já enquadra a própria história dentro da história maior de Israel e o rei que viria. Você pode mostrar como Mateus conecta isso a Jesus incluindo Rute em sua genealogia (Mt 1.5-6), transformando-o no "grandioso filho do grande Davi".

Pode parecer mais difícil estabelecer um ponto de contato por toda a história da Bíblia se o texto for proveniente de algum outro tipo de literatura — como a lei, os profetas ou salmos. Mesmo nesses casos, porém, é possível criar conexões. Todos esses textos têm seu lugar dentro da história de Israel, e é possível pensar tanto para trás quanto para a frente nessa história.

Exemplo

Suponha que seu texto seja o **Salmo 96**. Ele celebra o nome, a salvação, a glória e os feitos poderosos do SENHOR Deus de Israel. O que essas palavras significavam para um israelita do Antigo Testamento? Caso você fizesse essa pergunta ao autor ou a um dos cantores, eles

lhe contariam episódios da história de Israel. O nome de Deus foi revelado a Moisés e a Israel no monte Sinai. A salvação divina foi conhecida quando o Senhor libertou o povo do Egito. A glória de Deus encheu o tabernáculo no deserto e, posteriormente, o templo em Jerusalém. Os feitos poderosos do SENHOR incluem suas vitórias sobre os inimigos e a dádiva da terra. Mas você pode mostrar que o salmista aguarda com expectativa o momento em que "as nações", "todos os povos" e "todos os habitantes da terra" entoarão "um novo cântico" sobre essas grandes coisas de Deus. Como isso poderia acontecer? Para o salmista, precisava ser um ato de fé e imaginação. Mas nós sabemos que, por intermédio do Senhor Jesus Cristo, o nome, a salvação, a glória e os feitos poderosos do Senhor Deus de toda a história bíblica são proclamados entre as nações por todo o mundo. O salmo em si, a partir da história que está *atrás*, aponta para a história *adiante*.

Usando um texto da lei, você pode destacar como até mesmo a lei em si (p. ex., em **Dt 29**

—30) reconhece que Israel falharia em obedecer a Deus — assim como nós. Portanto, embora a lei fosse como um "tutor" e tenhamos muito a aprender com ela, ela nos aponta, mediante nossos pecados e fracassos, para o Senhor Jesus Cristo. A lei nos conduz a Cristo (refletiremos muito mais sobre isso posteriormente).

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DAS PROMESSAS

Esse é um ponto de contato que costuma funcionar muito bem com a conexão histórica anterior. Isso acontece porque, conforme vimos no capítulo 2, a jornada da história do Antigo Testamento tinha não só um *destino* (Jesus Cristo), como também um *propósito* (tudo aquilo que Deus prometeu no Antigo Testamento e cumpriu no Novo). Por isso, sempre que possível, devemos mostrar como um texto do Antigo Testamento está, de algum modo, conectado a essa promessa. Pode ser uma conexão direta, quando o texto em si contém um elemento de promessa ou

fala sobre o propósito futuro de Deus. Ou pode ser indireta, quando a passagem simplesmente toma a promessa divina como uma espécie de pano de fundo. Lembra-se de como Mateus lançava mão de vários textos do Antigo Testamento, alguns diretos e outros indiretos, e via que todos eles se cumpriam em Jesus? É dessa maneira que o restante do Novo Testamento também enxerga o Antigo. Como um todo, constitui a grande promessa divina que diz respeito a toda criação e todos os povos.

As conexões diretas incluem passagens como Gênesis 12, 15, 17, e assim por diante, nas quais Deus faz sua promessa a Abraão (que, na verdade, é registrada cinco vezes em Gênesis); as promessas de Deus a Israel no Egito (Êx 6.6-8); suas promessas a Davi (2Sm 7); e as passagens nos profetas sobre a restauração futura de Israel após o exílio. Todas elas apontam para Cristo e encontram ecos frequentes no Novo Testamento.

Leva mais tempo para pensar nas conexões indiretas e encontrá-las. Lembre-se, por exemplo, que toda a história de *Israel como povo* é a história da promessa de Deus. Israel como povo só existiu por causa da promessa divina de levar bênção a todas as nações por

meio dele. Paulo cita Gênesis 12.3 e chama a passagem de "evangelho" em Gálatas 3.8. Logo, em teoria, sempre que estiver lidando com um texto sobre Israel, você deve estar consciente da promessa subjacente de Deus — *embora* muitas vezes a passagem mostre como o Israel do Antigo Testamento *falhou* em viver à altura de seu chamado e frustrou o propósito de Deus para ele. O fracasso em si é um indicador indireto daquele que viria e cumpriria a missão de Israel, em perfeita obediência, com sofrimentos, morte e ressurreição. O fracasso de Israel estabelece uma conexão indireta, mas muito poderosa, com Cristo.

É possível encontrar outros indícios em cada passagem. Palavras relacionadas ao vocabulário da *aliança* são um lembrete da promessa de Deus: por exemplo, quando o texto fala sobre "seu Deus" ou "meu povo". Isso aponta para o relacionamento que finalmente se tornará nosso na nova aliança por meio de Cristo. Ou quando Deus promete estar "com" alguém ou com seu povo. Em última instância, Deus está "conosco" por intermédio do nosso Emanuel, Jesus. A esperança e as expectativas dos salmistas de que Deus os libertaria repousam na fidelidade divina

a suas promessas, que, por sua vez, aponta para a maior fidelidade de todas em Cristo. Assim, procure identificar como o texto presume a história subjacente da promessa de Deus e pense em como isso pode se relacionar ao cumprimento de todas as promessas divinas em Cristo.

Algo básico para se manter em mente é que *a Bíblia como um todo consiste em uma história de realização redentora.* Ou seja, Deus fez a grande promessa de levar bênção e salvação ao mundo da humanidade pecaminosa e doente e da criação deteriorada. O Antigo Testamento está sempre avançando para ver como Deus enfim cumprirá essa promessa e redimirá o mundo. E o Novo Testamento mostra que Deus fez isso por meio do Senhor Jesus Cristo. Paulo expressou essa ideia de modo extremamente simples, quando disse aos judeus na sinagoga em Antioquia da Pisídia: "Estamos aqui para trazer a vocês esta boa-nova [evangelho]. A promessa foi feita a nossos antepassados, e agora Deus a cumpriu para nós, os descendentes deles, ao ressuscitar Jesus" (At 13.32-33).

Exemplo

Suponha que, mais uma vez, o texto seja **Josué 1**. Conto a seguir como comecei um sermão que preguei sobre esse capítulo (no início de uma série a respeito do livro de Josué). Iniciei pedindo às pessoas que observassem como os três primeiros versículos mencionam várias coisas importantes: (a) a morte de Moisés; (b) "todo este povo", isto é, Israel, o povo de Deus; e (c) a promessa de Deus. Então lhes pedi que voltassem uma página na Bíblia para ver que a morte de Moisés se encontra registrada em Deuteronômio 34. E lá também lemos sobre a promessa de Deus e o povo de Deus. Deuteronômio 34.4 faz alusão à promessa divina a Abraão. Isso nos faz voltar ainda mais, até Gênesis. E, assim, vemos de imediato em que ponto esse livro de Josué se encaixa na história da Bíblia. Ele vem logo depois do Pentateuco (Gn—Dt), e precisamos conhecer a história contida nesses cinco livros. Deus criou o mundo bom, mas o pecado e a rebelião humana estragaram tudo. Em Gênesis 12, porém, Deus prometeu a Abraão que, por

meio dele e de seu povo, transformaria a maldição em uma bênção que chegaria a todas as nações. Prometeu também que daria aquela terra a seus descendentes. E é isso que Deus estava prestes a fazer em Josué. Mas temos de entender que a história de Josué e a terra não é completa em si. Trata-se de um passo na jornada que conduz a Cristo e à herança que temos nele. Na verdade, a terra prometida aponta não só para aquilo que temos agora em Cristo (Ef 2.19-25; Hb 4.1-11; 12.22-24; 1Pe 1.4), mas, em última instância, para o novo céu e a nova terra, a nova criação na qual Deus habitará com seu povo para sempre (Ap 21—22). Desse modo, ajudei as pessoas a olharem para trás do texto e também para a frente.

Só gastei alguns minutos para expressar essas ideias perto do início do meu sermão (e voltar a elas no fim, para extrair alguns desdobramentos importantes sobre como devemos viver). Assim que situei o capítulo no contexto mais amplo relacionado à promessa de Deus e ao povo de Deus na grande história da Bíblia, concentrei-me naquilo que Deus

realmente disse a Josué e preguei a mensagem desses versículos maravilhosos. Meu objetivo, com isso, era *pregar o texto*, mas *conectando-o a Cristo* por meio de toda a história da promessa de Deus e seu cumprimento.

Quando analisarmos, na Parte 2, a pregação dos profetas, refletiremos em mais detalhes sobre os "três horizontes" dos textos do Antigo Testamento. O Horizonte 1 é o período do Antigo Testamento em si — o que o texto fala sobre o próprio contexto. O Horizonte 2 consiste no horizonte cristão, em especial os Evangelhos e Atos. O Horizonte 3 é o retorno de Cristo e a nova criação. Por enquanto, basta manter em mente esses horizontes. Quando estudamos qualquer passagem do Antigo Testamento para pregar e ensinar, sempre vale a pena perguntar: "Onde esse texto *se encaixa* dentro do contexto mais amplo daquilo que Deus prometeu bem no início da história? E para onde ele *aponta* no que diz respeito ao cumprimento da promessa divina por intermédio

de Cristo — em sua primeira ou em sua segunda vinda?".

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DE ANALOGIAS

"Deus sempre está deusando!" Lembro-me da empolgação da mulher que exclamou tal frase — chegando ao ponto de inventar uma palavra! Ela se tornara cristã havia pouco tempo e pertencia ao pequeno grupo em nosso lar. Estava maravilhada ao perceber de que maneiras Deus era ativo em sua vida. Ele simplesmente fazia por ela aquilo que faz regular e repetidamente — e tem feito ao longo da história. Deus é consistente.

Não é que Deus simplesmente se repete. Em vez disso, ele atua de maneiras *características*. Quando uma pessoa que conhecemos faz algo que reconhecemos como sua forma de agir, às vezes muito característica dela, sorrimos e dizemos: "Isso é tão típico!", ou então: "É a cara de fulano!". Ela está sendo fiel a si mesma. É o que você espera dessa pessoa. Depois de conhecer bem alguém, é possível enxergar padrões e semelhanças em seu jeito de se comportar. Minha esposa conta que eu sempre fico

na mesma posição para escovar os dentes, que sempre organizo as coisas na mesma ordem todos os dias para o café da manhã e que (se deixado por conta própria) eu sempre vestiria as mesmas roupas o tempo inteiro. Esse sou eu. Típico. Uma criatura de hábitos.

Bem, Deus não é uma criatura, é claro, e não exatamente tem "hábitos". Contudo, sem dúvida ele age de maneiras típicas, de tal modo que quem o conhecia bem nos tempos bíblicos passou a reconhecer quais são os caminhos de Deus. Tais indivíduos identificaram os padrões e semelhanças entre como Deus agia em uma ocasião e depois na outra. Viram o que ele fez no êxodo e sabiam que poderia fazer o mesmo novamente — por Israel (restaurando-o após uma derrota ou exílio) e até por indivíduos (sofrendo injustiças ou em perigo). Ouviram sobre o que ele fizera a Sodoma e Gomorra, e isso se tornou um retrato de outros momentos terríveis do juízo divino, inclusive, por fim, sobre Jerusalém. Sabiam que ele sustentara uma geração inteira no deserto, então confiavam que faria o mesmo a quem passasse por sérias necessidades, mesmo no exílio. Sabiam também que Deus testara os israelitas no deserto e identificaram o mesmo tipo

de prova em períodos posteriores da história, para saber se confiariam nele e lhe obedeceriam ou não.

Aqueles que tiveram um encontro com Jesus no Novo Testamento viram com toda clareza como o Deus que conheciam tão bem com base nas Escrituras do Antigo Testamento estava "deusando" de novo. Destacaram correspondências significativas entre coisas do Antigo Testamento e aquilo que Deus estava fazendo em Jesus Cristo e por meio dele. E usaram essas coisas do Antigo Testamento para explicar muitos aspectos do significado do nascimento, da vida, da morte, da ressurreição e da ascensão de Cristo.

Outra palavra para esse tipo de explicação é "analogia". Analogia é o uso de algo bem conhecido para explicar algo novo com o qual tenha algumas semelhanças. Não são exatamente a mesma coisa, mas é possível encontrar *correspondência* entre elas. Na Bíblia, encontramos analogias extraídas entre Jesus e os acontecimentos, as pessoas, as instituições, os temas e as imagens existentes no Antigo Testamento. A tabela mostra alguns exemplos de cada uma dessas categorias. É claro que há muitos outros, mas estes darão uma ideia do que quero dizer. Alguns serão

familiares, tenho certeza. Outros você poderá descobrir por conta própria ao ler e estudar a Bíblia e comentários úteis.[1]

Realidade do Antigo Testamento	**Conexão com Cristo**
Acontecimentos	
Criação	Jesus é o Verbo de Deus, por meio de quem todas as coisas foram criadas.
Êxodo	É Jesus quem derrota todos os poderes opressores e liberta as pessoas da escravidão.
Dádiva da terra	Jesus é nossa herança e nos concede "descanso" dos inimigos.
Unção do rei Davi	Jesus é o Rei messiânico ungido, filho de Davi.
Retorno do exílio	Jesus traz perdão, restauração a Deus e uma nova aliança.
Pessoas	

Adão	Jesus é a imagem perfeita de Deus.
Noé	Jesus resgata do juízo.
Abraão	Jesus viveu em perfeita fé e obediência.
Melquisedeque/Arão	Jesus é o Sumo Sacerdote perfeito.
Moisés	Jesus é o libertador de seu povo e o mediador da nova aliança.
Josué	Jesus (forma grega de Josué) é o Salvador e líder de seu povo.
Davi e Salomão	Jesus é o Rei ungido de Deus.
Ester	Jesus é aquele que salvou seu povo, ao risco/custo da própria vida.
Instituições	
Páscoa	Jesus é o cordeiro de sacrifício cujo sangue protege da morte.

Templo, sacerdócio, sacrifícios	Jesus é o "lugar" por meio de quem encontramos expiação perfeita, perdão e acesso à presença de Deus.
Jubileu	Jesus é aquele que traz libertação e restauração aos escravizados.

Como sempre, é preciso tomar cuidado quando usamos tais analogias na pregação. Alguns itens para manter em mente:

- Se você estiver ensinando sobre um texto do Antigo Testamento e observar que existe alguma analogia ou comparação com Cristo, sobretudo se algum autor do Novo Testamento *cita* a passagem do Antigo Testamento e faz uma comparação, então é claro que, em determinado momento da lição ou do sermão, você mencionará o fato para as pessoas e o explicará. Sempre é bom mostrar como a Bíblia se conecta dessa maneira e como Cristo é o elo que une tudo. *Mas* lembre-se que sua principal função é explicar e aplicar o texto do

Antigo Testamento no contexto da própria passagem e ensinar a mensagem que Deus deseja que o povo ouça com base *nela*. Estabeleça, sim, o ponto de contato com Cristo, mas não "pule para Jesus" de imediato, ignorando o que o autor do Antigo Testamento disse.

- Lembre-se que, quando o autor do Novo Testamento cita um texto do Antigo, é para um propósito específico ou para ilustrar uma ideia particular que ele (o autor) deseja transmitir. Isso não significa que, quando *você* prega usando a mesma passagem do Antigo Testamento, precisa se limitar à maneira que o Novo Testamento a usou para comunicar uma ideia específica. Por exemplo: a voz do céu no batismo de Jesus ecoa três passagens do Antigo Testamento — Isaías 42.1; Salmos 2.7; Gênesis 22.2. Se, no entanto, você estiver pregando sobre um desses textos (dentro do capítulo inteiro de onde eles vêm), não pode simplesmente dizer: "Isso é sobre o batismo de Jesus". Não! É preciso perguntar o que o capítulo inteiro significava no contexto original do Antigo Testamento e pregar *essa* mensagem. No decorrer do sermão, você pode estabelecer o ponto

de contato com Cristo conforme apropriado, mas a pregação será sobre a passagem do Antigo Testamento, e não apenas sobre Jesus. Veja outro exemplo: tanto o autor de Hebreus quanto Tiago mencionam Raabe como *ilustração* da fé demonstrada em ações (Hb 11.31; Tg 2.25-26). Mas, se você estiver pregando sobre a história inteira de Josué 2 e 6, haverá muito mais coisas sobre o que pensar e dizer do que somente a fé demonstrada por Raabe (embora ela certamente seja uma personagem central no relato).

- A analogia em *um* aspecto não quer dizer analogia em *todos* os aspectos. Os personagens do Antigo Testamento que prefiguraram Cristo de alguma maneira (como acima) também eram pecadores como nós, e alguns deles fizeram coisas terríveis na vida. Nessas ocasiões, é claro, não há nenhuma semelhança com Cristo.
- Atenha-se ao sentido mais *amplo* de analogia que o próprio Novo Testamento ensina e não caia na tentação de sair adivinhando todos os tipos de outras semelhanças encontradas em detalhes de uma passagem do Antigo Testamento. Por exemplo, o tabernáculo era o principal lugar da

presença de Deus em meio a seu povo e o local onde se fazia o sacrifício para expiar os pecados e a impureza dos israelitas. Nesses dois aspectos, o Novo Testamento identifica Cristo como seu cumprimento. Ele agora é "Deus em nosso meio" e provê expiação e purificação do pecado, bem como acesso a Deus. Mas algumas pessoas vão além e encontram toda sorte de significado nos tecidos coloridos e nas pedras preciosas usados na construção do tabernáculo — tudo muito criativo, mas cheio de distrações e sem base bíblica.

Exemplo

Certa vez, preguei sobre Juízes 3.7-11, que relata a pequena história de Otoniel, no início de uma série sobre o livro de Juízes. Eu queria mostrar como Otoniel dita o padrão para os outros juízes do livro. Mas também desejava explicar por que juízes como ele foram incluídos em Hebreus 11 como exemplos de fé em ação (a despeito de alguns deles, como

Sansão, terem feito coisas muito estranhas). De maneira simples:

- Otoniel foi escolhido por Deus (Deus o levantou).
- O Espírito de Deus operava nele.
- Foi um agente da salvação divina — endireitou as coisas para Israel e livrou o povo de seus inimigos.
- Ele trouxe a paz (ou o descanso) de Deus.

Nesses aspectos, portanto, Otoniel é um modelo do tipo de líder que Deus chamava e usava naquela época, quando eles agiam com fé e obediência. Mas Juízes como um todo pinta um quadro sombrio do pecado humano e do mal que prossegue sem parar e vai ficando cada vez pior. Nem mesmo o maior dos juízes seria capaz de impedir que isso acontecesse no longo prazo. O livro aponta para além de si, revelando a grande perversidade da humanidade caída e, em última instância, para a grande solução de Deus, encontrada naquele

que veio endireitar as coisas de uma vez por todas.

Então, destaquei brevemente como Otoniel, em todo o seu caráter enigmático, funciona como um minúsculo exemplo de Cristo nesses aspectos. Pois Cristo foi escolhido e levantado por Deus para ser o Messias ungido. Ele era cheio do Espírito Santo de Deus. Cristo veio salvar e livrar seu povo, não só na terra de Canaã, mas no mundo inteiro. E Cristo trouxe paz — paz com Deus e uns com os outros. Tentei seguir o exemplo de Hebreus 11, que conclui não nos dizendo que concentremos os olhos nesses grandes heróis da fé do Antigo Testamento, mas, sim, que "mantenhamos o olhar firme em Jesus" (Hb 12.2). Assim, no sermão como um todo, preguei principalmente sobre a história em si, dentro de seu contexto encontrado especialmente em Juízes 2. Não preguei que Juízes 3 é "todo *sobre* Jesus", mas estabeleci um ponto de contato entre essa passagem e Cristo, chamando atenção para uma semelhança entre a obra de juízes como Otoniel e a obra suprema de Cristo.

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DE CONTRASTES

E, agora, algo completamente diferente! Às vezes, podemos criar um ponto de contato entre o Antigo Testamento e Cristo (ou o Novo Testamento de modo geral) ao identificar não uma semelhança, mas uma clara diferença ou contraste. Alguns desses contrastes são amplos e óbvios e os conhecemos como elementos essenciais do próprio evangelho. Estes, por exemplo, você não pode deixar de perceber:

- Adão e Eva desobedeceram e nos trouxeram a morte. Cristo, o último Adão, obedeceu e nos trouxe vida.
- O Antigo Testamento mostra o pecado em todas as suas dimensões. Cristo traz salvação em todas as suas dimensões.
- A aliança com Israel foi feita por intermédio de Moisés no monte Sinai, selada com o sangue do sacrifício de animais e requeria a obediência à lei. A nova aliança foi feita por meio de Cristo, selada

com o sangue de seu sacrifício e requer a obediência da fé mediante o Espírito Santo.

- No Antigo Testamento, ninguém podia entrar na presença de Deus no lugar santíssimo do templo, com exceção do sumo sacerdote uma vez por ano no Dia da Expiação. No momento da morte de Cristo, o véu do templo dramaticamente se rasgou em dois de alto a baixo, pois o sacrifício de Jesus abriu o caminho para entrarmos na presença de Deus.
- No Antigo Testamento, Deus redimiu uma nação, Israel, e as outras nações ainda não estavam incluídas no povo de Deus. Em Cristo, Deus estende a redenção a todas as nações, e os gentios são incluídos em sua família.
- A história do Antigo Testamento ocorre principalmente em uma terra, que fora prometida e dada a um povo. Cristo mandou seus discípulos levarem as boas-novas aos confins da terra e a todos os povos (como o próprio Antigo Testamento já tinha prometido).

Então, se estivermos pregando um texto do Antigo Testamento que fale algo a respeito de pecado ou

fracasso (e há muitos!), podemos apontar para a salvação que somente Cristo proporciona. Se ensinarmos um texto no qual encontramos restrições ou limitações que sabemos terem sido retiradas ou abolidas por Jesus, podemos mencionar esse fato. Caso a passagem se concentre em algo que afetou somente Israel em sua terra, podemos chamar atenção para a história bíblica mais ampla que abrange todas as nações e toda a terra.

Contudo, assim como antes, precisamos tomar cuidado com nosso modo de lidar com aparentes contrastes e diferenças. Não devemos apenas pintar um quadro escuro e negativo do Antigo Testamento a fim de fazer o evangelho brilhar com esplendor. Esse é o tipo errado de contraste.

Aqui estão algumas coisas que fazem diferença significativa.

A história faz diferença

O principal motivo para a existência de diferenças e contrastes entre o Antigo e o Novo Testamento é o movimento histórico da grande obra redentora de Deus. Do início ao fim dessa história, as coisas avançam e mudam. Por isso, aquilo que era aceito por

Deus em uma etapa não é mais a maneira certa de se comportar mais adiante. Isso não significa, porém, que há *contradição* entre o Antigo e o Novo Testamento. Em vez disso, há desenvolvimento e progresso, à medida que Deus revela cada vez mais a respeito de si e continua a agir, salvar, julgar e ensinar de muitas maneiras diferentes, ao longo de várias gerações.

Existem mudanças e contrastes muito substanciais entre quem eu sou agora, na idade adulta, e o que era quando criança. Há coisas que eram certas e boas naqueles primeiros anos, mas que não seriam agora. Há coisas que eu não podia fazer naquela época, mas posso agora, e coisas que então às vezes tinha permissão de fazer e que não seriam apropriadas hoje. Mas isso não quer dizer que minha fase adulta *contradiz* minha infância ou que, de algum modo, anula sua importância. Aqueles primeiros anos foram um período importante de aprendizado e crescimento, um *preparo* essencial para quem eu me tornei como adulto. Tudo faz parte da única longa história de toda a minha vida (até aqui).

Por isso é tão importante ajudar as pessoas a verem que a Bíblia, como um todo, é uma história contínua

(como a vida de uma pessoa, porém muitas vezes mais longa!). É necessário relembrarmos os símbolos do capítulo 2. É claro que existem diferenças entre o que lemos no Ato 3 e o momento no qual nos encontramos, no Ato 5. Mas isso ocorre exatamente porque são *atos*, etapas. Nosso Deus é o Deus vivo da história, e ele não fez tudo ao mesmo tempo, nem revelou todas as coisas de uma vez.

Cristo faz diferença

Entre o Ato 3 e o 5 se encontra, é claro, o Ato 4 — as histórias do evangelho sobre Jesus Cristo. E é *isso* que faz toda a diferença. Tudo aquilo que Deus prometeu no Antigo Testamento foi ou será cumprido por intermédio de Cristo. Muitas coisas que estavam conectadas, de alguma maneira, à forma original dessas promessas no Antigo Testamento mudaram porque Cristo veio. É Cristo quem faz a diferença. É ele quem causa o contraste entre o Antigo e o Novo Testamento.

Isso significa que, quando observamos algo no Antigo Testamento que sabemos que mudou, ou quando o Antigo Testamento ordena alguma coisa que não praticamos mais, ou ainda quando notamos

um forte contraste entre aquilo que os israelitas receberam a ordem ou a permissão de fazer e como os cristãos se comportam, devemos fazer a pergunta vital: "O que em *Cristo* (quem ele foi e o que realizou) fez essa diferença ou causou esse contraste?".

Não devemos apenas dar de ombros e dizer: "Bem, todas essas coisas são lá do Antigo Testamento, que não se aplica mais a nós, então pode esquecer". Nada disso! Devemos procurar *razões bíblicas e teológicas* para a mudança. Vejamos alguns exemplos, começando com um que deve ser conhecido e óbvio.

Exemplo: sacrifício

Nós, cristãos, levamos um cordeiro para o local de culto, encontramos um sacerdote que nos ajuda a sacrificá-lo depois de confessarmos nossos pecados sobre sua cabeça e então derramamos o sangue que representa a vida sobre o altar? Claro que não. No entanto, os israelitas do Antigo Testamento fizeram isso por séculos. Existem leis ordenando essa prática no Antigo Testamento que nós não

obedecemos. O que fez a diferença? Sabemos a resposta porque o Novo Testamento explicita esse contraste com muita clareza, em muitas passagens, sobretudo em Hebreus. O próprio Jesus fez o sacrifício definitivo de si mesmo, carregando sobre seu próprio corpo na cruz os nossos pecados. Seu sangue realizou a expiação perfeita pelos pecados do mundo inteiro. E por meio de Cristo nós temos acesso à presença de Deus, sem a necessidade de sacerdote oficiante, altar ou templo. Aliás, o próprio Cristo *é* esse templo, a morada de Deus conosco. Assim, o *contraste* absoluto entre o que os israelitas do Antigo Testamento eram *ordenados* a fazer e o que somos *proibidos* de fazer se explica por causa *do que Cristo fez.* Portanto, se estamos pregando sobre os sacrifícios do Antigo Testamento, precisamos mostrar como eles prepararam o caminho para o sacrifício de Cristo e nos ajudam a entender seu significado.

Exemplo: alimentos

E a questão dos alimentos? Nós, cristãos, tomamos o cuidado de evitar todos os

alimentos considerados imundos em Levítico (em especial a carne de porco) e de nunca misturar derivados do leite com derivados da carne? A maioria de nós nem se dá o trabalho de pensar nessas distinções entre "puro/impuro" do Antigo Testamento.[2] Mas por que não? Muitas pessoas, ao ouvir essa pergunta, provavelmente diriam: "Porque essas ordens estão no Antigo Testamento". Mas tal resposta não é boa o bastante. O mandamento "Não adulterarás" também vem do Antigo Testamento, mas não dizemos que ele não se aplica mais. Em vez disso, precisamos perguntar: "Que diferença *Cristo* fez em relação às leis alimentares, proporcionando um contraste tão grande entre o passado e o presente?".

A fim de responder a essa pergunta, é necessário fazer outra: "Qual era o objetivo da distinção entre alimentos puros e impuros naquela época?". A resposta se encontra em **Levítico 20.25-26**. Era simbólico. Tratava-se de um constante lembrete a Israel de que Deus

fez distinção entre os israelitas, como o povo de sua aliança, e o restante das nações — naquele ponto da história. Toda vez que cozinhavam uma refeição, eram lembrados de que haviam sido chamados para ser diferentes das nações ao redor. Na era do Antigo Testamento, a distinção entre judeus e gentios era fundamental para o propósito de Deus, uma vez que ele estava levando salvação a todo o mundo *por meio de* Israel.

Mas Cristo, o Messias de Israel, levou salvação ao mundo *inteiro*, cumprindo a promessa divina a Abraão. Logo, *em Cristo*, essa distinção entre judeus e gentios foi abolida. Em Cristo, Deus nos uniu em uma nova humanidade, conforme explica Paulo (Gl 3; Ef 2—3). Por isso, uma vez que a distinção entre judeus e gentios na era do Antigo Testamento foi abolida em Cristo, a lei que simbolizava essa diferença foi igualmente abolida. Foi isso que Deus precisou ensinar a Pedro em visão, a fim de prepará-lo a ir até a casa do gentio Cornélio para pregar o evangelho à sua casa (At 10).

Exemplo: violência, vingança e maldições

Esse caso, sem dúvida, é mais difícil. Um dos maiores contrastes que a maioria de nós percebe entre o Antigo e o Novo Testamento é como há violência, vingança e maldições no Antigo, ao passo que tais coisas são proibidas no Novo. Isso é verdade; mais uma vez, porém, precisamos ter cuidado para não desconsiderar o Antigo Testamento sem maiores explicações.[3]

Em primeiro lugar, precisamos lembrar que o Ato 3 da história bíblica envolveu a terra e a nação de Israel que, muito embora fosse o povo da aliança com Deus, continuava a ser pecador, vivendo em meio a um mundo caído de nações cujos conflitos e guerras eram tão comuns quanto hoje. Deus não salvou o mundo enquanto permanecia distante, lá no céu. Ele se envolveu no mundo real, e o mundo real é um lugar vil. O Antigo Testamento não retoca a história, mas conta como ela foi.

E que diferença Cristo fez? Ele venceu a batalha final contra o pecado e o mal, absorvendo-o e derrotando-o na cruz. O povo de Deus em Cristo não é mais formado por uma única nação que cultiva e defende um único território. Pelo contrário, trata-se de uma comunidade multinacional sem fronteiras. A igreja ultrapassa todas as barreiras e somos chamados, pelo Príncipe da Paz, para ser pacificadores e agentes de reconciliação no mundo por meio de Cristo, e não para travar guerras e empreender conquistas.

Em segundo lugar, devemos lembrar que os israelitas criam que o SENHOR era um Deus de justiça. Ele diz diversas vezes que derrubará os opressores ímpios, mas resgatará e ajudará os pobres e necessitados. Os israelitas experimentaram esse ato de Deus em favor deles no êxodo e em muitas ocasiões depois disso. Devemos, então, colocar dentro desse contexto as orações pedindo vingança e as maldições aos inimigos. Eles estavam apelando a Deus que fizesse aquilo que ele disse que

faria aos ímpios — mas que o fizesse depressa, por favor.

E que diferença Cristo fez? Ele tomou sobre si a grande maldição divina, sofrendo em nosso lugar o peso total do justo juízo de Deus. Por isso, embora ele ainda nos convide a ter fome e sede de justiça e a pedir que a vontade de Deus se faça aqui na terra como no céu, nosso caminho agora deve ser o da cruz, um caminho de sofrimento e amor que perdoa. Devemos abençoar, e não amaldiçoar; renunciar à vingança e vencer o mal com o bem; perdoar assim como Deus nos perdoou em Cristo.

Assim, precisamos ensinar o Antigo Testamento de uma maneira que mostre apropriadamente em que pontos o evangelho de Cristo e seu procedimento fizeram diferença e estabeleceram contrastes como os citados acima. Mas não devemos fazê-lo de uma maneira que denuncie ou macule o Novo Testamento em si. Em vez disso, devemos mostrar como, no grande fluxo da história bíblica, Cristo fez a diferença. E, agora,

vivemos em resposta a tudo aquilo que ele realizou e ensinou no Ato 4.

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DA RESPOSTA QUE O TEXTO REQUER

"Vivemos em resposta", acabei de dizer. Sim, e o mesmo ocorria com os israelitas do Antigo Testamento. A vida do povo de Deus (tanto na era do Antigo quanto do Novo Testamento) sempre consiste em uma resposta àquilo que Deus fez e disse. É por isso que nossa pregação da Palavra de Deus, baseada em qualquer parte das Escrituras, deve ser voltada para o coração e a vontade das pessoas — em busca de uma resposta. Sempre que estudamos qualquer passagem bíblica a fim de pregá-la, devemos nos perguntar: "Que resposta este texto evocava na época? O que o autor ou orador dessas palavras esperava que seus leitores ou ouvintes fizessem? Qual era o *objetivo* desse texto quando foi escrito e depois lido no meio do povo de Deus?". Em seguida, podemos prosseguir e questionar: "Que resposta desejo despertar em meus

ouvintes ao *pregar* este texto no mundo atual — uma resposta que, de alguma maneira, corresponda ao objetivo da passagem em si?". Não basta explicar o texto. Não basta nem mesmo estabelecer algum ponto de contato com Cristo. Precisa haver um momento do tipo "E daí?". A Palavra de Deus requer uma resposta, e parte de nossa tarefa ao pregar e ensinar é deixar isso absolutamente claro.

Quando estou pregando sobre o Antigo Testamento, descubro com frequência que o tipo de resposta que o texto requer pode se conectar muito bem com os cristãos. Isso não deveria ser motivo de surpresa, já que, afinal de contas, a história do Antigo Testamento faz parte de nossa história. Pertencemos ao mesmo povo de Abraão, por meio de Cristo. Adoramos ao mesmo Deus vivo. Somos chamados para a mesma missão — servir a Deus no mundo, dar testemunho entre as nações, viver e andar nos caminhos do Senhor. Por isso, quando as Escrituras do Antigo Testamento pronunciaram aos israelitas palavras de ânimo, bênção, promessa e esperança, ou palavras de ordem e exortação, ou ainda palavras de repreensão, desafio e juízo, nós podemos "dar

ouvidos", sabendo que o mesmo Deus continua a nos falar das mesmas maneiras.

Mas é claro que preciso me lembrar a todo momento que *não* estou pregando a israelitas do Antigo Testamento, mesmo que o texto usado tenha sido falado ou escrito primeiro para eles. Dirijo-me a pessoas que conhecem o Senhor Jesus Cristo (presumindo que é um sermão para cristãos; mas, mesmo que não seja, eu estaria chamando as pessoas, em tom evangelístico, a aceitar a fé em Cristo). Prego usando as palavras escritas no Ato 3 para pessoas que vivem no Ato 5 e não posso ignorar o Ato 4. É necessário convidar as pessoas a responder a Deus, assim como fazia o Antigo Testamento. Mas devo fazê-lo dentro do contexto daquilo que Deus fez por intermédio de Cristo. O que isso quer dizer? Veja um exemplo a seguir.

Exemplo

Amo pregar sobre **Êxodo 19.1-6**. Deus estava falando aos israelitas depois de tirá-los do Egito e conduzi-los até o monte Sinai. Conta-lhes o

que deseja que sejam para ele no mundo: um povo sacerdotal e santo, em meio às nações. E lhes diz como eles podem ser esse povo, guardando sua aliança e obedecendo-lhe. Todos esses pontos podem se aplicar aos cristãos. Aliás, Pedro faz exatamente isso em 1Pedro 2.9-12. Podemos explorar, na pregação, o que significava para Israel ser "santo" (talvez fazendo menção a Lv 19) e obedecer à lei de Deus, e como isso deveria moldar sua vida como sociedade para ser uma testemunha às nações. Os israelitas seriam "sacerdotes" ao levar o conhecimento de Deus às nações (assim como os sacerdotes de Israel deveriam ensinar as leis divinas ao restante do povo). Também seriam "sacerdotes" ao funcionar como o meio usado por Deus para atrair as nações para si (assim como os sacerdotes de Israel conduziam as pessoas de volta à comunhão com Deus por meio dos sacrifícios). Então, podemos aplicar tais pensamentos à maneira pela qual os cristãos devem ter uma vida tão distinta ("santa") entre as nações que Deus se torne conhecido ao

mundo e o mundo seja trazido para Deus (1Pe 2.12). Tudo isso está muito imbuído de missão, requer uma resposta, é muito prático e muito passível de ser pregado.

Aqui, porém, vem um momento crucial. O que Deus realmente disse *antes de tudo* para os israelitas em Êxodo 19.4? Apontou para *a própria iniciativa da graça salvadora* ao resgatar os israelitas da escravidão do Egito. "Vocês viram o que eu fiz", Deus diz. E, de fato, eles haviam visto. Apenas três meses antes eles eram escravos, sofrendo opressão, exploração e genocídio ordenado pelo Estado. Mas agora eram livres. Deus os salvara. *E é com base nisso* que Deus pede uma resposta da parte deles. A obediência à lei de Deus deveria ser motivada pela experiência da graça salvadora divina.

Para onde isso nos direciona? Diretamente a Cristo e à "partida [*êxodo*] [...] que estava para se cumprir em Jerusalém" (conforme conta Lucas em seu relato da conversa de Jesus com Moisés e Elias na transfiguração, Lc 9.31). Assim, estabeleço o ponto de contato entre o êxodo do Antigo Testamento e Cristo como

nosso Redentor, usando-o para falar sobre a resposta que o texto requer: santidade e obediência a Deus. Nós também somos chamados a uma vida santa que agrade e honre a Deus (note como Pedro usa Êx 19.3-6 em 1Pe 2.9-12). Assim como Israel, porém, devemos colocar toda a nossa obediência no contexto da graça redentora do Senhor, e, para os cristãos, isso nos leva a Cristo. É como se Deus apontasse para a cruz de Cristo e dissesse: "Vocês viram o que eu realizei. Agora, então, como viverão em resposta àquilo que fiz por vocês?". Aí nossa resposta se torna cristocêntrica e motivada pelo evangelho.

É claro que há muitas outras respostas que os textos bíblicos pedem além da obediência. No Antigo Testamento, descobrimos que Deus fala por meio de histórias, das leis, dos profetas, dos salmos e de homens e mulheres sábios. E espera-se todo tipo de resposta: confiança, perseverança, coragem, esperança, alegria, tristeza, arrependimento, vida sábia ou algum

ato específico de obediência. Em geral, encontramos ecos dessas mesmas respostas conclamadas pela pregação de Jesus nos Evangelhos e no restante do Novo Testamento. Podemos criar esses pontos de contato, mantendo-os ancorados em Cristo e motivados pela graça do evangelho.

CRIE PONTOS DE CONTATO COM CRISTO POR MEIO DO EVANGELHO DA GRAÇA

Mencionei este ponto por último não por ser o menos importante, mas justamente por ser o mais importante. Esse é o fundamento de tudo que foi dito anteriormente. Um ensino fiel à Bíblia deve produzir — e produz — uma resposta, conforme acabamos de dizer. E a resposta das pessoas deve, pela presença e a obra do Espírito Santo, refletir a resposta que o texto bíblico em si busca produzir. Queremos que as pessoas pensem, sintam e ajam em harmonia com aquilo que Deus diz em sua Palavra em qualquer texto que abrirmos durante nossa pregação.

No entanto, a resposta à Palavra de Deus pode (e deve) criar uma crise. É a crise do "Como eu posso"?

- Como eu posso viver da maneira desejada por Deus?
- Como eu posso me arrepender mesmo sabendo que não quero?
- Como eu posso confiar em Deus e suas promessas, dando um passo de fé?
- Como eu posso louvar e agradecer a Deus mesmo tendo uma vida tão dura e me sentindo tão abandonado?
- Como eu posso ser fiel a Deus no mundo, cercado por todos os deuses e ídolos das pessoas ao meu redor?
- Como eu posso trazer o testemunho de Deus quando estou claramente assustado?
- Como eu posso buscar justiça e paz no mundo enquanto o mal é tão poderoso e eu me sinto tão pequeno e fraco?
- Como eu posso viver com esse sofrimento enquanto Deus parece tão distante?
- Como eu posso ser íntegro e verdadeiro, vivendo em um mundo que força as pessoas a se corromper apenas para sobreviver?
- Como eu posso crer na soberania de Deus no mundo contemporâneo se tanta coisa parece

destoar de sua vontade?
- Como eu posso encontrar satisfação na vida e no trabalho se tudo um dia terminará em morte de qualquer maneira?

As pessoas do Antigo Testamento também lutaram com todos esses questionamentos. E todos eles surgiram por causa da resposta que a Palavra de Deus os desafiou a dar, de uma maneira ou de outra. Diversas vezes, o Antigo Testamento reconhece que a resposta mais honesta a muitas dessas perguntas é simplesmente "Eu não posso". Foi exatamente essa a resposta que ouvimos de Moisés, Gideão e Jeremias quando Deus os chamou a servi-lo. E foi isso que Josué disse ao povo de Israel quando este respondeu entusiasmado que *serviria* somente ao SENHOR Deus. Sem qualquer rodeio ou bajulação, Josué lhes disse com toda a franqueza: "Vocês não são capazes de servir ao SENHOR" (Js 24.19). De maneira semelhante, tanto Deus quanto Moisés advertiram os israelitas de que eles falhariam em fazer tudo que o Senhor queria e que acabariam sofrendo seu juízo (Dt 29.22-28; 31.20-21,24-29).

A difícil verdade, portanto, é que a Palavra de Deus, de um lado, nos leva a ver a resposta que *deveríamos* dar, mas, de outro, também nos diz impiedosamente que *falharemos* em responder bem, ou plenamente, ou seja como for.

E, se nossa pregação for fiel à Palavra de Deus, sobretudo ao pregar e ensinar com base no Antigo Testamento, ela deve produzir esse efeito *duplo*.

- Nossa pregação deve apresentar com muita clareza aquilo que Deus espera, anseia e busca de nós como seu povo. Essa é a forma que ele *deseja* que nós vivamos. Esses são os padrões divinos. E devemos dar às pessoas todo tipo possível de incentivo para que respondam de maneira positiva. Apelamos por Deus, conclamando os ouvintes a que o amem e lhe obedeçam de todo o coração e de toda a alma.
- Mas, porém, todavia... lá no fundo conhecemos muito bem nossas fraquezas e falhas e, mesmo que nosso coração responda com um fervoroso "Amém!" ao que a Bíblia nos orienta, sabemos que nossa vontade e nossos atos nem sempre obedecerão. Sabemos que fracassamos "por

> fraqueza, negligência e falha pessoal deliberada" (conforme declara a oração de confissão anglicana). E nossa pregação precisa reconhecer esse fato.

O que, então, o pregador deve fazer?

Bem, sempre é possível gritar cada vez mais alto, e muitos pregadores fazem exatamente isso! Você pode simplesmente martelar nas pessoas aquilo que elas devem ou não fazer. Pode enchê-las de culpa e tentar aumentar-lhes a coragem. Pode exortar, incomodar, advertir e ameaçar. Mas nada disso resolverá o problema do "Eu não posso". Porque esse tipo de pregação não passa de legalismo ou moralismo. Limita-se à pregação de regras e obrigações, de tudo aquilo que os cristãos devem fazer ou não. Ou resume-se a dizer às pessoas o tempo inteiro que tentem com mais afinco fazer melhor, fazer mais, amar mais, se importar mais, ofertar mais (especialmente isso).

Não, quando nossa pregação apresenta a resposta que Deus quer, mas também mostra como nos encontramos longe dela (o pregador inclusive), é nesse momento que *devemos* anunciar Cristo. A

pregação fiel da Bíblia (em especial do Antigo Testamento) deve produzir um *vazio no formato de Cristo*, uma sensação desesperadora de nossa necessidade da graça e do poder de Deus que só provêm do evangelho. Por essa razão, a pregação com base no Antigo Testamento deve ser centrada no evangelho, *não* por ser evangelística sempre, mas porque sempre nos leva a ver que o evangelho da graça salvadora de Deus mediante Jesus Cristo é o próprio coração, centro, objetivo e propósito de toda a Bíblia, do início ao fim. Em última instância, é *para isso* que toda a história das Escrituras serve.

Isso não quer dizer que, depois de estabelecer o ponto de contato com Cristo e a graça do evangelho, simplesmente liberamos as pessoas da resposta que elas precisam dar à Palavra de Deus. Longe disso. É a graça do evangelho que *gera* a resposta certa — de fé, arrependimento ou obediência — na prática. É por isso que Paulo disse que o trabalho de sua vida inteira tinha o objetivo de produzir "dentre todas as nações [...] a obediência que vem pela fé" (Rm 1.5, NVI). Ele queria levar as pessoas primeiro à fé em Cristo, por meio do evangelho e da pregação das Escrituras (o Antigo Testamento, não se esqueça). Mas depois

desejava que aqueles que haviam aceitado a fé a colocassem em prática, pelo poder do Espírito Santo que habitava em seu interior, em vidas transformadas que eram a prova e o fruto do evangelho da fé.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Se tiver anotações de sermões que você já pregou ou estudos que ministrou no passado sobre textos do Antigo Testamento, pegue-os para ler de novo. Você criou algum ponto de contato com Cristo em alguma das maneiras mencionadas acima? Relacionou o texto de alguma forma ao evangelho da graça? Se não, que revisões gostaria de fazer para pregar ou ensinar esse material novamente?
2. Veja a tabela da seção 3. Selecione textos bíblicos que ilustram cada uma das caixas: as passagens do Antigo Testamento na coluna à esquerda e as do Novo Testamento na coluna à direita.
3. Prepare um sermão ou estudo, ou uma série de sermões ou estudos sobre algum dos textos a seguir:

    - Deuteronômio 6.1-9

- Deuteronômio 30.11-20
- 1Samuel 3
- Isaías 52.7-10
- Oseias 6.1-16

Seu objetivo é entender, explicar e aplicar o texto em si. Mas reflita também em como é possível criar um ponto de contato entre o texto e Cristo, de qualquer uma das maneiras mencionadas neste capítulo.

Parte 2

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NO ANTIGO TESTAMENTO?

6

A HISTÓRIA DE DEUS E AS NOSSAS HISTÓRIAS

Todo mundo ama uma boa história. Contar histórias faz parte da vida humana, desde o início da infância. As crianças amam ouvir histórias muito antes de saberem ler sozinhas. As histórias são interessantes e empolgantes. Conseguimos nos lembrar delas muito tempo depois de havermos esquecido outras coisas. Vários pregadores sabem disso muito bem e passam a maior parte do sermão contando histórias. O único problema é que, com frequência, as histórias que os pregadores contam são da própria vida (ou tiradas de algum livro de "ilustrações de sermão"), embora a própria Bíblia — o livro que Deus nos deixou — seja

uma grande história como um todo, repleta de histórias menores. Muitas congregações sobrevivem com uma dieta pobre de "histórias do pregador", sem nunca desfrutar o maravilhoso banquete das histórias bíblicas, com exceção, talvez, de quando eram crianças, e mesmo então eram apenas umas poucas histórias eficientes e assépticas, consideradas "apropriadas".

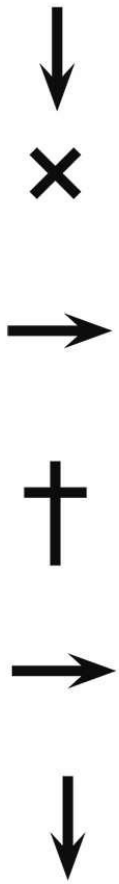
A HISTÓRIA QUE DEUS NOS DEIXOU

Na Bíblia, Deus nos contou uma *única grande história* que abrange todo o espaço e tempo. Essa única grande história é repartida em várias *mega-histórias* que envolvem pedaços inteiros da história. E cada uma dessas mega-histórias é formada por muitas *pequenas histórias* — as que costumam vir à nossa mente quando falamos sobre as "histórias da Bíblia". Vamos refletir por um instante em todos os três níveis da história na Bíblia, pois isso será importante depois. Confira um conteúdo mais detalhado no Anexo 1.

A única grande história da Bíblia

Ela pode ser contada muito rapidamente. Veja mais uma vez os seis símbolos do capítulo 2. Eles nos

mostram a Bíblia inteira nas costas de um envelope.



1. Deus criou o mundo e tudo que nele há, inclusive a raça humana, feita à imagem divina.
2. Nós nos rebelamos contra Deus e enchemos o mundo de caos e maldade.
3. Deus prometeu a Abraão que reverteria essa situação, levando bênção e salvação ao mundo por intermédio de seu povo, o Israel do Antigo Testamento, muito embora os israelitas tenham pecado e falhado.
4. Deus cumpriu sua promessa por intermédio de seu Filho, Jesus Cristo, que resolveu o problema do pecado e do mal mediante sua morte e ressurreição.
5. Desde então, os seguidores de Jesus têm se esforçado, pelo poder do Espírito Santo, para levar as boas-novas da salvação a pessoas do mundo inteiro.
6. Jesus Cristo voltará e, após o juízo final e a destruição de tudo que é mau, Deus viverá para sempre com seu povo remido de todas as nações, em uma nova criação.

Às vezes, isso é chamado de *metanarrativa* bíblica. Isso significa que é a narrativa que fica acima de todas as outras histórias da Bíblia e as inclui dentro de si. É o guarda-chuva que abrange toda a mensagem das Escrituras. E você pode ver que ela tem um princípio (criação) e um fim (nova criação, que, na verdade, é um novo princípio). Também é possível notar que,

bem no centro, como o ponto fundamental de toda a história, se encontra o Senhor Jesus Cristo e aquilo que Deus fez por meio dele.

Essa grande metanarrativa bíblica, ou única grande história, responde às perguntas fundamentais que todos os seres humanos fazem:

- O que é este mundo no qual nós vivemos?
- Quem nós somos e o que significa ser humano?
- O que deu errado e por que nos encontramos nesta bagunça?
- Qual é a solução para tudo que deu errado no mundo e em nós mesmos?
- Onde isso tudo dará e existe alguma esperança para o futuro?

Obviamente, as respostas que a Bíblia dá a essas questões, ao contar sua grande história, são a essência de nossa fé cristã. Nossa "cosmovisão" cristã, todas as doutrinas e a teologia cristã derivam dessa tremenda grande história das Escrituras. Todos os elementos centrais daquilo em que nós, cristãos, acreditamos são extraídos dessa grandiosa narrativa universal. Pense em todas as principais doutrinas cristãs, e você

perceberá como todas elas podem ser encontradas nesse importante relato: as doutrinas sobre Deus, a criação, a humanidade, o pecado, a salvação, a cristologia, a doutrina do Espírito Santo, a eclesiologia, a missão e a escatologia. Essas coisas não são crenças filosóficas abstratas. Elas sintetizam o sentido de todos os grandes momentos da história bíblica. Precisamos ter uma compreensão conectada de nossa fé, uma cosmovisão consistente. E, para isso, precisamos apreender a história bíblica como um todo, como uma única grande história.

As mega-histórias dentro da Bíblia

São os blocos de narrativa que abordam as principais etapas dentro do guarda-chuva da história bíblica inteira. É possível encontrar vários grandes blocos narrativos no Antigo Testamento. Por exemplo:

- Há o período da promessa de Deus a Abraão até o estabelecimento de Davi no trono.
- Depois, há o período de Salomão até o exílio.
- Em seguida, vem o período da volta do exílio até a vinda de Cristo.

Essas são as três grandes divisões que Mateus enxerga ao comentar sobre a genealogia de Jesus (Mt 1.1-17).

Depois, dentro desses megablocos, encontram-se as grandes seções narrativas "interligadas", como a vida de Abraão, ou o êxodo e o período no deserto, ou a ocupação da terra e o período dos juízes, ou o período desde o nascimento de Jesus até a chegada de Paulo a Roma (que abrange as duas obras de Lucas, seu Evangelho e Atos), e assim por diante. Às vezes, um livro inteiro se dedica a apenas um grande período da história bíblica, como Josué ou Atos.

Precisamos conhecer os amplos esboços dessas mega-histórias dentro da Bíblia. Com frequência, eles transmitem uma mensagem em maior escala, que enfatizam por meio das histórias menores. Por exemplo:

- A mensagem predominante da mega-história de Abraão até Davi é que Deus cumpre suas promessas, a despeito dos muitos obstáculos ao longo do caminho. Deus é fiel. Precisamos manter essa mensagem em mente sempre que lermos

qualquer uma das histórias menores dentro da maior.

- A mensagem predominante do período de Salomão até o exílio é que Deus foi paciente com as gerações pecadoras de Israel ao longo de muitos séculos. Em todo esse tempo, os israelitas foram piorando cada vez mais na rejeição a Deus e a seus mandamentos, mas, no fim, o Senhor agiu em justificado juízo. Foi o pecado de Israel que quase o levou à sua própria destruição. Deus é justo.

Quando entendemos a mensagem ampla dessas mega-histórias, isso nos ajuda a ler as histórias pequenas da perspectiva correta, em seu contexto.

As pequenas histórias

Existem centenas de episódios que acontecem dentro dessas narrativas mais amplas. Cada um deles é uma história em si, mas está ligado aos outros, formando o todo maior. É possível haver muitas pequenas histórias dentro de uma narrativa (ou mega-história). Pode ser difícil traduzir esses conceitos em alguns idiomas, mas, em português, podemos distinguir os

três níveis da seguinte maneira (do menor para o maior):

- *Histórias:* as histórias pequenas, individuais. Cada uma delas conta um evento que envolve um personagem principal ou alguns deles e um curto período de tempo.
- *Narrativas:* os blocos narrativos maiores (mega-histórias), compostos de muitas histórias menores, falam sobre um período distinto significativo, que abrange um intervalo temporal mais longo.
- *A metanarrativa:* o grande formato abrangente de toda a Bíblia, que apresenta sua mensagem e verdade essencial.

É importante pensar em todos os três níveis quando pregamos ou ensinamos as histórias bíblicas. É claro que, em geral, você estará pregando sobre uma das pequenas histórias das Escrituras. Mas é preciso enxergar sua história (o texto do sermão ou da lição) dentro do contexto da narrativa mais longa da qual ela faz parte (que pode ser todo o livro da Bíblia no qual está inserida). Você não deve abordar uma história de maneira isolada e extrair dela umas poucas

lições de moral. Se você não fizer nada além de tirar algumas ideias de uma única história, sem visualizá-la em seu contexto mais amplo, pode acabar perdendo todo o fundamento da história. Você não reflete no motivo que levou o autor bíblico a incluir aquela história naquele ponto de sua narrativa mais ampla. E pode até correr o risco de distorcer o que escritor queria dizer, concentrando-se em detalhes *secundários* da história, sem interpretá-la à luz de seu *contexto mais amplo*. Explicarei mais sobre isso adiante. Por enquanto, a ideia central é esta:

Não leia uma história bíblica sem pensar na narrativa mais ampla da qual ela faz parte e no lugar dela dentro da grande história das Escrituras como um todo. Na verdade, isso não é diferente daquilo que você já sabe sobre a interpretação da Bíblia: *Leia todos os textos em seu contexto*. A única coisa que estamos fazendo aqui é expandir esse pensamento de um versículo ou uma passagem curta para as histórias bíblicas. Faça o mesmo. Leia de maneira contextualizada.

UM MUNDO DE HISTÓRIAS

A Bíblia inteira é uma história que contém diversas histórias. Mas é claro que ela não é o único livro no

mundo que faz isso. As histórias são encontradas em toda parte, em todas as culturas. Algumas delas são escritas, mas muitas são lembradas e narradas oralmente. Elas constituem uma parte muito importante da vida humana. Pensemos no que as histórias fazem e em como elas funcionam. Isso nos ajudará a apreciar ainda mais por que Deus decidiu fazer de seu livro, a Bíblia, uma grande história repleta de muitas histórias menores. Isso, por sua vez, nos ajuda a ter consciência de como é importante incluir as histórias bíblicas em nossas pregações e em nossos planos de ensino. Minha esperança é que, no mínimo, isso o inspire a usar as histórias da Bíblia em sermões e lições, e não só histórias da sua vida ou da vida de outras pessoas!

O que as histórias fazem?

De modo geral, há cinco coisas que as histórias fazem na sociedade humana. Quando pensarmos sobre esses cinco itens, veremos que todos eles também se aplicam à função das histórias dentro da Bíblia.

1. *É por meio de histórias que contamos aos outros quem somos.* Em meu trabalho, sou apresentado a

muitos auditórios diferentes, em igrejas, faculdades e reuniões públicas. A pessoa que vai me apresentar sempre me pergunta algo sobre "minha história". Assim, dependendo do tempo disponível, falo sobre o que aconteceu em minha vida em momentos importantes. Isso é quem eu sou. É claro que, como ser humano criado à imagem de Deus, sou muito mais do que minha história de vida. Mas é o relato dessa história (mesmo que um pedaço minúsculo dela) que ajuda as pessoas a me conhecer, mesmo sem nunca terem me visto antes. É claro também que aqueles que me conhecem melhor são os que partilharam um pedaço ou a maior parte dessa história comigo: familiares e amigos de longa data. As histórias são essenciais para a identidade pessoal. É por isso que Deus nos concedeu o dom maravilhoso da memória. Como amigos e parentes gostam de dizer: "Lembra quando...?" e contam uma história em comum mais uma vez! E é por isso também que consideramos uma tragédia pessoal tão terrível quando alguém perde a memória por demência ou acidente. É como se essa pessoa perdesse a identidade, aquilo que a

torna quem é — sua história. Para todos nós, a vida em si é uma história.

2. *É por meio de histórias que mantemos as comunidades unidas.* Pessoas que se uniram por uma experiência em comum contam histórias que mantêm viva essa memória. As histórias dizem: "É isto que somos por causa disso que nos aconteceu". Tais histórias podem ser muito antigas ou bem recentes. Na verdade, isso não importa — são as histórias em comum que todos conhecem. Eu cresci na Irlanda do Norte. A comunidade protestante contava vez após vez os relatos das vitórias do rei Guilherme III sobre as forças católicas de Jaime II em 1689-1690, celebrando-os anualmente em desfiles coloridos e barulhentos. Eles fazem isso há mais de trezentos anos. As histórias são parte de sua identidade.
3. Comunidades que compartilharam uma tragédia contam as histórias dessa época e criam vínculos por causa dessa experiência comum. Pode ser um desastre natural, um período de declínios e perdas econômicas ou a devastação provocada pela guerra. As histórias formam a memória cultural da comunidade. E se você tem uma parte nessa

história — uma história pessoal ligada à história da comunidade — então você faz parte. As pessoas sabem do que você está falando quando conta sua história.

4. *É por meio de histórias que expressamos e transmitimos valores morais.* Que histórias os pais contam para os filhos em seu país? É claro que muitas histórias infantis servem apenas para diversão e entretenimento. Com frequência, porém, as histórias transmitem uma mensagem. Elas dão exemplos de comportamentos que produzem bons resultados e de comportamentos que terminam em lágrimas ou coisa pior. São populares as histórias sobre animais. Alguns deles são bons e heroicos. Outros são enganadores, astutos e têm um fim terrível. Outros ainda são danadinhos, mas têm um final feliz. Ao ouvir essas histórias repetidas vezes, as crianças aprendem sobre a vida e os tipos de comportamento que vale a pena imitar, bem como quais evitar. As histórias transmitem valores que permanecerão ao longo de muitas gerações.
5. *É por meio de histórias que lidamos com o presente e temos a esperança de um futuro melhor.* As histórias

mais poderosas de qualquer cultura são as que ajudam a dar sentido ao porquê de as coisas serem como são no presente, sobretudo se o presente for doloroso (como a experiência da escravidão). Ao mesmo tempo, algumas histórias (como músicas) podem manter viva a esperança de um futuro melhor. As histórias são capazes de imaginar uma nova realidade e criar um novo mundo que podemos aguardar com expectativa.

6. *É por meio de histórias que podemos denunciar coisas que estão erradas e confrontá-las.* Em países onde há liberdade de expressão na imprensa e na mídia, uma das maneiras mais poderosas de desafiar a corrupção e os males da sociedade é contando histórias pessoais. Um jornal ou um documentário de TV conta a história de um indivíduo que sofreu injustiça nas mãos do "sistema". Essa história será contada novamente em outras mídias e muito se falará a seu respeito. Pode "viralizar" na internet. A história pode ser chocante. Talvez contrarie os pressupostos das pessoas acerca das autoridades. Com seu apelo humano, ela será mais poderosa que qualquer pesquisa, relatório e discurso político. Vamos nos lembrar da história

por muito mais tempo do que de um debate político.[1]

Todos os pontos acima são verdadeiros em relação àquilo que as histórias podem fazer na cultura humana de modo geral. É provável que você possa acrescentar outros pontos ao pensar nas histórias comuns ou que atualmente se encontram nos noticiários de seu país. Mas o que desejo ressaltar aqui é que *as histórias da Bíblia têm as mesmas funções e o mesmo poder*. Os cinco pontos a seguir revelam como a Bíblia faz as mesmas coisas mencionadas nos cinco pontos anteriores.

1. Como conhecemos quem foi Abraão, Davi, Ana, Eliseu ou até Jesus? Por meio de suas histórias. Sua identidade e seu caráter são revelados nas histórias bíblicas a seu respeito — sejam poucas ou muitas.
2. O que uniu o povo de Israel ao longo de milhares de anos? O constante recontar das histórias centrais de suas Escrituras. Os cristãos também são definidos como uma comunidade (mesmo em suas tantas culturas diferentes) por meio da

história evangélica central de Jesus de Nazaré e o que aconteceu a ele em seu nascimento, vida, morte e ressurreição. Essa história e as histórias dentro dela nos dizem quem somos como a comunidade dos seguidores de Cristo.

3. Como Israel sabia quem era seu Deus YHWH e como poderia viver de maneira agradável a ele? Contando as histórias de Deus em ação, sobretudo no relato do êxodo e de tudo que veio a seguir. Se YHWH era um Deus que agia com amor, compaixão e justiça, rejeitando as mentiras e o mal, seu povo deveria fazer o mesmo. As histórias do Antigo Testamento eram um projeto gigantesco de educação moral de uma cultura inteira. A mensagem era: "Esses somos nós, e é assim que nos comportamos por causa de nossa história".
4. E quando Israel estava sob provação, como mantinha a esperança? Recontando as histórias de como Deus resgatara o povo das mãos dos egípcios no passado e sabendo com isso que o Senhor era capaz de fazer o mesmo no futuro — e pintando retratos verbais de como seria esse futuro no tempo de Deus.

5. Quando o rei Davi precisou ser confrontado pelo adultério com Bate-Seba e a morte de Urias, o que o profeta Natã fez? Contou-lhe uma história, que Davi provavelmente imaginou tratar-se de um caso judicial, e deixou que o próprio rei julgasse a si mesmo. A história pegou Davi em autocondenação. E, se ainda necessitamos ser convencidos quanto ao poder das histórias, é só pensar nas parábolas de Jesus. Tantas delas são tão surpreendentes e chocantes — e denunciavam formas erradas de pensamento e atitudes. E nos lembramos muito melhor delas do que se Jesus começasse a fazer discursos políticos...

Por isso, quando pregamos sobre as histórias bíblicas, elas não são "*apenas histórias da Bíblia*", pequenas peças de interesse localizado, como uma atração turística, da qual podemos extrair algumas lições superficiais. Em vez disso, elas consistem em ferramentas poderosas nas mãos do Deus que as deixou para nós. As histórias realizam um grande trabalho em nosso coração e em nossa mente. Deus sabe disso. Então, preguemos e ensinemos as histórias

que Deus nos deixou e permitamos que elas realizem a obra que ele planejou.

O que faz as histórias funcionarem?

Será que podemos identificar o que faz as histórias funcionarem dessa maneira? Se conseguirmos, isso nos ajudará quando estivermos lidando com as histórias do Antigo Testamento. Se soubermos como as histórias fazem sua obra de modo geral, podemos "trabalhar com elas" ao pregar e ensinar sobre essas histórias bíblicas. A seguir estão alguns elementos que tornam as histórias ativas e dinâmicas, mostrando por que elas funcionam tão bem. Os pontos adiante são indicativos de *boas* histórias. Não estou dizendo que são histórias sobre pessoas boas, mas, sim, narrativas bem construídas que resistiram ao teste do tempo. Tais histórias duram gerações. Nesse sentido, o motivo para as histórias bíblicas serem tão conhecidas em meio às culturas que foram impactadas pela fé cristã não é somente por estarem na Bíblia, mas por serem histórias tão poderosamente "boas", ou seja, tão memoráveis que continuam a "fazer sua obra" em nossa mente e em nosso coração repetidamente.

Os elementos a seguir se aplicam a histórias de modo geral. No próximo capítulo, veremos alguns exemplos nas histórias do Antigo Testamento.

Uma boa história atrai nosso interesse *e nossa* imaginação

Todo pregador sabe disso de maneira instintiva. Se a congregação parece um pouco indiferente ao seu sermão — talvez aparentando um pouco de tédio — e você começar a contar uma história, mesmo antes de passar da primeira ou segunda frase, é provável que veja o interesse crescer. As pessoas gostam de saber o que aconteceu, o que veio em seguida e como tudo terminou. Talvez seja por isso que alguns pregadores fazem pouco mais do que contar histórias — é a única maneira que conhecem para manter o interesse dos ouvintes, já que têm pouco mais a dizer. Já provei isso também em sala de aula. Quando estou lecionando por um tempo, às vezes paro abruptamente e digo: "Sabe, aconteceu algo muito estranho enquanto eu estava a caminho daqui hoje". De imediato, as pessoas olham para cima e se interessam. Querem saber o que aconteceu. Desejam escutar a história. Em geral, eu as decepciono

dizendo: “Na verdade, não aconteceu nada. Mas percebi como todos vocês se interessaram quando *acharam* que eu iria contar uma história. Isso mostra como as histórias são poderosas para atrair a atenção. É por isso que Deus nos deixou tantas histórias na Bíblia. Ele sabe chamar nossa atenção”.

Por que uma boa história nos mantém interessados? Porque cativa nossa imaginação. E a imaginação é um dos maiores presentes que Deus deu aos seres humanos. Temos a capacidade extraordinária de criar em nossa mente uma realidade alternativa completamente diferente da que estamos vivendo no momento. Agora mesmo, em minha mente, posso estar em qualquer outro lugar. Consigo me imaginar em outra parte do mundo e o que estaria fazendo ali. Aqui estou eu, nadando numa praia do litoral africano. Ou posso me imaginar em alguma situação do passado histórico e como as coisas eram ali. Aqui estou ao lado de Jeremias na cidade sitiada de Jerusalém. Posso me imaginar em algum futuro “imaginário” e como ele será, se bom ou ruim. Posso imaginar conversas que nunca tive ou nunca terei com pessoas que conheço bem ou que nunca conheci. Posso imaginar grandes sonhos para o futuro, não só

para mim mesmo, mas até para meu país ou a raça humana inteira. Esse tipo de imaginação é chamado de "visão".

As boas histórias nos fazem viver "dentro" delas, em nossa imaginação. Vemos, ouvimos e experimentamos em nossa imaginação o que o contador de histórias descreve. E, assim, ficamos desesperados para saber o que virá em seguida e como as coisas se desenrolarão. Entramos no mundo da história — mesmo se for fictícia (como as parábolas de Jesus) — e nos imaginamos ali.

Uma boa história tem um enredo *intrigante*

O enredo é o que leva qualquer história adiante. São os eventos que acontecem em algum tipo de sequência. Nem sempre a sequência é direta ("aconteceu isto, depois mais isto"). Um bom contador de histórias pode levá-lo ao passado e ao futuro. Em última análise, o enredo começa com um ponto de partida, de onde ele o conduz por entre um elemento complicador ou mais, por problemas e desafios, contando como as pessoas da história tentaram resolver tais dificuldades. Por fim, o enredo o leva a uma conclusão, positiva ou negativa.

Quando falo em "intrigante", quero dizer que um bom enredo tem coisas que mantêm o leitor ou ouvinte curioso, indagando o que vem em seguida. Haverá *surpresas* ("Uau! Como é que isso foi acontecer?"). Haverá *suspense* ("Como ela conseguirá escapar desse perigo ou dessa ameaça?"). Haverá *choques*, chegadas súbitas e inesperadas, momentos alegres, tragédias repentinas, coisas que sofrem reviravoltas, e assim por diante. Pode haver momentos em que você (o leitor ou ouvinte) sabe alguma coisa de que os personagens da história não têm ciência, então você observa em suspense até eles descobrirem. Pode haver ocasiões em que o contrário é verdadeiro e você só descobre muito tempo depois algo que alguém da história sabia o tempo inteiro.

Não importa o que o escritor ou contador de histórias faça, ele precisa manter você "seguindo o enredo". E o mais inteligente até nas histórias mais longas é que você consegue se lembrar do enredo e resumi-lo em poucas palavras.

Uma boa história tem personagens *fortes*

Quando falo em "forte", não significa que o personagem principal de uma boa história tenha de

ser um super-herói. Quer dizer que, mesmo quando a pessoa é fraca, fisicamente ou de outras maneiras, seu caráter é representado de maneira forte. Em geral, as boas histórias têm um personagem principal, alguns outros personagens "coadjuvantes" e outras pessoas que podem desempenhar um papel na história, mas não recebem "cor" ou caráter próprios.

Quando lemos ou ouvimos uma história, nós nos identificamos com os personagens principais, seja de maneira positiva, seja de maneira negativa, ou, às vezes, das duas maneiras em momentos diferentes. Com frequência, porém, uma boa história mostra que a vida costuma ser mais ambígua do que isso. Seres humanos reais não são apenas mocinhos ou bandidos, heróis ou vilãos. E boas histórias podem mostrar pessoas boas fazendo escolhas erradas, cometendo erros graves, e pessoas más mudando de vida e fazendo algo nobre no fim.

Os personagens de uma história despertam "interesse humano". Descobrimo-nos respondendo a seus pensamentos, motivos e atos (quer saibamos que são pessoas historicamente reais, quer completamente fictícias). Nós os avaliamos e julgamos. Talvez os admiremos ou desprezemos. Pensamos: "Será que eu

teria feito isso?". Ficamos perplexos diante dos dilemas e desafios que os personagens da história enfrentam e nos interessamos em saber como eles os superam (ou não) e por quê. Nós queremos saber como tudo acaba para cada um deles no final.

Uma boa história deixa lacunas para nossa curiosidade

Por que o personagem estava naquele lugar, naquela hora? É possível que o contador da história não nos diga e precisemos adivinhar. O que houve entre esse acontecimento e o seguinte? Foi um que causou o outro? Talvez o contador da história não nos informe e precisemos preencher a lacuna nós mesmos. Tal personagem sabia a verdade naquele momento da história? Não somos informados. Ficamos imaginando e indagando: o que se passava na mente do protagonista quando fez aquela coisa terrível/maravilhosa?

Uma boa história não revela tudo, mas deixa lacunas para nossa imaginação preencher. Além de fazer você participar da história no ato de indagar "O quê? Por quê? Como?", isso também torna o relato mais memorável. A narrativa o afeta mais quando você precisa fazer parte do trabalho. Uma história boa de

verdade é "interativa" entre o contador de histórias ou escritor e o ouvinte ou leitor.

Uma boa história transforma o leitor ou ouvinte em juiz
Algumas histórias terminam nos contando o que devemos pensar sobre o que aconteceu — explicando seu significado para nós. Jesus fez isso na parábola do semeador e os quatro tipos de solo. Mas isso é raro. As histórias mais bem contadas deixam para nós a tarefa de julgar com base em tudo aquilo que lemos ou ouvimos. É por isso que algumas das parábolas de Cristo terminavam com "Quem tem ouvidos, ouça", ou seja, "Pense sobre o que acabei de contar e forme a própria opinião".

Portanto, as boas histórias não só nos interessam e entretêm, como também nos desafiam a dar algum tipo de resposta. A história pode despertar todo tipo de questionamento moral à medida que os personagens desempenham seus papéis ao longo do enredo. Nós, os leitores, somos chamados a avaliar suas escolhas, ações e motivações. E a história pode muito bem desafiar nossos valores e pressupostos pessoais, levando-nos a ver as coisas de maneira diferente.

Antes de prosseguir para o próximo capítulo, no qual refletiremos sobre como tudo isso se aplica às histórias do Antigo Testamento, separe um instante para pensar nas histórias bem conhecidas em seu país ou sua cultura — talvez livros que foram escritos, ou filmes aos quais todos assistiram, ou grandes épicos religiosos ou, quem sabe, as lendas de ancestrais gloriosos. Por que elas são tão duradouras? Por que são incluídas no currículo escolar do povo? Consegue identificar se algum dos elementos abordados se aplica a elas, em sua forma de "trabalhar" na mente, no coração e nos valores das pessoas de sua cultura?

O que torna as histórias "verdadeiras"?

Há mais um ponto que precisa ser mencionado antes de passarmos para a Bíblia. Talvez você esteja pensando agora: "Muito bem. Tudo isso é interessante no que diz respeito às histórias de modo geral. Mas a Bíblia não é apenas composta por histórias fictícias — ela é história. É a história *verdadeira* de Deus e de Israel no Antigo Testamento e de Jesus e da igreja no Novo". Claro que está certo e concordo plenamente com você.

Mas não há contradição entre afirmar que a Bíblia nos apresenta *verdades históricas confiáveis* (o que aconteceu, o que Deus fez na história) e constatar que ela nos apresenta essa verdade histórica na forma de *histórias muito bem articuladas, memoráveis e poderosas.* Em outras palavras, quando digo que necessitamos entender e apreciar a *forma* dos textos históricos do Antigo Testamento e como eles "funcionam" como histórias (algo que precisamos fazer a fim de pregá-los e ensiná-los bem), *não* estou dizendo que são "histórias inventadas" sem fatos históricos. Não há motivo para não poderem ser *tanto* baseadas em fatos históricos *quanto* contadas de maneira habilidosa, que cativa nossa imaginação e interesse de todas as maneiras mencionadas até aqui (e adiante, quando abordarmos as histórias do Antigo Testamento). Pessoalmente, tenho a convicção de que elas são as duas coisas.

Existe, no entanto, algo mais a dizer a esse respeito. Quando falamos sobre a "verdade da Bíblia", estamos nos referindo a muito mais que meros fatos históricos. Pensemos na história do Antigo Testamento por um instante. Que tal Davi e Golias? Qual é a "verdade" dessa história? Bem, em certo

nível, queremos dizer que ela verdadeiramente registra algo que aconteceu na história de Israel e na vida de Davi. Por isso, podemos dizer: "Creio que essa história é real. Foi isso mesmo que ocorreu". Ótimo. Concordo.

Mas isso é tudo que você pregaria com base nesse texto? É claro que não! Você sabe muito bem que o autor da história quer nos revelar muito mais que um mero fato histórico: "Golias era um homem muito grande, mas o rapaz Davi o matou e os filisteus saíram correndo. Viva!". Isso é verdade. Mas a verdade dessa história vai muito além. Que verdade ela revela sobre *Deus*? Que verdade ela revela sobre *Deus e Israel*? Que verdade ela revela sobre *Deus e Davi*? Aliás, o escritor nos dá uma pista dessa verdade profunda da história por meio daquilo que Davi disse a Golias antes de jogar a pedra: "Hoje o SENHOR entregará você em minhas mãos [...], e *o mundo todo saberá que há Deus em Israel!*" (1Sm 17.46). Quando você prega a verdade da história, deve procurar o que ela *significou* (para Israel) e o que *significa* (para nós), não somente o fato que aconteceu.

Por isso, quando lidamos com as narrativas históricas do Antigo Testamento, podemos perceber

que *parte* da verdade delas corresponde aos fatos históricos que registram, mas essa não é sua verdade *completa.* Precisamos olhar com mais profundidade e nos perguntar por que o narrador incluiu aquela história e a contou daquele jeito. Que verdade se encontra enraizada na história que vai além dos meros fatos?

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Discorra sobre uma ou duas das histórias mais famosas que costumam ser contadas em seu país ou em sua cultura. De que maneira você consegue ver que os pontos destacados neste capítulo se aplicam a elas?
2. O que essas histórias *fazem* na mente das pessoas (desde a infância) em sua cultura?
3. Que histórias contadas em seu país ou em sua cultura ajudam a manter o povo unido?
4. Você consegue se lembrar de histórias comuns em sua cultura que expressam o que ela considera bom e benéfico ou ruim e prejudicial?
5. Em preparo para o próximo capítulo, escolha qualquer história conhecida da Bíblia e comece a

pensar como os pontos elencados na seção “O que faz as histórias funcionarem?” se aplicam a essa narrativa em particular.

7

CINCO PERGUNTAS A FAZER AO PREGAR E ENSINAR HISTÓRIAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Voltemos agora à Bíblia. Imagine que você está planejando o que irá pregar ou ensinar (espero que faça isso!) e entenda que está na hora de dedicar algum tempo ao Antigo Testamento. Então, decide estudar um dos livros históricos por algumas semanas. Talvez faça uma seleção de histórias daquele livro. Que etapas precisa cumprir na preparação para pregar ou ensinar cada história? As cinco etapas a seguir me são muito úteis:

- Quando e onde?

- O que e como?
- Quem?
- Por quê?
- E agora?

Usemos a história de **Davi e Golias** como modelo para ilustrar as perguntas à medida que prosseguimos. Será importante manter a Bíblia aberta em 1Samuel 17.

QUANDO E ONDE? O CENÁRIO

Toda história tem um cenário. Ele pode ser totalmente imaginário, como no caso de mitos e lendas. Mas as narrativas históricas também estão inseridas em um tempo e lugar específicos, e esse pano de fundo é importante para a compreensão da história e de seu significado. Devemos tentar responder a essa pergunta em três níveis.

O cenário imediato da história em si

Em geral, ele é encontrado na forma de uma descrição curta de detalhes locais. Precisamos conhecer as circunstâncias básicas. Em nosso exemplo, o narrador apresenta o cenário imediato em

1Samuel 17.1-3. Há uma guerra acontecendo. Os filisteus invadiram e atacaram os israelitas durante o reinado de Saul. As linhas de batalha foram traçadas, com dois exércitos em montes opostos, separados por um vale. Sabemos, com base em histórias anteriores, que os filisteus eram inimigos muito violentos. Logo, tratava-se de uma situação extremamente ameaçadora. Esse é o contexto imediato para o que se passa na história.

O cenário mais amplo dentro de uma das mega-histórias bíblicas

Todas as histórias contadas nos livros históricos do Antigo Testamento se inserem em uma narrativa mais ampla. Em nosso exemplo, a ação de matar Golias foi um dos acontecimentos na vida de Davi. E a vida de Davi faz parte da narrativa mais ampla do início da monarquia em Israel, começando com Saul. Logo, essa *história* singular faz parte da *narrativa* maior de como Davi se ergueu de um início de vida humilde para se tornar rei sobre todas as tribos de Israel. Devemos, portanto, ler essa história de Davi e Golias não como um "relato heroico" isolado (Rapaz franzino derruba o enorme gigante! Viva!). O mundo

tem muitas histórias assim e, se essa for a única mensagem que você conseguir extrair dela ("Não importa quão grande seja o problema ou quão pequeno você se sinta, você pode vencer no final"), estará subutilizando a Bíblia de forma preocupante. Ao colocar a história em seu cenário, nós a enxergamos como parte do *plano e propósito de Deus* para Davi, para Israel e, por fim, é claro, para o mundo inteiro por intermédio do Filho de Davi.

O cenário da Bíblia como um todo

Quando e onde esta história acontece dentro do imenso escopo da única grande história da Bíblia? No Antigo Testamento, isto é, antes de Cristo. Isso faz diferença. A história não está nos mostrando como os cristãos devem lidar com os "inimigos". Ela acontece depois que Israel saiu do Egito e se estabeleceu na terra (portanto, algumas das promessas de Deus já haviam se cumprido). Mas eles ainda não haviam conquistado a terra inteira; faltava a própria cidade de Jerusalém (logo, ainda havia promessas a serem cumpridas). Ao analisar qualquer história do Antigo Testamento, pense, de maneira semelhante, em que ponto ela se encaixa na longa história completa.

Lista de conferência

- O que vem antes desta história?
- O que vem depois?
- Como o contexto imediato da história afetou seu significado?
- Ela vem antes ou depois da promessa de Deus a Abraão?
- Acontece antes ou depois da aliança e entrega da lei no monte Sinai por meio de Moisés?
- Vem antes ou depois de Israel se estabelecer na terra de Canaã?
- Acontece antes ou depois da divisão do reino após Salomão?
- Vem antes ou depois do exílio?

Saber onde e quando a história aconteceu afeta nosso modo de compreender o que se passou na história em si, o que os personagens da história já sabem ou não e como eles agem e reagem.

Percebe que é muito importante ler a Bíblia toda, vez após vez, para se tornar bem familiarizado com a história completa? É necessário saber onde as histórias se encaixam na grande história da Bíblia como um todo.

O QUE E COMO? O ENREDO

Toda história tem um enredo. Alguma coisa precisa *acontecer*. E algo precisa *fazer as coisas acontecerem*, de modo que as coisas realmente mudem de uma situação para outra. Por isso, precisamos perguntar: "*O que* acontece nesta história e *como* uma coisa leva à outra?".

Se eu disser ou escrever: "Ontem eu me sentei na minha cadeira preferida em casa", pode ser verdade, mas não é, por si só, uma história. Nada acontece! Mas se eu disser: "Ontem, eu estava sentado na minha cadeira preferida em casa quando, de repente, ouvi uma batida forte na porta. Ao abri-la, um homem com roupas rasgadas e sangue no rosto gritou: 'Venha depressa! Precisamos de ajuda!'", aí, sim, comecei uma história. Uma situação pacífica foi

interrompida. Surgiu um problema. Há um desafio que pode levar a qualquer tipo de complicação e perigo — quem sabe? Automaticamente, você quer saber: Quem é o homem que bate à porta? Por que havia sangue no rosto dele? Eu saí correndo para ajudar? O que aconteceu em seguida? E assim por diante. Um enredo se iniciou.

Obviamente, toda história conta com um enredo único, mas a maioria tem em comum as seguintes partes:

1. Uma *situação inicial.*
2. Um *problema* (um conflito, uma complicação ou um perigo).
3. Um *processo para tentar resolver o problema* (que às vezes leva a mais problemas ao longo do caminho). Em geral, essa é a parte mais longa da história.
4. Um *clímax*, quando o problema atinge seu pior ponto, mas finalmente chega...
5. A *resolução*, quando o problema finalmente é solucionado e superado.
6. Um *desfecho.*[1]

Agora, vejamos como o autor de 1Samuel desenvolveu o enredo da história de Davi e Golias:

1. *Versículos 1-3: situação inicial* (mesmo que "cenário" ou ambientação). Como leitores, passamos a esperar que a próxima parte da história narre uma batalha entre dois exércitos. Mas...
2. *Versículos 4-11: o problema.* Golias! O cara era um gigante, com uma armadura que o fazia parecer um tanque de guerra. Se ninguém conseguisse lutar contra ele e matá-lo, os israelitas voltariam a ser escravos.
3. *Versículos 12-40: o processo para tentar resolver o problema.* Nesse instante, percebemos como o contador da história é inteligente. Ele entreteceu nesse enredo pedaços do enredo de outra história — a de Davi e seus irmãos. Narra o conflito entre os irmãos mais velhos — grandes soldados guerreiros, mas tão assustados quanto os outros — e o irmão mais novo, que deveria voltar para casa e cuidar das ovelhas, sem incomodar os adultos com perguntas insolentes. Os irmãos forçariam Davi a voltar para casa? Mas Davi é levado a Saul. Ele faz a oferta absurda de lutar contra Golias —

com a ajuda de Deus. Surge, então, outro obstáculo: Davi não consegue se ajeitar na armadura de Saul. Por isso, sai para lutar desarmado, exceto por uma funda e algumas pedras. Nesse meio-tempo, enquanto essa parte do enredo se prolonga, o gigante estava lá se vangloriando e gritando o tempo inteiro!

4. *Versículos 41-47: o clímax*. Golias não consegue crer no que está vendo! Ele zomba de Davi e o ameaça. Mas a resposta de Davi revela qual é o significado de toda a história: Golias não estava desafiando apenas o exército de Israel, mas o Deus de Israel (conforme Davi já dissera no versículo 26). Por isso, a batalha pertencia a Deus, bem como seu resultado.
5. *Versículos 48-54: a resolução*. Davi atordoa Golias com seu lançamento perfeito e o mata. Os israelitas perseguem os filisteus até o lugar de onde eles vieram.
6. *Versículos 55-58: o desfecho*. Saul ficou impressionado com a façanha de Davi e perguntou de quem ele era filho. Isso surpreende, já que Davi já fora músico em sua corte (16.14-23). Naquela ocasião, porém, Saul estava sofrendo

de alguma espécie de doença mental ou espiritual e pode não ter prestado muita atenção à identidade familiar daquele instrumentista do campo. Ou talvez ele tivesse escutado a história suspeita do que havia acontecido na casa de Jessé (16.1-13) e agora tinha ainda mais motivos para tomar cuidado com Davi. Aquele rapaz era um matador de gigantes, e não um mero tocador de harpa!

E esse desfecho, claro, leva ao início de um novo enredo: Saul persegue Davi. É assim que costuma acontecer com as histórias do Antigo Testamento: a solução de um enredo leva ao início de outro.

Lista de conferência

Assim, quando você estuda uma história para pregá-la ou ensiná-la, precisa fazer as mesmas perguntas:

- *O que* acontece no enredo da história?
- *Como* o contador da história entreteceu todas as partes até chegar a uma conclusão

satisfatória?
- Qual é a *sequência* das cenas na história?
- Consegue identificar pelo menos alguns, se não todos os seis *elementos de um enredo* mencionados anteriomente?

Não se concentre apenas em uma pequena parte da história ou em algum detalhe menor expressivo da descrição. É fácil demais ficar obcecado com questões secundárias que *nos* intrigam em uma história, mas que não correspondem ao que o narrador do Antigo Testamento deseja manter no foco. Compreenda o enredo inteiro e observe como ele foi estruturado. Ajuda bastante escrever um resumo do enredo da história, cena por cena, observando as transições e fazendo uso do esboço apresentado. Só então você estará em condições de pensar no que a história *significa*. Só então poderá ensiná-la com fidelidade.

Fique de olho também nestas outras características de um bom enredo:

- *Suspense.* Um contador de histórias deseja mantê-lo "ligado", querendo saber o que acontecerá em seguida. Mas, às vezes, você fica esperando! Veja o versículo 11. Ele termina com os israelitas "aterrorizados e muito abalados". Como é que eles conseguiriam enfrentar Golias? Queremos saber — e rápido! Mas o escritor começa a nos contar sobre Davi e sua família. Então, ficamos sabendo que as semanas estão se passando (v. 16). Em seguida, vem a história da marmita que Davi devia levar aos irmãos. Como isso irá resolver o problema com Golias? E assim a história prossegue, de uma cena a outra, antes de chegarmos ao clímax.
- *Surpresa.* Muitas histórias bíblicas contêm reviravoltas repentinas, surpresas e choques. Neste caso, a surpresa é a ideia central da história: um jovem pastor de ovelhas desarmado mata um gigante, cuja armadura era pesada demais para que esse jovem carregasse sozinho. Mas é no fato surpreendente que vemos Deus em ação.

- *Humor.* Os autores da Bíblia sabem nos fazer rir. Sem dúvida, a interação de Davi com seus irmãos mais velhos e os outros soldados tinha a intenção de ser meio cômica. Imagine-a como uma cena de um filme. Mas o humor só ressalta a gravidade da situação, a impossibilidade de enfrentar Golias e o aparente ridículo (ou arrogância) da oferta de Davi.

QUEM? OS PERSONAGENS

Toda história é sobre alguém. Em geral, existe um personagem central, a pessoa que desempenha o papel principal na história como um todo. Às vezes, há mais de um e, em outras ocasiões, o foco de uma história mais longa pode mudar de uma pessoa para outra. Mas uma pergunta-chave a fazer é: *Quem é o personagem central desta história?* É sobre ele que adquiriremos mais informações ao longo da narrativa. São personagens "tridimensionais", ou, como

poderíamos dizer, “realistas”. Em nosso exemplo, trata-se claramente de Davi.

Além do personagem central, costuma haver um ou mais personagens secundários que ou se opõem a ele ou o auxiliam a solucionar o problema que impulsiona o enredo. Talvez tenhamos alguns detalhes sobre esses personagens, mas eles são mais “bidimensionais”. Eles auxiliam ou obstruem o desenrolar do enredo, mas não se encontram no centro das atenções em todos os momentos da história. Em nosso exemplo, eu colocaria Golias (claro) nessa categoria, e provavelmente o rei Saul também. Eles não são exatamente centrais, mas desempenham um papel fundamental ao longo de todo o desenvolvimento do enredo. Descobrimos um pouco sobre o caráter dos dois, em geral com base naquilo que falam.

E, às vezes, encontramos também um número variável de outras pessoas em uma história. Elas são mencionadas sem muitos detalhes. Podem ser chamadas pelo nome (como Jessé, Eliabe, Abner) ou somente aparecer como colaboradores da história (o exército israelita, o escudeiro de Golias, o soldado que respondeu à pergunta de Davi). Mas são

"unidimensionais", ou seja, fazem parte da história, mas sem demonstrar "caráter" próprio, pelo menos dentro do relato em questão.

Lista de conferência

Mais uma vez, ao preparar um sermão, é útil anotar as respostas para a pergunta "Quem?".

- Quem é o personagem principal?
- Quem são os personagens secundários?
- Que outras pessoas fazem parte da história? (Procure com cuidado. Às vezes, alguém que parece muito insignificante pode, na verdade, desempenhar um papel de grande importância em algum momento da história. As histórias bíblicas são boas em nos surpreender dessa maneira.)

Agora vem a parte interessante: *Como o escritor retrata os personagens predominantes da história, em*

especial o personagem central e os coadjuvantes?

Trata-se de seres humanos como nós, por isso instintivamente nos identificamos com eles. Ficamos curiosos para saber se suas *ações* (as coisas que fazem dentro da história) são boas ou ruins. E isso depende, em parte, de *por que* eles as fazem. Logo, também nos interessamos por seus *motivos.* Como o contador da história nos revela as respostas para essas perguntas? Bem, às vezes, ele nos conta de forma direta. Estamos familiarizados com os vários reis de Israel e Judá que são apresentados com a frase: "Fizeram o que era mau aos olhos do SENHOR". A situação já fica bem clara. Em muitas histórias, porém, o narrador não é tão direto assim.

No entanto, ele pode retratar os personagens por meio daquilo que eles *falam.* Por isso, preste bastante atenção a qualquer *diálogo* ou *discurso* que faça parte da história.

Lista de conferência

- Há, por exemplo, alguma contradição entre aquilo que o personagem diz e aquilo que você sabe com base no que o narrador já contou?
- Existe algum conflito entre dois personagens da história? Em quem você pode confiar?
- O que o discurso de um personagem revela sobre o que se passa em sua mente?
- Como o discurso de um personagem mostra aquilo que o narrador quer que você entenda como o significado da história?

E há algo ainda mais interessante! Temos a tendência de gostar de histórias simples, nas quais um personagem claramente é o "mocinho" e o outro, sem dúvida, é o "vilão". De fato, há algumas histórias que funcionam assim (Davi e Golias chega bem perto dessa simplicidade). Com frequência, porém, a Bíblia é muito mais realista e verdadeira. Pois a vida é complexa e as pessoas são ambíguas. Pessoas boas

podem errar. Pessoas más podem dar uma guinada e mudar. Então, quando nos preparamos para pregar ou ensinar sobre histórias bíblicas, não devemos ter medo da complexidade.

Conseguimos identificar esse aspecto com maior facilidade em uma sequência de histórias sobre a vida dos principais personagens das Escrituras. Por exemplo, Abraão confia em Deus e lhe obedece, sem dúvida. Mas cai no engano e mente (duas vezes). E sua forma de tratar Hagar e Ismael é bem chocante. Ou pense em Davi. Que promissor! Quantas histórias maravilhosas no início de sua vida! Mas ele também era implacável. E ambicioso. E conseguia controlar seu apetite sexual? Aparentemente não. E então, depois de cair em pecado terrível, mesmo tendo recebido o perdão de Deus, não conseguia mais controlar a própria família.

Por isso, ao pregar ou ensinar sobre as histórias do Antigo Testamento, não pense que você precisa dizer a seus ouvintes em termos simplistas: "Seja como tal personagem" ou "Não seja como aquele". Pode haver alguma verdade nisso, mas é quase certo que pelo menos algum aspecto do comportamento de cada personagem despertará dúvidas. Eles foram apenas

seres humanos como nós. A Bíblia é honesta em relação às pessoas, mesmo ao falar de seus maiores heróis. Assim, ao pregar sobre eles, *seja tão honesto quanto as Escrituras.*

E isso leva a um último tópico em relação aos personagens: *Quem é o personagem central de toda a história bíblica*? Fica claro que é *Deus*. A Bíblia inteira conta a história de como Deus, o Criador do mundo, age na história humana para salvar o mundo das consequências do pecado e do mal. É Deus quem conduz toda a história, por meio das promessas do Antigo Testamento, do clímax em Cristo no Novo Testamento e do destino final na nova criação — sua morada conosco para sempre. Isso significa que, mesmo quando Deus não é proeminente em uma história bíblica específica,[2] ele continua "lá", envolvido (e no comando) da história como um todo. Cada história em particular terá seus personagens humanos; contudo, por trás e além do que o relato nos conta sobre eles, encontra-se Deus. Em última instância, todas as histórias são sobre Deus em *algum* aspecto (por menor que seja) de como o propósito e o plano divino estão sendo colocados em prática.

Pense na Bíblia como a "biografia" de Deus (pelo menos no que diz respeito à história do mundo). As biografias são livros sobre uma pessoa em particular — o personagem principal, o assunto do livro inteiro. Mas a biografia de uma pessoa pode incluir várias histórias que incluem outros indivíduos, provenientes de todas as fases da vida do "herói". Todavia, mesmo quando lemos uma história específica que envolve outros personagens dentro de uma biografia, sabemos que aquilo está lá para nos revelar alguma coisa sobre o sujeito *principal.* Ela esclarece algum aspecto de seu caráter. Ou pode explicar por que ele agiu de determinada maneira. Ou pode revelar as consequências daquilo que ele fez — esperadas ou inesperadas, felizes ou trágicas. Quando terminamos de ler a biografia inteira, teremos lido muitas e muitas pequenas histórias. Mas o principal resultado de ler uma biografia — aliás, o grande objetivo de se escrever uma em primeiro lugar — é que passamos a conhecer a pessoa que é o foco e o centro de toda a obra, a despeito da quantidade de outros indivíduos citados no livro. Assim acontece com a Bíblia. Ela está repleta de personagens humanos, mas o

personagem *central*, aquele de quem o livro inteiro fala, é o próprio Deus.

Lista de conferência

Assim, quando lemos e pregamos sobre *qualquer* história do Antigo Testamento, devemos perguntar o que ela nos revela sobre Deus.

- Como Deus está envolvido neste evento ou nesta série de acontecimentos?
- Onde esta história se encaixa naquilo que Deus já havia feito para Israel até aqui?
- Como este acontecimento afeta o que Deus faria depois na história de Israel?
- O que posso aprender com base nesta história sobre o caráter e os propósitos de Deus?
- Como devo reagir a Deus à luz daquilo que a história revela sobre ele?

POR QUÊ? O NARRADOR

Toda história tem um narrador, quer seja contada oralmente, quer por escrito. Usaremos o termo "narrador" aqui para nos referir à pessoa que nos deixou a história bíblica que estamos lendo ou ensinando. Com muita frequência, nem pensamos no narrador e simplesmente aceitamos a história como ela é, sem maiores questionamentos. Mas *alguém* precisou escrevê-la e então reuni-la e editá-la dentro dos blocos maiores que encontramos nos livros históricos do Antigo Testamento. Na maioria das vezes, não conhecemos pelo nome quem foram esses autores e editores. Sendo assim, por que lhes atribuir qualquer importância? Eis dois bons motivos para pensarmos no narrador — ambos muito importantes em nossa tentativa de compreender a história bíblica a fim de pregar e ensinar sobre ela.

O narrador escolheu contar esta história, por isso devemos nos perguntar: "Por quê?"

Os indivíduos que escreveram os livros da Bíblia precisavam ser *seletivos*. Você se lembra do maravilhoso Evangelho de João? Ao fim, João destaca que houve muitas outras coisas que Jesus disse e fez,

tantas que nem todos os livros do mundo seriam capazes de contê-las (Jo 21.25)! Por isso, ele precisou *selecionar* as histórias que decidiu incluir em seu relato. E ele nos conta por que escolheu aquelas: "para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, tenham vida pelo poder do seu nome" (Jo 20.31). Bem, isso está bem claro. Infelizmente, os outros narradores da Bíblia, na maioria, não explicam de maneira *direta* por que selecionaram as histórias que incluíram. Mas isso não deve impedir que façamos a pergunta, pois pode haver muitos motivos diferentes e diversas pistas que nos ajudem a ver que razões são essas.

O que isso significa é: quando lemos a história da Bíblia, devemos fazer não só as perguntas citadas acima sobre a história em si, sobre o cenário (quando? onde?), o enredo (o quê? como?) e os personagens (quem?). Também devemos indagar: *Por que esta história foi incluída na Bíblia*? Por que razão (ou razões, já que podem ser várias) o narrador escolheu nos contar *esta* história, mesmo tendo precisado deixar tantas outras de fora?

Pense um pouco. A história de Israel no Antigo Testamento (sem mencionar a história anterior a

Abraão) abrange mais de mil anos. Em todos esses anos, aconteceu todo tipo de evento. São milhares e milhares de histórias possíveis. Mas a Bíblia não consiste apenas em uma coleção gigantesca de registros e narrativas breves. Não é um pacote de balas sortidas (muito embora, infelizmente, algumas igrejas preguem e ensinem como se fosse). Os narradores e editores dos livros da Bíblia selecionaram seu material com cuidado, e nossa dívida para com eles é respeitar essa seleção e refletir sobre os motivos que os impulsionaram.

E lembre-se que, por trás desses narradores e editores humanos, se encontra o próprio Deus, que nos deixou sua palavra por meio da obra deles. Logo, aquilo que *eles escolheram* incluir é o que *Deus queria* que fosse incluído. Sem dúvida, isso é importante para nossa pregação e ensino. A razão pela qual escolhemos *pregar* determinada história deve refletir, de algum modo, o motivo que levou o narrador a escolher *escrevê-la* e Deus a escolher *incluí-la* na Bíblia.

Consigo pensar em quatro motivos gerais que levaram histórias a ser selecionadas para fazer parte da Bíblia.

Algumas histórias registram acontecimentos históricos fundamentais nos quais nossa fé se baseia

São acontecimentos únicos, no sentido de serem vistos como os principais atos de Deus na história da salvação. Formam o "esqueleto" de toda a narrativa bíblica — a coluna vertebral e os ossos aos quais todas as outras histórias se ligam. Pensando apenas na parte central da história, posicionada entre o início (criação e queda) e o fim (nova criação), eu incluiria nesta categoria:

- A promessa de Deus a Abraão.
- O êxodo.
- A aliança no Sinai.
- A entrega da terra de Canaã.
- A promessa de Deus a Davi.
- O exílio e o retorno do exílio.
- O nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus de Nazaré.
- O derramamento do Espírito Santo no Pentecostes.
- A segunda vinda de Cristo.

Por que essas histórias são incluídas e contadas? Porque são momentos cruciais no grande plano divino de salvação para o mundo. Então, devemos pregar e ensinar sobre elas, não para extrair lições que se aplicam a nosso modo de viver, mas, em vez disso, para ressaltar o amor e a graça salvadora de Deus. Eram esses que o Antigo Testamento chamava de "atos poderosos de Deus".

Algumas histórias ilustram os tipos de experiência que a fé e a obediência podem provocar

Muitas das histórias curtas e narrativas mais longas do Antigo Testamento mostram o que significa ouvir a promessa de Deus e responder a ela. Algumas delas descrevem o que significa experimentar a salvação divina em diferentes tipos de situação. Assim, em certo sentido, elas apontam para a confiança e a obediência dos personagens humanos. Mais importante do que isso, porém, elas apontam para a fidelidade de Deus. Ele pode operar mesmo em meio às circunstâncias mais difíceis ou perigosas (pense em José). E, com frequência, trabalha de maneiras surpreendentes. Deus pode trazer redenção, vitória,

vida e bênção — mesmo quando a vida parece cheia de perigo, fracasso, morte e maldição.

Algumas histórias ilustram o sofrimento e o preço que a fé e a obediência podem exigir

Muitas histórias não são "legais". A Bíblia é muito honesta e realista. Mesmo pessoas boas, que tentam ser fiéis e obedientes a Deus, sofrem com coisas ruins. Às vezes, Deus as resgata (Jeremias). Às vezes não (o profeta Urias no mesmo capítulo, Jr 26). Hebreus 11 nos apresenta um catálogo ilustrando *as duas* experiências: a daqueles que receberam bênção e salvação pela fé e a de outros que foram louvados por sua fé, mas sofreram sem que fossem libertos em vida (leia atentamente Hb 11.35-40).

Algumas histórias ilustram as consequências do pecado e da rebelião

Algumas das histórias mais desagradáveis do Antigo Testamento têm a ver com o modo como o julgamento divino recai sobre aqueles que persistem na desobediência e rebelião, ou sobre sociedades que se tornam absolutamente corruptas e degradadas (Sodoma e Gomorra, os cananeus, Israel e Judá).

Entretanto, mesmo em narrativas tão sombrias, há momentos de ação da mão redentora de Deus. Ló e sua família foram resgatados. Raabe foi salva. O remanescente de Israel sobreviveu no exílio e acabou voltando à terra. De novo, precisamos pregar essas histórias não apenas para expor o pecado dos seres humanos, mas também para ensinar sobre o caráter do Deus de graça e justiça.

Assim, voltando para nosso exemplo da história de Davi e Golias, pergunte: "Por quê?". Por que você acha que o editor de 1Samuel incluiu essa história?

Uma pista: leia com cuidado os *principais discursos de Davi* na história, nos versículos 26,32,34-37,45-47.

- Como Davi enxergava o desafio de Golias?
- Como ele esperava vencer a luta?
- O que Davi esperava que o povo viesse a compreender quando ele matasse Golias?
- Quem era o verdadeiro inimigo de Golias?
- O que o narrador está dizendo ao leitor por meio das respostas a todas essas perguntas?

Em suma, penso que o narrador contou essa história para mostrar que, pelo menos durante a juventude, Davi era um homem que conhecia a Deus e nele confiava, e entendia que Deus defenderia seu próprio nome e sua reputação para o bem de seu povo. Davi ainda passaria por muitas outras provas (nos capítulos seguintes), mas o narrador está nos mostrando o valor desse jovem que seria o rei ungido de Deus e como sua vida traria glória a Deus e a seu povo (até ele cair em pecado e estragar tudo), porque confiava no Deus vivo.

O narrador escolheu contar a história de determinada maneira, por isso devemos nos perguntar: "Como?"

No exemplo que acabamos de ver, o narrador usou as *falas* dos personagens não só para acrescentar um pouco de vida e cor (e humor, v. 29) à história, mas também para mostrar do que ela de fato trata e como fala sobre o Deus de Israel. Esse é apenas um exemplo. Sempre é uma boa ideia olhar com cuidado os discursos e diálogos que o narrador inclui na história. Não raro, isso nos dá pistas sobre sua perspectiva e intenção.

Toda história tem uma série de *cenas*, à medida que o foco muda de um momento para o outro ou de uma pessoa para a outra. Quem controla as cenas apresentadas? O narrador, é claro. Tente pensar na história como um filme. Aquilo que você vê em um filme depende do ângulo da câmera. E atrás das câmeras se encontra o diretor. Ele decide quanto irá mostrar, quando aproximar bem a câmera do rosto de alguém ou afastá-la para uma visão panorâmica. Ele decide quando passar de uma cena para outra ou se fará um *flashback* de algo que aconteceu há muito tempo. Tudo é filmado do *ponto de vista* dele. O mesmo se aplica às histórias da Bíblia. Lemos e "vemos" a história inteira dos ângulos que o narrador escolhe nos mostrar. Enxergamos a história do ponto de vista dele.

Lista de conferência

Portanto, ao ler e se preparar para pregar ou ensinar uma história da Bíblia, pense em *como* o narrador contou a história.

- O narrador acrescentou *suspense* e *surpresa* à história? Você consegue colocar esses elementos em seu sermão?
- O que o narrador *enfatiza* e como ele o faz? Procure *repetição* de palavras ou frases. Em geral, isso significa que o narrador realmente quer que você note algo. Certifique-se de que seus ouvintes também notem.
- Qual é o *ritmo* que o narrador dá à história? Ele abrange um longo período em poucos versículos, mas depois faz uma pausa para relatar um período curto numa narrativa bem longa e intensiva? As histórias podem se passar rapidamente ou devagar. Reflita em como as duas técnicas são usadas nas histórias de José e Moisés.
- O narrador deixa *lacunas* para que você preencha com a própria imaginação? (P. ex., em 2Sm 11: Por que Davi não foi guerrear com o exército quando chegou a primavera? Bate-Seba teve escolha para consentir ou não com as investidas de Davi? Urias sabia o que havia acontecido

entre Davi e Bate-Seba? Joabe sabia? O narrador simplesmente não nos revela as respostas para essas perguntas.) Deixe seu público pensar em possíveis respostas, em vez de insistir em seu palpite, como se fosse o correto.

- O narrador cria grandes *contrastes* entre uma história e outra?
- O narrador conta a história de uma forma que *ecoa outras histórias* da Bíblia? Por exemplo, há elementos nas histórias de Josué e Elias que ecoam a de Moisés. Em alguns aspectos, Noé e Abraão foram uma espécie de "segundo Adão" (Jesus, obviamente, é o "último Adão").

E AGORA? O LEITOR

Toda história necessita de um ouvinte ou leitor. Esse é você enquanto se prepara para pregar ou ensinar uma história da Bíblia; e é o seu público enquanto você

prega ou ensina. A história convida a uma resposta — de maneira direta ou, com mais frequência, indireta.

O melhor exemplo de resposta direta a uma história se encontra, na verdade, dentro de outra história (2Sm 12). Davi havia se deitado com Bate-Seba e tramado a morte de Urias, marido dela. Problema resolvido, pensou. Mas não aos olhos de Deus. Então o Senhor enviou o profeta Natã para confrontar Davi com seu pecado. Como Natã fez isso? *Contou uma história* sobre um homem rico, com mais ovelhas do que conseguia contar, que roubou e preparou para o jantar a única ovelha de um homem pobre. É quase certo que Davi imaginava estar ouvindo um caso real e explodiu de raiva ao dar o veredicto. Ele *reagiu* à história com um claro julgamento legal e moral. Então Natã disse: "Você é o homem!". Brilhante! Ao levar Davi a julgar *a história*, Natã o fez julgar *a si próprio.*

Bem, nem toda história bíblica, pregação ou lição produzirá *o mesmo* efeito! Mas deve produzir *algum* efeito. Na verdade, uma das coisas que os narradores da Bíblia fazem extremamente bem é quase *compelir* o leitor a responder de alguma maneira, ao exercitar o

pensamento moral e avaliar o que aconteceu na história.

- Quais momentos ou ações da história foram bons e quais foram maus?
- O que estava certo ou errado nas atitudes e ações dos personagens?
- Por que razões você julgou aquilo que era bom ou mau, certo ou errado na história?
- O que foi agradável ou desagradável a Deus?
- Como e por que as coisas verificaram-se de determinada maneira?
- O que deveríamos aprender?
- À luz desta história, como deveríamos pensar, falar e agir agora, em nossa vida?

E aqui vem algo de que necessitamos nos lembrar acerca do que foi explicado no capítulo 2: Nós lemos e pregamos histórias bíblicas *que vêm de dentro da história da Bíblia como um todo.*

Você se lembra dos seis grandes atos do drama bíblico? Vivemos no Ato 5. Mas tudo que aconteceu no Ato 3 (o período de Israel no Antigo Testamento) faz *parte da nossa história.* Em outras palavras, essa

grande e única história e as muitas menores nos *envolvem.* Fazem parte de como Deus nos concedeu salvação e de como ele trará redenção a toda a sua criação. Em contrapartida, nós também fazemos parte dessa história, pois o Senhor nos chamou para participar de sua missão. Damos continuidade à história como seguidores de Cristo no poder do Espírito. Logo, tudo que se passou na história bíblica sobre Deus em atuação no mundo daquela época precisa estar ligado à vida que hoje levamos neste mundo pelo Senhor em nossos dias. Ou seja, devemos *responder* à história que Deus escolheu nos contar na Bíblia — em todas as suas múltiplas histórias menores.

Lista de conferência

Penso que isso significa que não deveríamos apenas questionar qual é a *aplicação* de uma história bíblica, mas também quais são suas *implicações.* O que quero dizer com isso?

Temos a tendência de ler uma história da Bíblia e simplesmente nos perguntar: "Como

isso se aplica a mim?". Então, extraímos alguns princípios interessantes, alguns bons conselhos que poderíamos ter tirado de qualquer história, bíblica ou não. Ou sentimos que o relato não se aplica a nós em nada. Nesse caso, por que ele está na Bíblia e por que nos dar ao trabalho de lê-lo ou pregar sobre ele?

Em vez disso, precisamos questionar:

- Como estou envolvido nesta história? Eu pertenço a esse povo, por ser filho de Abraão por intermédio de Cristo. Deus continua a ser o mesmo. Ele me salvou e me enxertou em seu povo. Deus estava agindo nessa época da história, e continua a agir hoje. Sendo assim, que resposta devo dar ao meu Deus, depois de ler esta história do "meu" povo?
- Onde eu me encaixo na *história completa* de Deus, à luz desta história bíblica *em particular*?
- Como esta história me ajuda no compromisso de ser seguidor de Jesus e

obedecer à sua ordem de fazer discípulos de todas as nações?
- Como esta história me desafia a participar com fidelidade e eficácia da grande história divina em minha geração?
- O que esta história me ensina sobre o Deus que me salvou e me fez parte de seu povo para participar da missão?

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Se você já pregou ou ensinou com base em histórias do Antigo Testamento no passado e ainda guarda as anotações dos sermões ou das lições, dê uma olhada nelas mais uma vez. À luz do que estudamos neste capítulo, há coisas que você hoje pregaria de maneira diferente?
2. Leia a história de Abraão e Isaque em Gênesis 22.1-19 com atenção. Reflita sobre ela, sozinho ou em grupo, e faça as cinco perguntas principais de cada seção deste capítulo. Compartilhe suas ideias, se estiver trabalhando em grupo, e analise

que diferença suas observações fariam em sua forma de pregar ou ensinar sobre ela.

8

Sete perigos a evitar ao pregar e ensinar histórias do Antigo Testamento

A última coisa que eu quero é desanimá-lo de "ousar" pregar e ensinar com base nas histórias maravilhosas do Antigo Testamento! Entretanto, mesmo com todo o entusiasmo do mundo, existem algumas coisas com as quais você deve tomar cuidado. A maioria delas está ligada àquilo que já dissemos. Espero que os pontos a seguir não sejam entendidos de maneira negativa. A intenção — que deve se aplicar a todos nós em todos os momentos de pregação e ensino — é

tentar fazer um trabalho cada vez melhor e evitar tudo aquilo que atrapalha.

NÃO TRANSFORME A HISTÓRIA EM ALGUNS PRINCÍPIOS MORAIS

Esse é o perigo de *moralizar* as histórias da Bíblia. Isso quer dizer que eu apenas extraio algumas ideias morais simples da história e as ensino às pessoas. Por exemplo, na história de Davi e Golias, eu posso dizer: "Uma pessoa pequena com poucos recursos superou um grande obstáculo por ter fé em Deus. Por isso, não tenha medo de grandes problemas. Confie em Deus". É claro que isso é verdade. Sem dúvida, porém, não é a única coisa, nem mesmo a mais importante, que essa história nos revela.

Em geral, a moralização feita dessa maneira costuma ignorar o contexto histórico da passagem dentro do Antigo Testamento. Não leva em consideração o motivo para o narrador ter incluído a história. Não presta atenção em como o relato específico se encaixa na história mais ampla da formação do relacionamento de Deus com Israel e o cumprimento da promessa divina. Falha em conectar a história com o cumprimento divino de sua promessa em Cristo. E

reforça a compreensão equivocada de que o *único* motivo para as histórias bíblicas existirem é nos ensinar a imitar os "mocinhos" das Escrituras e não fazer o mesmo que os "vilões". É claro que *existem* muitas lições que podemos aprender com as histórias bíblicas e essa é uma parte de seu propósito. Mas não devemos *reduzir* o colorido e a rica variedade das histórias bíblicas a princípios morais simplistas.

Além disso, se continuarmos a moralizar as histórias da Bíblia dessa maneira, e tudo que fizermos for dizer às pessoas: "Faça isso" ou "Não faça isso", corremos o perigo de enfraquecer a mensagem geral da Bíblia, que diz respeito às boas-novas extraordinárias da graça salvadora e soberana de Deus. Voltaremos a esse ponto no final.

NÃO TRANSFORME A HISTÓRIA EM ALGUMAS VERDADES ESPIRITUAIS

Esse é o perigo de *espiritualizar* as histórias da Bíblia. Em geral, essa prática envolve pular fora da história para estabelecer alguma conexão com Jesus e nosso relacionamento com ele. Por exemplo, eu posso dizer: "Davi tinha fé em Deus. Isso nos ensina a depositar nossa fé em Jesus se queremos ser salvos. Jesus é forte

o bastante para vencer nossos maiores inimigos, que são o pecado e Satanás". Mais uma vez, tudo isso é verdade. Mas pregar somente isso é ignorar a maior parte da história em si, sem prestar atenção em seu contexto terreno dentro da história de Israel. Isso transforma todas as histórias do Antigo Testamento em nada mais que minirretratos que ilustram uma verdade espiritual do Novo Testamento. E, uma vez entendida essa verdade espiritual, a história do Antigo Testamento não seria mais necessária. Esse tipo de pregação não leva em consideração as coisas *reais* que aconteceram com pessoas *reais* na história *real* e o que o envolvimento de Deus nessas realidades nos revela.

Às vezes, as pessoas pegam uma história do Antigo Testamento e até dizem que ela é "sobre Jesus", como se Cristo fizesse parte dela. Já vimos, no capítulo 4, por que não devemos fazer isso, mesmo que possa haver maneiras válidas para estabelecer uma conexão com Jesus em algum momento do sermão (assim como abordamos no capítulo 5).

É possível espiritualizar a história do êxodo. "No êxodo, Deus libertou os israelitas da escravidão no Egito. Isso é uma figura de Deus nos libertando do pecado por meio da cruz de Cristo." Não há dúvida

de que o Novo Testamento realmente usa o êxodo como forma de explicar o grande poder libertador da cruz. Mas, se pregamos *apenas* essa mensagem do êxodo, ignoramos o fato de que Deus libertou pessoas reais de condições reais de opressão política, exploração econômica e genocídio promovido pelo Estado. A história nos ensina (assim como ensinava aos israelitas) que Deus se importa com essas coisas. O Deus da Bíblia é um defensor apaixonado da justiça e da compaixão pelos pobres e oprimidos. Essa é uma parte importante da verdade da história do êxodo e não deveria se perder ou ser negligenciada pela espiritualização da narrativa inteira, transformando-a em um retrato da salvação do pecado (apenas).

É possível espiritualizar a história de Josué e a terra de Canaã. "Deus deu a terra de Canaã a Israel como herança. Isso é uma figura da grande herança que temos em Jesus Cristo, ou é uma figura do 'céu' quando 'atravessarmos o Jordão' e chegarmos à 'terra prometida'." E sim, mais uma vez, é verdade que o Novo Testamento identifica esse tipo de significado na terra de Israel do Antigo Testamento. Mas, se você *só* pregar essa mensagem com base nas histórias da

terra prometida, estará ignorando tudo que o Antigo Testamento diz sobre o território real e terreno de Israel. Ele foi a prova da fidelidade de Deus à sua promessa. Também foi uma responsabilidade econômica imensa para os lavradores e as famílias de Israel. Deus disse ao povo que esperava que todos vivessem naquela terra praticando justiça econômica e compaixão. Há diversas leis e histórias sobre a vida na terra de Israel que têm muito a nos ensinar sobre como Deus espera que vivamos em seu planeta. E elas fazem bem mais do que apontar espiritualmente para Jesus ou o "céu".

NÃO PROCURE SIGNIFICADOS OCULTOS FANTASIOSOS NA HISTÓRIA

Esse é o perigo de *alegorizar* as histórias da Bíblia. Alegoria é uma história intencionalmente escrita para que todos os personagens e detalhes da narrativa tenham algum significado espiritual ou moral. O exemplo mais conhecido no mundo cristão é o famoso livro de John Bunyan, *O peregrino*. Todas as pessoas, todos os lugares e acontecimentos da história foram inventados por Bunyan para descrever diferentes aspectos da vida cristã. Os leitores sabem

que, quando Bunyan descreve o Pântano do Desânimo, o Castelo das Dúvidas ou a Feira das Vaidades, na verdade está se referindo a depressão, falta de fé e mundanismo, respectivamente. No entanto, quando lemos as histórias do Antigo Testamento, elas estão falando sobre o que está lá escrito, e não sobre outra coisa. Elas não vêm com códigos secretos e significados ocultos.[1]

Voltando a Davi e Golias: Davi pegou cinco pedras de um riacho. Se nos perguntarmos por que (e nem tenho certeza se deveríamos nos incomodar fazendo essa pergunta), provavelmente é porque era ali que dava para encontrar pedras arredondadas, e ele pegou cinco para estar bem preparado. O narrador apenas nos conta o que aconteceu, sem tecer maiores comentários. Ainda assim, muitos pregadores começam a adivinhar o que aquelas pedras, ou o riacho ou a funda de Davi "representam". Essas coisas não "representam" nada. Apenas são o que são, fatos na história, o aparato comum de um jovem pastor. Você já ouviu pregadores dizendo que as cinco pedras simbolizam:

- Cinco coisas sobre Davi: coragem, confiança, preparo, fé, vitória (ou o que mais você queira colocar na lista)?
- Os cinco livros de Moisés?
- Os cinco pães do milagre de Jesus?
- Os cinco ministérios da igreja: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres?
- As cinco feridas de Cristo?

Outras interpretações alegóricas dizem:

- As pedras foram tiradas de uma corrente de água, que representa o Espírito Santo, por isso eram "ungidas".
- Davi é Jesus. Golias é o diabo. As pedras somos nós ("pedras vivas"). O riacho é o Espírito Santo. A funda é a oração.[2]

O problema de pregar dessa maneira é que tudo pode soar muito inteligente e espiritual, chegando até a criar alguns pontos espirituais verdadeiros em si mesmos (*realmente* precisamos resistir ao diabo no poder do Espírito Santo e em oração), mas não eram

essas ideias sofisticadas que o narrador estava tentando transmitir ao contar a história.

Esse tipo de alegoria fantasiosa pode ter algumas consequências negativas graves. Pode distrair a atenção da história como um todo e do propósito do narrador ao contá-la, quando se concentra em detalhes secundários e os trata como símbolos de coisas que nada têm a ver com a história em si. Não dá atenção nenhuma ao cenário do episódio dentro de seu contexto na história de Israel e na grande amplitude do plano de Deus na Bíblia como um todo. Pode levar uma congregação a pensar: "Não consigo ler e entender as histórias da Bíblia sozinho. Todas elas têm significados ocultos, e preciso do pastor para me dizer quais são eles". Substitui a autoridade simples e o poder do texto bíblico inspirado com as astutas adivinhações do pregador. As pessoas se esquecem do texto bíblico e se lembram "do que o pastor nos disse que significava".

Não estou negando que algumas histórias podem ter diversos *níveis de significado*, sobretudo quando as analisamos à luz de outras partes da Bíblia. No capítulo 5, destacamos diversas maneiras de encontrar elementos significativos que apontam para Cristo nos

relatos do Antigo Testamento. Há elos e conexões dentro de toda a narrativa bíblica. Em algumas ocasiões, os autores do Novo Testamento enxergaram mais em um texto do Antigo Testamento do que seu significado imediato, quando o liam à luz de Cristo. Mas isso não quer dizer que a história original era "apenas uma alegoria", ou a figura de algo completamente diferente dos acontecimentos históricos de que trata.

Exemplo

Em **Josué 8**, após a derrota de Ai, Josué matou o rei da cidade e deixou seu corpo pendurado em uma árvore. O que está acontecendo nessa situação? Antes de mais nada, devemos conectar esse fato com a declaração de Deuteronômio 21.22-23, segundo a qual qualquer um que fosse pendurado em um madeiro depois de ser considerado culpado de um grande pecado estava sob a maldição de Deus. Logo, a atitude de Josué foi uma demonstração visível de que a derrota e a

destruição dos cananeus foram um ato de julgamento divino sobre sua maldade, e não mera violência gratuita (conforme Deus havia explicado em Dt 9.4-6). Situamos a história em seu contexto do Antigo Testamento, que nos ajuda a explicar o significado do que estava se passando.

Depois disso, em segundo lugar, também podemos nos lembrar, de maneira bastante apropriada, que Paulo destaca como *Jesus* também foi "pendurado num madeiro" na crucificação (Gl 3.13). Mas não foi pelos próprios pecados ou por sua maldade. Não, Jesus suportou a maldição e o juízo de Deus *em nosso lugar*. Por isso, ao pregar aquela história, podemos mencionar a conexão com Cristo e a cruz. Uma vez que Jesus morreu por nós, não necessitamos permanecer sob o julgamento divino, como ocorreu com os cananeus. A história da vitória divina sobre os cananeus faz parte da mesma história que leva, em última instância, à vitória divina sobre o mal na cruz. Faz parte da história completa de salvação da Bíblia.

O que *não* devemos fazer, porém, é tratar Josué 8 (ou parte do capítulo) como mera alegoria que, "na verdade", só fala de Jesus. Não devemos dizer: "A árvore *representa* a cruz" ou "O rei pendurado na árvore *representa* o Rei Jesus pendurado na cruz". Isso é alegorizar a história e transformar detalhes na ideia principal. Tais detalhes não "representam" nada. São simples fatos da história. Mas outras partes da Bíblia lhes atribuem significado especial.

NÃO REDUZA A HISTÓRIA A PONTOS DOUTRINÁRIOS DO SERMÃO

Esse é o perigo de *generalizar* as histórias da Bíblia. Alguns pregadores amam histórias e contam muitas delas em seus sermões. Infelizmente, recorrem mais a histórias pessoais que às bíblicas. Já outros pregadores *não gostam* de histórias e quase nunca recorrem a elas (algo estranho, já que Jesus as usava de maneira poderosa e com frequência em suas pregações e ensinamentos). Tais pregadores são ferrenhos

defensores da *doutrina* cristã. Pensam em *ensinar* às pessoas as grandes verdades doutrinárias da fé cristã. E isso é maravilhoso. Gostaria que mais pregadores tivessem essa paixão! Mas o perigo é que isso pode levá-los a ignorar mais da metade da Bíblia (que se encontra em forma narrativa, e não abertamente doutrinária). Ou, quando acontece de pregarem sobre uma história bíblica, sua paixão pela doutrina os leva a *ignorar a história em si* e transformá-la em um punhado de tópicos doutrinários.

Possivelmente eles abordariam a história que estamos usando como exemplo da seguinte maneira:

> [Pregador:] Bem, tenho certeza de que todos conhecemos muito bem a história de Davi e Golias, então não vamos perder tempo em repassá-la. Aqui estão as três doutrinas que devemos aprender com ela:
>
> Primeiro, *a soberania de Deus.* Deus escolhera Davi. Ele era o futuro rei eleito de Deus. [Em seguida, pode vir um ensino detalhado sobre a doutrina da eleição.]
>
> Segundo, *o poder de Deus*. Davi confiou no poder de Deus, que era maior do que todo o tamanho e toda a força de Golias. [Em seguida, pode vir um ensino detalhado sobre o que o restante da Bíblia diz sobre a onipotência de Deus.]

> E, terceiro, *a salvação de Deus.* Deus salvou Davi e os israelitas dos filisteus. Mas sabemos que a salvação divina só ocorre por intermédio de Cristo. [Em seguida, pode vir um ensino detalhado sobre a doutrina da salvação, expiação substitutiva etc.]

Não me entenda mal. Todas essas doutrinas bíblicas são verdadeiras e importantes. E podemos afirmar sem sombra de dúvida que é melhor identificar o que a passagem ensina sobre *Deus*, em vez de simplesmente extrair lições gerais de moral para nós mesmos. Ou seja, com certeza a pregação doutrinária é superior à moralizante, já que mantém Deus no centro.

Mas algo fica de fora, não é mesmo? O que aconteceu com a história — com todo o seu interesse, suspense, surpresa, enredo, personagens, diálogo, drama e emoção? Perdemos os contornos fortes e o sabor específico *desta história única*, conforme contada pelo narrador. Podemos pregar sobre a soberania, o poder e a salvação de Deus com base em quase qualquer texto da Bíblia; então qual é o motivo de fazer isso usando *esta* história se não permitimos

que ela faça a própria obra na imaginação, no coração e na mente das pessoas?

Eis uma consideração: Deus poderia ter nos deixado a Bíblia inteira como um livro cheio de doutrinas, todas bem organizadas por assunto. E de fato ele nos *deixou* alguns livros nas Escrituras que predominantemente nos ensinam o que necessitamos saber e em que acreditar. São livros cheios de ensinos, como algumas das cartas do Novo Testamento. Em vez disso, porém, Deus escolheu nos dar a Bíblia como um livro formado por mais de 50% de histórias. Se o autor as considerava importantes, não podemos simplesmente ignorá-las ou transformar todas elas em doutrinas quando as pregamos.

Na realidade, conforme vimos no capítulo 2, todas as grandes doutrinas da fé cristã se baseiam na única grande história da Bíblia como um todo. E, de muitas maneiras, as narrativas menores das Escrituras reforçam e ilustram o fluxo de ensinamentos doutrinários embutidos nessa história. Aquilo em que acreditamos (como israelitas ou cristãos) se baseia no que Deus fez. E aí está a grande diferença entre a doutrina cristã extraída da Bíblia e as especulações

filosófico-religiosas retiradas de habilidosos pensamentos humanos.

Você já se perguntou por que os israelitas criam daquela maneira?

Suponha que você esteja ouvindo um israelita cantar o **Salmo 33**:

> Pois a palavra do SENHOR é verdadeira;
> ele é fiel em tudo o que faz.
> Ele ama a justiça e a retidão;
> a terra está cheia da bondade do SENHOR.
>
> Salmos 33.4-5, NVI

Imagine você se aproximando dele e dizendo:

— Com licença, mas *como você sabe tudo isso*? Como sabe que Deus é verdadeiro e fiel? Como conhece a justiça e a bondade dele?

(A propósito, todos esses elementos são grandes doutrinas.)

Acho que o israelita que estava cantando o salmo responderia:

— Quanto tempo você tem? Sente-se aqui e me permita contar nossa história; um monte de histórias, para falar a verdade.

Então ele lhe explicaria as histórias da promessa de Deus a Abraão e como ele as cumpriu. É assim que ele sabe que Deus é *fiel*. Ele contaria como Deus destruiu a injustiça arrogante dos egípcios e salvou seu povo. É assim que ele sabe que Deus é *justo*. Falaria sobre o cuidado amoroso e a provisão divina por seu povo no deserto. É assim que ele sabe que Deus é *bondoso*. E assim por diante. Em algum momento, ele se levantaria e diria:

— Bem, essa é a nossa história. É assim que sei como Deus é, e é por isso que creio dessa maneira. Agora, se você não se importa, posso retomar meu cântico?

Em suma, *Israel aprendeu suas doutrinas com base nas histórias*. É por isso que era tão importante continuar contando-as vez após vez, de geração em geração (Dt 6).

Por isso, faça de tudo para que seu público compreenda as doutrinas básicas da fé cristã. Mas não ignore as histórias bíblicas nesse processo. Elas são suas melhores aliadas. Ligam o aprendizado à imaginação, e isso é poderoso! Permita que as

histórias realizem a própria obra, a obra que Deus as colocou na Bíblia para realizar. Pregue-as e ensine-as![2]

NÃO SE PRENDA A DIFICULDADES E DETALHES

Esse é o perigo de *complicar* as histórias da Bíblia. É claro que muitas histórias do Antigo Testamento realmente levantam dúvidas em nossa mente. Isso acontece sobretudo quando há elementos milagrosos (que não são, nem de perto, tão comuns quanto as pessoas acham). Queremos saber como o mar se abriu para os israelitas atravessarem, ou como e por que as muralhas de Jericó ruíram, ou ainda o que realmente foram as pragas do Egito, para onde Elias de fato "foi", e assim por diante. Mas a Bíblia não toma tempo para explicar essas coisas a fim de satisfazer nossa curiosidade. Por isso, não deveríamos perder tempo no púlpito apresentando todas as possíveis explicações que lemos ou ouvimos. Conte a história, deixando tais detalhes para o poder e a sabedoria de Deus.

É preciso levar em conta que as histórias do Antigo Testamento aconteceram no mundo do antigo

Oriente Próximo, e agora sabemos muito sobre essa região nos tempos antigos por meio das descobertas arqueológicas. Às vezes, ajuda dar a nosso público informações sobre coisas que o ajudarão a compreender melhor a história bíblica, ou situá-la em seu contexto cultural e histórico. Mas um sermão ou estudo da Bíblia não é lugar para você exibir todo o conhecimento que reuniu por meio da leitura. Você só deve incluir na pregação ou no ensino as informações que *genuinamente* ajudem as pessoas a entender melhor o texto. Caso contrário, será entediante e chato, e as pessoas perderão o interesse pela história em si, o que é trágico.

Conforme já analisamos, muitas das histórias do Antigo Testamento contêm detalhes descritivos (como as cinco pedras de Davi ou as frutas específicas que Abigail carregou nos jumentos para levar até Davi). Não se sinta tentado a explicar cada detalhe da história como se todos eles tivessem o mesmo nível de importância. Em particular, não se prenda na tentativa de descobrir números, datas e detalhes semelhantes. Analise *a história como um todo.* O que o narrador enfatizou? O que é realmente importante no modo como o narrador apresentou os personagens e

uniu o enredo? O que de fato "aparece na câmera" à medida que as cenas se desenrolam? Então, concentre-se nesses elementos principais durante o sermão.

Às vezes, as histórias da Bíblia são embaraçosas, torpes ou chocantes. Podemos sentir a tentação de minimizar esses efeitos ou mostrar que as coisas não foram tão ruins quanto parecem. Não faça isso. Deus conta as coisas como elas são neste mundo. Os seres humanos são pecadores, capazes de fazer coisas desesperadoramente perversas e depravadas. O maravilhoso da Bíblia é que Deus continua a trabalhar com pessoas, mesmo caídas e pecadoras, como também por meio delas. E, no fim, ele cumpre seu propósito, a despeito de todos os problemas que causamos.

NÃO CRIE EXPECTATIVAS ERRADAS

Esse é o perigo de *personalizar* inapropriadamente as histórias da Bíblia. Ao dizer isso, refiro-me a ler uma história do Antigo Testamento como se tudo dissesse respeito a mim (ou pregá-la como se tudo dissesse respeito ao ouvinte no banco da igreja). É nesse ponto que necessito de cuidadoso equilíbrio. Por um

lado, sem dúvida, eu devo mesmo perguntar: "O que esta história significa para mim? Qual deve ser minha resposta? Quais são os desdobramentos pessoais desta história em minha/nossa vida?". Em contrapartida, o perigo reside em achar que tudo aquilo que Deus fez ao herói da história, ele é obrigado a fazer por mim (ou por você). É *como se eu fosse aquela pessoa da história* e pudesse reivindicá-la para minha vida. Trato a narrativa como uma promessa pessoal para mim.

Você conhece a antiga música evangélica: "Não é segredo o que Deus pode fazer; aquilo que fez pelos outros, fará por você"?[4] Bem, se estivermos falando sobre o perdão divino de nossos pecados e o dom da vida eterna pela fé em Jesus Cristo, é verdade. Mas, se pensarmos que Deus *necessariamente* fará por nós aquilo que fez pelas pessoas nas histórias da Bíblia, estamos personalizando o texto de maneira equivocada. Estaremos lendo nele promessas implícitas que não estão lá.

Nessa linha, eu poderia pregar a história de como Deus protegeu Elias e o alimentou usando corvos, de modo que ficasse implícito que Deus fará exatamente o mesmo por nós (talvez sem os corvos). Ou porque

Deus manteve Daniel em segurança dentro da cova dos leões, ele nos conservará seguros em meio a qualquer perigo. No entanto, sabemos que, mesmo dentro da própria Bíblia, Deus nem sempre impediu que pessoas fiéis fossem atacadas ou mortas (Hebreus 11 transmite essa ideia de modo bastante convincente). Com certeza, devemos nos sentir *encorajados* pelas histórias da provisão e proteção divina; e, sem dúvida, podemos *orar* pedindo que Deus faça o mesmo por nós. Mas não é correto presumir que toda história seja uma promessa pessoal de que o Senhor sempre fará exatamente a mesma coisa por nós.

Certa vez, em uma aula de pregação na faculdade onde eu lecionava, um aluno pregou sobre Jeremias e como Deus prometeu que traria os exilados de Judá de volta da Babilônia para a própria terra. Ele nos disse que sua congregação imaginária era formada por refugiados cristãos de um país africano. Ele pregou o texto bíblico como uma *promessa* divina de que *eles* (os refugiados africanos) certamente conseguiriam voltar logo para casa.

Mas não podemos transformar histórias sobre o que Deus *de fato* fez — histórias que demonstram aquilo

que Deus *pode* fazer — em promessas tipo cheque em branco, garantindo o que Deus *fará* ou *deve fazer* por mim, por você e por todas as pessoas. Por que não? Porque nem a própria Bíblia faz isso. Na verdade, ela nos dá exemplos que desmentem esse tipo de expectativa errônea:

- Deus salvou José da prisão, mas o padeiro perdeu a cabeça (Gn 40).
- Deus resgatou Moisés da morte do Nilo, mas muitos outros bebês devem ter se afogado ali.
- Deus protegeu Jeremias de ser morto por uma multidão, mas o profeta Urias foi executado pelo rei Jeoaquim (Jr 26).
- Deus abençoou Abraão com riquezas cada vez maiores, mas Jeremias sofreu solidão, ódio, violência física e prisão *porque* confiava em Deus e lhe obedecia fielmente.
- Pedro foi salvo da prisão por um anjo, mas Tiago foi morto à espada (At 12).
- Jesus curou muitas pessoas, mas Deus não tirou de Paulo o "espinho na carne", que provavelmente era uma doença física. Em certa ocasião, Paulo precisou deixar um colega para trás (Trófimo),

> porque este estava enfermo (2Tm 4.20). Tenho certeza de que Paulo orou por ele, mas Deus não o curou de imediato.

Os três amigos de Daniel tinham a perspectiva correta a esse respeito. Quando Nabucodonosor os ameaçou com a fornalha ardente, deram a clássica resposta: "Se formos lançados na fornalha ardente, o Deus a quem servimos pode nos salvar. [...] *Mas, ainda que ele não nos livre*, queremos deixar claro, ó rei, que jamais serviremos seus deuses ou adoraremos a estátua de ouro que o rei levantou" (Dn 3.17-18). Eles sabiam (com base nas muitas histórias de seu povo) que o Deus de Israel era perfeitamente capaz de salvá-los. Contudo, também sabiam que ele não tinha obrigação de fazê-lo. Assim, confiavam na soberania divina, mas deixaram espaço para a autonomia de Deus. A mensagem deles era que, não importava o que o Deus vivo fizesse ou deixasse de fazer, sem dúvida eles não serviriam a nenhum outro deus.

Portanto, certamente podemos fazer o que os salmistas faziam, isto é, usar as grandes histórias do poder salvador de Deus no Antigo Testamento como fonte de *incentivo* para nossa fé e vida de oração

("nosso Deus pode"). É claro que podemos ter completa certeza da salvação perfeita de Deus em Cristo e por meio dele ("todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" [Rm 10.13]). Mas não devemos usar as histórias do Antigo Testamento para *prometer* às pessoas que elas sempre estarão em segurança e nunca enfrentarão sofrimento, fome, doenças, perseguição ou morte. Não crie falsas expectativas.

Existe outra maneira de criar falsas expectativas — e ela pode parecer surpreendente. É pela seletividade nas histórias que você escolhe para pregar ou ensinar, caso você só opte pelas "boas".

Aí está você, planejando suas pregações, e decide pregar uma série sobre personagens bíblicos do Antigo Testamento. Então, você seleciona relatos motivadores da vida de cada um, digamos, Abraão, Jacó, José, Moisés, Josué, Davi e quem sabe Elias. O tema geral que você deseja demonstrar é como a fé em Deus supera as dificuldades. Então, você prega sua meta por meio dessas histórias incríveis. Tenho certeza de que será muito encorajador para as pessoas.

Mas também pode ter este efeito oculto: todas as histórias selecionadas parecem dizer que *tudo dará*

certo, enquanto você confiar em Deus. Por causa disso, as pessoas de sua congregação podem se sentir tentadas a pensar:

- *Ou*: "Agora que sou cristão e confio em Deus, a vida será uma estrada de ricas bênçãos e vitórias".
- *Ou*: "Nada está dando certo para mim. Minha vida é uma confusão, estou sofrendo grandes dificuldades e dores. Então, ou eu não tenho a fé que todas aquelas pessoas da Bíblia tinham, ou talvez Deus não me ame por algum motivo".

Nenhum desses pensamentos é verdadeiro ou correto, mas pode ser a consequência de pregar apenas histórias "boas".

Uma estratégia melhor seria pregar uma série inteira de histórias que compõem a vida de *um* personagem — como Abraão, Jacó, José ou Davi. Assim fica bem claro que eles enfrentaram todo tipo de problemas, causados pelos próprios erros e pecados, bem como pelo ódio ou pela mentira de outros: engano, inveja, famílias disfuncionais, imoralidade sexual, violência, desobediência, depressão. Tudo isso pode ser encontrado nesses relatos. Às vezes, as coisas davam

extremamente errado para eles. A despeito disso tudo, Deus continuou a operar por meio de tais pessoas. *Assim, obtemos uma percepção maior da realidade.* Sua pregação será mais "realista", mais equilibrada e fiel em relação a tudo que a Bíblia ensina. É esse tipo de equilíbrio que Hebreus 11 inclui. Sim, muitas pessoas fizeram grandes coisas e conquistaram grandes vitórias pela fé. Outras, porém, *que também foram elogiadas por sua fé*, sofreram perdas, fome, falta de abrigo, violência e morte (Hb 11.35-40).

NÃO SUBVERTA O EVANGELHO

Isso pode parecer surpreendente. Como seria possível minar o evangelho ao pregar histórias bíblicas? Na verdade, é muito fácil fazer isso. Em minha opinião, isso acontece o tempo inteiro na maneira como as histórias da Bíblia costumam ser contadas para as crianças, e às vezes a situação não é melhor no púlpito ou nos pequenos grupos.

Li certa vez um estudo que dizia que, se você perguntar: "Por que Jesus morreu na cruz?" às crianças de uma boa igreja, onde a Bíblia é ensinada, elas responderão: "Para que nossos pecados fossem perdoados". Mas se perguntar: "O que fazer para

chegar ao céu?", muitas dirão: "Seja uma pessoa boa". Essa é a mensagem que internalizaram, mesmo que isso não tenha sido ensinado de maneira explícita. "É preciso ser bom." "Por quê?" "Para poder ir para o céu. Só bons meninos e boas meninas vão para o céu." E essa "mensagem" é sutilmente reforçada história após história da Bíblia, nas quais as crianças ouvem que Deus se importa com os personagens bons e cuida deles, ao passo que os maus são castigados. Então, a mensagem que ouvem é: "Você precisa ser bom para que Deus o ame e faça coisas boas por você — e especialmente para poder ir para o céu".

Espero que você consiga perceber que isso é exatamente o contrário das boas-novas. Trata-se da negação do evangelho da graça de Deus. A mensagem da Bíblia *não* é que você precisa ser bom e só então o Senhor o amará e lhe dará suas bênçãos. As boas-novas extraordinárias, contraculturais e inesperadas da Bíblia são que Deus nos ama, a despeito de nossos pecados e de nossa rebelião; que ele agiu para nos trazer salvação e bênçãos; que a graça divina vem primeiro e nossa obediência e "boa conduta" são uma

resposta à graça — nunca, jamais um meio de ganhá-la ou merecê-la.

Essa verdade evangélica é parte tanto do Antigo Testamento quanto do Novo. Deus toma a iniciativa. Deus chama Abraão e lhe faz uma promessa. E Abraão responde em fé e obediência, então Deus o abençoa. Deus tem compaixão dos israelitas escravizados no Egito e age para libertá-los. Somente depois disso Deus lhes pediu que lhe obedecessem e cumprissem a aliança. Refletiremos mais sobre a significância dessa ordem de acontecimentos no próximo capítulo.

Precisamos nos lembrar que as histórias dos israelitas no Antigo Testamento são histórias de pessoas que *já haviam conhecido e experimentado o poder redentor do amor e da graça de Deus* — antes de tudo. Foi só *depois* de libertá-los do Egito e levá-los à terra de Canaã que Deus ordenou obediência e prometeu que, se obedecessem, *continuariam* a desfrutar suas bênçãos. Mas, se desobedecessem e fossem atrás de outros deuses, caindo em todos os tipos de males sociais e espirituais, então sofreriam a ira e o juízo divinos.

A ordem é:

1. Deus agiu para salvar e abençoar o povo, dando-lhe os grandes presentes que prometeu.
2. Deus então chamou o povo para amá-lo, adorá-lo e obedecer-lhe em resposta à sua aliança.
3. Deus prometeu continuar abençoando aqueles que respondessem à sua graça em obediência à aliança.
4. Mas, se as pessoas se afastassem do Deus que as salvara, inevitavelmente sofreriam as consequências do pecado e do mal.

O problema é o seguinte: quando pregamos algumas histórias do Antigo Testamento, com frequência deixamos de fora os dois primeiros elementos e nos concentramos nos pontos 3 e 4. É claro que os dois primeiros podem não estar incluídos na história específica que estamos pregando. Mas é justamente por isso que é tão importante enxergar cada história pequena como parte da mais longa. *Todas* as pequenas histórias sobre os israelitas na terra *pressupõem* a história anterior da salvação e da aliança, que, em essência, consiste na história evangélica do Antigo Testamento sobre a graça salvadora de Deus.

Isso quer dizer que todas as histórias que ilustram os pontos 3 e 4 se baseiam nos fatos dos pontos 1 e 2.

Se nos esquecermos disso, ficará fácil transformar as histórias do Antigo Testamento em pequenos retratos de "bênção como recompensa pela obediência" ou o contrário. Pregamos que, se as pessoas forem obedientes (em geral, concentrando-nos nas regras que consideramos importantes — a essência do legalismo), Deus as abençoará de todas as maneiras. Então, ilustramos tal ideia com qualquer história do Antigo Testamento que pareça comprová-la, *ignorando a história original da graça salvadora de Deus.* Dessa maneira, subvertemos o coração do evangelho da graça, substituindo-o por uma mensagem do tipo "Deus ama as pessoas boas". O efeito é que, ou alimentamos o orgulho e o legalismo das pessoas ("Sou abençoado porque estou me comportando muito bem"), ou as levamos ao desespero, porque elas nunca se sentem boas o suficiente.

Lembre-se sempre: no Antigo Testamento, tanto quanto no Novo, a obediência a Deus nunca foi uma forma de *merecer* suas bênçãos, mas, sim, o modo apropriado de *responder* à salvação divina e a única

forma de *desfrutar* as bênçãos contínuas que fluem da graça de Deus.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Debata se algum dos perigos (ou todos eles!) se aplicam ao tipo de pregação e ensino que você ouve sobre histórias do Antigo Testamento. Qual você acha que acontece com maior frequência e que problema causa?
2. Assim como antes, se você ainda tem notas de sermões ou lições que pregou ou ensinou no passado sobre histórias do Antigo Testamento, leia-as novamente e veja se gostaria de revisar ou mudar sua forma de apresentá-las, a fim de evitar alguns dos perigos que analisamos neste capítulo.

EXEMPLO DE ESBOÇO

Observação: este é o esboço de um sermão ou de uma lição sobre **Gênesis 22.1-19**. Talvez você já tenha trabalhado esse tema, conforme sugeri ao final do capítulo 7. Como a história

envolve uma longa caminhada, decidi "andar por ela" diversas vezes:

- Em primeiro lugar, para ajudar o público a viver a história, enchendo-a de vida, sigo o narrador de perto e observo como ele mantém o suspense e a surpresa. Ele nos deixa, por vezes, perguntando o que Abraão e Isaque estavam pensando. Esta é a parte mais longa do sermão ou da lição.
- Segundo, ando pela história mais brevemente com os israelitas do Antigo Testamento que a ouviam com frequência, a fim de mostrar como Abraão se tornou para eles um modelo de obediência em meio a provas. Como essa história se encaixa dentro da história mais ampla do Antigo Testamento?
- Terceiro, conecto a história ao Novo Testamento, no qual ela é usada como figura da cooperação entre Deus Pai e Deus Filho no sacrifício voluntário na cruz para nossa salvação.

- Quarto, mostro como o Novo Testamento usa a história para nos incentivar em nossa caminhada de fé e obediência.

ANDANDO COM ABRAÃO DURANTE A PROVA
Gênesis 22.1-19

Tônica: Abraão e Isaque juntos exemplificam *tanto* o que Deus fez por nós *quanto* como somos chamados a responder ao Senhor em fé e obediência.

Andando com Abraão e Isaque

v. 1 "Algum tempo depois." Depois do quê? = cap. 21: a alegria do nascimento de Isaque e depois a tragédia de mandar Hagar e Israel embora. Abraão ficara apenas com Isaque.

"Deus pôs Abraão à prova." Então nós (os leitores) sabemos que é "apenas uma prova". Mas Abraão não sabia. Para ele, era uma realidade terrível.

"Abraão!" "Aqui estou!" — repetido três vezes, v. 1,7,11, pontuando a história.

v. 2 "Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você tanto ama": construção enfática das frases.

"Sacrifique-o!": choque e surpresa! Deus havia se esquecido da promessa?

O suspense da história. Isaque sabia qual era a intenção? Os servos sabiam? O narrador é habilidoso ao envolver nossa imaginação na tensão da história.

v. 5-8 O que significam as palavras de Abraão? Uma espécie de oração desesperada? Fé de que Deus ressuscitaria Isaque da morte? Irônico: "Deus providenciará o cordeiro" = meu filho!

v. 9-10 A disposição submissa de Isaque. Ele não era criança, mas um jovem. Poderia facilmente ter corrido se quisesse. Seu pai tinha 100 anos de idade.

v. 11-14 A voz e o substituto.

v. 15-18 Promessa de Deus reafirmada — fé e obediência. Este é o ápice das narrativas sobre Abraão desde o capítulo 12. Deus lhe provou a fé e agora desenvolve a obediência de Abraão

em sua promessa contínua, que a partir de então é confirmada por um juramento.

Andando com Israel

Três palavras da história aparecem repetidas vezes na narrativa do Israel do Antigo Testamento:

- Prova (v. 1)
- Temor (v. 12)
- Obediência (v. 18)

Veja como elas são usadas em Êxodo 20.20; Deuteronômio 8.2; 10.12 — exemplos de Deus provando Israel, para ver se o povo seria obediente.

Mas, ao passo que Abraão foi fiel e obediente, Israel infelizmente fracassou diversas vezes.

Abraão foi um israelita modelo em fé e obediência.

Andando com o Pai e o Filho

Ecos desta história no Novo Testamento:

- O batismo de Jesus — "o meu Filho amado" — provavelmente ecoa tanto Gênesis 22.2 quanto Salmos 2.7.
- João 3.16: Deus como o Pai que deu o único Filho.
- Romanos 8.31-32: Deus não poupou o único Filho, mas o entregou.

Enquanto Deus andava por aquela estrada com Abraão e Isaque em Gênesis, ele sabia que um dia caminharia pela mesma terra com o próprio Filho, mas, ao fim desse dia, não haveria substituto para o Filho de Deus. Em vez disso, ele se tornou nosso substituto, o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. E, assim como Isaque se submeteu voluntariamente a seu pai, o sacrifício de Cristo representou tanto a vontade de Deus, o Pai, quanto a entrega voluntária de Deus, o Filho, ambos agindo juntos para nossa salvação (Gl 1.4).

Andando no caminho de Abraão

O Novo Testamento usa essa história para incentivar tanto a fé quanto a obediência, bem como a confiança na provisão divina em tempos de prova.

- Hebreus 11.17-19: prova da fé de Abraão.
- Tiago 2.21-23: prova da obediência de Abraão.
- 1Coríntios 10.13: a prova é acompanhada de provisão.

9

Entenda a lei do Antigo Testamento

Sempre é bom saber do que se está falando antes de abrir a boca. Por isso, antes de começarmos a falar sobre a *lei do Antigo Testamento*, deixemos bem claro o que queremos dizer com a expressão. Quando Jesus (e o povo judeu antes e depois dele) falava sobre a "Lei, os Profetas e os Salmos [ou Escritos]" (p. ex., em Lc 24.44), estava se referindo às três grandes seções do que hoje chamamos de Antigo Testamento, em sua forma hebraica.

- *A Lei* se referia aos cinco primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco, de Gênesis a Deuteronômio.

Eles são a pedra fundamental do restante da Bíblia.

- *Os Profetas* eram divididos em "profetas anteriores" (os livros históricos de Josué a 2Reis) e "profetas posteriores" (Isaías, Jeremias, Ezequiel e o Livro dos Doze: Oseias—Malaquias).
- *Os Escritos* incluíam todo o restante (Salmos, Jó, Provérbios, 1 e 2Crônicas, Esdras—Neemias e cinco livros pequenos: Rute, Ester, Lamentações, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos).

Por isso, no sentido canônico, "a Lei" é usada para traduzir a palavra hebraica *torah* e se refere ao Pentateuco inteiro. Mas a tradução não é muito boa, pois a palavra *torah* não significa "lei" no sentido moderno de "legislação". Em vez disso, *torah* quer dizer "guia" ou "instrução". E a Torá, claro, inclui narrativas extensas, como Gênesis, metade de Êxodo e Números, bem como leis (e também alguns cânticos e poemas).

No entanto, quando falamos sobre a "lei do Antigo Testamento", em geral estamos nos referindo às partes da Torá que se parecem mais com leis em nosso sentido da palavra: mandamentos, casos

judiciais, juízes e testemunhas, instruções detalhadas, penalidades legais, e assim por diante. Esse tipo de material se encontra principalmente na segunda metade de Êxodo (sobretudo em Êx 20—23), Levítico e Deuteronômio (em especial Dt 12—26).

A partir de agora, nos capítulo 9 e 10, estaremos pensando e falando sobre a lei do Antigo Testamento no segundo sentido. Por isso, quando eu me referir a "lei", "lei do Antigo Testamento" ou "lei de Moisés", estarei aludindo, de modo geral, a essas partes da Torá cheias de mandamentos e instruções. Claro que é importante colocar essas leis dentro do contexto da narrativa de toda a Torá. Mas nosso foco principal se encontra nas seções de leis *dentro* dos livros. Como devemos entender e, então, pregar e ensinar essas grandes passagens, nas quais há tantos mandamentos e tantas instruções extremamente detalhadas?

Neste capítulo, quero ajudar a pensarmos corretamente em relação à lei — para entendermos por que ela faz parte das Escrituras, como se encaixa na grande história da Bíblia e o que significava para os israelitas dos tempos do Antigo Testamento. Em seguida, no capítulo 10, perguntaremos como se pode encontrar relevância na lei do Antigo Testamento

para os cristãos atuais. Como podemos ensiná-la e pregá-la de modo que sua relevância se torne clara e, ao mesmo tempo, ter o cuidado de lembrar do evangelho da graça em Cristo e de que andamos pelo Espírito e não estamos, no sentido de Paulo, "debaixo da lei"?

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO ERA ENALTECIDA COMO UMA DÁDIVA DE DEUS

Neste momento, gostaria que você se sentasse e ouvisse, para pensar um pouco diferente do que de costume. Talvez você se sinta um pouco desconfortável a princípio. Isso geralmente acontece quando ensino esta parte, mas confie em mim. Quero que sejamos fiéis à Bíblia — à Bíblia como um todo, e não somente a partes dela. Está pronto? Então vamos lá.

A quem você recorreria se alguém perguntasse o que os cristãos devem pensar acerca da lei do Antigo Testamento? É bem provável que você cite o apóstolo Paulo, naquelas passagens de Gálatas e Romanos em que ele diz coisas bem negativas sobre a lei. Ela expõe nosso pecado; mostra que todos somos culpados perante Deus; leva à morte; é incapaz de endireitar

nossa situação com Deus. A lei funcionava como um guardião para manter Israel sob controle — até a vinda de Cristo. Mas agora, pela fé em Jesus, não estamos mais debaixo da lei de Moisés. Damos graças a Deus e suspiramos aliviados!

Quero que você tenha total certeza de que eu aceito e creio em tudo que Paulo diz no Novo Testamento! E um pouco mais adiante voltaremos a esse ponto. Mas o que desejo fazer agora é destacar duas coisas.

Em primeiro lugar, Paulo estava envolvido em um conflito sério com pessoas que davam tanta importância à lei do Antigo Testamento que corriam o risco de subestimar ou compreender incorretamente o que havia acontecido por meio da vinda do Messias, Jesus. Para elas, guardar a lei de Moisés era um emblema vital de pertencimento a uma nação em relacionamento de aliança com Deus — os judeus. Se qualquer outro indivíduo desejasse fazer parte desse povo da aliança, deveria guardar toda a lei de Moisés (passar pela circuncisão, observar o sábado, comer somente alimentos cerimonialmente puros etc.). Essa era a única maneira de pertencer de verdade ao povo justo a quem Deus aceitaria no dia final. Eles estavam

transformando a lei em uma condição para a salvação, a maneira de estar em paz com Deus.

Mas Paulo diz que todo o entendimento que essas pessoas tinham da lei estava errado. *A lei nunca se destinou a ser um meio de salvação.* A salvação sempre foi e continua a ser uma questão de fé nas promessas de Deus, que agora se encontram em Cristo. Logo, Paulo estava argumentando com pessoas que haviam *distorcido* a lei, transformando-a em algo que ela não tinha a intenção de ser. Precisamos prestar muita atenção a esse argumento a fim de entender algumas das cartas de Paulo. Mas esse não é o melhor lugar para começarmos a refletir sobre a lei em si, *em seu contexto do Antigo Testamento.* E isso leva ao meu segundo argumento.

Em segundo lugar, o que aconteceria se, em vez de começarmos a refletir sobre a lei do Antigo Testamento com o apóstolo Paulo, começássemos com aqueles a quem ela, de fato, foi entregue — os israelitas do Antigo Testamento? Perguntemos a alguns dos salmistas o que a lei significava para eles. Veja o que dizem:

A lei do SENHOR é perfeita

e revigora a alma.
Os decretos do SENHOR são dignos de confiança
e dão sabedoria aos ingênuos.
Os preceitos do SENHOR são justos
e alegram o coração.
Os mandamentos do SENHOR são límpidos
e iluminam a vida.
O temor do SENHOR é puro
e dura para sempre.
As instruções do SENHOR são verdadeiras
e todas elas são corretas.
São mais desejáveis que o ouro,
mesmo o ouro puro.
São mais doces que o mel,
mesmo o mel que goteja do favo.

Salmos 19.7-10

Andarei em liberdade,
pois me dediquei às tuas ordens. [...]
Como tenho prazer em teus mandamentos!
Como eu os amo! [...]
Por isso amo teus mandamentos
mais que o ouro, mais que o ouro puro. [...]
A própria essência de tuas palavras é verdade;
todos os teus justos estatutos permanecerão para sempre.

Salmos 119.45,47,127,160

O que você ouve nesses cânticos de louvor? Não um terrível fardo de legalismo. Nem murmúrios e reclamações sobre como tudo é tão difícil. Nem ansiedade, nem culpa. Em vez disso, ouvimos *ações de graças* por um presente maravilhoso de Deus. Ouvimos *reconhecimento* por algo que é uma bênção e um auxílio muito prático para a vida. Nós os ouvimos *valorizar* a lei divina por ser algo precioso (mais que o ouro) e doce (mais que o mel).

> Os israelitas devotos se deleitavam na lei como um presente da graça de Deus e sinal de seu amor, a eles dada para seu próprio bem (Dt 4.1,40; 6.1-3,24 etc.). Eles a consideravam uma bênção em si e a maneira de desfrutar as bênçãos contínuas de Deus (Dt 28.1-14). Lembravam-se que a revelação da lei a Israel era um privilégio único, que não fora concedido a nenhuma outra nação (Dt 4.32-34; Sl 147.19-20). Estimulavam uns aos outros a obedecer a seus preceitos, não para se salvar, mas porque Deus já os tinha salvado (Dt 6.20-25). Alegravam-se nela por ser o caminho para a vida (Lv 18.5; Dt 30.15-20) e um rio de fecundidade (Sl 1.1-3).[1]

Creio que esse seja o ponto de partida correto se queremos pensar (e ensinar) sobre a lei do Antigo Testamento em seu contexto bíblico apropriado. É

claro que precisaremos chegar a Paulo e entender o que ele queria dizer ao afirmar que nós, cristãos, não vivemos "debaixo da lei". É aí que nos encontramos agora, no Ato 5 da grande história bíblica. No entanto, assim como em qualquer parte do Antigo Testamento, precisamos antes de mais nada voltar a mente para o Ato 3 e estudar essas passagens dentro do próprio contexto. Quando fizermos isso, encontraremos um cenário bem mais positivo — pelo menos inicialmente.

E, voltando a Paulo só por um instante, lembre-se de onde começamos no capítulo 1. Foi ele quem nos disse: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Tm 3.16-17, NVI). Bem, a lei era a primeira parte fundamental da Escritura à qual Paulo se refere. Por isso ele a incluiu nessa frase. Mesmo que outras pessoas usassem a lei de maneira equivocada colocando-a no lugar que só Cristo deveria ocupar, Paulo nos diz claramente que a lei em si é "inspirada por Deus e útil". Não há motivo para declarar com tanta ousadia que "*toda* a Escritura é inspirada por

Deus e útil", a menos que possamos afirmar sobre cada capítulo de qualquer livro do Antigo Testamento, incluindo a lei: "*Esta* Escritura é inspirada por Deus e é útil".

Então, voltemos ao Antigo Testamento e tentemos permanecer no meio dos israelitas a fim de enxergar a lei do ponto de vista deles, dentro da grande história do relacionamento de Deus com seu povo.

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO FOI ENTREGUE A UM POVO QUE HAVIA CONHECIDO A GRAÇA DE DEUS

Quando voltamos para a única grande história da Bíblia, vemos mais uma vez sua importância vital para a compreensão de qualquer parte do livro sagrado. *A lei vem dentro de uma história.* Ela foi dada a um povo que já havia experimentado Deus em ação. Antes de chegarmos aos textos legais da Torá, temos um livro e meio de narrativa precedente (Gênesis inteiro e metade de Êxodo). Assim, teremos lido a história da criação, a queda, o chamado de Abraão e a promessa de Deus a ele, a redenção divina de Israel do Egito e a aliança entre Deus e Israel no monte Sinai. Ou seja, já teremos passado pelos Atos 1

e 2 e o início do Ato 3, antes de chegarmos à lei. Essa grande narrativa e todo o seu significado é o contexto da lei. Precisamos manter essa história em mente com muita clareza sempre que lemos ou pregamos sobre qualquer parte da lei em si. Nunca pregue a lei do Antigo Testamento sem a história que a antecede.

A lei foi dada por *este Deus* — o Deus que criou a terra inteira e todas as nações, que fez uma aliança com Abraão que incluía uma promessa de bênção para toda a humanidade. E a lei foi entregue para *este povo* — o povo que Deus havia acabado de libertar da escravidão em um ato de compaixão e justiça, o povo que agora se encontrava em um relacionamento de aliança com Deus. A graça redentora do Senhor já estava em ação. Assim, quando ensinamos às pessoas sobre a lei do Antigo Testamento, precisamos ter a certeza de que elas conhecem o Deus que a entregou e a história que a cerca. Ele é o Deus da graça, e esta é a história da graça.

Lista de conferência

Devemos, portanto, pregar a lei do Antigo Testamento baseados no alicerce da graça salvadora de Deus. Qualquer outra coisa leva as pessoas ao legalismo, desespero ou orgulho. Não devemos pregar a lei sem o evangelho. Mas lembre-se: o evangelho começou com Abraão (conforme Paulo afirmou em Gl 3.6-8). Isso quer dizer que Deus entregou a lei a um povo que já sabia da aliança da promessa de bênção e havia experimentado a poderosa redenção divina. Assim, eis algumas perguntas a se fazer quando você estiver estudando uma passagem da lei do Antigo Testamento com o objetivo de pregar ou ensinar sobre ela.

- Esta lei em particular inclui alguma referência à redenção de Israel do domínio egípcio efetuada por Deus ou aparece em um grupo de leis ou capítulo que inclua tal referência? Por exemplo, Levítico 19 é cheio de leis muito práticas, mas alude a Deus o tempo inteiro por meio de seu nome da aliança, Senhor/Yhwh, terminando com um lembrete do Egito.

- A lista completa dos Dez Mandamentos começa com o fato de que Deus redimiu Israel, antes de citar o primeiro mandamento. O que isso revela sobre todo o restante da lei?
- Você pode ajudar os ouvintes a identificar o formato dos livros nos quais as leis são encontradas? Por exemplo, as leis de Êxodo (que incluem os Dez Mandamentos) vêm *depois* da história da redenção registrada na primeira metade do livro. De maneira semelhante, o livro de Deuteronômio, que consiste em uma renovação da promessa de Deus a Israel logo antes de atravessarem o Jordão até a terra de Canaã, começa com capítulos que contam a história de como Deus resgatou Israel do Egito, se revelou ao povo no Sinai e o guiou através do deserto (Dt 1—4), *antes* de abordar os Dez Mandamentos e outras leis. Mais uma vez, ao fim da principal seção de leis, a história da redenção é celebrada novamente (Dt 26).

A seguir, três passagens maravilhosas da Torá que tornam bem clara essa ideia. Amo pregar sobre elas!

Exemplos

a) Êxodo 19.1-6: a lei foi entregue a um povo que Deus já havia redimido

Deus conduziu seu povo até o monte Sinai. Agora é hora de revelar o que tudo aquilo significa e o que ele quer dos israelitas. Mas a primeira coisa que Deus faz é apontar para o passado. "Vocês viram o que fiz" (v. 4). E de fato eles haviam visto. Era uma lembrança bem recente. Como conta o versículo 1, fazia apenas três meses que eles eram chicoteados e mortos como escravos no Egito. Agora, estavam livres. E Deus diz: "Eu fiz isso. Eu os tirei daquela opressão terrível". O êxodo foi um ato da graça salvadora de Deus, motivado por sua compaixão pelo sofrimento do povo e por sua fidelidade à promessa feita a Abraão (Êx 2.23-25).

Somente depois de lembrá-los dessa história de redenção, ele prossegue: "Agora, se me

obedecerem e cumprirem minha aliança". A graça vem primeiro. A obediência vem depois, como uma resposta apropriada à graça. A graça vem *antes* da lei. Até mesmo a estrutura do livro de Êxodo nos mostra isso. Há dezoito capítulos de salvação (quase a metade do livro) antes de chegarmos ao primeiro capítulo da lei, que começa com os Dez Mandamentos.

Estou enfatizando esse ponto porque muitas pessoas ainda nutrem uma ideia equivocada a respeito da diferença entre o Antigo e o Novo Testamento. Acham que a diferença é que, no Antigo Testamento, as pessoas se salvavam pela obediência à lei, ao passo que, no Novo Testamento, elas só se salvam pela graça mediante a fé. Essa é uma distorção terrível das Escrituras. Elas estão corretas, é claro, no que diz respeito à salvação no Novo Testamento. Mas a graça era a base da salvação no Antigo Testamento da mesma maneira. Deus salvou seu povo por causa de seu próprio amor e fidelidade, *então* fez com ele uma aliança que incluía a guarda da lei. Esse ponto de vista acerca do Antigo Testamento (salvação pela

guarda da lei) é muito semelhante ao falso ensino que Paulo combatia. Não é o que ensina o Antigo Testamento em si.

Mesmo os Dez Mandamentos, que parecem lançar os princípios básicos de toda a lei, começam com um lembrete da graça salvadora: "Eu sou o SENHOR, seu Deus, que o libertou da terra do Egito" (Êx 20.2). Eles foram entregues a um povo que Deus já havia resgatado.

Na Inglaterra, muitas igrejas antigas mantêm os Dez Mandamentos escritos na parede (junto com a Oração do Pai Nosso e o Credo). Infelizmente, elas quase sempre começam com o primeiro mandamento e deixam de fora a declaração inicial de Deus. Isso é comunicar a lei sem o "evangelho". Corresponde a dizer às pessoas o que elas devem fazer, sem antes lhes contar o que Deus já fez.

b) Deuteronômio 6.20-25: a gratidão servia como motivação para a obediência à lei

Leia esses versículos. Eles nos colocam no coração de um lar israelita, no qual a família

busca viver em obediência a Deus, dentro do contexto da aliança. Então, o filho pergunta ao pai qual é o significado ou o motivo de todas as instruções que observavam. "Por que fazemos todas essas coisas, pai?". Bem, quando as crianças perguntam por que, às vezes os pais respondem: "Porque eu mandei!". Ele poderia ter ido direto para o versículo 24: "O SENHOR nos *mandou* obedecer". Isso não bastaria? "Foi Deus quem disse. Apenas faça! Pare de fazer perguntas, menino!".

Mas não. Quando o filho perguntasse sobre o sentido da lei, o pai deveria lhe contar a história. Que história? A história da salvação, da redenção de Israel da escravidão no Egito e o presente da terra de Canaã. Observe como o pai deveria contar tudo que está nos versículos 21-23 antes de voltar aos mandamentos de Deus no versículo 24. O próprio sentido da lei se encontra no "evangelho" — as boas-novas da justiça salvadora de Deus. "Filho, veja tudo que Deus fez por nós! É por isso que nós lhe obedecemos."

Portanto, a obediência corresponde à nossa

resposta correta àquilo que Deus já fez. É isso que significa a expressão "esta será a nossa justiça", no versículo 25 (NVI). O pai não estava se referindo a um tipo de justiça que poderia ser obtido ou merecido pela obediência ("obras de justiça", conforme são chamadas). Não, o pai não está explicando ao filho como "ficar de bem com Deus". O que ele quer dizer é: Deus provou a justiça *dele* fazendo o que era correto, humilhando o opressor e libertando o oprimido. Isso é a justiça de Deus em ação. Já a *nossa* justiça será revelada ao vivermos de maneira correta, como Deus quer. A obediência a Deus não é um modo de *conquistar* a justiça, mas nosso modo de responder da única forma correta à justiça salvadora de Deus por nós.

c) Deuteronômio 15.11-18: libertação dos escravos depois de seis anos

Após seis anos de serviço, o escravo hebreu tinha o direito garantido por lei de ser liberto, a menos que escolhesse permanecer na casa onde estava (ver Êx 21.1-11). Mas

Deuteronômio orienta o senhor do escravo a prover um generoso pacote de libertação, a fim de espelhar a generosidade graciosa de Deus concedida aos israelitas no passado:

> Quando libertar um escravo, não o mande embora de mãos vazias. Seja generoso e dê-lhe de despedida um presente dos animais de seu rebanho, dos cereais de sua eira e do vinho de sua prensa de uvas. Compartilhe com ele um pouco da fartura com a qual o SENHOR, seu Deus, o abençoou. Lembre-se de que, um dia, você foi escravo na terra do Egito e o SENHOR, seu Deus, o libertou. Por isso lhe dou essa ordem.
>
> Deuteronômio 15.13-15.

Não podia ser mais claro, não é mesmo? A redenção divina era a base e a motivação para a obediência aos mandamentos de Deus. A generosidade para com os necessitados foi ordenada (não só sugerida). Era uma *lei* para Israel. Mas essa lei da generosidade se baseava na graça generosa de Deus para com Israel. Leia todo o trecho de Deuteronômio 15.11-18 e veja como está repleto de palavras que

remetem à generosidade em resposta à bênção de Deus.

Há muitas outras passagens nas quais esse princípio (a redenção como base da lei e a obediência como resposta à graça salvadora) pode ser visto. Os israelitas deveriam se lembrar daquilo que Deus havia feito ao livrá-los do Egito e permitir que isso transformasse seu comportamento em relação aos outros, sobretudo os frágeis e vulneráveis da sociedade (como eles haviam sido no Egito). Deveriam cuidar dos estrangeiros no meio deles porque haviam experimentado o cuidado divino quando eram estrangeiros no Egito. Por isso, segundo a lei, os estrangeiros deveriam ser tratados nos mesmos termos que os israelitas nativos (Êx 23.9; Lv 19.33-36).

Imagine se pudéssemos transpor Êxodo 19.4 para o Novo Testamento. Seria como se Deus, em vez de apontar de volta ao êxodo, mostrasse a cruz de Cristo e dissesse: "Vocês viram o que eu fiz. Agora, então, vocês viverão em obediência a meu Filho como seu

Senhor e Salvador por causa daquilo que ele fez por vocês?". Na verdade, é mais ou menos isso que o Novo Testamento faz. Pois, embora não estejamos mais "debaixo da lei", sem dúvida há importantes *mandamentos* para obedecermos no Novo Testamento.

Jesus disse (e repetiu três vezes): "Por isso, agora eu lhes dou um novo *mandamento*: Amem uns aos outros". Imediatamente, porém, prosseguiu: "*Assim como eu os amei*, vocês devem amar uns aos outros" (Jo 13.34; 15.12,17). O amor dele vem primeiro. Aliás, como João escreveu posteriormente: "Nós amamos *porque* ele nos amou primeiro. [...] visto que Deus assim nos amou, certamente devemos amar uns aos outros" (1Jo 4.19,11). Primeiro a graça, depois a obediência. É o mesmo princípio, seja no Antigo, seja no Novo Testamento. Até mesmo o apóstolo Paulo, o qual insistiu que não vivemos mais debaixo da lei do Antigo Testamento, apresentou muitas instruções e mandamentos para que os cristãos obedecessem. Aqui está um: "Perdoem uns aos outros". Essa não é uma sugestão educada que podemos levar em consideração ocasionalmente. Trata-se de uma ordem direta, não de uma opção. Mais uma vez, porém, note

como Paulo fornece motivação baseada na graça: "Sejam bondosos e tenham compaixão uns dos outros, perdoando-se *como Deus os perdoou em Cristo*" (Ef 4.32; cp. Cl 3.13; Rm 15.7).

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO FOI ENTREGUE A FIM DE MOLDAR O POVO PARA A MISSÃO DIVINA

Até aqui, neste capítulo, estamos em meio a Israel no monte Sinai olhando *para trás*, o passado. Quando Deus entregou sua lei aos israelitas, ele *já* havia agido fazendo-lhes a promessa da aliança por intermédio de Abraão e, então, libertando-os da escravidão no Egito. A lei foi dada sobre o alicerce da graça passada — a graça de Deus vivenciada em sua história. Ao se lembrarem dessa história de salvação divina, eles se sentiriam motivados a obedecer à lei de Deus.

Mas também podemos olhar a lei por outro ângulo. Qual era o propósito de Deus para Israel, olhando *para a frente*? Essa parece ser uma pergunta importante, no entanto muitos a ignoram. Com frequência, algumas pessoas perguntam: "Por que a lei de Moisés está na Bíblia? Qual é o objetivo dela?". E tentam responder a ela em termos de teologia

cristã, da qual parece surgir todo tipo de problemas e discussões. Mas suponha que, em vez de perguntar "*Por que a lei?*", antes de tudo perguntássemos "*Por que Israel?*". Afinal, o propósito que Deus tinha em mente quando entregou a lei a Israel no monte Sinai devia estar alinhado ao propósito que ele tinha em mente para Israel como povo desde o início.

Nós sabemos muito bem qual era o propósito de Deus para Israel, e isso desde que ele fez sua promessa a Abraão. O propósito divino no longo prazo era levar bênçãos a todas as nações da terra por meio dos descendentes de Abraão (Gn 12.1-3). Após o sombrio contexto de Gênesis 3—11 (o Ato 2 da grande história da Bíblia), em um mundo de pessoas e nações espalhadas em pecado e em juízo, Deus anuncia que planejava *abençoar* o mundo. E afirma que fará isso por meio do povo descendente de Abraão e que, por fim, todas as nações da terra encontrarão bênção por intermédio do povo de Abraão — uma referência, é claro, ao Israel do Antigo Testamento.

É a isso que aludo quando me refiro à "missão de Deus". Esse é o grande alvo de toda a obra de Deus ao longo da história. E esse é o motivo para a formação, escolha e redenção do povo de Israel no

Antigo Testamento, bem como para seu chamado a um relacionamento de aliança. Tudo isso *não era apenas para o bem deles*, mas, em instância final, para que pudessem ser o meio usado para abençoar todas as nações. É por isso que o apóstolo Paulo chama Gênesis 12.3 de "boas-novas" ou evangelho (Gl 3.8). De fato, tratava-se de uma boa-nova muito grande que, a despeito do pecado humano, Deus ainda planejava abençoar as nações. Sabemos hoje, conforme explica Paulo, que Deus cumpriu essa promessa em Cristo e por meio dele, o "descendente" de Abraão. Até a vinda de Cristo, porém, a missão divina prosseguiu por meio do Israel do Antigo Testamento.

Qual é, porém, a relação de tudo isso com a *lei* do Antigo Testamento? Bem, pense da seguinte maneira: se você quisesse realizar um propósito *por meio de alguém*, que tipo de pessoa você gostaria que fosse? Você haveria de querer alguém que pense e aja como você e faça o que você faria. Teria de ser alguém em quem você confiasse e que agisse com integridade em seu nome. Do contrário, como tal pessoa poderia realizar o *seu* propósito, se simplesmente saísse correndo para fazer o que bem entendesse à própria

maneira, esquecendo-se de tudo aquilo que você havia pedido?

Aqui encontramos Deus, com o grande plano e propósito de levar o conhecimento, a bênção e, por fim, a salvação divina a todas as nações da terra. *De que tipo de povo* Deus precisava para esse propósito? Ele precisava de um povo que agisse da maneira de *Deus*, que mostrasse ao mundo quem é *Deus* e vivesse de acordo com os padrões e as prioridades *dele*. Em outras palavras, um povo santo — santo, assim como Deus é santo. Por isso, ele entrou em um relacionamento de aliança com Israel, no qual diz:

- Eu escolhi, chamei e redimi vocês [*eleição e redenção*].
- Por isso, pertencemos um ao outro: vocês serão meu povo, e eu serei seu Deus [*aliança*].
- E eis o modo pelo qual quero que vocês vivam [*lei*].
- Entrego-lhes esta lei para ajudá-los a viver de maneira que me agrade e seja melhor para vocês, e que também revelará meu caráter às nações.
- Sigam minhas leis, por mim, por vocês e pelo mundo.

Logo, boa parte do propósito da lei no Antigo Testamento era *moldar* Israel para participar da missão divina. Os israelitas deveriam ser diferentes das nações a fim de ser uma luz para elas.

Exemplos

Eis alguns textos que expressam essa ideia. Novamente, amo pregar e ensinar com base neles!

a) Gênesis 18.18-21: conservando-se no caminho do SENHOR

Esta história ocorreu centenas de anos antes da entrega da lei, porém mostra com clareza *por que* a lei foi dada. Pode ser útil ler o capítulo 18 inteiro e observar para onde ele conduz no capítulo 19.

Deus estava desfrutando uma refeição com Abraão e Sara, na companhia de dois anjos. Os três visitantes se encontravam a caminho de Sodoma e Gomorra para levar juízo sobre eles (o qual sobrevém no capítulo 19). Durante o trajeto, pararam a fim de renovar a promessa

de Deus a Abraão e Sara de que eles teriam um filho muito em breve. Então, quando estavam para sair, Deus tem um pequeno diálogo consigo mesmo sobre Abraão e seu propósito para ele.

> [18] Afinal, Abraão certamente se tornará uma grande e poderosa nação, e todas as nações da terra serão abençoadas por meio dele. [19] Eu o escolhi para que ordene a seus filhos e às famílias deles que guardem o caminho do SENHOR, praticando o que é certo e justo. Então farei por Abraão tudo que prometi.
>
> Gênesis 18.18-19

O versículo 18 é um claro eco de Gênesis 12.1-3, e podemos ver como esse grande objetivo final era importante. Deus não estava pensando somente em Abraão, mas em seu propósito universal para o mundo por intermédio da nação que ainda estava para surgir.

Analise então com cuidado o versículo 19. Em uma só frase, Deus une três coisas:

- *A escolha divina de Abraão:* "Eu o escolhi" [*eleição*].
- *A exigência de Deus:* "para que ordene a seus filhos e às famílias deles que guardem o caminho do SENHOR, praticando o que é certo e justo" [*ética*].
- *O propósito supremo de Deus.* "Então farei por Abraão tudo que prometi" — isto é, bênção para todas as nações, versículo 18 [*missão*].

E entre cada uma delas há uma expressão de intenção — "*para que/então*". Deus está nos dizendo *o motivo de ter escolhido Abraão* (para que ele fosse o ponto de partida de uma comunidade que seria diferente do mundo de Sodoma, andando de maneira distinta — nos caminhos da justiça e da retidão). Então ele nos revela *por que queria que a comunidade de Abraão fosse diferente* (a fim de cumprir sua promessa de bênção para as nações).

Já a parte do meio do versículo usa duas expressões muito importantes. "Caminho do SENHOR" e "praticando o que é certo e justo"

estão entre os conceitos mais proeminentes da lei (e, na verdade, do Antigo Testamento inteiro). A lei ainda não fora entregue, mas Deus já estava apontando para o propósito que ela teria posteriormente. A lei ajudaria a moldar o povo de Abraão, a fim de que vivesse da maneira que Deus desejava — da maneira que Deus havia ensinado Abraão. O propósito divino para Israel incluía esse planejamento *ético*, de *viver* como o povo de Deus. Foi para esse fim que a lei foi entregue. Ela fazia parte da missão de Deus e de Israel.

Por isso, quando pregamos e ensinamos com base no Antigo Testamento, precisamos nos lembrar dessa parte de sua função — moldar o povo de Deus para ser agente da missão divina às nações. O povo de Deus foi chamado a viver da maneira que ele instruiu, porque Deus queria que ele fosse "adequado para o propósito" de fazer parte do cumprimento de sua missão para todas as nações.[2]

b) Êxodo 19.5-6: Israel deveria ser um sacerdócio em meio às nações

Voltamos mais uma vez a esta passagem-chave de Êxodo 19. Lembre-se que vimos anteriormente como, em primeiro lugar, Deus aponta para sua *graça passada*: "Vocês viram o que fiz" (v. 4). Então, ele chama Israel para lhe obedecer, apontando para o futuro, em direção à lei que estava prestes a conceder no monte Sinai. E Deus diz o que aconteceria *se* os israelitas obedecessem à sua lei:

> Agora, se me obedecerem e cumprirem minha aliança, serão meu tesouro especial dentre todos os povos da terra, pois toda a terra me pertence. Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa.
>
> Êxodo 19.5-6

Note, primeiro, que Deus *não* diz: "Se vocês obedecerem à minha lei, eu os salvarei e poderão ser o meu povo". Ele já os havia salvado do Egito. Já eram seu povo. Além disso, ele também *não* diz: "Se vocês me obedecerem, eu os abençoarei com toda sorte de coisas boas".[3] O texto não promete o que Israel *ganharia*. Em vez disso, diz quem os

israelitas *seriam*. Eles *seriam algo* para Deus em meio a "todos os povos da terra". Esse é o contexto mais amplo para o qual Deus aponta (talvez ele tivesse uma vista melhor de toda a terra e todas as nações do alto do monte Sinai).

No contexto de "todos os povos da terra", a nação de Israel seria o sacerdócio de Deus. A fim de entender o que isso significa, precisamos saber qual era o papel e a função dos sacerdotes no Israel do Antigo Testamento. Em Israel, os sacerdotes se posicionavam entre Deus e o povo. Eram mediadores que atuavam nas duas direções. De um lado, deviam ensinar a lei de Deus ao povo (Lv 10.11; Dt 33.10). Ou seja, Deus se faria conhecer ao povo por intermédio dos sacerdotes. Do outro, os sacerdotes deveriam levar os sacrifícios do povo a Deus, e fazer expiação no altar para que os israelitas pudessem voltar à comunhão de adoração na presença de Deus. Isto é, por meio dos sacerdotes, o povo poderia ser levado de volta a um relacionamento com Deus.

"Então agora", diz Deus a Israel como comunidade, "vocês serão para mim e para as

nações do mundo aquilo que os sacerdotes são para vocês. Por meio de vocês, ensinarei os meus caminhos às nações e me tornarei conhecido entre elas. Por fim, por seu intermédio, atrairei as nações a mim em redenção e aliança." Esses dois atos foram cumpridos, é claro, somente por Jesus, o Messias de Israel, o perfeito Mediador e Sumo Sacerdote. Mas, assim como os sacerdotes representavam Deus para o povo e o povo para Deus, Israel deveria fazer o mesmo pelas nações.

Todavia, esse papel sacerdotal só poderia acontecer se Israel fosse um povo *santo*, que vivesse em obediência à lei da aliança. Santidade significava ser distinto, refletindo o caráter de Deus na vida social comum do dia a dia (Lv 19). Em outras palavras, a lei tinha a função de moldar Israel para ser um povo representativo, tornando o caráter e as exigências de Deus conhecidos para as nações. Essa é uma função missionária. A lei em si era uma revelação de Deus. Mas aqueles que a

vivem em obediência amorosa, repleta de graça, também o são.[4]

c) Deuteronômio 4.5-8: Israel deveria ser um modelo visível às nações

Deuteronômio é um livro repleto de motivação. Ou seja, ele tem o intuito de *incentivar* as pessoas a guardar a lei de Deus, oferecendo todo tipo de razões para que o façam. Já vimos uma das mais fortes: lembrar-se do êxodo e do grande ato de salvação divina. Outra razão é que a obediência à lei de Deus daria a Israel uma vida boa e segura na terra. Em Deuteronômio 4.5-8, encontramos uma motivação incomum.

Moisés insiste com Israel para que siga a lei de Deus cuidadosamente, *a fim de que as nações notem.*

> Obedeçam-lhes por completo, e assim demonstrarão sabedoria e inteligência às nações vizinhas. Quando elas ouvirem estes decretos, exclamarão: "Como é sábio e prudente o povo dessa grande nação!". Pois que grande nação tem um deus tão próximo como o

> SENHOR, nosso Deus, está próximo de nós sempre que o invocamos? E que grande nação tem decretos e estatutos tão justos quanto este conjunto de leis que hoje lhes dou?
>
> Deuteronômio 4.6-8

Israel não deveria pensar só em si, pois Deus não pensava apenas em Israel. Se os israelitas vivessem conforme Deus os instruiu em sua lei (com seu sistema abrangente de vida social, econômica, política, jurídica e familiar), formariam *um tipo bem diferente de sociedade* do que o das nações ao redor. Eles despertariam curiosidade. As pessoas fariam perguntas. E essas perguntas seriam sobre o Deus a quem adoravam e a justiça de suas leis. O povo de Deus deveria ser uma propaganda para o seu Deus.

Esse princípio — de que quando obedecemos a Deus o mundo ao redor percebe — não se restringe ao Antigo Testamento. A mesma dinâmica se

encontra no Novo Testamento. Quando vivemos seguindo a vontade de Deus, sendo discípulos de Jesus e obedientes a ele, somos notados. Pode não ser confortável. Pode nos causar transtornos. Mas, no mínimo, nossa vida deveria levantar perguntas sobre o Deus a quem adoramos e por que vivemos como vivemos (o mesmo que acontecia com Israel em Deuteronômio). Em outras palavras, nossa obediência também é missionária — faz parte do jeito de cumprirmos a missão de Deus ao mundo por intermédio de seu povo. Os discípulos de Jesus devem ser diferentes, assim como o sal e a luz se distinguem da corrupção e das trevas. E, quando vivermos assim, as pessoas verão e, por fim, virão adorar a Deus (Mt 5.14-16; 1Pe 2.12). Devemos viver de uma forma que leve os outros a conhecer a Deus.

Então, ao pregar ou ensinar com base na lei do Antigo Testamento, a primeira coisa que devemos fazer é lembrar os cristãos da graça de Deus à qual eles devem responder (olhando para trás e vendo a história de nossa salvação). Mas também devemos lembrá-los de sua responsabilidade: viver distintamente como povo de Deus em meio às

pessoas que os cercam (olhando para a frente e vendo a suprema missão divina de abençoar as nações). Aqueles a quem Deus resgatou devem viver para sua glória no mundo. Isso fazia parte do propósito da lei no Antigo Testamento. O povo de Deus foi criado para seu louvor e sua honra, a fim de que as nações saibam quem é o Deus vivo. Essa era a incumbência de Israel, e continua a ser a nossa em Cristo.

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO REFLETIA O CARÁTER DE DEUS

Este é outro motivo para nos sentirmos encorajados a pregar e ensinar sobre a lei do Antigo Testamento: ela refletia o caráter do próprio Deus. Como mencionei, uma das expressões mais comuns para obedecer à lei é "andar nos caminhos do SENHOR". O que isso quer dizer? Bem, um dos sentidos dessa expressão é seguir, ir aonde a pessoa da frente conduz. "Oh, permita-me ver tuas pegadas e nelas colocar as minhas", conforme cantamos.[5]

Exemplo

Em certo ponto de Deuteronômio, Moisés faz uma síntese da lei inteira. Ele a resume em cinco exigências básicas, ao dizer o seguinte:

> E agora, ó Israel, que é que o SENHOR, o seu Deus, pede a você, senão que *tema* o SENHOR, o seu Deus, que *ande* em todos os seus caminhos, que o *ame* e que *sirva* ao SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, e que *obedeça* aos mandamentos e aos decretos do SENHOR, que hoje dou a você para o seu próprio bem?
>
> Deuteronômio 10.12-13, NVI

Isto é tudo que Deus quer: devemos temê-lo, andar em seus caminhos, amá-lo, servi-lo e obedecer-lhe.

Agora suponha que um jovem israelita questionador levantasse a mão e dissesse: "Tudo bem, nós vamos tentar tudo isso, mas, por favor, Moisés, nos conte: o que *significa* 'andar nos caminhos do SENHOR?'".

Moisés já tinha a resposta pronta. Deus é assim:

> Pois o SENHOR, o seu Deus, é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos, o grande Deus, poderoso e temível, que não age com parcialidade nem aceita suborno. Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa.
>
> Deuteronômio 10.17-18, NVI

Ele é o grande Deus, dono e governante do universo, com total autoridade e poder. E é um Deus de integridade absoluta — não pode ser corrompido, nem subornado, como se faz com muitos juízes humanos. Mas, quando esse grande Deus entra em ação, onde se pode encontrá-lo? Onde menos se espera: entre os pobres e necessitados, os desprovidos de família, os sem-teto e sem-terra. É desses que Deus cuida e para eles que provê. Esse é o jeito de Deus. Então, se vocês vão andar nos caminhos do SENHOR Deus, continuou Moisés sem pausa nem para respirar, "*amem* os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito" (v. 19, NVI).

Em outras palavras, Israel deveria refletir a integridade, a justiça, a compaixão e o amor de

Deus ao se relacionar com os outros. Deveria imitar esses aspectos do caráter divino. É isso que significa "andar em seus caminhos".

Esse intenso fator motivacional na lei do Antigo Testamento também pode ser visto em como Levítico 19 apresenta seus requisitos para a vida ética de Israel — no campo, na família, no tribunal, na vizinhança, nos negócios, nas relações étnicas — com a simples declaração: "Eu sou o SENHOR; eu sou santo, então vocês também devem ser santos".

A *imitação de Deus* é um tema forte na lei do Antigo Testamento, mas ela não para aí. É o mesmo princípio básico que estrutura o ensino de Jesus sobre nossa conduta. Devemos pautar o que fazemos naquilo que sabemos sobre quem é Deus e o que ele faz (Mt 5.45-48; Lc 6.27-36).

Lista de conferência

A pergunta que precisamos nos fazer antes de pregar sobre qualquer passagem da Bíblia não é, em primeiro lugar (ou apenas), "O que isso significa para *mim*? O que isso *me* manda

fazer?". No que se refere a algumas das leis dadas ao antigo Israel no contexto de sua sociedade e cultura, a resposta a essas indagações pode ser: "Muito pouco ou nada — diretamente". Lembre-se: a lei foi escrita *por você* (i.e., para você aprender com ela, conforme disse Paulo), mas não *para você*. Ela foi entregue a *Israel* séculos antes de Cristo. Em vez disso, devemos começar perguntando:

- O que esta lei revela sobre o caráter de Deus?
- Como ela ilustra os valores e as prioridades divinas?
- O que o contexto que cerca esta lei revela sobre as coisas com as quais Deus se importa?
- Se Deus é assim, se é isso que ele valoriza, se era assim que ele queria que as coisas fossem no Israel do Antigo Testamento, então o que Deus gostaria de ver no mundo atual personificando, de alguma forma, os mesmos princípios?

Às vezes, pode ser difícil encontrar as respostas para essas perguntas. Ou pode ser que elas sejam muito intrigantes à medida que lutamos para entender por que é que Deus deu algumas daquelas leis. E precisaremos equilibrar quaisquer respostas que sugerirmos com aquilo que sabemos sobre Deus com base no restante da Bíblia. No próximo capítulo, exploraremos um pouco mais essa questão.

A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO AGUARDAVA O JUÍZO DE DEUS

Será que você já ouviu falar da teoria "Plano A—Plano B" sobre o Antigo Testamento? É bem comum, e diz mais ou menos o seguinte:

"Deus queria salvar o mundo por meio de Israel. Por isso, fez uma aliança com os israelitas e lhes deu essa lei, de modo que fossem salvos. Esse era o Plano A. Infelizmente, o plano com Israel foi um desastre, já que o povo falhou em guardar a lei divina. Deus entendeu que as pessoas não poderiam ser salvas pela guarda de sua lei. Então, abandonou essa ideia e criou

o Plano B. Mandou Jesus a fim de que sejamos salvos pela obediência de Cristo e sua morte sacrificial em nosso lugar".

Bem, embora seja um ponto de vista comum, temo que esteja bastante equivocado.[24] A falha de Israel não pegou Deus de surpresa. Antes de tudo, reconhecemos que Deus de fato chamou Israel para conhecê-lo, amá-lo, adorá-lo e obedecer-lhe. É claro! É isso que Deus queria de Israel, pois é isso que deseja de todas as pessoas desde que criou a raça humana. Mas Deus sabia que os israelitas eram seres humanos — pecadores como o restante da raça humana. Tinha consciência de que eles fracassariam. *E lhes disse isso de antemão*. Longe de ser surpresa, o fracasso de Israel foi totalmente previsto por Deus.

No final de Deuteronômio, existem alguns capítulos muito importantes: Deuteronômio 29—32. Tente encontrar tempo para lê-los de uma vez — agora seria um bom momento! Mas aqui está um breve resumo, antes de você começar. Deus diz mais ou menos o seguinte:

- Israelitas, eu os salvei da escravidão e os transformei em meu povo da aliança.

- Agora lhes entreguei minha lei, para ajudá-los a viver de maneira boa para vocês e para lhes trazer bênçãos. E vocês assumiram o compromisso da aliança de me amar e me obedecer.
- *No entanto*, sei muito bem que vocês *não* guardarão a lei. Já mostraram como são rebeldes e pecadores, mesmo enquanto Moisés está com vocês. À medida que as gerações se passarem após a morte dele, as coisas ficarão ainda piores.
- Então, vocês *trarão* sobre si todas as ameaças e advertências que acrescentei a esta aliança. Porque vocês a quebrarão obstinadamente, receberão as maldições da aliança, e não suas bênçãos.
- Meu julgamento virá por intermédio de seus inimigos, e vocês serão tirados desta terra e dispersos por entre nações estrangeiras.
- *Todavia*, quero que saibam que, mesmo antes de tudo isso acontecer, esse juízo não será minha palavra definitiva ou sua condição final. Pode haver esperança além do julgamento. Continuo a ser o Deus de graça, amor e perdão. Eu *capacitarei* vocês a me buscarem de todo o coração e toda a alma, para que me amem e me obedeçam.

> Portanto, voltem-se para mim. Escolham a vida, e não a morte!

Logo, como você pode ver, a própria lei (em Deuteronômio) prevê o fracasso futuro de Israel. Aliás, tais capítulos de Deuteronômio, além de nos apresentarem uma teologia clara de pecado, juízo, arrependimento, graça e restauração, também nos contam a história de Israel por antecipação. Pois foi essa a rota que Israel de fato trilhou ao longo de todo o Ato 3 da grande história da Bíblia.

Entretanto, dentro da lei, Deus proveu um meio para a purificação regular e expiação pelo pecado, no sistema de sacrifícios apresentado em Levítico. Isso, por si só, não "resolveu o problema" (conforme Hebreus demonstra com clareza). Em tempos posteriores, os profetas fizeram graves acusações aos israelitas por estes imaginarem que, apenas por oferecer os sacrifícios e frequentar o templo, podiam prosseguir em sua rebelião e desobediência, evitando o juízo divino. Mas Deus não se deixa enganar. E o juízo divino de fato foi derramado, na terrível experiência do exílio na Babilônia.

Assim, quando voltamos ao apóstolo Paulo, não ficamos surpresos (assim como Deus não ficou) ao reconhecer que a lei em si não é capaz de transformar pecadores e rebeldes em pessoas boas e perfeitas. A culpa, porém, não estava na lei, mas no próprio povo. É por isso que Paulo afirma que "a lei não era capaz de nos salvar por causa da fraqueza de nossa natureza humana" (Rm 8.3). E é por isso que os israelitas achavam que a lei lhes trazia morte, pois expunha seu pecado e os colocava debaixo da maldição e do juízo de Deus. Mas o ponto-chave é o seguinte: *esta não foi uma descoberta nova feita por Paulo. A própria lei já o dissera!* A lei requeria a fidelidade de Israel, mas também previa o fracasso do povo. Era realista. Mas, então, a lei também apontava além do julgamento, para *a esperança futura* na graça salvadora e restauradora de Deus. Em outras palavras, apontava, em última instância, para o Senhor Jesus Cristo, conforme Paulo enxergava com tanta clareza.

Logo, quando pregamos e ensinamos sobre a lei do Antigo Testamento, também devemos fazer essas duas coisas. Em primeiro lugar, ao mostrar aquilo que Deus quer, elevando os ideais e padrões contidos na lei que o Senhor concedeu a Israel, devemos ser

realistas. Somos tão pecadores quanto Israel era, e simplesmente não vivemos dessa maneira. Nós falhamos, exatamente como eles. Necessitamos reconhecer nossa desesperadora incapacidade e falta de vontade de viver de acordo com a vontade de Deus. A história triste de Israel é também nossa história. Em segundo lugar, porém, podemos conduzir as pessoas do reconhecimento do próprio fracasso de volta às promessas e à graça de Deus. Pois isso também se encontra na lei. Quando você sabe que pecou, para onde vai? De volta para o Deus da graça. Era isso que Israel precisava aprender e continua a ser a verdade do evangelho para nós.

Por favor, pare agora para ler **Deuteronômio 30** inteiro. O capítulo é absolutamente realista acerca do fato de que Israel falharia e sofreria o juízo divino de maneira inevitável. Deus *sabia* que isso aconteceria. Mas o texto também é maravilhosamente transparente sobre o poder de Deus para vencer até mesmo isso, a despeito de quão longe fosse o povo em pecado e rebelião. Deus promete colocar no coração dos israelitas o desejo de amá-lo (v. 6) para que se voltassem a ele mais uma vez e lhe obedecessem de todo o coração e toda a alma (v. 2,10). Deus não é

aprisionado pelo pecado humano. Há um futuro aberto e liberdade de escolha diante do povo. Assim termina o capítulo, com um apelo evangelístico poderoso para a volta a Deus e a escolha da vida, e não da morte (v. 19-20).

Na pregação e no ensino, sem dúvida podemos conectar a ideia do capítulo inteiro (Dt 30), inclusive seu apelo concludente, ao evangelho. Pois tanto a lei quanto o evangelho estão de acordo em três verdades bíblicas essenciais (que consistem em ótimos títulos para esboços!):

- *O fracasso é um fato.* Todos pecaram, quer judeus, quer gentios. Fracasso e pecado são fatos da vida e da história, ilustrados vez após vez na Bíblia. Mesmo os discípulos de Jesus sabem disso. É só perguntar para Simão Pedro.
- *O fracasso é previsto.* Deus sabe disso a nosso respeito! Ele não ficou surpreso com o fracasso de Israel. Jesus não ficou surpreso (embora tenha ficado entristecido) com o fracasso de Pedro. Aliás, ele o advertiu a esse respeito de antemão. Toda a história da Bíblia mostra Deus em plena consciência de nossa pecaminosidade, falha e

rebeldia, e age para resolver isso, nos alcançar e nos levar de volta.

- *O fracasso pode ser perdoado.* A graça salvadora de Deus é afirmada na Torá. Os salmistas sabiam disso e dela dependiam (p. ex, Sl 25; 32; 51; 130). E é claro que, no fim das contas, ela se encontra disponível para nós na cruz de Cristo.

Essa é a mensagem que podemos pregar e ensinar com base na lei do Antigo Testamento. É por isso que o apóstolo Paulo inquestionavelmente incluiu a lei naquilo que declara sobre as Escrituras como um todo. O Antigo Testamento é não só "útil", como também capaz "de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15, NVI). E então, quando colocamos nossa fé em Cristo, Deus vem habitar conosco por meio do Espírito Santo (conforme também havia prometido em outras partes do Antigo Testamento, como, p. ex., Jr 31.33; Ez 36.26-27), capacitando-nos a viver pelo Espírito — e não pela tentativa de guardar toda a lei do Antigo Testamento — de uma maneira que realmente satisfaça toda a ideia e o propósito da lei (Rm 8.4).

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Você concorda que devemos abordar a lei do Antigo Testamento em primeiro lugar conforme os israelitas daquela época a entendiam (p. ex., em Sl 1; 19; 119), em vez de nos restringir somente ao modo de Paulo falar sobre ela em sua controvérsia com os "judaizantes"? Como tem sido útil abordá-la primeiro desse ângulo?
2. Se a lei era vista de maneira positiva no Antigo Testamento, por que Paulo fala sobre ela em termos negativos? Qual é o contexto do argumento do apóstolo?
3. O que você diria agora a alguém que ainda acredita que, na época do Antigo Testamento, a salvação se dava pela guarda da lei, ao passo que somente no Novo Testamento ela se torna uma questão da graça? Como você explicaria que a graça e a salvação vieram *antes* da lei? Que textos usaria em sua explicação?
4. Prepare um sermão ou uma lição sobre Deuteronômio 6.20-25.

EXEMPLOS DE ESBOÇOS

Leia esses esboços junto com a discussão mais completa sobre as passagens na seção 3.

O ANÚNCIO DO PLANO MISSIONÁRIO DE DEUS
Gênesis 18.19-21

Sodoma e Gomorra como retrato de nosso mundo

O versículo 21 descreve um "clamor" contra as cidades (RA). Isso mostra que havia ali opressão e sofrimento. A mesma palavra é usada para o "clamor" dos israelitas durante a opressão no Egito. Observe a violência e perversão no capítulo 19, mas também os pecados sociais de violência, arrogância e opulência descritos em Isaías 1.9-10,16-23 e em Ezequiel 16.49-50. Em tais passagens, Jerusalém e Judá são comparadas a Sodoma. Esse ainda é o mundo em que vivemos.

Abraão e a promessa da missão divina

Deus renovou sua promessa a Abraão e Sara. Gênesis 18.18 é um eco direto de 12.3. Esta é a missão de Deus, o plano de Deus, a visão de Deus: bênção para todas as nações. Mesmo ao se encaminhar para o juízo, Deus se lembra de seu plano de salvação.

O caminho do SENHOR como programa para o povo de Deus

v. 19. (Confira o resumo anterior.) Deus "se lembra" de seu propósito ao escolher Abraão: que ele fosse o "fundador" de um povo que andaria no caminho do SENHOR, e não no caminho de Sodoma. Nosso estilo de vida (praticando o que é certo e justo) é uma conexão vital entre nosso chamado e nossa missão.

QUEM NÓS SOMOS E POR QUE ESTAMOS AQUI?
Êxodo 19.1-6

Graça passada: a salvação de Deus

v. 4. Deus aponta para a própria iniciativa de graça salvadora: "Vocês viram o que fiz". A graça vem antes da lei — na história e na estrutura de Êxodo. Quem nós somos e o que fazemos para Deus sempre é uma resposta ao que ele fez por nós.

Graça futura: a missão de Deus

v. 5b. "Todos os povos da terra." Essa é a linguagem da aliança feita com Abraão. Israel teria um relacionamento especial com Deus, mas os olhos de Deus estão sobre o mundo inteiro. Equilíbrio importante entre o particular (aquilo que Deus havia feito por Israel) e o universal (seu propósito para todas as nações).

Graça presente: o povo de Deus vivendo no caminho de Deus

v. 5a-6. A missão de Israel era ser o sacerdócio de Deus em meio às nações. Assim como os sacerdotes ficavam entre Deus e o restante do povo (ensinando a lei divina e oferecendo os sacrifícios), Israel seria o povo que levaria Deus

às nações e levaria as nações a Deus. Em um sentido, isso se cumpriu em Cristo. Mas ainda desempenhamos esse papel "sacerdotal" no mundo (Rm 15.16; 1Pe 2.9-12). Somos representantes vivos do Deus vivo.

10

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NA LEI DO ANTIGO TESTAMENTO

Espero que o capítulo anterior tenha ajudado a "introduzir" a lei do Antigo Testamento e a compreender o que ela faz dentro da Bíblia. Neste capítulo, procuraremos ver o que podemos "extrair" da lei do Antigo Testamento para a pregação e o ensino nos dias de hoje. Paulo diz que, como todo o restante das Escrituras, ela é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16, NVI). A pergunta é: como?

Paulo também nos diz que não estamos vivendo "debaixo da lei", porque depositamos nossa fé em Cristo e vivemos pelo Espírito. Então, se não

devemos simplesmente fazer tudo que a lei de Moisés nos ordena, qual é sua utilidade? Existem partes às quais ainda devemos obedecer, ao passo que ignoramos todo o restante? Ou deveríamos tentar encontrar algo "útil para o ensino", e assim por diante, em toda ela?[1]

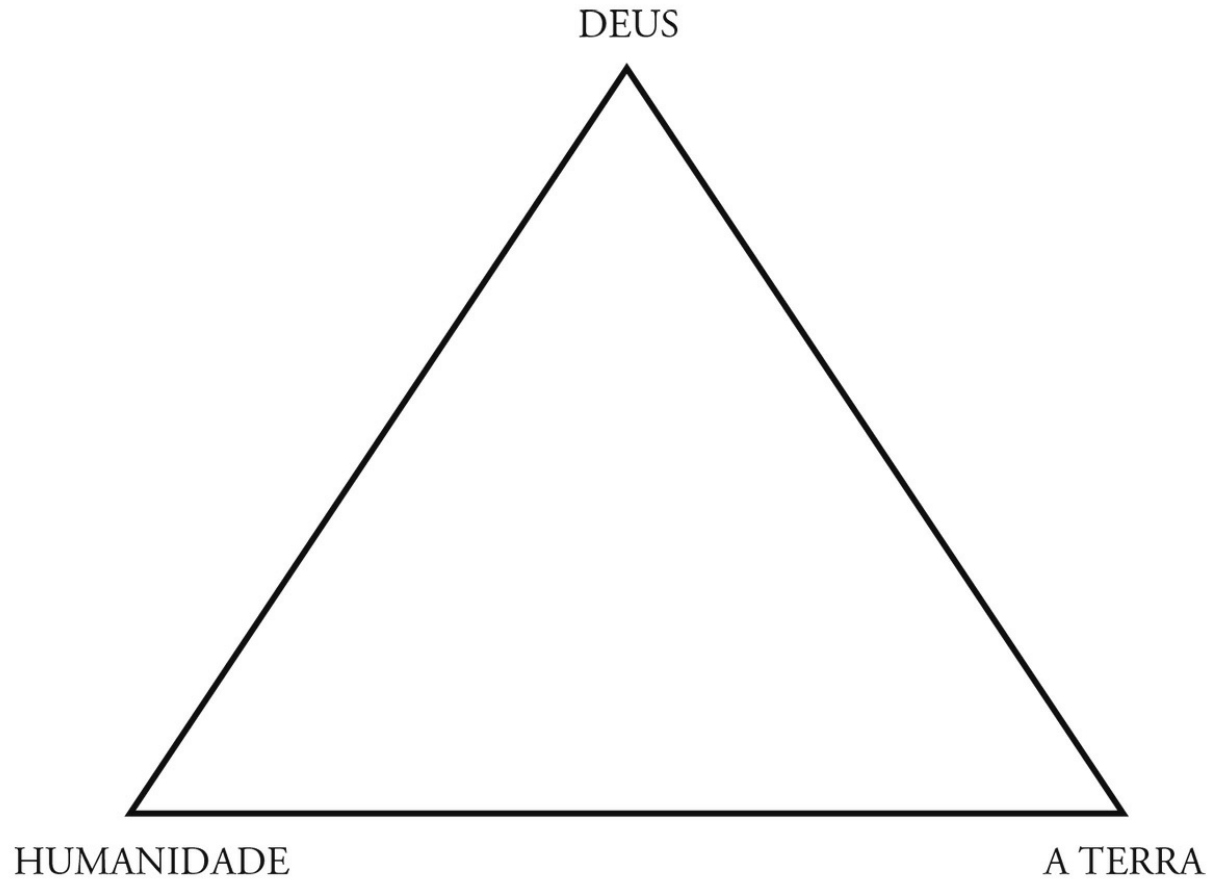
A fim de ajudar a responder a essas perguntas, gostaria de mostrar primeiro que, embora a lei tenha sido entregue a Israel, a intenção de Deus era que ela servisse de *modelo* em um sentido muito mais amplo para os outros povos. Por isso, quando usamos a lei para nos ajudar a pensar em como devemos viver no mundo atual em nossas nações, fazemos aquilo que Deus queria desde o início. Em segundo lugar, mostrarei como a lei do Antigo Testamento tentava *beneficiar as pessoas*. Ela não estava lá para estragar a diversão de todo mundo, mas sim para tornar a vida melhor. E isso é algo que se aplica a todas as nações e culturas. Assim, temos algo a aprender para nosso benefício. Terceiro, precisamos discernir *os valores e as prioridades* que estão na lei, inclusive aquelas partes que achamos difíceis, como as leis muito severas que impunham pena de morte. Por fim, sugiro uma

maneira de *construir uma ponte* do mundo que vemos na lei do antigo Israel para o mundo em que vivemos hoje.

A LEI DE ISRAEL FOI FEITA PARA SERVIR DE MODELO ÀS NAÇÕES

Voltemos ao início da história bíblica.

Ato 1: Deus criou os céus e a terra, e depois criou os seres humanos à sua própria imagem para viver neste planeta. Poderíamos representar isso com um triângulo, com as três pontas relacionadas umas às outras, conforme retratado na figura abaixo. Esse é o triângulo da criação. Cada uma das três linhas representa um relacionamento que opera nas duas direções. Assim, a terra foi criada por Deus e pertence a ele ("A terra e tudo que nela há são do SENHOR" [Sl 24.1]). Os seres humanos foram criados para amar e servir a Deus e uns aos outros, e para usar a terra e dela cuidar. A terra, por ser parte da criação de Deus, o glorifica e é uma bênção para os seres humanos que nela vivem.



Infelizmente, porém, todas essas linhas e cada um desses relacionamentos foram quebrados, distorcidos e estragados pelas consequências da queda (**Ato 2** da história bíblica). Os seres humanos são caídos e pecadores. Desconfiamos da bondade de Deus e rejeitamos sua autoridade. Por causa disso, Deus mandou uma maldição sobre a terra em sua relação para conosco e a terra se tornou "fútil" (conforme diz Paulo em Rm 8.20) em seu propósito de glorificar a Deus. E os seres humanos vivem alienados uns dos

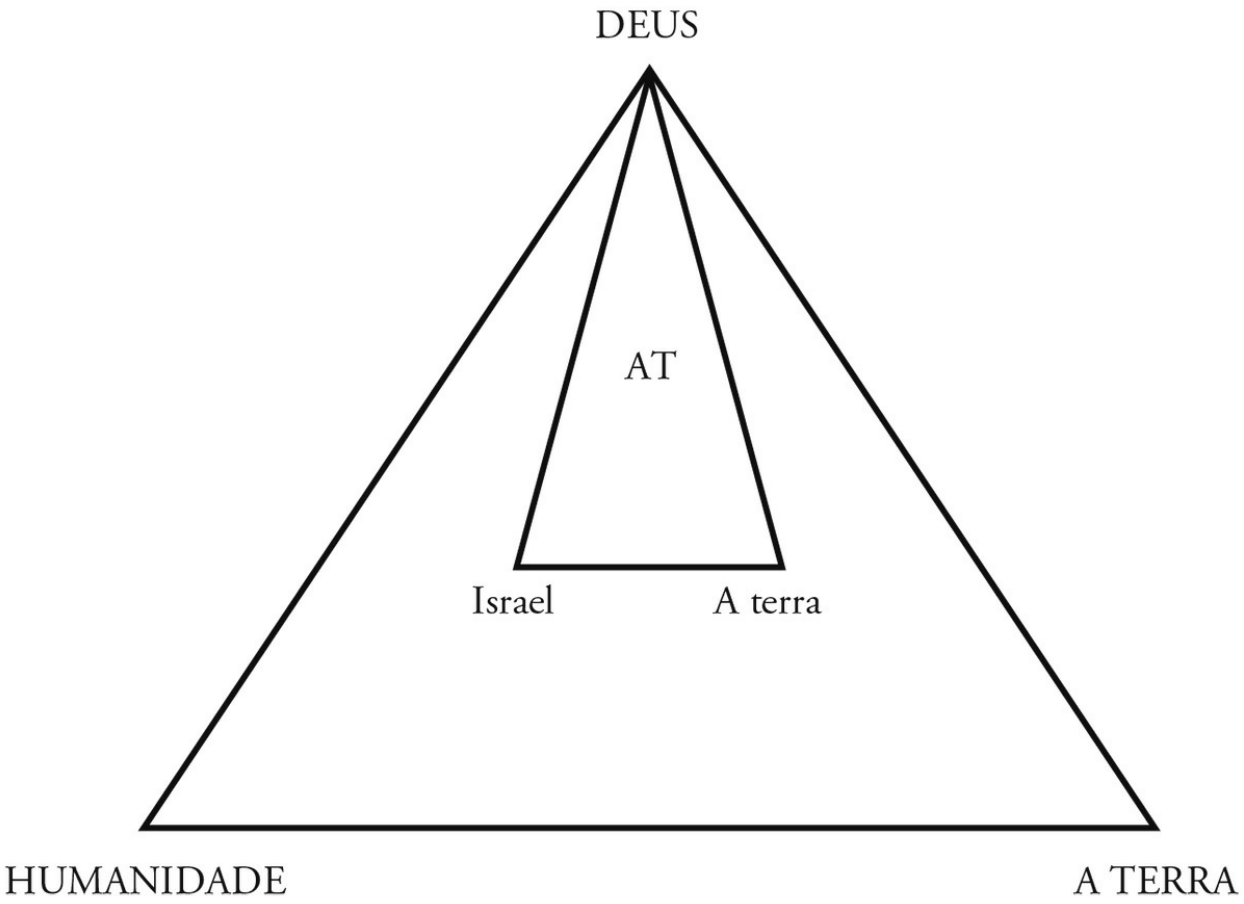
outros, com todo ódio, injustiça e violência que surgem entre pessoas, famílias, tribos e nações.

No entanto, embora o triângulo esteja distorcido e fraturado por causa do pecado e do mal, ele continua a existir. Deus está ali, a terra está ali e nós continuamos aqui, como seres humanos caídos que vivem na terra, porém alienados de Deus. Em certo sentido, todos nós estamos em algum ponto da linha de baixo do triângulo, em todas as eras e gerações da história.

Então, o que Deus fez para resolver o problema?

É aí que começa o **Ato 3**, conforme já vimos. Deus chamou Abraão e lhe fez grandes promessas.

- Deus prometeu a Abraão que ele se tornaria uma grande nação, sob a proteção e a bênção divina.
- Deus prometeu dar uma terra para os descendentes de Abraão habitarem.
- Deus prometeu que todas as nações da terra seriam abençoadas por intermédio de Abraão



Consegue identificar a sequência? *Uma* nação, *uma* terra; depois, *todas* as nações em *toda* a terra. Poderíamos representar isso com outro triângulo dentro do maior (confira o diagrama). Quando Deus deu início à grande história bíblica da redenção (representada no triângulo interno), começou com um homem que se transformou em uma nação (Israel), a quem Deus deu uma terra específica (a terra de Canaã). Mas o que Deus fez naquela nação em particular tinha o objetivo de levar bênção e salvação

a todas as nações da humanidade. E a terra de Israel se tornou um microcosmo da vontade de Deus para a vida na terra em um sentido mais amplo. E a combinação de um povo redimido vivendo na terra prometida também se torna uma antecipação da humanidade redimida de toda tribo, língua e nação, vivendo na nova criação — o novo céu e a nova terra que são retratados em Apocalipse 21—22.

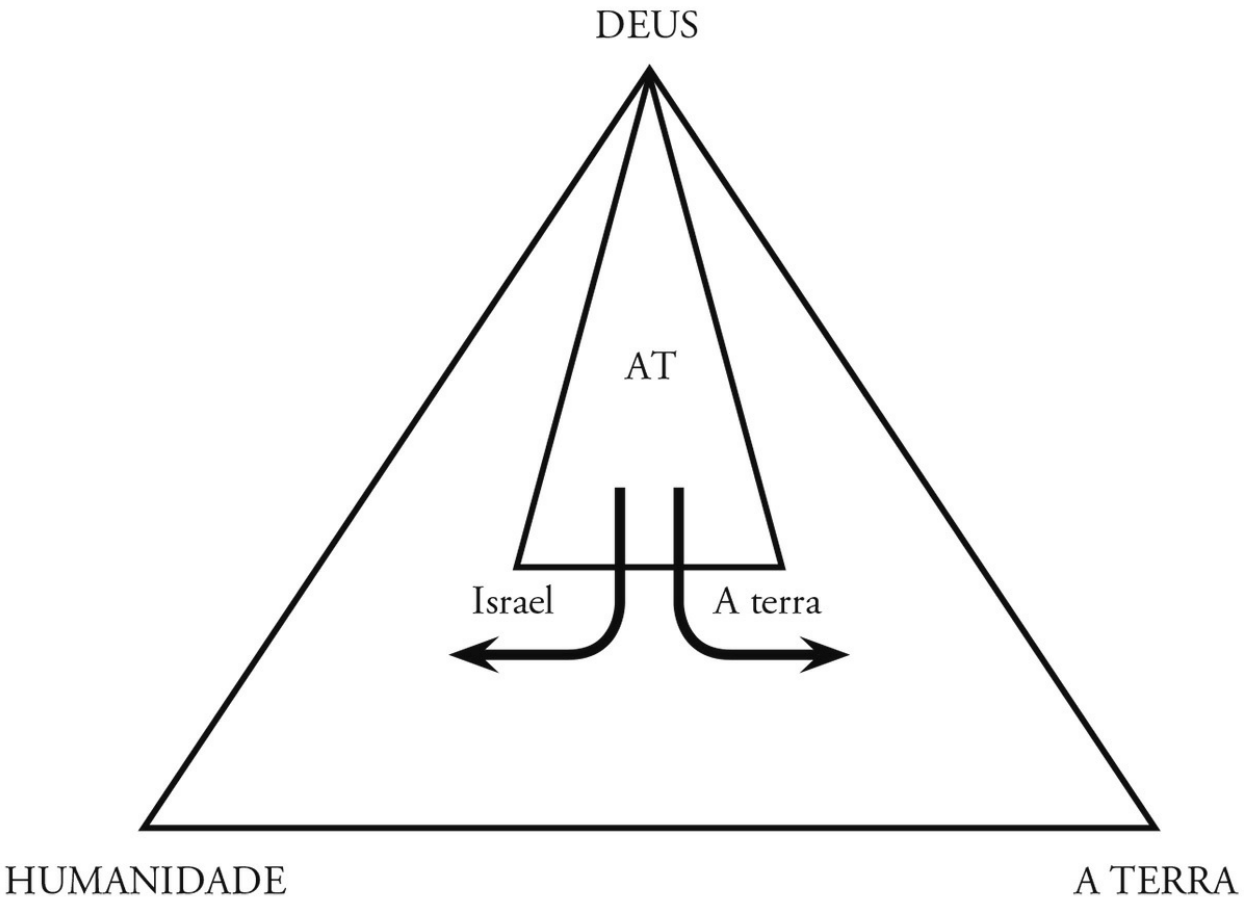
Esse triângulo interno da redenção no Antigo Testamento — Deus, Israel e a terra — se transforma em um modelo ou paradigma[2] da intenção divina mais ampla para o restante das nações de toda a terra (o triângulo exterior da criação). Israel deveria ser "uma luz para os outros povos" (Is 49.6, NTLH) em seu relacionamento de aliança com Deus na adoração e na constituição de sua sociedade (lembre-se de Dt 4.6-8), nas esferas econômica, política, social, familiar e pessoal.

Isso quer dizer que a lei do Antigo Testamento, a qual faz parte do triângulo interno da obra redentora de Deus em Israel, foi *projetada* para ser relevante para outros contextos culturais e históricos no triângulo da criação — para qualquer nação da terra,

inclusive a nossa. Assim, conforme mostra a figura abaixo, aquilo que ocorreu dentro do triângulo interior de Deus, Israel e a terra — inclusive a entrega da lei a Moisés — pode ser retirado e considerado em relação ao nosso contexto. É assim que descobriremos como ela é "útil", conforme disse Paulo.

Por isso, quando pregamos e ensinamos sobre a lei do Antigo Testamento, não estamos tentando implementá-la de maneira literal, isto é, pensando que podemos pedir às pessoas que façam exatamente o que diz o texto, da maneira como está ali. Nenhum de nós vive hoje no antigo Israel. A lei de Moisés foi entregue *para eles naquela época*, não para *nós hoje*. Não vivemos "dentro" do triângulo interior. Vivemos na "linha de baixo" do triângulo exterior, em uma das nações da terra de Deus. O que devemos fazer é procurar aquilo que Deus ensinou e exigiu dentro do triângulo interior (o Israel do Antigo Testamento) e então perguntar como isso ainda se aplica ao contexto no qual vivemos no triângulo exterior, qualquer que seja esse contexto. A lei do Antigo Testamento, ao nos dizer o que Deus exigia *daquela* sociedade *naquela* época, ainda pode desafiar a igreja e a sociedade em questões de ética e justiça social *nesta*

época. É como se estivéssemos entre as nações observadoras de Deuteronômio 4.6-8, fazendo perguntas não só sobre o tipo de Deus a quem Israel adorava e o tipo de sociedade que os israelitas deveriam ser, mas também sobre como as respostas a essas perguntas podem nos ajudar a confrontar nosso próprio contexto em nossa pregação e ensino dentro da comunidade da fé.



A LEI FOI DADA PARA O BENEFÍCIO DA HUMANIDADE

O que Jesus quis dizer ao declarar: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mc 2.27)? Ele quis ensinar que a lei do sábado deveria servir para o benefício humano. Jesus ficou irado porque os líderes de sua época haviam transformado algo bom e benéfico em um fardo ao qual as pessoas precisavam se submeter. Era como se a lei fosse o senhor a quem os seres humanos serviam, ao passo que, como disse Jesus, a ideia de Deus era o contrário. Ele deu a lei para servir às necessidades humanas e ajudar as pessoas a viver de maneira melhor. Descansar semanalmente era um exemplo disso. Era uma lei rígida, mas sua intenção era o bem das pessoas. O descanso semanal é algo bom!

Quando Jesus disse isso acerca do sábado, poderia estar se referindo à lei inteira. A lei foi dada a Israel não para fazê-lo feliz ou para encontrar prazer nas falhas do povo, mas, sim, *para o próprio bem dos israelitas.* Deuteronômio diz isso vez após vez (p. ex., Dt 4.40; 5.29; 6.24; 10.13). E, conforme vimos no capítulo anterior, os israelitas que realmente amavam e adoravam a Deus entendiam muito bem que, ao

obedecer à lei de Deus, estavam na melhor das situações. A guarda da lei (viver no caminho de Deus) era a estrada para uma vida sábia, saudável, satisfatória e produtiva — uma bênção verdadeira. Todo o livro de Salmos começa com uma alegre celebração da bênção proveniente de buscar viver no caminho de Deus (leia Sl 1; 19). Basicamente, obedecer a Deus é bom para você. Se você parar para pensar, como foi Deus quem nos criou, a melhor maneira de fazer a vida dar certo é "seguir as instruções do Fabricante". Deus sabe o que mais contribui para o ser humano prosperar. Era isso que ele queria para os israelitas. O grande problema é que, com muita frequência, eles estavam cegos demais para reconhecer isso e seguiam o próprio caminho, entrando na terrível confusão de pecado e sofrimento que vemos no restante do Antigo Testamento.

Exemplos

A seguir estão alguns exemplos de situações em que a lei do Antigo Testamento demonstra sua preocupação com o bem e as necessidades das

pessoas. Há casos em que existe conflito entre os *direitos* e as *prerrogativas* de alguém mais forte e as *necessidades* de alguém mais fraco. Nessas situações, descobrimos que a lei de Israel dá prioridade ao vulnerável e necessitado. Às vezes, essa prioridade legal ocorre mesmo quando a outra pessoa faz reivindicações legítimas. É como se Deus estivesse dizendo: "Não olhe apenas para o certo e errado jurídico do caso. Olhe com atenção para onde a necessidade é maior. Pense em quem é mais vulnerável ou está sofrendo mais e priorize esse indivíduo". Não se trata de uma "justiça cega", mas de uma justiça com os olhos abertos — olhos que *enxergam* as pessoas necessitadas. Ao mesmo tempo, a lei do Antigo Testamento advertia os juízes israelitas contra o *favoritismo* — distorcer a verdade por uma piedade imprópria de uma pessoa mais pobre (Êx 23.3 em equilíbrio com 23.6). Separe um instante para ler cada uma das passagens bíblicas a seguir:

a) A necessidade de um escravo refugiado em relação às reivindicações de seu senhor (Dt 23.15-16)

Esta é uma lei muito contracultural. Em todas as outras sociedades onde houve escravidão (antigas e modernas), os direitos e as prerrogativas legais do senhor de escravos sempre vinham à frente. A fuga de um escravo era uma ofensa, punida em geral com a morte. Qualquer um que recebesse um escravo foragido estaria cometendo uma ofensa grave. O dever legal seria enviar o escravo de volta ou entregá-lo às autoridades.

Mas o que a lei de Israel diz? Em primeiro lugar, *proíbe* os israelitas de mandar o escravo de volta para seu senhor. Isso em si já é surpreendente e inesperado. Em seguida, também *ordena* que eles permitam ao escravo viver em segurança em qualquer lugar de sua escolha dentro da comunidade. Os israelitas deveriam dar prioridade à necessidade humana da parte mais fraca (o escravo) sobre as reivindicações legais da parte mais forte (o proprietário).

É claro que essa lei tão humanitária arruinaria o sistema escravocrata se a maioria dos escravos simplesmente escolhesse fugir. O fato de a lei tratar esse caso como uma situação excepcional sugere que a escravidão no Israel do Antigo Testamento não era ordinariamente dura e cruel no modo como costumamos pensar no regime escravocrata (escravos nas galeras romanas ou escravos negros africanos). Portanto, se um escravo em Israel *fugisse*, seria presumível que seu senhor o estava tratando muito mal (ignorando as leis de proteção aos escravos em Êx 21.20-21,26-27). Nesse caso, diz a lei de Israel, é preciso colocar em primeiro lugar as prioridades do escravo. As pessoas são mais importantes do que prerrogativas da lei. O senhor de escravo cruel poderia até pensar que tinha a seu lado o direito de propriedade. Mas não tinha a seu lado a lei de Deus. Pois a lei de Deus serve para proteger as *pessoas em necessidade*, e não os direitos de propriedade de senhores violentos ou abusivos.

b) A necessidade de uma prisioneira em relação ao poder de um soldado (Dt 21.10-14)

Aqui está outra lei que, a princípio, pode nos fazer torcer o nariz. Gostaríamos de poder dizer que não deveria haver guerras, nem prisioneiros, muito menos mulheres capturadas como prisioneiras de guerra. Bem, tudo isso seria verdade em um mundo ideal. Mas Deus lida com a *realidade de um mundo caído*. E parte da estratégia da lei do Antigo Testamento era lidar com realidades sórdidas e tentar abrandar as piores consequências para os que fossem atingidos por elas.

Nesse caso, a lei permitia que o soldado vitorioso tomasse uma mulher dentre os cativos após a batalha. Mas o que ele tinha permissão para fazer? Nós sabemos que um dos aspectos mais terríveis da guerra em todas as eras foi e continua a ser o sofrimento medonho das mulheres nas mãos dos soldados, que estupram, escravizam ou matam. Às vezes, o estupro sistemático das mulheres é usado como estratégia deliberada de guerra, para humilhar

o inimigo. Esta lei de Israel elimina tal possibilidade logo de início.

Em primeiro lugar, o soldado só podia tomar *uma* mulher cativa como sua *esposa* legítima, com todas as responsabilidades que esse *status* lhe impunha e todos os direitos reservados a ela. Estupro ou escravidão são excluídos. Segundo, mesmo tendo feito dela sua esposa, ele deveria esperar um mês inteiro de adaptação após a experiência traumática dela antes de poder exercer o direito sexual normal de um marido. Isto é, ele deveria permitir um período de luto antes de fazer sexo com ela. E então, em terceiro lugar, se depois de tudo isso ele se arrependesse de sua decisão, não deveria lucrar com o próprio erro vendendo-a como escrava e desonrando-a dessa maneira. Nada disso. Ela havia se tornado sua esposa. Por isso, deveria divorciar-se dela da maneira correta e deixá-la partir em liberdade.

A guerra é terrível. As mulheres sofrem muito quando os soldados vencem batalhas. Mas esta lei parece tentar colocar as necessidades da pessoa fraca e vulnerável (ela é uma mulher,

uma estrangeira e uma prisioneira) acima dos direitos costumeiros da pessoa poderosa (ele é um homem, um soldado, um vitorioso e um marido).

c) A necessidade do devedor em relação às prerrogativas legais do credor (Dt 24.6,10-13)

Uma das maneiras pelas quais o Antigo Testamento tentava ajudar os pobres era incentivar as pessoas a emprestar generosamente, sem cobrar juros. Isso agradava a Deus e era a coisa certa a fazer (Sl 37.26; 112.5; Pv 19.17). Estamos falando sobre empréstimo por causa de pobreza e necessidade, e não de empréstimo como investimento em um negócio. O caso típico seria um trabalhador rural israelita que precisasse pegar emprestado sementes de milho para semear a plantação do ano seguinte, ou algo relativamente simples assim. Não se trata de crédito e débito bancário em uma economia comercial.

Em todas as sociedades, os empréstimos precisam de controle adequado. Em geral, aqueles que emprestam exigem algum tipo de segurança para o empréstimo. Quem toma emprestado dá alguma coisa ao credor como "garantia" ou "penhor", para ter certeza de que a dívida será paga. Trata-se de uma simples realidade econômica, que a lei israelita aceitava.

No entanto, uma vez mais, a lei do Antigo Testamento se coloca do lado da parte mais frágil (a pessoa pobre que precisava pegar um empréstimo), ao exigir que o credor respeite as necessidades do devedor e não o trate com severidade. Em primeiro lugar, a pessoa pobre precisava ter ainda condições de produzir o próprio pão para alimentar a si mesma e sua família. Por isso, o credor não poderia privá-la dos meios para fazer isso (a pedra de moinho que todas as famílias possuíam para fazer farinha). Segundo, o pobre necessitava de abrigo e calor à noite. Por essa razão, o credor não deveria aceitar itens básicos de vestuário como penhor, ou, caso o fizesse, deveria devolvê-los ao cair da noite (por que então

pegá-lo em primeiro lugar, se a pessoa é tão pobre que só pode oferecer o casaco que está usando?). E terceiro, até mesmo a necessidade de dignidade e privacidade do lar do pobre deveria ser respeitada. O credor não poderia invadir a casa do devedor e levar o que bem entendesse. Em vez disso, deveria ficar do lado de fora e permitir que o devedor escolhesse com liberdade o que ofereceria como garantia.

Sabemos que, em muitas sociedades, o tratamento que os credores dispensam aos devedores pode ser extremamente cruel. Todo o poder e, às vezes, a maior parte da lei também se encontram do lado do credor. Em Israel, porém, Deus encara de outro modo, do ângulo da pessoa necessitada que precisava pegar emprestado para sobreviver. As necessidades dessa pessoa devem receber prioridade e proteção, superando as reivindicações e os direitos legais do credor mais rico.

d) A necessidade do sem-terra em relação aos direitos legais do proprietário (Dt

24.19-22)

Imagine que você é um fazendeiro em Israel trabalhando em sua propriedade. Você pode pensar: "Esta é minha terra. Fiz todo o trabalho duro de limpá-la, arar, semear e colher. Sem dúvida, tenho direito a 100% da produção de tudo aquilo que meu trabalho duro e investimento geraram! Cada grão, cada uva e cada azeitona pertencem a mim. Os outros que cuidem de si e fiquem longe da minha fazenda!".

Mas Deus contraria tal atitude com a lei de respigar. Na verdade, o próprio Deus é o supremo proprietário (Lv 25.23). E, como proprietário, ele se reserva o direito de insistir que *todos* os israelitas da terra comessem e se fartassem, mesmo que fossem pobres, desprovidos de terra ou de família. Por isso, Deus concedeu a essas pessoas a liberdade de respigar nos campos durante a colheita, e insistiu que os ceifeiros se certificassem de que havia grãos suficientes para ser colhidos. Essa lei acerca de respigar nos campos, olivais e vinhas também pode ser encontrada em

Levítico 19.9-10. A história de Rute e Boaz é uma boa ilustração de um fazendeiro israelita que obedeceu a essa lei rigorosamente (Rt 2).

Mais uma vez, portanto, a necessidade humana é colocada em primeiro lugar. O cuidado dos necessitados tinha de ter prioridade sobre os benefícios pessoais da propriedade de terras. E isso se aplicava de maneira especial a pessoas que passavam fome (Dt 23.24-25).

Voltemos agora para Jesus. Como a lei em si continha esses e outros exemplos de colocar as necessidades humanas em primeiro lugar, dá para entender por que Jesus ficou irado quando os fariseus e mestres da lei a transformaram em um *fardo*, em vez de usá-la em *benefício* dos necessitados (p. ex., Mc 7.9-13; Mt 23.23). Muitas das parábolas de Jesus ensinam misericórdia e compaixão, mesmo que a justiça rígida ou as expectativas populares sigam em direção diferente (p. ex., Mt 20.1-16). Nisso, Jesus reflete o espírito interior e a força da própria lei.

Logo, devemos pregar e ensinar sobre a lei do Antigo Testamento de maneira que mostre como ela foi criada para benefício humano. Devemos destacar a prioridade que a lei dá aos fracos e necessitados, e pedir a nosso povo que reflita a respeito do que isso pode significar na sociedade atual — tanto quanto dentro da igreja em si. Há muito material dentro da lei que mostra a compaixão de Deus pelas necessidades dos seres humanos, em especial os vulneráveis, que se encontram em desvantagem social, econômica, étnica ou sexual em nosso mundo caído. Podemos pregar e ensinar com base nesses textos de maneira poderosa. Eles realmente são úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça". Mas (repetindo) lembre-se de conectá-los ao caráter e à graça salvadora de Deus. Do contrário, conseguiremos apenas despertar culpa legalista ou idealismo sentimental.

A ESCALA DE VALORES NA LEI DO ANTIGO TESTAMENTO

Existem mais de seiscentas leis individuais dentro de toda a lei de Moisés (assim me disseram; eu mesmo nunca as contei). Mas elas não são todas "a mesma

coisa". Há *tipos diferentes* de leis. Algumas tratam de delitos criminais graves. Outras lidam com disputas civis entre cidadãos. Algumas abordam questões familiares, como casamento, divórcio e criação de filhos. Outras apresentam regras para o sistema cerimonial de sacrifícios da prática religiosa de Israel. Outras ainda simplesmente exortam os israelitas a ser compassivos e cuidadosos. E existem *valores e prioridades diferentes* dentro da lei. Alguns são mais centrais e importantes que outros. As pessoas perguntavam: "O que importa de verdade? Qual é a coisa mais importante dentro da lei de Deus?".

Conforme vimos, *Moisés* respondeu a essa pergunta com cinco elementos: temer o SENHOR, andar em seus caminhos, amá-lo, servi-lo e obedecer-lhe (Dt 10.12-13). Miqueias os reduziu a três: praticar a justiça, amar a fidelidade e andar humildemente com Deus (Mq 6.8). Por fim, Jesus os resumiu a dois, quando alguém lhe fez essa mesma pergunta: amar o SENHOR, seu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todas as forças (Dt 6.4-5) e amar o próximo como a si mesmo (Lv 19.18).

Quando Jesus deu essa resposta, o mestre da lei que fizera a pergunta formulou uma réplica interessante:

"Muito bem, mestre. O senhor falou a verdade ao dizer que há só um Deus, e nenhum outro [Dt 6.4]. E sei que é importante amá-lo de todo o meu coração, de todo o meu entendimento e de todas as minhas forças, e amar o meu próximo como a mim. *É mais importante que oferecer todos os holocaustos e sacrifícios exigidos pela lei*" (Mc 12.32-33).

Jesus o elogiou imediatamente pela resposta. Mas ela não foi um lampejo repentino de uma ideia inovadora. O mestre estava apenas ecoando o modo como as Escrituras do Antigo Testamento também diziam que algumas coisas eram bem mais importantes do que outras — mesmo dentro da lei de Deus. Pense, por exemplo, nas palavras de Samuel a Saul: "A obediência é melhor que o sacrifício" (1Sm 15.22); ou nas palavras de Deus a Israel por intermédio de Oseias: "Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (Os 6.6, RA); ou a voz de Provérbios: "O SENHOR se agrada mais ao fazermos o que é certo e justo do que ao lhe oferecermos sacrifícios" (Pv 21.3).

Por isso, quando lemos passagens da lei do Antigo Testamento com o objetivo de pregar e ensinar com

base nelas, devemos nos perguntar: Quais são as leis mais importantes aqui? Que valores e princípios precisam receber prioridade? Algumas dessas leis são mais cruciais às "grandes" questões — o que Jesus chamou de "os aspectos mais importantes da lei" (Mt 23.23)?

Uma coisa é fazer essas perguntas, mas como começar a responder a elas? Bem, uma forma é refletir sobre a lista fundamental que parece estar no topo de toda a lei do Antigo Testamento: os Dez Mandamentos ou Decálogo ("dez palavras"), conforme às vezes é chamada. A ordem dos mandamentos parece refletir — em sentido amplo — uma escala de valores. É claro que todos eles são importantes! Mas alguns têm prioridade sobre os outros? Parece que sim.

Os Dez Mandamentos

Os Dez Mandamentos começam com Deus e terminam com os pensamentos íntimos que se passam no coração do indivíduo. Em certo sentido, o décimo mandamento (contra a cobiça) e o primeiro mandamento (contra a adoração a qualquer outro deus além do SENHOR Deus) correspondem um ao

outro. Isso porque, por natureza, a cobiça coloca a outra pessoa ou coisa na posição que deveria ser ocupada somente por Deus. Conforme diz Paulo, "a ganância [o equivalente à 'cobiça' no Novo Testamento] [...] é idolatria" (Cl 3.5).

- *Primeiro mandamento*: Deus vem em primeiro lugar e acima de tudo — nada de outros deuses.

Isso é reforçado pelos dois mandamentos seguintes:

- *Segundo mandamento*: não fazer ídolos.
- *Terceiro mandamento*: não usar o nome de Deus de maneira errada.

Depois vem um mandamento que se refere tanto a Deus quanto ao bem da vida em família e sociedade:

- *Quarto mandamento*: guardar e santificar o sábado e descansar.

Após esses quatro, cujo foco é Deus, vêm os outros seis restantes, cujo foco são os relacionamentos na sociedade humana. Mais uma vez, a ordem parece importante:

- *Quinto mandamento*: proteger a estabilidade da família, por meio da honra aos pais.
- *Sexto mandamento*: proteger a santidade da vida — não matar.
- *Sétimo mandamento*: proteger a santidade do sexo e do casamento — não cometer adultério.
- *Oitavo mandamento*: proteger as propriedades pessoais — não furtar.
- *Nono mandamento*: proteger a integridade da justiça e confiança na sociedade — não dar falso testemunho.
- *Décimo mandamento*: chegar à raiz de muitos dos problemas acima — não cobiçar em seu coração nem coisas, nem pessoas.

A ordem dos mandamentos nos dá algumas pistas sobre a escala de valores de Israel. *Grosso modo*, a ordem era:

- Deus
- Família
- Vida
- Sexo

- Propriedade

Isso o desafia de alguma forma, quando você pensa naquilo que é considerado mais importante em seu país ou cultura? Felizmente, muitas partes do mundo não seguiram o caminho da sociedade ocidental — ainda. Continuam a honrar a Deus de alguma forma e ainda tratam a família como algo muito importante. Que continuem assim! No entanto, quando penso na sociedade ocidental na qual eu vivo, parece que a ordem está virada de cabeça para baixo. Dinheiro e sexo importam mais do que quase todo o resto — é só olhar para a ganância e a imoralidade de boa parte de nossa mídia, política, publicidade, e assim por diante. A vida humana é cada vez menos valorizada, sobretudo quando se trata dos muito idosos e dos que estão por nascer. As famílias se esfacelam em um índice cada vez maior, tanto no relacionamento entre os gêneros quanto entre pais e filhos. E Deus é deixado de fora da mentalidade e dos valores da maioria das pessoas. Em tudo que é significativo, Deus é irrelevante. Pregar e ensinar os Dez Mandamentos no mundo de hoje — pelo menos na

parte do mundo onde moro — é algo profundamente contracultural.

E a pena de morte?

Refletir sobre os Dez Mandamentos e a escala de valores de Israel pode nos ajudar em mais um aspecto, creio eu. Podemos ser facilmente perturbados pela severidade de algumas das leis do Antigo Testamento. A pena de morte é prescrita por diversos delitos que certamente não seriam crimes capitais em nossas sociedades. Por que isso acontece? Precisamos colocar algumas coisas em sua perspectiva correta.

Em primeiro lugar, Israel era uma "teocracia". Isso quer dizer que a nação se baseava em sua aliança com o SENHOR Deus. Logo, Deus era a autoridade suprema da terra, muito acima de qualquer rei, juiz, sacerdote ou outro líder. Mesmo esses cargos elevados do Estado estavam sujeitos à autoridade suprema de Deus. Por isso, qualquer ofensa que ameaçasse esse relacionamento de aliança era tratada com muita seriedade. Pois, mesmo que fosse cometida por apenas um indivíduo ou família, isso poderia colocar em risco toda a sociedade pela quebra da aliança.

Segundo, quando estudamos as leis que têm vinculada a pena de morte, descobrimos que todas elas ou eram violações diretas de um dos Dez Mandamentos ou estavam fortemente ligadas a um deles. Isso em si já demonstra como os Dez Mandamentos eram importantes para Israel. Funcionavam como "marcadores de fronteira" para a aliança. Se transgredisse um deles, a pessoa se colocava fora da aliança com Deus — e isso poderia causar a morte.

Terceiro, a pena de morte estava associada a ofensas que, para Israel debaixo da aliança, eram consideradas as mais graves de todas. Elas revelam algo sobre a escala de valores do povo. Todas as sociedades punem com maior severidade aquilo que consideram mais perigoso para a população como um todo. As penas de Israel nos mostram o que *eles* consideravam perigoso para sua sociedade de modo geral. Isso incluía:

- Ações que afastavam as pessoas da adoração somente ao Deus vivo — como fazer ídolos. Tais atos trariam a ira divina sobre a nação.

- Ações que prejudicavam a sociedade como um todo — como transgredir o sábado.
- Ações que prejudicavam o tecido da vida familiar saudável, do qual toda a sociedade dependia — como se rebelar contra os pais e arruinar a integridade sexual por meio do adultério.

Em quarto lugar, porém, nem toda quebra dos Dez Mandamentos era tratada como crime capital. A escala de valores que vimos acima na ordem dos Dez Mandamentos também se refletia nas penas. Assim, se uma pessoa transgredisse voluntariamente qualquer um dos seis primeiros mandamentos — cometendo de idolatria a assassinato —, a pena era a morte. Para o sétimo (adultério), a pena de morte era uma possibilidade, mas não há registro de que tenha sido levada a cabo. O oitavo (furto), sem dúvida, *não* era um crime capital. Ninguém poderia ser executado por roubar bens no Israel do Antigo Testamento, segundo a lei normal. O furto em guerra era diferente (Acã, Js 7); e o furto de *pessoas* (sequestro para escravidão) *era* passível de pena de morte (Êx 21.16; Dt 24.7). O nono (mentira ou falso testemunho) não seria punível com pena de morte, a menos que a

pessoa fosse flagrada acusando falsamente alguém de um crime que levaria à execução do inocente caso cressem na acusação. O perjúrio era tratado com muita seriedade (Dt 19.16-21). E o décimo, por ser uma questão do coração e da mente, não poderia receber nenhuma pena em tribunal. Cobiçar é pecado, e não um crime (embora, é claro, possa levar a todo tipo de crime).

Portanto, se estivermos diante de leis no Antigo Testamento que nos pareçam enigmáticas e severas, não devemos simplesmente desconsiderá-las, taxando-as de irrelevantes. Nem devemos, é claro, fazer pressão para que sejam colocadas em vigor da mesma maneira no mundo atual. Não somos o antigo Israel vivendo debaixo da velha aliança, e Deus não tinha a intenção de que a lei que entregou aos israelitas fosse aplicada sem variações a todas as sociedades de todos os tempos. A história muda. A cultura muda. Deus também sabe disso! Devemos, em vez disso, perguntar o que a severidade de algumas leis nos revela sobre as prioridades morais que Deus estava tentando ensinar. Por que isso era tão importante naquela época? Expressa um valor que talvez tenhamos perdido? Mesmo que não apliquemos nem

devêssemos aplicar esse tipo de pena hoje, o que ainda assim podemos aprender com a escala de valores de Israel que pode desafiar nossas sociedades?

COMO CONSTRUIR UMA PONTE ENTRE A LEI DO ANTIGO TESTAMENTO E O MUNDO ATUAL

A tarefa de pregar e ensinar a Bíblia envolve construir uma ponte do mundo da Bíblia ao mundo em que vivemos hoje. Isso se chama *ponte cultural.* Também envolve construir uma ponte entre o texto bíblico específico sobre o qual ensinaremos e a mensagem que transmitiremos. Isso é uma *ponte de comunicação*. Reflito aqui sobre a primeira das duas. Como podemos nos mover do mundo da lei do Antigo Testamento para o mundo de hoje, de modo que sejamos tanto *fiéis* ao texto original quanto *relevantes* ao contexto contemporâneo?

Qual é um dos primeiros princípios de compreensão e interpretação da Bíblia? Só devemos perguntar "O que este texto significa para mim hoje?", depois de trabalharmos duro para descobrir "O que este texto significava para eles naquela época?". Precisamos nos colocar de volta dentro da Bíblia e pensar: Quem

escreveu esta passagem? Quando? Onde? Para quem? Por que escreveram? Sobre o que estavam falando (assunto geral)? E o que disseram sobre aquilo que estavam falando (o conteúdo em si)? Qual é a ideia principal? Bem, quando lemos a lei do Antigo Testamento, precisamos fazer a mesma coisa: perguntas!

Mas que tipo de perguntas deveríamos fazer sobre as leis do Antigo Testamento? Pense em como as leis funcionam — em sua sociedade ou em qualquer outra. As leis de qualquer sociedade são criadas para um propósito. Elas protegem as pessoas da violência ou da injustiça. Restringem o poder de algumas pessoas a fim de proteger outras. As leis tentam equilibrar os direitos e as responsabilidades de diferentes grupos na sociedade. Elas promovem objetivos sociais, isto é, um governo tem uma visão política do tipo de sociedade ideal que gostaria de ver e decreta leis que tentam mover a sociedade nessa direção. Às vezes, criam-se leis a fim de impedir que uma situação ruim fique pior. Por exemplo, quando eu era jovem, os carros do Reino Unido não tinham cintos de segurança. As pessoas morriam quando ocorria uma colisão frontal. Por isso, os fabricantes de

veículos começaram a colocar cintos de segurança nos bancos da frente, mas usá-los era opcional. Por fim, o governo criou uma lei tornando obrigatório o uso dos cintos de segurança tanto nos bancos da frente quanto no de trás. Por quê? O *objetivo* dessa lei era reduzir o número de mortes em acidentes na estrada. Ela *obrigava* as pessoas a se fazerem mais seguras. Era uma lei, mas que foi criada para o bem de todos e da sociedade como um todo.

Agora, pense no antigo Israel. Deus lhes deu um sistema de leis. Ele não abrangia todas as coisas da vida, mas sem dúvida proporcionava uma espécie de estrutura constitucional para áreas essenciais como a vida econômica, política, jurídica, militar e familiar — bem como suas práticas religiosas, é claro. Por isso, ao ler e estudar sobre esse sistema de leis, devemos pensar em seus objetivos sociais. Que tipo de sociedade ele tentava criar? Que tipo de sociedade procurava evitar ou substituir?

Você se lembra que, quando refletimos acerca de como pregar ou ensinar as histórias do Antigo Testamento, eu disse que não devemos perguntar somente: "Sobre o que fala esta história? O que acontece nela?", mas também: "*Por que* esta história

faz parte da Bíblia? Qual é o *motivo* para o escritor bíblico ter selecionado e incluído esta história e a colocado neste lugar?". Devemos fazer algo semelhante em relação à lei do Antigo Testamento. Não basta perguntar: "O que esta lei diz?". Também necessitamos indagar: "Por que esta lei se encontra na Bíblia? Qual é o *propósito* desta lei na sociedade de Israel?".

Lista de conferência

Aqui estão algumas perguntas que você poderia fazer sobre qualquer passagem que apresente as partes jurídicas da lei do Antigo Testamento. Lembre-se: você faz essas perguntas sobre o Israel do Antigo Testamento, e não sobre qualquer sociedade atual. Diz respeito a eles, e não a você!

- Que tipo de situação ruim esta lei tentava impedir?
- Que tipo de situação melhor esta lei tentava promover?
- Quem esta lei procurava proteger?

- Quem se beneficiaria desta lei e por quê?
- Esta lei tentava restringir o poder de quem e como o fazia?
- Que necessidades esta lei tentava suprir e como o fazia?
- Que direitos e responsabilidades estavam incorporados nesta lei?
- Que tipo de comportamento esta lei incentivava e como ela o fazia?
- Que tipo de comportamento esta lei desestimulava e como ela o fazia?
- Que visão de sociedade pode ser observada nesta lei?
- Como seria a sociedade israelita caso tivesse obedecido plenamente a esta lei?
- Que princípios morais, valores ou prioridades você consegue ver personificados nesta lei?
- Que razões (se houver alguma) foram incluídas para incentivar as pessoas a guardar esta lei?
- Que sanções ou penas (se houver alguma) estavam associadas a esta lei? E o que isso

mostra a respeito de quanto ela era séria ou importante?

Sejamos honestos. Haverá momentos em que, não importa quantas perguntas você faça ou quanto se esforce para encontrar boas respostas, acabará um pouco frustrado e dirá para si mesmo: "Eu realmente não faço a menor ideia de por que esta lei está aqui e qual era seu propósito!". Deixe-me dizer imediatamente que existem algumas partes do Antigo Testamento que eu não entendo muito bem. Há leis que nem mesmo os maiores eruditos bíblicos conseguiram explicar com toda certeza. Mas isso só acontece em alguns casos e em leis que, de todo modo, parecem bastante obscuras. Eu não me importo em ter alguns poucos casos sem solução na estante, quando a mensagem geral e o objetivo da maior parte da lei forem bastante claros. Conforme vimos, Moisés, Miqueias e Jesus eram capazes de resumi-la em poucos princípios básicos. E posso garantir que, com frequência, o simples exercício de

fazer perguntas como as que acabamos de ver leva, sim, a uma melhor compreensão da lei do Antigo Testamento. Começamos a ver não só *o que ela diz*, mas *por que está lá*. Começamos a compreender que tipo de sociedade Deus queria que Israel fosse, mesmo que tenham falhado.

Enquanto trabalhamos nessa imagem do que Deus queria no Israel do Antigo Testamento, preparamo-nos para dar o próximo passo: atravessar a ponte para o nosso mundo.

Então aqui está você. Fez seu dever de casa exegético. Fez perguntas e anotou as respostas. Tanto quanto possível, procurou entender um trecho da lei do Antigo Testamento dentro do próprio contexto — o antigo Israel naquela época. O que vem em seguida?

Afaste-se. Respire profundamente. Saia do mundo do Antigo Testamento de maneira bem deliberada e volte para o seu, onde quer que ele seja. Pare de pensar no contexto do Antigo Testamento e comece a pensar no seu. Enquanto "atravessa a ponte" de volta do mundo do Antigo Testamento para o seu, é necessário que você *mude o contexto, mas preserve o objetivo.* Isto é, ao pensar sobre seu contexto — sua igreja, sua cultura, seu país, a sociedade à sua volta

—, como os objetivos que você encontrou nas leis do Antigo Testamento podem ser alcançados hoje?

E, mais uma vez, a melhor maneira de conseguir fazer isso é por meio de perguntas (a esta altura, você já deve ter se acostumado a me ouvir dizer que a chave para boas pregações e o bom ensino sobre a Bíblia é começar fazendo boas perguntas!).

Lista de conferência

Podemos fazer um grupo de perguntas paralelo ao que fizemos em relação ao Israel do Antigo Testamento, mas questioná-las acerca do *nosso contexto*. Podemos procurar semelhança em situações, problemas, necessidades, poderes, dilemas, comportamentos certos e errados, bons e maus, e assim por diante, que precisam ser resolvidos em nossa sociedade. Então, dentro desse novo contexto, o contexto do nosso mundo contemporâneo, indagamos como os objetivos das leis do Antigo Testamento podem ser alcançados.

- Que situações em nossa sociedade são semelhantes àquelas nas leis do Antigo Testamento e de que maneiras?
- Que tipos de pessoas em nossa sociedade enfrentam necessidades semelhantes às dos destituídos em Israel e por quê?
- Que classes de pessoas têm mais poder e influência em nossa sociedade e de que maneiras isso precisa ser restringido?
- De que tipo de proteção e provisão algumas pessoas necessitam?
- Quais devem ser nossos objetivos na sociedade para torná-la mais parecida com o tipo de sociedade que Deus queria que Israel fosse, de acordo com as leis que lhe concedeu?
- O que poderíamos fazer na prática ou incentivar nosso povo e nossa sociedade a fazer a fim de refletir os valores e as prioridades de Deus que identificamos na lei do Antigo Testamento?
- Como os princípios encontrados nas leis do Antigo Testamento podem ser aplicados na

vida prática hoje — em minha vida pessoal, na igreja, na sociedade como um todo?

- O Novo Testamento faz alguma referência a essa lei do Antigo Testamento? Se faz, o que ele diz? O Novo Testamento identifica a intenção básica dessa lei como algo que também precisamos seguir em nosso compromisso cristão?
- Em termos cristãos (i.e., à luz de Cristo e do evangelho), qual é nossa motivação hoje para cumprir a lei de Deus?
- Como, então, eu posso pregar e ensinar sobre essa parte das Escrituras de maneira fiel a seu contexto e propósito original, mas também relevante para meu povo agora? Como posso fazer esse texto "falar mais uma vez", para que as pessoas de hoje enxerguem sua relevância e se sintam tocadas a responder por meio da obediência a Deus?

Enquanto elabora um sermão ou uma lição com base na lei do Antigo Testamento com essas perguntas em mente, lembre-se também

de todas as ideias principais que abordamos neste capítulo e no anterior:

- A graça de Deus sempre deve ser o ponto de partida. Tudo que fazemos ou incentivamos os outros a fazer deve ser em resposta ao que Deus fez por nós.
- O povo de Deus é chamado a viver para cumprir a missão divina, que é levar bênção a todas as nações.
- A lei de Israel tinha o objetivo de servir de modelo para outras sociedades, em outras culturas e outras épocas da história, e assim sempre continuar a ser "útil" e relevante.
- Sempre procure identificar o que o texto ensina sobre o caráter de Deus.
- Lembre-se que a lei foi dada para o bem-estar humano. Por isso, não a transforme em um fardo legalista.
- Concentre-se nas exigências realmente importantes da lei, conforme ensinadas por Jesus: amar a Deus e ao próximo, justiça, misericórdia e fidelidade.

- Lembre-se da realidade do pecado e do fracasso em nosso mundo caído. Tanto o pregador quanto a congregação são pecadores que necessitam de arrependimento e da graça perdoadora.

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

Escolha uma ou mais dentre as passagens a seguir e trabalhe nelas usando as duas listas de conferência anteriores, isto é, faça perguntas sobre os objetivos das leis dentro do contexto do Antigo Testamento e depois faça perguntas sobre seu contexto hoje e o que você pode aprender e aplicar dessas leis.

- Êxodo 21.12-19
- Êxodo 21.28-36
- Êxodo 23.1-9
- Levítico 19.33-34
- Deuteronômio 24.6,10-13
- Deuteronômio 24.14-15

EXEMPLO DE ESBOÇO

O POVO DE DEUS EM SOCIEDADE
Levítico 19

Este é o capítulo do qual Jesus extraiu seu "segundo grande mandamento da lei": amar o próximo como a si mesmo. Esse mandamento é cercado por muitos outros que seriam transformadores em qualquer sociedade. Mas começo enfatizando que o capítulo não é um mero ensaio sobre ética ou economia social. Ele começa e termina com Deus: sua santidade (v. 2) e sua salvação (v. 36). É possível que você não consiga pregar ou ensinar sobre o capítulo inteiro de uma só vez. Talvez seja mais fácil dividi-lo em várias partes. Todas as vezes, porém, certifique-se de enfatizar o contexto da graça salvadora.

Quem somos nós?

É importante abordar o conteúdo do capítulo por meio da "lente" da história na qual a lei de Israel se encontra. Tais leis foram dadas a pessoas redimidas e santificadas por Deus, colocadas no mundo para servir à missão divina para as nações. Tais verdades ainda se aplicam a nós em Cristo.

- *Um povo resgatado (v. 36).* A importante motivação do êxodo mostrando a graça redentora de Deus em ação.
- *Um povo santificado (v. 2).* A santidade é tanto um fato quanto um dever. É algo que Deus faz ("Separei-os" [Lv 20.26]) e que nós somos chamados a viver ("Sejam santos"). Os dois lados dessa verdade são combinados em Levítico 20.26. E o efeito prático é visto em Levítico 18.1-3: distinção da cultura circundante e de suas idolatrias.
- *Um povo com uma missão (Êx 19.4-6).* Isso não se encontra explícito no texto, mas fica subentendido na expressão "sejam santos". É necessário que Israel cumpra sua missão

de ser o sacerdócio de Deus em meio às nações.

Esses três temas podem ser encontrados em 1Pedro, aplicados aos cristãos: nós somos *resgatados* (1.18-19), *santificados* (1.2,14-15) e estamos *em missão* por Deus entre as nações (2.9-12). Logo, somos chamados a viver no mundo de maneira redentora, distinta e atraente. Uma comunidade de pessoas transformadas por Deus pode exercer influência transformadora na sociedade.

Como podemos fazer diferença?

Levítico 19 é citado com frequência no Novo Testamento (p. ex., Mt 22.39-40; Rm 13.9; 1Pe 1; Tg 2.8). Se você tiver uma Bíblia com referências cruzadas, procure as passagens relacionadas também em Êxodo 21—23 e Deuteronômio 22—25. Pense em como seria a sociedade caso essas leis fossem colocadas em prática hoje! Como os cristãos podem ser defensores desses princípios e valores na sociedade?

- *Transformação da família (v. 3,20-30,32).* Observe o equilíbrio entre as obrigações dos filhos para com os pais e dos pais para com os filhos. E o cuidado com os idosos.
- *Transformação da pobreza (v. 9-10).* Esta é apenas uma parte do sistema de assistência social de Israel. Confira também o dízimo do terceiro ano para os necessitados (Dt 14.28-29) e o perdão das dívidas e liberação dos escravos no sétimo ano (Dt 15). Note também a preocupação com os deficientes no versículo 14 (cp. Dt 27.18; Pv 17.5).
- *Transformação do ambiente de trabalho (v. 13b).* Deuteronômio 24.14-15 é ainda mais forte. Um desafio aos empregadores cristãos? Relevante para as leis e práticas trabalhistas em seu país?
- *Transformação do mercado (v. 35-36).* Honestidade no comércio e nos negócios, desde pequenos negócios locais até as relações internacionais de comércio. Deus odeia a desonestidade nos negócios. Ela é colocada na mesma categoria da imoralidade sexual. Temos nós o mesmo

padrão? Compare com Deuteronômio 25.13-15.

- *Transformação do sistema jurídico (v. 15-16).* A lei do Antigo Testamento era zelosa na preservação da integridade do sistema judiciário e na eliminação da corrupção e de subornos. Isso é enfatizado ainda mais em Êxodo 23.1-9. Precisamos orar pelos juízes e advogados, além de incentivar mais cristãos a serem sal e luz nessa área.
- *Transformação dos relacionamentos sociais (v. 11-12,17-18).* Seria melhor não precisar recorrer à justiça! Por isso, trabalhe por relacionamentos na vizinhança que fomentem a harmonia, reduzam conflitos e promovam palavras honestas e verdadeiras. O versículo 17 é cheio de *insights* sutis: o ódio pode ser tão prejudicial quanto a violência, conforme Jesus e João destacaram mais tarde (Mt 5.21-22; 1Jo 3.15). Tenha coragem de apontar o erro. Evite rancores e palavras duras. Ame seu próximo como a si mesmo — o mais difícil de todos, e ilimitado em seu escopo (Lc 10.25-37).

- *Transformação das relações raciais (v. 33-34).* Note o paralelo surpreendente entre os versículos 18 e 34: "Ame [...] como a si mesmo". A expressão ocorre quatro vezes: Deuteronômio 6.5 (Deus); Levítico 19.18 (próximo); Deuteronômio 10.19 e Levítico 19.34 (ambos, o estrangeiro). Amor prático por quem vem de fora, pelos sem-terra, refugiados e que procuram asilo. Ilustração: a proteção que Boaz dispensou à moabita Rute. Observe também: igualdade de todos os grupos étnicos da sociedade perante a lei — tratamento igualitário ao estrangeiro, o mesmo dispensado ao nativo. Ainda nos encontramos muito distantes dessa realidade.
- *Transformação da adoração (v. 4-8,26-28,30-31).* São poucas as leis deste capítulo que falam sobre rituais religiosos. Elas têm o objetivo não só de manter pura a adoração de Israel, mas também de torná-la socialmente inclusiva. Proibição da idolatria (v. 4). Partilha do alimento (v. 5-8: comer a carne em um ou dois dias

significaria convidar várias pessoas para compartilhar a refeição). Costumes pagãos deveriam ser evitados (v. 26-28: essas eram características dos rituais cananeus, ocultismo e mutilação corporal). Quais são as marcas da idolatria à nossa volta hoje? O consumismo?

Conseguimos identificar uma visão transformadora da sociedade em Levítico 19? Como seria o mundo se houvesse:

- Respeito e responsabilidade dentro da família?
- Ajuda prática e acessível aos pobres?
- Justiça no ambiente de trabalho?
- Honestidade nos negócios?
- Justiça no sistema legal?
- Amor na vizinhança?
- Igualdade nas relações étnicas?
- Pureza na adoração?

Isso não é um sonho utópico. É a ideia divina de "santidade". Não deveríamos buscar essas

coisas sempre que pudermos em nossa sociedade?

Como podemos "cumprir" a lei do Antigo Testamento hoje?

Não estamos "debaixo da lei" no sentido legalista, conforme Paulo deixa claro. Mas Jesus disse que não veio abolir a lei, mas, sim, cumpri-la. Paulo fala sobre "cumprir a lei" em duas passagens:

- *Ao viver segundo o Espírito (Rm 8.1-4).* Salvos por Cristo e cheios do Espírito Santo, somos capacitados a viver cumprindo o propósito original de Deus para a lei.

Ao amar o próximo (Rm 13.8-10). Paulo ecoa o uso que Jesus faz de Levítico 19.18. Obedecemos à lei de Deus quando amamos, quando buscamos o melhor para as pessoas ao nosso redor, quando somos dedicados "à prática de boas obras" — não como forma de

alcançar justiça própria, mas a fim de tornar o evangelho atraente (Tt 2.9-14).

11

CONHEÇA OS PROFETAS

O que você pensa sobre pessoas que supostamente têm "grandes ministérios proféticos"? Há várias assim em algumas partes do mundo. Elas fazem muito barulho e ganham muito dinheiro. Mas será que são "profetas" de alguma maneira semelhante aos profetas do Antigo Testamento? Ou, invertendo a situação, os profetas do Antigo Testamento eram, em algum aspecto, semelhantes aos famosos "pregadores proféticos" de hoje? Bem, penso que existem diferenças bem importantes! Minha esperança é que este capítulo o ajude a pregar melhor com base nos profetas *bíblicos*, e não fazê-lo imaginar que pode imitar aqueles que alegam ser "profetas" hoje. Talvez

também o ajude a avaliar esses "profetas" modernos à luz da Bíblia — o que seria muito bom.

QUEM FORAM OS PROFETAS?

Então, quem foram os profetas do Antigo Testamento? A primeira coisa a fazer é distinguir entre o grande número de *pessoas* que foram profetas em Israel e o pequeno número (quinze) de *livros* com nome de profetas que foram incluídos na Bíblia.

Deus deu profetas ao povo de Israel ao longo do Antigo Testamento, e a maioria deles não tem livros que levam seu nome. Moisés foi profeta. Assim como sua irmã Miriã (Êx 15.20; Mq 6.4). Aliás, em alguns aspectos, Moisés foi o modelo para todos os profetas que vieram depois dele (Dt 18.18). Houve também profetas como Samuel, Natã, Elias e Eliseu, bem como muitos outros que são mencionados mas não nomeados nos livros históricos. Algumas das pessoas mais notáveis que exerceram o ministério profético foram mulheres. Cinco mulheres são citadas como profetisas no Antigo Testamento (Miriã, Débora, Hulda, a mulher de Isaías — que talvez fosse Hulda — e Noadia).[1]

Temos, então, os quinze livros do Antigo Testamento que contêm as palavras dos profetas mencionados em particular. Há os três grandes livros: Isaías, Jeremias e Ezequiel, e há o chamado "Livro dos Doze". Estes às vezes são denominados "profetas menores", os doze livros proféticos em sua Bíblia que vão de Oseias a Malaquias. Mas a palavra "menor" só quer dizer que seus livros são curtos, e não que eles em si fossem menores ou menos importantes na obra que desempenharam para Deus em sua época. Aliás, alguns deles foram extremamente significativos.

Em nossa Bíblia, Daniel vem entre Ezequiel e o Livro dos Doze. Isso totaliza dezesseis livros. No cânone hebraico, porém, Daniel não é listado com os Profetas, mas, sim, com os Escritos. É por isso que mencionei quinze livros acima: os três "profetas maiores", mais doze "profetas menores".

O que todos esses profetas tinham em comum — quer seu nome dê título a um livro, quer não — é que foram *homens e mulheres que falaram em nome de Deus.* É por aí que devemos começar. Pensemos nas diferentes partes do corpo como uma forma conveniente de nos lembrar de alguns fatos essenciais sobre os profetas.

Profetas tinham boca: eles falavam em nome de Deus

De forma bem simples, os profetas eram mensageiros. Eram porta-vozes de Deus. Por meio deles, Deus proferiu sua palavra diretamente aos ouvidos, à mente e ao coração de seu povo em diferentes épocas. O que o profeta dizia era o que Deus queria que fosse dito. Quando iam falar, os profetas começavam ou terminavam com uma expressão do tipo "Assim diz o SENHOR".

Por isso, embora estejamos pensando em como pregar e ensinar sobre o que está *escrito* na Bíblia usando as palavras de algum dos profetas, devemos nos lembrar que eles, antes de tudo, *falaram* ao povo. As pessoas ouviam as pregações de um profeta muito antes de poderem ler um livro de um profeta. É importante manter isso em mente quando lemos os livros proféticos. Tente imaginar como seria *ouvir* tais palavras e como você reagiria a elas. Leia Jeremias 36 e você verá como Deus instruiu Jeremias a escrever suas mensagens faladas (ao longo de 23 anos) em um rolo. Mesmo depois disso, porém, elas tiveram de ser

lidas em voz alta (três vezes em um dia, antes de serem queimadas!).

Às vezes, as palavras "profeta" ou "profético" são usadas hoje para se referir a uma predição do futuro. Podemos dizer "Não sou profeta" com o sentido de "Não me peça para prever o que irá acontecer". E algumas pessoas acham que a única coisa que todos os profetas do Antigo Testamento faziam era sentar e prever o futuro o tempo inteiro. Bem, sem dúvida, os profetas às vezes falavam sobre o futuro e prediziam coisas à frente de sua época. No entanto, devemos considerar esse tipo de ato como secundário a seu propósito principal — na verdade, a serviço dele.

O propósito principal dos profetas era transmitir diretamente a palavra de Deus ao povo a seu redor — à própria geração. Eles diziam ao povo de Israel o que Deus pensava e falava acerca da situação *presente*, das circunstâncias históricas de sua época. Por isso, quando, em algum momento, eles *realmente* falavam sobre algo futuro, era com o objetivo de levar as pessoas a pensar e agir de maneira diferente no presente. Em outras palavras, quando havia predições do futuro, elas se destinavam a afetar o presente (a própria época), e não simplesmente deixar as pessoas

contemplando o horizonte distante. Os profetas deveriam ser vistos como "apresentadores", e não como "adivinhadores". Voltaremos a essa ideia adiante para explicar melhor como lidar com as predições acerca do futuro.

Profetas tinham ouvidos: eles escutavam a palavra de Deus

Para falar a palavra de Deus, os profetas precisavam, em primeiro lugar, recebê-la. Acima de tudo, eles eram instrumentos ou agentes da palavra de Deus. É isso que significa falar sob "inspiração". Não quer dizer que eles eram pessoas maravilhosamente inspiradas ou inspiradoras, como grandes pintores, músicos ou atletas. Significa apenas que eles comunicavam aquilo que Deus desejava dizer. A palavra de Deus era transmitida por meio de suas palavras.

Não recebemos muitas informações sobre como eles sabiam o que deveriam dizer. Jeremias fala que os profetas verdadeiros ficavam na presença de Deus e ouviam sua palavra, ao passo que os falsos profetas nunca faziam isso — nunca ouviram de verdade algo

que Deus havia dito. Assim, todas as palavras *deles* não passavam de imaginação da própria mente.

Ocasionalmente, os profetas recebiam uma mensagem de Deus em uma visão. Às vezes, apenas viam algo comum ao seu redor (como uma amendoeira em flor, dois cestos de figos ou um oleiro trabalhando). Às vezes, a sensação era semelhante à de uma pressão física. Jeremias conta que, quando decidiu *não* falar mais em nome de Deus, a palavra era como um fogo queimando por dentro. Isaías e Ezequiel falam sobre sentir a "mão" de Deus sobre eles. Ezequiel fala sobre "comer o rolo" das palavras de Deus, significando que tudo aquilo que ele falava era a palavra "digerida" de Deus vinda de dentro dele. Tanto Isaías quanto Jeremias tiveram a sensação de Deus "tocando seus lábios". Deus disse a Jeremias: "Ponho em sua boca as minhas palavras". Oseias ouviu a mensagem de Deus por meio da experiência muito dolorosa de seu casamento destruído.

A ideia principal a ter em mente é que *tudo que eles falavam era o que tinham ouvido da parte de Deus* (por qualquer meio). Assim, sempre que os israelitas ouviam os profetas, estavam ouvindo a Deus. Quando se recusavam a dar ouvidos a um profeta

enviado por Deus, estavam se recusando a ouvir a Deus. Deus deixou isso bem claro desde o início (Dt 18.15-20). E isso significa, em nossos dias, que, quando *nós* ouvimos os profetas ao ler suas palavras na Bíblia, também estamos ouvindo a Deus por intermédio dessas palavras agora guardadas nas Escrituras.

Entretanto, precisamos tomar cuidado! Isso não quer dizer que, quando *pregamos um sermão* com base em um dos livros proféticos, *nós* estamos falando as palavras de Deus diretamente. A palavra de Deus é aquela *com base na qual* pregamos. Sem dúvida, queremos que nosso povo ouça o que Deus está dizendo agora, hoje, *em* sua palavra. Mas sempre devemos traçar uma distinção clara entre as palavras das *Escrituras* — reveladas, inspiradas e cheias de autoridade — e as palavras que falamos em nossos *sermões.* Obviamente, devo tentar ser tão fiel quanto possível àquilo que Deus *disse* na palavra escrita. E é claro que desejo que Deus fale a seu povo por meio de sua palavra, mediante seu Espírito. Ao pregar, porém, nunca devo alegar que Deus *está dizendo agora* exatamente as palavras que uso ao pregar. A *Bíblia* é a palavra de Deus. Meu sermão em si *não* é a

palavra de Deus, embora procure comunicar tão fielmente quanto possível aquilo que Deus deseja dizer mediante sua palavra hoje. Aliás, devemos incentivar as pessoas a sempre conferir aquilo que pregamos. Elas devem examinar nossa pregação à luz das Escrituras, a fim de ver se aquilo que *nós dizemos* nos sermões é fiel àquilo que *Deus disse* em sua palavra. Foi isso que os bereanos fizeram até com a pregação do apóstolo Paulo, deixando um bom exemplo (At 17.11)! Encoraje seu povo a imitá-los.

Profetas tinham olhos: eles viam as coisas do ponto de vista de Deus

Uma das primeiras palavras usadas no Antigo Testamento para os profetas foi "videntes". O termo significa o que parece: eles eram aqueles que viam. Às vezes, isso também significava que, pelo poder misterioso de Deus, eles eram capazes de enxergar coisas que os outros não conseguiam. Por exemplo, Samuel pôde dizer a Saul e seu servo onde estavam as jumentas perdidas (1Sm 9). Eliseu conseguiu ver o exército de anjos protegendo Israel (2Rs 6.15-17). Não se tratava de uma espécie de poder oculto de

clarividência; era tão somente Deus lhes mostrando coisas que os outros não podiam ver.

Mas, em um sentido mais sério, os profetas receberam iluminação sobre o que Deus estava fazendo nos acontecimentos da própria época. Eram capazes de *interpretar* os eventos e ver a mão de Deus em ação. E podiam ver o que Deus planejava fazer no futuro, em consequência daquilo que o povo estava fazendo então. Muitas vezes, era bem desconfortável, mas, em algumas ocasiões, trazia grande esperança.

- Por exemplo, quando o povo quebrava a aliança com Deus, achava que seu estilo de vida não importava. Contanto que continuassem adorando a Deus no templo, eles imaginavam que estariam seguros. Mas Jeremias *viu* a questão do ponto de vista de Deus, que era bem diferente. "Eu mesmo estou vendo isso", disse Deus por intermédio de Jeremias (Jr 7.9-11). Eles não estavam nada seguros! O juízo divino estava vindo, e o profeta viu isso.
- Em outra ocasião, quando inimigos ameaçavam Judá, Isaías orientou Acaz a não entrar em pânico porque ele podia *ver*, do ponto de vista de Deus,

que os inimigos de Israel logo seriam destruídos. Isaías disse a Acaz que confiasse em Deus, mas este se recusou (Is 7.1-12).

- Quando alguns do povo de Judá foram levados para o exílio, os que ficaram em Jerusalém pensaram que os que haviam ido cativos estavam acabados e excluídos, ao passo que eles (os que ainda ficaram em Jerusalém) permaneceriam seguros e prósperos. Jeremias disse que a opinião de Deus era justamente o contrário (Jr 24). Ele podia *ver* um final bem diferente para os dois grupos.
- Quando Jeremias escreveu para os exilados de Judá na Babilônia, instruiu-os a pensar de maneira diferente em sua situação. Eles achavam que Nabucodonosor foi quem os havia levado embora (e, na esfera humana, foi mesmo). Mas Deus disse: "Fui eu que os levei para o exílio, então estabeleçam-se lá comigo e busquem a prosperidade da Babilônia, onde os coloquei". Esse era o ponto de vista de Deus, e foi necessário um profeta para comunicá-lo ao povo. Jeremias *viu* a situação da perspectiva divina e o que Deus queria que as pessoas fizessem a esse respeito.

- Quando os hebreus estavam no exílio por um longo tempo e muitos tinham perdido qualquer esperança para o futuro, as profecias de Isaías lhes disseram que Deus os levaria de volta para sua terra e daria continuidade a seus propósitos para eles e, por intermédio deles, para o mundo inteiro. O profeta deu esperança ao povo porque ele *viu* Deus em ação já planejando o futuro.

Por isso, quando pregamos e ensinamos sobre os profetas, descobrimos, com muita frequência, que a mensagem deles era contrária à mentalidade popular da própria época. Eles se diferenciavam. Apontavam para uma direção distinta daquela para a qual todos estavam correndo. Enxergavam as coisas do ponto de vista de Deus. Isso era desafiador e, muitas vezes, impopular. Há circunstâncias em que precisamos fazer o mesmo em nossa pregação e ensino, e os profetas podem nos ajudar a ter a coragem necessária para isso.

Às vezes, os profetas conseguiam "ver" o que Deus faria em algum momento do futuro. Com frequência, diziam coisas como "Naquele dia..." ou "No dia do SENHOR". É claro, eles não sabiam quando no futuro

isso seria. Podemos agora olhar para o passado e perceber que algumas coisas que eles "viram" aconteceram quando Jesus veio. Mas outras apontavam ainda mais para a frente e ainda se encontram no futuro — mesmo para nós. Posteriormente, refletiremos sobre esses diferentes "horizontes" da visão dos profetas.

Profetas tinham cabeça: eles possuíam mente própria

Dissemos acima que aquilo que os profetas ouviam era a palavra de Deus e aquilo que falavam era a palavra de Deus. Mas isso não quer dizer que um profeta não passava de uma máquina de ditados. Eles não ficavam lá olhando para o nada, pronunciando sem pensar palavras que vinham do alto, sem o engajamento da própria mente. Tampouco falavam em um transe vazio induzido por drogas ou meditação transcendental.

Você já viu um ventríloquo com seu boneco? Ou uma apresentação de fantoches? O boneco ou fantoche mexe os lábios e parece que estamos assistindo ao boneco falar ou ao fantoche atuar. É claro, porém, que, ao longo de todo o tempo, é o

ventríloquo ou manipulador dos fantoches que está falando ou agindo. O boneco ou fantoche não tem mente, nem voz própria. Trata-se de um brinquedo mecânico, manipulado pelo ser humano que o segura. Os profetas *não* eram nada parecidos com isso. Não eram bonecos, nem fantoches. Não estavam apenas "colocando para fora" palavras sem nenhum tipo de pensamento de sua mente.

Pelo contrário, ao ler cada um dos livros proféticos atentamente, dá para ver que todos são diferentes. Cada um tem um estilo de fala e escrita bastante peculiar. Cada um tem assuntos de maior preocupação e que são abordados com maior frequência. Eles enfatizavam coisas diferentes. Concentravam-se em aspectos distintos do passado ou futuro de Israel. Fica bem claro que eles eram tanto *pensadores* quanto *porta-vozes.* Cada um deles tinha o que hoje chamamos de "perspectiva teológica". Por isso, podemos falar que "a teologia de Isaías" era diferente da "teologia de Ezequiel". Isso não quer dizer que eram contraditórias — é claro que tinham muitos pontos em comum —, mas simplesmente que cada um deles tinha mente própria, e Deus usava essa diferença.

Por isso, sempre que pregavam uma mensagem, embora fosse apresentada como a palavra de *Deus*, era muito a mensagem deles também. Eles acreditavam fervorosamente nas mensagens que apresentavam ao povo, lutavam com elas e, às vezes, entravam em discussões acaloradas com as pessoas por causa daquilo que diziam.

Portanto, quando pregamos ou ensinamos sobre um profeta em particular, precisamos visualizar um indivíduo, com mentalidade própria. Precisamos ler o livro inteiro e descobrir o que o caracteriza. Qual era o estilo de falar do profeta? Que temas são recorrentes? Quais questões teológicas são proeminentes no livro? Como esse profeta *pensava* acerca de Deus e de Israel?

Quando Deus transmitia sua mensagem a um profeta, ele envolvia a *mente* desse profeta, em meio a suas circunstâncias, seus relacionamentos e suas experiências. Isso significa que, quanto mais tentarmos entrar na mente do profeta naquele contexto, melhor compreenderemos a palavra de Deus entregue por seu intermédio.

Profetas tinham coração: eles sentiam o que Deus sentia

> Quem dera minha cabeça fosse uma represa,
> e meus olhos, uma fonte de lágrimas!
> Choraria dia e noite
> por meu povo que foi massacrado.
>
> Jeremias 9.1

Jeremias ficou tão aflito pelo sofrimento que viu chegando para seu povo que sentiu que suas lágrimas nunca terminariam, como uma fonte de água. Essa é uma linguagem profundamente emocional, o que nos mostra que os profetas também tinham sentimentos. Eles não só *falavam* a mensagem. Eles não só *pensavam* sobre a mensagem. Eles a *sentiam* apaixonadamente.

Na verdade, assim como suas palavras comunicavam a palavra de Deus, suas emoções expressavam as emoções divinas. Nós, seres humanos, fomos criados à imagem divina. Então, embora Deus não tenha, é claro, as emoções frenéticas e descontroladas que às vezes experimentamos, ele *sente* de verdade. E as palavras que usamos para expressar nossos

sentimentos são as que a Bíblia também usa para Deus. Ele ama seu povo. Ele se ira com o pecado e com o mal — sobretudo com a injustiça e a crueldade. É compassivo e se importa com os pobres, necessitados e vulneráveis. Entristece-se quando é rejeitado. Enche-se de alegria quando as pessoas e a criação são abençoadas. Todas essas palavras são emocionais. São palavras humanas. Mas falam de algo real e verdadeiro a respeito do ser divino.

É natural, portanto, que, ao falar sobre coisas que despertavam tais emoções no coração e na mente de Deus, os profetas também expressassem os mesmos sentimentos na pregação. Aliás, na citação anterior de Jeremias, é o próprio Deus quem fala por intermédio do profeta. As palavras "eu", "me" e "meu", encontradas entre Jeremias 8.21 e 9.3, se referem ao próprio Deus (assim como acontece com toda certeza ao fim de 9.3) — usando linguagem bastante humana. Deus está em lágrimas! E o mesmo acontece com Jeremias. Às vezes, ele é chamado de "profeta chorão". Isso porque ele falava em nome do Deus choroso, um Deus que se encontrava profundamente triste, em lamento por causa da tragédia que estava

prestes a recair sobre Israel por causa dos pecados e da maldade do povo.

Para alguns dos profetas, a tarefa de expressar as palavras e as emoções de Deus cobrou um preço terrível. Para Jeremias, trouxe solidão e sofrimento intenso, quase chegando à depressão suicida. Para Oseias, trouxe o desgosto de um casamento desfeito. Para Ezequiel, trouxe a dor do luto pela esposa. Esses homens eram seres humanos. Tente manter isso em mente enquanto lê as palavras que escreveram. Pense na voz viva por trás das palavras na página.

Por isso, ao ler os profetas, procure a emoção no discurso e descreva-a de maneira específica. Com frequência, você encontrará ira, pois eles falavam sobre a ira de Deus por causa do pecado e da rebelião. Mas há outras emoções que podem ser procuradas:

- Anseio: "Ah, se vocês tivessem ouvido!".
- Nostalgia: "Lembro-me de quando vocês me amavam".
- Ternura, como a de um pai: "Como posso desistir de você, Efraim, meu filho?".
- Fidelidade, como a de um marido: "Com amor eterno te amei".

- Sensação de estar perplexo ou pasmo: “Por que vocês continuam a fazer isso? Como podem se comportar assim? Até os animais fazem melhor!”.
- Empolgação por bênçãos futuras: “Surpreendam-se por aquilo que estou prestes a fazer!”.
- Consolo: “Console, console meu povo...”.

Então, quando for pregar, pense em como pode refletir a emoção do profeta no modo como você fala. O problema com muitos sermões de hoje é que facilmente se transformam em só um grito prolongado. O tom é sempre o mesmo. Mas não deveria. Se o texto fala de ira e repreensão divinas, devemos refletir isso. Se, contudo, estiver repleto de lágrimas e tristeza, devemos ajudar as pessoas a sentir o que Deus e o profeta sentiram. Se estiver cheio de consolo e esperança, deixe os ouvintes sentirem isso.

Profetas tinham mãos: às vezes, eles transformavam palavras em ações

Hoje em dia, às vezes lançamos mão de recursos visuais. As crianças amam, é claro. Em um nível mais técnico, podemos projetar imagens em uma tela, ou fazer apresentações em PowerPoint. Todos sabemos

que, quando vemos alguma coisa ao mesmo tempo que ouvimos a mensagem, iremos nos lembrar muito melhor dela. Deus sabe disso também (foi ele quem nos deu olhos e ouvidos!). Por isso, com frequência ele instruía seus profetas a entregar uma mensagem junto com algum ato ou sinal que a reforçasse. Às vezes, era algo simples do dia a dia que, dadas as circunstâncias, demonstrava grande fé — como na ocasião em que Jeremias comprou um campo (Jr 32). Em outras ocasiões, era algo muito dramático — por exemplo, quando Jeremias pegou um enorme pote de barro e o despedaçou fora da cidade na presença dos líderes políticos (Jr 19). Outros exemplos de profecias encenadas incluem as seguintes:

- Aías rasgou sua capa em doze partes e deu dez a Jeroboão, a fim de simbolizar que Jeroboão tiraria dez tribos de Israel do rei Roboão em Jerusalém (1Rs 11).
- Isaías andou nu por Jerusalém para retratar a vergonha do cativeiro que sobreviria (Is 20).
- Jeremias comprou e usou um cinto novo de linho; então, o enterrou até que ficasse podre e inútil, a

fim de mostrar o que Israel havia se tornado aos olhos de Deus (Jr 13).

- Jeremias colocou um jugo de bois sobre os ombros e entrou em uma conferência diplomática internacional em Jerusalém, a fim de dizer aos embaixadores das outras nações que deveriam se sujeitar ao "jugo" de Nabucodonosor, porque Deus o levantara para aquele momento (Jr 27).
- Ezequiel deitou sobre o próprio lado "sitiando" um desenho de Jerusalém feito em um grande tijolo de barro, para mostrar aos primeiros exilados na Babilônia que a cidade logo seria capturada e destruída (Ez 4—5).
- Jesus expulsou os cambistas do templo, uma ação profética que provavelmente foi interpretada com o significado de que o templo em si seria destruído (Mt 21.12-13).

Se pregarmos sobre qualquer passagem que inclua uma ação para simbolizar ou reforçar a mensagem, é necessário explicá-la. Pode ser uma boa maneira de dar vida à mensagem e ajudar as pessoas a se lembrarem dela — por esse motivo o mesmo aconteceu lá no passado!

Lista de conferência

Ao trabalhar em uma passagem de um livro profético, pense nas partes do corpo do profeta e faça as seguintes perguntas:

- *Boca*: O que o profeta realmente *disse*? Que ideia tentou transmitir?
- *Ouvidos*: O que o profeta *ouviu* de Deus? O que Deus queria dizer?
- *Olhos*: O que o profeta enxergava sobre Deus e o mundo que era diferente daquilo que as pessoas de sua época pensavam? Que iluminação ou discernimento o profeta tinha sobre a própria época?
- *Cabeça*: O que estava na *mente* do profeta? Quais eram suas preocupações e formas de falar distintas?
- *Coração*: O que o profeta estava *sentindo* ao proferir essas palavras? Como suas emoções refletiam as de Deus?
- *Mãos*: O que o profeta *fez* (se houver algo) para reforçar sua mensagem?

CONHEÇA A HISTÓRIA

Sempre devemos ler qualquer passagem da Bíblia dentro do próprio contexto histórico antes de questionar como ela fala a nós hoje. É provável que, no caso dos profetas, isso seja ainda mais importante do que em quase quaisquer outros textos. Para simplificar, é impossível entendê-los sem compreender o contexto histórico de suas mensagens, pelo menos de maneira ampla, se não em detalhes (embora quanto mais detalhes conhecemos, melhor).

Essa ideia, na verdade, surge de tudo aquilo que falamos na última seção anterior. Os profetas foram indivíduos enviados por Deus para transmitir sua palavra de maneira bastante direta ao povo de Israel bem em meio às coisas que estavam acontecendo em determinada época. Eles falavam ao povo diante do contexto daqueles eventos e daquelas circunstâncias. Lembre-se, as palavras que lemos na página de um livro profético foram escritas *por* nós (i.e., para lermos e aprendermos delas em uma época muito posterior), mas não foram escritas *para* nós, nem *sobre* nós. Por

isso, ao estudar qualquer passagem específica, precisamos descobrir, tanto quanto possível, para *quem* essas palavras foram ditas ou escritas e *o que* elas queriam dizer. O que estava acontecendo?

Aqui vem uma boa notícia: os quinze livros dos profetas (ou dezesseis, caso você inclua Daniel) se concentram em um período de aproximadamente trezentos anos (apenas!) da história de Israel. Se você pensar no Antigo Testamento como um todo, deixando de fora as histórias em Gênesis 1—11, trata-se de uma história que durou no mínimo 1.500 anos. Assim, os *livros* dos profetas apareceram dentro de somente uma fração desse período. Embora Deus tenha enviado profetas ao longo de todo o Antigo Testamento, os que deram nome a livros viveram dentro de um período de trezentos anos.

Amós foi o primeiro profeta cujas palavras foram registradas em um livro com seu próprio nome. Seu ministério ocorreu por volta de 760 a.C., ou seja, na metade do oitavo século antes de Cristo. Malaquias foi o último profeta registrado e ele viveu em torno de 460 a.C., no meio do quinto século antes de Cristo.

Você consegue pensar em uma razão para essa

concentração de livros proféticos nesse período de trezentos anos? O motivo mais provável, penso eu, é que esses foram os séculos mais turbulentos da história de Israel. Cerca de duzentos anos depois de Davi e Salomão e cem anos após Elias e Eliseu, o reino do norte, Israel, foi tomado de injustiça econômica e social e da adoração idólatra a Baal. Deus enviou Amós e Oseias para adverti-los do juízo vindouro e de que Israel seria destruído. Isso aconteceu quando os assírios conquistaram Samaria em 721 a.C. e as tribos do norte foram dispersas. Depois disso, Judá, no sul, ficou ainda pior, e Deus mandou profetas como Isaías, Miqueias, Sofonias, Habacuque e especialmente Jeremias para avisá-los de que, a menos que eles mudassem, Jerusalém também seria destruída e o povo, disperso no exílio. Ninguém deu ouvidos à advertência. Deus fez o que ameaçara fazer. Em 587 a.C., Jerusalém foi capturada, o templo foi queimado e as pessoas, levadas para o exílio na Babilônia. Esse foi o momento mais traumático de todo o Antigo Testamento. Todavia, Deus não abandonou seu povo. Profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel (que estava com os exilados na Babilônia) diziam que Deus os levaria de volta. Então, quando o

povo de Judá voltou para Jerusalém e reconstruiu a cidade e o templo, Deus enviou mais profetas durante o período pós-exílico: Ageu, Zacarias e Malaquias.

Assim, os livros dos profetas estão ligados aos anos que antecederam a destruição e o exílio de ambos os reinos, ao período do exílio de Judá na Babilônia e aos anos imediatamente posteriores ao retorno para a terra pátria em Jerusalém. Trata-se de uma abrangente história do juízo de Deus e de seu perdão, graça e restauração. E foram os profetas que explicaram o motivo do juízo e ajudaram o povo a confiar na graça de Deus. A palavra dos profetas acompanhava os acontecimentos históricos e os interpretava, bem como as ações de Deus. Os profetas ajudaram Israel (e a nós) a *entender* esse período crucial da história do Antigo Testamento e ver como ele harmonizava com o caráter e o propósito de Deus.

Tudo isso quer dizer que, a fim de compreender os profetas bem o bastante para ensinar e pregar sobre eles com fidelidade, é necessário familiarizar-se de maneira especial com esse período de trezentos anos da história de Israel. Não é muito difícil. Há três coisas que certamente você pode fazer e uma quarta, caso tenha acesso a mais recursos:

1. Estudar a síntese da história do Antigo Testamento no Anexo 1. Tente fixar a mente no nome dos *principais* reis de Israel e Judá e nos séculos em que eles reinaram (não há necessidade de se lembrar de cada um deles — alguns reinaram apenas por semanas!). Tente memorizar o nome dos profetas que viveram e falaram em cada século. Dessa maneira, você terá pelo menos uma ideia ampla da ordem dos profetas e de onde eles se encaixam na história de Israel.
2. Leia 2Reis inteiro e, quem sabe, 2Crônicas também (que conta a mesma história, mas com detalhes adicionais). O livro de 2Reis começa no nono século antes de Cristo, na época de Eliseu. A partir de 2Reis 14, porém, estamos no oitavo século e a narrativa prossegue até a queda de Jerusalém e o exílio. Isso lhe mostra o grande quadro. Em 2Reis, não há menção aos profetas, já que o livro se concentra na vida e nos feitos (bons ou maus) dos reis. No entanto, ele proporciona o contexto essencial para a leitura dos profetas, de Amós a Ezequiel. Depois você pode ler Esdras—Neemias para se contextualizar acerca dos

primeiros anos após o exílio, quando o povo de Judá havia voltado a Jerusalém. Esse é o pano de fundo para Ageu, Zacarias e Malaquias.

3. Alguns dos profetas dataram suas mensagens, informando quando elas foram proferidas, às vezes de maneira bem precisa. Isso pode ocorrer na forma de uma introdução editorial ao livro inteiro, citando o rei ou os reis que estavam no trono de Israel ou Judá quando o profeta transmitiu a palavra de Deus. Ou, às vezes, dentro dos livros, mensagens específicas são datadas. Quando isso acontecer, tente descobrir tudo que puder sobre o que estava acontecendo na época, de modo que consiga entender melhor a mensagem do profeta. Afinal, é por isso que a informação está lá!
4. Tudo isso você já tem em mãos: a Bíblia e este livro! Mas, se puder obter e usar outros recursos, eles podem servir de grande auxílio. Uma Bíblia de estudo pode lhe fornecer boas informações sobre cada profeta. Um manual ou uma introdução à Bíblia também serão úteis. E, é claro, comentários de boa qualidade a respeito de cada livro são os recursos mais úteis.

A lição principal é a seguinte: *Quanto mais você descobrir acerca do contexto histórico de cada profeta e sua mensagem, com maior fidelidade será capaz de pregar essa mensagem nos dias de hoje.*

PERGUNTAS E EXERCÍCIOS

1. Escolha uma ou mais das passagens relacionadas a seguir e estude-as usando a lista de conferência no final da seção sobre as "partes do corpo" dos profetas:

- Isaías 40.12-31
- Jeremias 2.1-13
- Jeremias 5.1-17
- Jeremias 13.1-11
- Ezequiel 37.1-14
- Ezequiel 37.15-28

2. Faça o estudo da história do Antigo Testamento no Anexo 1, conforme sugerido no primeiro item da lista acima.

12

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NOS PROFETAS

Muito bem, agora você já fez o máximo do dever de casa possível, pensando sobre o contexto do livro do profeta com base no qual irá pregar ou ensinar, tentando descobrir se existe alguma circunstância histórica em particular que serviu de pano de fundo para o momento em que essa palavra em específico foi comunicada. Chegou a hora de se concentrar no texto em si. Bem, tenho certeza de que você fará todas as tarefas básicas de exegese bíblica que aprendeu, observando o texto com cuidado, lendo-o vez após vez e fazendo todas as perguntas-chave que o ajudarão a descobrir sua estrutura e ideia principal.

No entanto, no caso de passagens dos livros dos profetas, há algumas coisas a mais para ter em mente que devem ajudar. Eis algumas dicas do que você pode fazer.

SIMPLIFIQUE A MENSAGEM

Basicamente, os profetas foram enviados por Deus para lembrar os israelitas do *relacionamento de aliança* que existia entre eles. Nesse sentido, não havia nada de radicalmente novo na mensagem que transmitiam. Em vez disso, eles reforçavam, explicavam e aplicavam aquilo que as pessoas já deveriam saber com base em tudo que Deus fizera por eles e lhes dissera no passado — especialmente na aliança que ele fez com Israel no monte Sinai após o êxodo e na lei que entregou ao povo ali.

Nos capítulos 9 e 10, olhamos com todo o foco para a lei da aliança, e precisamos nos lembrar neste ponto do que encontramos ali — pois os profetas conheciam tudo isso também.

O que a *aliança entre Deus e Israel* envolvia?

- Primeiro, havia uma *história*. Deus havia agido para resgatar Israel, livrando o povo da escravidão

no Egito. Depois, é claro, ele também manteve os israelitas em segurança durante a peregrinação no deserto por uma geração e então os levou para a terra prometida. Deus fizera tanto por eles, em seu amor e sua graça! Essa era a base da lei na Torá, e também a base da mensagem dos profetas.

- Segundo, havia um *compromisso.* Na aliança, Deus se comprometeu a ser o Deus de Israel, a abençoar e proteger os israelitas e a torná-los seu instrumento para levar bênção a todas as nações. Israel, por sua vez, tinha o compromisso de obedecer à lei de Deus e viver em sociedade, da maneira que Deus desejava — em última análise, para o próprio bem do povo e para servir de exemplo às nações. Esse *compromisso mútuo* estava no cerne do relacionamento entre Deus e Israel no Antigo Testamento.
- Terceiro, havia *sanções*. Caso Israel vivesse do jeito de Deus e obedecesse à sua lei, continuaria a desfrutar suas bênçãos. Se não o fizessem, caso se rebelassem, desobedecessem e fossem atrás de outros deuses, os israelitas se apartariam da bênção divina e provariam sua maldição. Em um mundo que já se encontrava sob maldição desde a queda,

Israel não seria diferente do restante das nações sob o juízo de Deus.

Uma das melhores maneiras de manter essas ideias centrais bem claras na mente é ler os capítulos sintéticos a seguir. Eles fazem um resumo de como a aliança divina incluía história, compromissos e sanções (promessas e advertências). E também oferecem um rico contexto para a compreensão da mensagem dos profetas. Eu o incentivo a separar tempo para ler estes textos agora mesmo:

- Levítico 26 (leia o capítulo inteiro)
- Deuteronômio 4.23-40
- Deuteronômio 26.16-19
- Deuteronômio 28—30 (é um trecho longo, mas não deixe de ler até o fim)

Quando vieram os profetas, eles essencialmente *lembraram* Israel dessas coisas. Havia, portanto, certa simplicidade em sua mensagem — embora assumisse todo tipo de forma e toda espécie de conteúdo específico. Por trás de tanta variedade, a mensagem dos profetas era:

- *Lembrar Israel de sua história.* Deus fizera tanto pelo povo no passado! Mas agora eles se comportavam de maneira extremamente ingrata e inadequada.
- *Lembrar Israel de seu compromisso.* Os israelitas haviam prometido obedecer a Deus, mas estavam falhando por completo nesse quesito. De todas as maneiras (especificadas nas diferentes mensagens), eles quebraram a aliança.
- *Lembrar Israel das ameaças e promessas de Deus.* A aliança fora bem clara em advertir quanto às consequências da desobediência. Por isso, a menos que mudassem o procedimento, tais consequências viriam. As maldições da aliança recairiam sobre eles. Estejam avisados! Do mesmo modo, porém, a aliança incluía promessas e bênçãos — até mesmo além do juízo. Poderia, então, haver esperança de longo prazo, mesmo diante do desastre imediato. Retornem para Deus!

É claro que, a seu modo, cada passagem profética é diferente. Mas pelo menos comece perguntando se ela se encaixa em um dos três "lembretes" mencionados. Algumas passagens combinam com os três. Outras

têm ênfases diferentes, mas se você mantiver em mente esses três "lembretes", na maioria das vezes isso ajudará.

Para deixar as coisas ainda mais simples, veja se o texto que está lendo se encaixa em uma das *duas* categorias básicas a seguir. Existem muitas variações, mas, com muita frequência, a mensagem dos profetas era:

- *Ou*: uma *advertência ou ameaça* de um juízo vindouro a um indivíduo ou ao povo inteiro, apelando para o arrependimento e a mudança (mensagens de juízo).
- *Ou*: uma *promessa* de salvação e bênção por vir a um indivíduo ou ao povo inteiro, convidando à esperança e confiança em Deus (mensagens de esperança).

Conforme eu disse, isso não abrange todas as mensagens proféticas. São tantas! E há muitas variações. Mas trata-se de um bom ponto de partida. Em qual desses dois tipos básicos sua passagem se encaixa melhor? Isso lhe dará um senso de orientação geral antes de entrar nos detalhes mais específicos. E

também o ajudará a decidir qual é o enfoque da mensagem que você irá ensinar ou pregar com base no texto.

EXERCÍCIO RÁPIDO

Leia as passagens a seguir e analise qual das categorias se aplica melhor a elas, se as três primeiras (lembretes) ou as duas últimas (tipos de mensagem). Lembre-se: alguns textos incluem mais de um elemento.

- Isaías 1.10-20
- Isaías 5.1-7
- Isaías 42.18-25
- Isaías 43.1-7
- Jeremias 2.1-13
- Jeremias 7.1-15
- Jeremias 31.1-14
- Ezequiel 18
- Oseias 1
- Amós 2.6-16
- Amós 5.1-15

IDENTIFIQUE O MÉTODO

Será útil também aprender a reconhecer algumas das formas comuns dos profetas transmitirem suas mensagens. Veja a seguir as formas de discurso mais comuns encontradas nos profetas.

"Assim diz o SENHOR": o mensageiro

Essa é, de longe, a mais comum. O profeta simplesmente comunica uma mensagem da parte de Deus. Tais mensagens são tão variadas quanto aquilo que Deus desejasse dizer ao povo.

"Réu culpado!": o processo judicial

Às vezes, os profetas apresentam sua mensagem como se estivessem em um tribunal. Deus é o juiz, mas também o promotor. O povo de Israel é o réu. Em alguns casos, até o céu e a terra são convocados como testemunhas, a fim de completar a cena. Então, o promotor lê as acusações. São as coisas das quais Israel é acusado. Depois disso, o juiz pronuncia o veredicto: culpado. Em seguida, vem a sentença — as coisas terríveis que se encontram à frente por causa do

juízo divino sobre a rebelião e o pecado do povo. Essa maneira de apresentar a mensagem consiste num forte eco do relacionamento de aliança.

Exemplos

- Isaías 3.13-26
- Oseias 4
- Miqueias 6.1-8

"Estamos condenados!": o ai

Às vezes, os profetas exclamam "Ai!" sobre o povo. Falam da maldição e do juízo de Deus. Mas também há um toque de lamento. Coisas terríveis aconteceriam e o povo sofreria muito, por isso os profetas exprimem luto e dor. Trata-se do oposto da amada palavra "Bem-aventurado!". Em lugar da alegria que provém de viver no caminho de Deus, debaixo de seu sorriso, viria a miséria de trazer as consequências do pecado e da insensatez sobre si. É por essa razão que os profetas exclamam "Ai!" e lamentam.

Exemplos

- Isaías 5.8-22
- Amós 5.18-20
- Habacuque 2.6-20
- Miqueias 2.1-5

"Surpresa, surpresa!": a promessa

Era fácil pensar (e muitos em Israel *de fato* pensavam) que, após a quebra da aliança, não poderia haver futuro para o povo. Os israelitas simplesmente morreriam por causa do juízo de Deus, em punição justa pelos pecados. Por isso, quando os profetas proferem palavras de *promessa e esperança*, elas *sempre* vêm acompanhadas de uma sensação de deslumbramento e surpresa. Há algo de ilógico e inesperado quando os profetas falam sobre o futuro com a visão de esperança além do juízo, ou de restauração além da destruição. Era tão inesperado que Ezequiel disse que era como pregar a ossos secos de pessoas mortas muito tempo antes e vê-las voltar a viver — uma esperança de ressurreição, nada menos

que isso. Todavia, tais mensagens podem ser encontradas em muitos dos profetas e devemos nos alegrar por isso, reconhecendo, é claro, que só se cumpririam plenamente por meio de Jesus Cristo.

Exemplos

- Amós 9.11-15
- Oseias 2
- Oseias 13
- Isaías 40—55, no trecho inteiro
- Jeremias 31—33
- Ezequiel 37

Precisamos dizer, mais uma vez, que essas categorias não abrangem todas as mensagens dos profetas. Às vezes, eles transmitiam mensagens pessoais a indivíduos, sobretudo aos reis de Israel e Judá. Em outras ocasiões, falavam com Deus sobre sua própria dor e sofrimento.

OUÇA A LINGUAGEM

Uma dificuldade que sem dúvida teremos ao ler e ensinar sobre os profetas é que a linguagem usada por eles costuma nos parecer muito estranha. E não me refiro somente ao fato de falarem hebraico! Mesmo quando suas mensagens estão traduzidas para o nosso idioma, nem sempre é fácil apreender sobre o que estão falando. A seguir estão três coisas de que você deve se lembrar enquanto procura compreender uma passagem.

Eles visavam persuadir

Os profetas levavam extremamente a sério aquilo que pregavam. Viam que as pessoas corriam riscos reais se não mudassem de vida. Também enfrentavam forte oposição. Às vezes, eram rejeitados e odiados. Logo, não devemos achar que estavam envolvidos em discussões polidas ou debates acadêmicos. Às vezes, tratava-se de uma luta do tipo vida ou morte. Eles tinham de *persuadir* as pessoas a crer naquilo que diziam e agir em conformidade com a mensagem. Em alguns casos, isso quer dizer que precisavam *chocar* as pessoas, para que prestassem atenção. Por isso, não fique surpreso quando a linguagem dos profetas parecer exagerada, conflitante e controversa. Eles às

vezes recorriam ao sarcasmo e à zombaria. Podiam ser desagradáveis e ofensivos também. Falavam o que fosse necessário para que as pessoas os ouvissem. Infelizmente, conforme sabemos, na maioria das vezes os israelitas optaram por ignorar as palavras dos profetas e seguiram o próprio caminho para a destruição. Mas nunca poderiam dizer que não foram advertidos. Por isso, não fique tão chocado com a linguagem dos profetas a ponto de também ignorar a mensagem deles! Caso depare com uma passagem chocante, pergunte-se o que levou o profeta a falar daquela maneira, o que ele queria que o povo entendesse e fizesse ao usar esse tipo de vocabulário.

Exemplos

- Isaías 1.10-15
- Isaías 3.16-24
- Jeremias 2.22-28
- Jeremias 19.1-13
- Ezequiel 23

Eles usavam poesia

Muitas das palavras dos profetas se encontram na forma da poesia hebraica (embora Ezequiel, por exemplo, pareça ter falado principalmente em prosa). Explicaremos no próximo capítulo como a poesia hebraica funcionava, a respeito de Salmos, por isso não entrarei em detalhes aqui. Mas isso quer dizer o seguinte: muitas vezes, os profetas falavam em trechos curtos, usando linguagem figurada, com expressões e imagens incomuns. Essa é a natureza da poesia. Quase sempre, comunicam muito em poucas palavras. E a poesia também tende a usar a linguagem de maneiras especiais, com figuras de linguagem, comparações, metáforas, simbolismos, e assim por diante. É provável que o principal motivo para os profetas se expressarem tanto em poesia é que isso facilita guardar suas palavras. Mas também pode dificultar para leitores de um período posterior, em culturas diferentes, a compreensão de sua mensagem! O ponto principal é que a poesia tem uma forma de falar que, em geral, não pode ser levada ao pé da letra, isto é, como se cada palavra se referisse a algo no mundo real, em vez de ser uma figura. Por exemplo, quando o salmista diz que "Deus é uma rocha" ou

"escudo", sabemos que se trata de uma imagem, e não da declaração de um fato literal. Antes, devemos ir em busca da intenção, do sentimento, da mensagem por trás da forma das palavras e reconhecer que a poesia torna a expressão ainda mais poderosa. Em alguns dos livros dos profetas, sobretudo Jeremias, há uma mistura intrigante de trechos de poesia com trechos de prosa. Em geral, as seções de prosa comunicam de maneira mais simples e direta aquilo que os trechos poéticos, repletos de liberdade e força, dizem de forma bem mais criativa. Trata-se algo bem útil, e é por isso que é bom ler grandes porções dos livros proféticos, em vez de se prender a poucos versículos aqui e ali.

Exemplos

Leia **Jeremias 2**. É cheio de imagens poéticas e perguntas retóricas. Varia livremente de uma imagem a outra, retratando a infidelidade e a rebelião de Israel contra Deus. A linguagem é colorida e vívida. Ajuda ler em voz alta, com paixão, pausando nas perguntas penetrantes e

comparações mordazes. Agora vá para **Jeremias 11.1-13**. A passagem está escrita em prosa. Mas você consegue perceber que se trata basicamente da mesma mensagem — a quebra da aliança? Isto é, Jeremias 11 resume em *prosa* aquilo que Jeremias 2 proclama em *poesia*. A linguagem é sóbria, simples e direta. Quase não há imagens, nem perguntas. Trata-se de uma descrição direta da situação, daquilo que aconteceu e do que Deus pensa a esse respeito. Ao comparar essas duas passagens, é possível ver com clareza como a poesia é diferente. É preciso entender e interpretar todas essas maneiras especiais de se expressar e sempre fazer a pergunta: "O que o profeta está dizendo? Qual é seu objetivo?".

Eles amavam figuras

Os profetas amavam figuras assim como Jesus amava parábolas. É claro que não estou me referindo a figuras literais, pintadas em papel ou tela, mas, sim, a *figuras de linguagem*. Os profetas "pintavam" todo

tipo de figuras na mente a fim de expressar o que queriam. Traçavam comparações vívidas com base na vida ao seu redor, na natureza — plantas, animais, pássaros e insetos, o sol, a lua e as estrelas, o vento e o fogo, terremotos e vulcões —, na música, nas construções e nos relacionamentos humanos. Essas figuras de linguagem costumam ser chamadas de *metáforas.*

Volte agora a **Jeremias 2**, depois de já ter lido a passagem uma vez! Conte quantas *figuras de linguagem* o profeta usa para transmitir suas ideias. Com isso, refiro-me a imagens ou comparações — como a figura de uma noiva (v. 2), dos primeiros frutos (v. 3), de uma fonte e uma cisterna (v. 13), leões (v. 15), uma videira (v. 21), sabão (v. 22), camelas e jumentas (v. 23-24), e assim por diante. Calculo que existam cerca de quinze imagens distintas ou mais nesse único capítulo. Jeremias salta de uma imagem para a outra, envolvendo nossa imaginação e tornando sua mensagem memorável.

Assim, ao ler os profetas, procure essas comparações imagéticas vívidas. Elas não foram escritas para ser entendidas *literalmente.* Você precisa pensar *na ideia que o profeta estava transmitindo por meio daquela*

imagem mental. Às vezes, é necessário conhecer um pouco o contexto cultural para encontrar o sentido. E, ao pregar ou ensinar, é possível que você precise explicar o que a imagem significava ou encontrar uma figura moderna que signifique a mesma coisa — ou ambos.

Exemplos

a) Jeremias 2.13

Jeremias diz que o povo de Israel cometeu dois pecados. Ele se refere à apostasia (afastar-se de YHWH, o Deus vivo) e à idolatria (adorar outros deuses). O profeta poderia simplesmente ter dito isso. Em vez disso, porém, ele pinta um quadro inesquecível. Imagine a estupidez de um trabalhador rural que bloqueia ou abandona uma fonte perene de água em sua fazenda, numa terra seca como a Palestina. Pense então na atitude fútil dele ao cavar uma cisterna subterrânea enorme para armazenar a água da chuva — para então descobrir que ela estava rachada e a água ia

embora. Qual é a lição de Jeremias? A apostasia e a idolatria são esforços tolos e desperdiçados. Quando se conhece o Deus vivo, por que "trocá-lo" por ídolos inúteis? Que imagem da sua cultura você usaria para transmitir essa ideia? O que poderia ser uma ilustração para o ato de fazer algo muito tolo e inútil?

b) Isaías 52.7-10

O profeta quer expressar a boa-nova maravilhosa de que Deus está voltando a Jerusalém com seu povo — os exilados retornando para casa. Então, ele imagina a própria Jerusalém olhando ansiosa para o leste, esperando a notícia. Eis que um único corredor surge (o portador das boas-novas do v. 7 está no singular) — embora só consigamos ver seus "belos pés" — anunciando a boa notícia de que Deus conquistara a vitória e estava voltando para redimir seu povo. Nesse momento, as sentinelas nos muros destruídos de Jerusalém se unem em cântico (v. 8). Em seguida, as próprias ruínas da cidade também irrompem em canção de alegria (v. 9). Por fim,

todas as nações e os confins da terra se encontram na imagem (v. 10), e o "braço do SENHOR" é desnudado (outra figura da força salvadora de Deus).

Analisaremos tanto Jeremias 2 quanto Isaías 52.7-10 nos exemplos de esboço ao fim do capítulo. É uma boa ideia ler ambas as passagens agora!

ABORDE AS PREDIÇÕES COM CUIDADO

De volta para o futuro. Como lidar com passagens dos profetas que falam sobre algo futuro (quer dizer, o futuro do ponto de vista do profeta)? É preciso tomar muito cuidado nesse ponto, pois todo tipo de teoria estranha e fantasiosa, bem como de predições, são extraídas dos textos de profetas do Antigo Testamento. É fácil enganar os outros com essas ideias e esperanças falsas. Precisamos garantir que nossa pregação e nosso ensino não façam isso!

Predições como advertências

A primeira coisa que precisamos entender é que, com muita frequência, quando um profeta diz algo que irá acontecer no futuro, há um aspecto condicional — explícito ou subentendido. Ou seja, eles não fazem apenas uma *predição* estática de um acontecimento futuro, mas, sim, dão uma *advertência* de algo que *pode* acontecer, *a menos que* as pessoas mudem de vida. O desdobramento é o seguinte: *se* as pessoas reagissem e mudassem a conduta, o futuro predito *não precisaria* acontecer. A palavra de Deus não é uma espécie de destino ou sorte impessoal que nunca pode ser mudada. Deus é pessoal e reage à nossa maneira de reagir ao que ele diz — por meio de advertências ou promessas.

O texto no qual essa realidade aparece expressa com maior clareza é **Jeremias 18.7-10**. Leia a passagem atentamente. Deus diz que pode decretar determinado futuro para um povo (p. ex., juízo). Mas, caso este lhe dê ouvidos, se arrependa e faça o que é certo, ele pode suspender o julgamento e fazer algo diferente. A história de Jonas ilustra esse fato com perfeição. A predição de juízo anunciada por Jonas levou Nínive a se arrepender. Por isso, Deus

poupou a cidade, e o livro deixa claro que esse era o propósito de Deus o tempo todo.

Pense na situação da seguinte maneira: suponha que você tem um filho e entra no quarto dele, onde deveria encontrá-lo fazendo o dever de casa e estudando com afinco. Em vez disso, ele está assistindo à televisão ou do lado de fora, brincando com os amigos. Você sabe que isso já aconteceu muitas vezes, por isso, naquela noite, fala duramente com ele: *"Você vai ser reprovado nos exames finais!"*. Essa declaração está em forma de predição. Ela se encontra no futuro. Mas qual é o verdadeiro objetivo dela? O que fica subentendido?

O que você quer mesmo dizer é: "Você vai ser reprovado nos exames, *a menos que* mude de conduta, pare de desperdiçar tanto tempo brincando e se esforce mais. *Se* você mudar, não será reprovado. Mas, se continuar do jeito que está agora, *será* reprovado nos exames, e a culpa será toda sua". Logo, a "predição", na verdade, é uma advertência.

E observe mais uma coisa: a "predição" *não é o que você quer que aconteça.* Você não está falando: "Você vai ser reprovado porque estou dizendo e vou ficar feliz quando isso acontecer!". Pelo contrário, você diz

a seu filho o que irá acontecer se ele não mudar *porque não quer que isso ocorra.* Seu desejo é que ele se comporte de maneira diferente, *para que sua predição* não precise *se tornar realidade.*

Pense que era isso que acontecia com Deus e Israel (ou Deus e Nínive, pois foi exatamente o que aconteceu no livro de Jonas). Vez após vez, Deus lhes disse por meio de vários profetas o que aconteceria se os israelitas continuassem a se rebelar e pecar contra ele. Vez após vez, apelou para que mudassem de vida e evitassem o juízo. Logo, as predições não eram simplesmente "fatais". Elas podiam ser evitadas. Mas Israel persistiu na desobediência até que a aliança foi tão abalada que o juízo divino se tornou inevitável.

Portanto, tome cuidado para não ler todas as predições do Antigo Testamento como se elas tivessem "obrigação de virar realidade" de qualquer jeito. Pense no *motivo* que fez com que fossem proferidas e em qual era o propósito de Deus.

Predições em figuras poéticas

Em segundo lugar, lembre-se do que dissemos sobre como os profetas usavam linguagem vívida. Com frequência, eles recorriam a formas figuradas de

expressão que não devem ser interpretadas de maneira literal. Havia maneiras criativas e aceitáveis de falar sobre determinadas coisas que as pessoas entendiam. Às vezes, as imagens eram "estereotipadas", ou seja, eram formas convencionais de descrever algo que todos sabiam que não deveria ser levado ao pé da letra. É o que acontece quando dizemos que um acontecimento foi "sem pé nem cabeça". Não estamos dizendo que a coisa em si era literalmente desprovida de pé e cabeça, mas, sim, que não fez nenhum sentido. Ou podemos dizer que um time de futebol "detonou" os adversários. Isso não significa que eles detonaram explosivos em todos os outros jogadores, mas simplesmente que ganharam a partida por muitos gols de diferença! Nesse caso, estamos usando uma metáfora esportiva que todos compreendem.

Exemplo

Em **Jeremias 50—51**, encontramos uma profecia bem longa de Jeremias sobre a Babilônia. Em essência, a mensagem é bem

simples: um dia, a Babilônia cairia e o povo de Israel voltaria para sua terra. Mas, se você der uma olhada nesses capítulos, verá que o profeta fala, vez após vez, da Babilônia sendo invadida, atacada, dominada e destruída por exércitos aliados em uma grande batalha. Todas as imagens são bastante vívidas e horrendas. Nenhum fato histórico do tipo realmente aconteceu. Os persas capturaram a Babilônia sem batalha. Mas não devemos, por esse motivo, culpar Jeremias de fazer "predições falsas". Ele estava usando imagens clássicas da derrota e do fim de um império. Sua linguagem é cheia de imagens vívidas que todos compreenderiam. A ideia que queria transmitir era: a Babilônia cairá e nunca mais se levantará. Isso, de fato, aconteceu. A *profecia* era verdadeira. Os *detalhes* eram poéticos e criativos, e não uma predição literal.

INVESTIGUE OS HORIZONTES

Horizonte é o limite do que você pode ver à distância do local onde se encontra. A distância do horizonte depende da altura que seus olhos estão do nível do solo. Pense agora nos "olhos" do profeta. Conforme dissemos, os profetas eram capazes de "ver" as coisas do ponto de vista de Deus. Isso incluía enxergar a verdade sobre a própria época e também olhar mais para a frente, para o futuro. Quando os profetas falavam sobre aquilo que Deus lhes permitia "ver", podemos identificar três horizontes principais em suas palavras. Isso quer dizer que somos capazes de encontrar três lugares nos quais suas palavras "aterrissaram", três lugares nos quais suas palavras foram relevantes e se cumpriram.

Horizonte 1: a era do Antigo Testamento

Esse é o horizonte do mundo do próprio profeta, a era do Antigo Testamento em si. A grande maioria das coisas que os profetas disseram se aplicava à época em que viviam. E a maior parte do que predisseram aconteceu enquanto ainda viviam ou em algum momento da história do Israel do Antigo Testamento. Devemos começar pensando que esse é o caso, antes de procurar por outros horizontes ou

imaginar que algum cumprimento futuro ainda esteja por vir. É relativamente fácil identificar isso em alguns casos. Por exemplo, Jeremias predisse que o falso profeta Ananias morreria (Jr 28.15-16) porque havia profetizado mentirosamente em nome do SENHOR (um crime capital, de acordo com Dt 13.1-5). Essa predição se tornou realidade dois meses depois. Não devemos sair agora procurando alguém chamado Ananias para dizer que ele vai morrer daqui a um ano porque Jeremias predisse! Essa profecia se cumpriu no Horizonte 1. Não há cumprimentos adicionais esperando para acontecer.

De igual modo, muitos profetas predisseram que Deus enviaria Israel e depois Judá para o exílio por terem persistido em quebrar a aliança e se rebelado contra ele. Isso se cumpriu dentro do período do Antigo Testamento, em 721 a.C. para o reino do norte, Israel, e em 587 a.C. para o reino do sul, Judá. Tais profecias se cumpriram no Horizonte 1.

Vários profetas também predisseram que Deus traria os exilados de Judá de volta à sua terra. Ele lhes restauraria a sorte e poria fim ao exílio. A aliança seria renovada e eles reconstruiriam o templo. Isso também se cumpriu no período do Antigo Testamento. Após

o decreto de Ciro, rei da Pérsia, em 538 a.C., várias ondas de exilados voltaram para Jerusalém. Essas profecias também se cumpriram no Horizonte 1.

Você se lembra que, no capítulo 2, conversamos sobre como uma *promessa* é maior que uma *predição*? A promessa pode continuar a se cumprir de formas novas e diferentes à medida que a vida prossegue. Às vezes, descobrimos que uma predição do Antigo Testamento, feita e cumprida no Horizonte 1, pode "ir em frente" e encontrar um cumprimento ainda mais significativo no futuro. Um bom exemplo é o "sinal" de Isaías a Acaz em Isaías 7. Por ser um "sinal", precisamos presumir que de fato nasceu uma criança (muitos estudiosos creem se tratar do próximo filho do próprio Isaías, que tinha o cifrado nome de "Maher-Shalal-Hash-Baz"). Aquilo que Isaías predisse acerca dos inimigos de Israel também se tornou realidade — tudo isso no Horizonte 1. Em meio ao perigo e às ameaças daqueles meses, Deus de fato estava com eles ("Emanuel"). É nesse ponto que devemos começar ao ler e compreender esse texto. Isaías estava falando a Acaz na própria época, e suas palavras deveriam se aplicar e cumprir naquele período. No entanto, também sabemos que Mateus

identificou um nível ainda maior de cumprimento dessa profecia sobre "Emanuel" no nascimento de Jesus. E isso nos leva ao Horizonte 2.

Horizonte 2: a era do Novo Testamento

As profecias, bem como o restante do Antigo Testamento, avançam, em última instância, em direção a Cristo e aos grandes acontecimentos centrais da história bíblica — o Ato 4 do nosso diagrama da "Bíblia no verso de um envelope". Refletimos muito sobre isso nos capítulos 2 e 3, por isso não preciso repetir aqui. Lembre-se: não estamos dizendo que todos os versículos nos profetas são *sobre* Jesus (não se esqueça do capítulo 4!). Antes, o que queremos dizer é que tudo que os profetas disseram em sua época fazia parte de uma jornada que levava a Jesus. Por isso, podemos analisar tudo aquilo que falaram *à luz de Cristo*, mesmo que eles não estivessem pensando especificamente no futuro distante.

Às vezes, porém, os profetas falavam sobre o futuro de formas que hoje sabemos que só poderiam ser verdadeiras em Jesus Cristo, por meio dele e do evangelho da salvação mediante sua morte e

ressurreição. Às vezes, isso é chamado de "profecia messiânica", mas a palavra "messias" não aparece com frequência. Não é que os profetas simplesmente falaram sobre alguém que viria, mas, sim, que descreveram coisas que só poderiam ser perfeitamente verdadeiras por intermédio de Jesus. Por exemplo, quando Jeremias fala sobre Deus fazendo uma "nova aliança" (Jr 31.31-33), boa parte do que ele diz é *semelhante em princípio* à aliança do Sinai. Mas, quando afirma que parte desse novo relacionamento inclui perdão completo de pecados, sabemos que isso só se tornou realidade por meio de Jesus Cristo. De maneira semelhante, quando Isaías fala sobre o "servo do SENHOR", há várias coisas a respeito do Servo que também podem se referir a Israel (escolhido e amado por Deus, separado como luz para as nações). Mas, quando ele fala do Servo que carregou os pecados de muitos e morreu vicariamente por nós (Is 53), só conseguimos enxergar tais palavras personificadas de forma plena no Senhor Jesus.

Por isso, quando lemos, pregamos ou ensinamos sobre uma passagem nos profetas (depois de ter verificado o que significava no Horizonte 1), precisamos perguntar se há dimensões que precisam

ser vistas no Horizonte 2. Temos de indagar como a passagem se conecta com o evangelho de Jesus Cristo revelado e cumprido no Novo Testamento. Você se lembra que, no capítulo 5, exploramos algumas maneiras de fazer tais conexões. E espero que também se recorde que, quando *de fato* vemos esse tipo de conexão entre a passagem em um profeta do Antigo Testamento e o Senhor Jesus Cristo, devemos tomar cuidado para não pular imediatamente para ensinar o texto como se fosse "tudo sobre Jesus". Certifique-se de entender o que o profeta estava falando a seu próprio povo em sua época.

Horizonte 3: a nova criação

Às vezes, um profeta fala sobre o futuro em termos que vão além de qualquer coisa que já vimos na história. Pode ser uma referência ao juízo divino. Sabemos que os profetas podem falar sobre Deus julgando Israel e também nações estrangeiras. Há ocasiões, porém, em que eles descrevem o juízo divino abrangendo toda a terra e todas as nações em uma destruição cataclísmica de tudo que é ímpio e mau (p. ex., Is 24). Só podemos relacionar esse tipo

de visão ao horizonte derradeiro da segunda vinda de Cristo e o juízo final.

No entanto, com maior frequência, tais "visões exaltadas" se referem às bênçãos futuras de Deus. São descritas com palavras que transbordam de júbilo e empolgação. Começamos a imaginar um mundo no qual tudo é perfeito. A natureza é plena de fartura. A própria terra parece se alegrar em seu Criador. A vida humana é segura, satisfatória e livre de abusos, injustiças, fome e perigo. Guerra e violência já não existem. Pessoas e animais vivem em paz e harmonia. Os seres humanos nunca mais se afastarão de Deus em desobediência. Pessoas de todas as partes do mundo e de todas as nações rejeitarão seus falsos deuses e se voltarão para o Deus vivo, adorando-o com alegria e dádivas (p. ex., Is 25.6-9; 35; 65.17-25; Jr 32.37-41; 33.6-9; Jl 3.17-18).

Quando lemos tais palavras, temos a certeza de que não se cumpriram no Horizonte 1. Muito do que Deus prometeu a Israel *de fato* se tornou realidade nesse horizonte — quando o povo retornou à terra. Mas os israelitas continuavam a ser pecadores, longe da perfeição, conforme demonstram livros como Neemias, Esdras e Malaquias. E embora Cristo tenha

concluído a redenção do mundo mediante sua morte e ressurreição (no Horizonte 2), ainda não presenciamos o cumprimento de tudo aquilo pelo qual nós e os profetas ansiamos. Assim, somos levados ao derradeiro Horizonte 3 — ou "horizonte escatológico", para usar termos técnicos. A Bíblia termina em Apocalipse 21—22 com o retrato da nova criação que, de modo bem intencional, ecoa muitos dos temas dos profetas (leia Is 65.17-25 e então Ap 21). A visão final deles só se cumprirá quando Cristo voltar e a terra for purificada e renovada para se tornar a morada de Deus conosco.

Exemplo

Leia **Jeremias 32.36-44**. Essa é a resposta de Deus a Jeremias, depois que ele comprou um campo em Anatote (leia o restante do capítulo, se puder). Foi um grande ato de fé da parte de Jeremias, já que ele estava preso em Jerusalém logo antes de a cidade ser capturada pelos babilônios, que estavam destruindo todo aquele campo. A compra do campo foi um

símbolo do futuro que o povo teria depois de retornar do exílio, podendo outra vez comprar e vender propriedades. De imediato, é possível ver que os versículos 43-44 se referem ao Horizonte 1. Eles contam exatamente o que aconteceu. Ainda era futuro quando Jeremias proferiu tais palavras pouco antes da queda da cidade, mas uma predição que se tornou verdadeira dentro do período do Antigo Testamento. Os habitantes de Judá voltaram para a terra após duas gerações no exílio, repovoaram as cidades e começaram a cultivar os campos novamente.

Mas leia outra vez os versículos 38-41. Eles descrevem um futuro perfeito, no qual haverá uma aliança eterna entre Deus e seu povo, e nunca mais haverá pecado ou desobediência. Será um tempo em que a presença e a bênção divinas serão completas, e o povo viverá em total segurança para sempre. Isso vai além de todas as experiências da pequena comunidade de Judá após o exílio. E também vai além da experiência da igreja (a menos que sua igreja seja tão perfeita quanto o versículo 39 e o final

do versículo 40 retratam!). Trata-se de uma imagem do relacionamento perfeito entre Deus e seu povo que sabemos que só se completará por fim na nova criação (Horizonte 3).

Lista de conferência

Quando, então, você estudar e pregar sobre passagens dos profetas que falam de algo futuro (do ponto de vista deles), faça perguntas do tipo:

- De que forma esta profecia diz respeito ao povo do profeta e fala sobre seu futuro imediato? Como ela se cumpriu dentro do período do Antigo Testamento (Horizonte 1)? Lembre-se: comece sempre com essa pergunta. Em algumas passagens, ela será a única com resposta clara. Essa pergunta se aplica à *maioria* das profecias.
- Mesmo que tenha se cumprido durante o período do Antigo Testamento, há outras maneiras em que a profecia se cumpriu em Jesus e na igreja do Novo Testamento? Ou ela recebeu um significado adicional mais

profundo à luz da vinda de Cristo (Horizonte 2)? Essa pergunta se aplica a *algumas* profecias, não a todas.

- De algum modo, esta profecia aponta para um cumprimento final na perfeição do reinado de Cristo na nova criação (Horizonte 3)? Essa pergunta só se aplica a *poucas* profecias.
- Este texto profético é citado em algum lugar do Novo Testamento? Em caso afirmativo, qual o propósito do orador ou escritor do Novo Testamento ao citá-lo? O autor ou orador do Novo Testamento conecta as palavras do profeta ao Horizonte 2, ao 3 ou a ambos?

Como já disse, algumas passagens nos profetas parecem incluir os três horizontes, e isso pode parecer confuso a princípio. Analisaremos um texto desse tipo no exemplo de esboço ao fim do capítulo. Mas lembre-se que os profetas estavam vislumbrando um

futuro que, tanto quanto podiam ver, era todo uma única visão. Eles não sabiam (nem tinham como saber) que demoraria séculos para a chegada do Horizonte 2, e outros séculos desconhecidos até a vinda do Horizonte 3 (que ainda é futuro). De nossa perspectiva, *nós* podemos ver que as palavras deles cobriam um longo período. *Eles* viam "da linha de frente" e enxergavam as coisas próximas ou distantes como se todas elas fossem parte de uma só imagem.

Ao olhar para uma cordilheira à distância, as montanhas podem parecer próximas, alinhadas no distante horizonte. No entanto, ao entrar na serra, você descobre que pode haver grandes distâncias entre os picos mais próximos e os mais afastados. Ou imagine-se olhando para um trem que vem em sua direção exatamente na linha férrea. Desse ângulo, você só consegue enxergar a locomotiva; os vagões são comprimidos ou escondidos atrás dela. Somente ao chegar para o lado você consegue ver o comprimento do trem de uma perspectiva diferente. Aquilo que parecia uma única forma vista de frente se torna uma longa fila de vagões estendendo-se por boa parte dos trilhos. Assim acontece no Antigo Testamento: algumas profecias podem ter uma "única forma" do

ponto de vista "frontal" do profeta, mas têm uma amplitude bem maior quando vistas em relação a Cristo e à nova criação. Espero que você perceba, mais uma vez, como é importante ler qualquer passagem das Escrituras à luz da história completa da Bíblia.

Exemplo

Leia **Isaías 52.7-11**. Você identifica todos os três horizontes nessa visão maravilhosa? Basicamente, esse texto apresenta "boas-novas". É isso que o versículo 7 anuncia. E são boas-novas em cada um dos três horizontes. Aliás, é assim que eu pregaria essa passagem (confira o exemplo de esboço ao fim do capítulo).

- *Horizonte 1.* O profeta deseja incentivar e motivar os exilados a estarem prontos para ir para o lar em Jerusalém. Deus havia conquistado a vitória (ele reina) e já estava pronto para retornar à cidade, levando-os consigo. Assim como no êxodo, Deus

estava resgatando seu povo. Assim, eles podiam se alegrar e voltar para casa. De fato, isso aconteceu. A profecia se cumpriu no Horizonte 1.

- *Horizonte 2.* Cada dimensão das boas-novas que o mensageiro anuncia é uma boa-nova por intermédio de Cristo. O versículo 7 fala sobre o Deus que *reina.* O versículo 8 fala do Deus que *volta.* O versículo 9 fala do Deus que *resgata*. Tudo isso é verdadeiro em Cristo. Ele pregou o reino de Deus. Foi ao templo, como Deus disse que iria. É o Redentor e Salvador, por meio de sua morte e ressurreição. No Horizonte 2, Jesus é o Deus que reina, o Deus que volta e o Deus que resgata.
- *Horizonte 3.* Conforme se vê com frequência, o profeta amplia a visão. Ele começou com um mensageiro levando boas-novas à cidade arruinada de Jerusalém, para que os exilados pudessem voltar e se alegrar (v. 7). Entretanto, no versículo 10, ele muda para a esfera global — "todas as nações" e "todos os confins da terra". Isso

vai além de qualquer coisa que já aconteceu. Contudo, por meio da missão da igreja, o evangelho da "salvação de nosso Deus" de fato chegará aos "confins da terra". Por isso, a visão derradeira da profecia se encontra no Horizonte 3. Ela por fim se cumprirá quando o Senhor Jesus Cristo voltar para reinar sobre toda a terra e resgatar seu povo para sempre.

CONSTRUA A PONTE

Mas e quanto a hoje? Talvez você esteja se perguntando se falaremos sobre um *quarto horizonte* — o mundo atual. Afinal, nosso objetivo é *pregar e ensinar* usando as palavras dos profetas, e isso significa construir uma ponte entre o mundo da Bíblia e o presente. Queremos ver como as palavras dos profetas se aplicam de maneira relevante ao nosso mundo e ao nosso povo. É claro que é muito importante fazer isso. De certo modo, descobrir e aplicar a mensagem dos profetas para hoje é semelhante a fazer o mesmo

em relação à lei. A seguir você encontra uma lista de perguntas que refletem o que fizemos no capítulo 10. Entretanto, seguem-se algumas palavras de precaução nas quais você deve pensar antes de prosseguir.

- Não faça identificações dogmáticas de pessoas, lugares ou acontecimentos dos tempos modernos com base em profecias do Antigo Testamento. Existe toda uma indústria de pessoas fabricando cumprimentos de profecias — em especial sobre o "tempo do fim". Pegam uma palavra ou expressão de um texto do Antigo Testamento e nos dizem que se refere claramente a algo que aconteceu ou está prestes a acontecer no mundo atual. Um exemplo é a predição muito comum na década de 1970 de que as palavras de Ezequiel 38—39 sobre Gogue e Magogue se cumpririam em uma grande invasão das forças da União Soviética ao Estado moderno de Israel. Há pessoas que ganharam muito dinheiro escrevendo livros sobre o assunto. Mas estavam erradas (embora nunca tenham pedido desculpas, nem admitido seu erro). Esse tipo de associação segura de uma profecia do Antigo Testamento a um evento contemporâneo

quase sempre é questionável e equivocada. Por isso, tome muito cuidado. Não seja ingênuo, mesmo quando os indivíduos que pregam ou escrevem tais coisas pareçam muito convincentes.

- Tome o cuidado de não prometer aos ouvintes contemporâneos algo que foi prometido somente dentro do período histórico do Antigo Testamento. Deus fez promessas ao Israel do Antigo Testamento que ele cumpriu quando os libertou dos inimigos ou os tirou do exílio. Podemos ser encorajados por esses cumprimentos, já que eles nos ensinam sobre a fidelidade divina. Mas não podemos esperar que Deus garanta fazer exatamente o mesmo no presente ou futuro imediato a qualquer pessoa em circunstâncias semelhantes hoje. Não podemos usar uma profecia do Antigo Testamento para prometer, por exemplo, a refugiados que eles em breve voltarão para sua própria terra. Sem dúvida, podemos apontar para a salvação divina por intermédio de Cristo (no Horizonte 2) e afirmar que, por fim, Deus endireitará todas as coisas (no Horizonte 3). E certamente podemos trabalhar por justiça no presente para todos os sofredores e

oprimidos — sabemos que esse é o desejo de Deus. Mas não podemos transformar profecias feitas ao Israel do Antigo Testamento no Horizonte 1 em garantias para todos nos dias atuais.

- Nenhuma nação hoje se encontra em relacionamento de aliança com Deus como o Israel do Antigo Testamento. Por isso, não devemos pregar à sociedade como se esta estivesse na mesma posição que ele. Nenhum Estado atual é uma "teocracia" cristã, isto é, verdadeiramente honrando a Deus como Rei, Legislador e Juiz supremo. O povo da aliança de Deus hoje provém de todas as nações, judeus e gentios, que creem no Senhor Jesus Cristo, espalhados por todas as nações. Mesmo assim, certamente podemos usar os *princípios* que identificamos nas profecias do Antigo Testamento (assim como na lei do Antigo Testamento) para fazer uma crítica àquilo que acontece no mundo secular das nações e dos governos e desafiá-los a uma conduta superior. Assim como os profetas, podemos expor a injustiça e a opressão. Podemos chamar a atenção para as consequências terrivelmente prejudiciais

da idolatria cultural de todos os tipos. Assim como eles, também podemos falar em favor dos pobres, marginalizados e vulneráveis, condenando aqueles que lucram ao mantê-los dessa maneira.

- Não devemos pregar e ensinar somente sobre as partes "boas" dos profetas. É fácil pegar promessas maravilhosas como as encontradas em Jeremias 29.11 ou Isaías 43.1-2 e então pregar ou ensinar sobre elas sem levar o contexto em consideração. Devemos permitir que o povo de Deus ouça toda a mensagem dos profetas, inclusive quando expuseram os males praticados e advertiram quanto ao juízo divino. A igreja (e não só a sociedade secular) precisa ser desafiada quanto à idolatria, injustiça, falta de compaixão, desunião, transigência, e assim por diante — coisas sobre as quais os profetas têm muito a dizer. É claro que, se abordarmos tais questões, é provável que não sejamos tão populares, assim como os profetas. Mas a "pregação profética" deve enfrentar tais coisas.

Lista de conferência

Construir a ponte significa começar com a forma usada pelo profeta para desafiar o próprio povo no contexto daquela época. Então, prosseguimos para o modo como a mensagem dele desafia nosso contexto atual, na igreja ou sociedade. Assim, seguimos uma lista de perguntas semelhantes às feitas em relação à lei do Antigo Testamento no fim do capítulo 10.

- Qual era a situação histórica (até onde podemos saber) de dentro da qual o profeta estava falando?
- Qual era o propósito ou objetivo das palavras do profeta? Que ideia principal transmitiu?
- Quem ele condenou ou elogiou e por quê?
- O que estava acontecendo, o que o profeta disse a esse respeito e por quê?
- Que questões ou prioridades você consegue identificar no que o profeta diz vez após vez?

- A mensagem do profeta nesta passagem é principalmente uma ameaça e advertência, ou uma promessa e esperança? Qualquer que seja o caso, o que o profeta queria que o povo fizesse em resposta?
- Como você resumiria a palavra de Deus mediante o profeta para o povo de Israel *daquela época*?

Agora, atravesse a ponte do mundo do profeta para o atual:

- O que o profeta diria para nós hoje?
- Que comparações você pode fazer entre o que aconteceu em Israel na época do profeta e o mundo ou a igreja hoje?
- O que o profeta condenaria ou elogiaria na atualidade e por quê?
- Do que necessitamos nos arrepender?
- Por quais razões devemos ter esperança e fé?
- Qual seria o tom de um sermão ou de uma lição que reflita o tom da passagem? Encorajamento? Repreensão? Advertência?

Esperança? Desafio à mudança? Promessa? Fortalecimento da fé?

Então, tente pregar de uma maneira que expresse o ímpeto central da passagem, com o mesmo tom. Se Jeremias ou Amós (ou qualquer profeta sobre cujo texto você esteja pregando) estivessem ouvindo seu sermão, você desejaria que eles pensassem: "Sim, é isso mesmo que eu quis dizer (mais ou menos). Pode pregar!".

EXEMPLOS DE ESBOÇO

Escolhi duas passagens para ilustrar os dois temas principais dos profetas: juízo e esperança. O objetivo do primeiro é ajudar as pessoas a ver que alguns dos pecados que Jeremias condenava também podem ser identificados na igreja hoje e então incentivá-las ao arrependimento. O objetivo do segundo é ajudar as pessoas a perceberem que as boas-novas (evangelho) de Jesus foram antecipadas no Antigo Testamento e que Deus proferiu uma mensagem de esperança aos exilados, que

em algum momento se tornará uma boa notícia para o mundo inteiro.

PROMESSAS QUEBRADAS: CISTERNAS QUEBRADAS
Jeremias 2

Contexto: É provável que Jeremias 2 seja uma das primeiras pregações do profeta. A reforma do rei Josias estava a todo vapor. Mas Jeremias percebeu que não havia nenhuma mudança real no coração e na vida das pessoas. Deus via indivíduos que eram uma decepção para ele (v. 1-8), que estavam sendo desleais à aliança (v. 9-13) e estavam se iludindo (v. 14-37). Eles caminhavam para o desastre.

Decepção (v. 1-8)

Deus se lembra com nostalgia dos primeiros anos de Israel (v. 1-2) e os contrasta com o comportamento posterior do povo (v. 5-8).

A lua de mel! (v. 1-3)

Mas tudo agora era passado. Compare com Oseias 9.10; 11.1.

A ingratidão do povo (v. 4-8)
Os israelitas haviam se esquecido do que Deus fizera por eles. Jeremias destaca três pontos principais do que Israel estava fazendo — cada um deles possui equivalentes modernos.

- Corriam atrás de coisas sem valor (v. 5b).
- Desperdiçavam o que era precioso (v. 6-7).
- Os líderes estavam falhando em todos os aspectos — religioso, legal e político (v. 8).

Deslealdade (v. 9-13)
"Portanto, apresentarei minha acusação" (v. 9). Essas palavras usam a imagem de um tribunal, no qual Israel é o acusado e Deus, o promotor e juiz. Israel estava quebrando a aliança. Jeremias condena a deslealdade do povo.

Era anormal (v. 10-12)
Outras nações tinham outros deuses que, na verdade, nem deuses eram. Pelo menos,

porém, eram leais a seus "não deuses", ao passo que Israel conhecia o único Deus vivo e verdadeiro, mas o trocava por ídolos inúteis! Que choque! Era estarrecedor.

Era inútil (v. 13)
Imagem de uma fonte de água viva abandonada e uma cisterna inútil, rachada, vazando. Trata-se de um quadro muito poderoso de futilidade. Quando alguém dá as costas a Deus e tenta encontrar a própria solução, pode ser tanto uma tolice como um desperdício de esforço.

Algumas das coisas que Israel estava fazendo incluíam:

- Alianças políticas (v. 14-18,36-37) — tentativa de encontrar segurança em alianças militares e políticas, as quais revelavam, em essência, sua falta de confiança em Deus.
- Religião da "prosperidade" (v. 20,28) — adoração da saúde, da riqueza, do sexo e da fertilidade.

Todas essas coisas têm equivalentes modernos, que ocorrem quando os cristãos tentam encontrar segurança ou felicidade em todo tipo de alternativa atraente à confiança em Deus.

Ilusão (v. 14-37)

O pior da condição de Israel era a negação! O povo protestava dizendo que não estava fazendo nada de errado. Logo:

O pecado não era reconhecido (v. 23,35)

Por incrível que pareça, os israelitas insistiam em dizer que eram inocentes.

A culpa era visível (v. 22)

"Sabão" pode ser uma referência às reformas de Josias. Mas Jeremias percebia tudo isso como algo apenas externo, estético. A culpa permanecia.

Conclusão: O único remédio: chamado ao arrependimento (Jr 3—4.4).

A lua de mel (2.1-3) terminou em divórcio (3.1). Mas havia possibilidade de restauração?

Nos capítulos 3 e 4, Jeremias apela a Israel para que mude de rumo e volte. Não dá para pregar esses capítulos inteiros no mesmo sermão, mas, ao encarar a realidade daquilo que Deus expõe no capítulo 2, devemos mostrar que arrependimento genuíno e mudança são a única resposta.

Desafio: em que aspectos de nossa vida é possível:

- Sermos uma decepção para Deus, a despeito de todo o seu amor e de tudo que ele nos dá?
- Sermos desleais a Deus, indo atrás de ídolos da cultura ao nosso redor?
- Estarmos iludidos, pensando que nada disso importa?

Volte para a fonte de água viva.

NOSSO DEUS REINA! O TÊNIS DE CORRIDA DA MISSÃO

Isaías 52.7-11

Cerne da mensagem: O evangelho do reino de Deus é uma boa-nova! Foi uma boa-nova que levou esperança aos exilados, boa-nova que se cumpriu em Jesus, e boa-nova à qual podemos nos agarrar com esperança, em meio aos problemas do mundo atual. São boas-novas para compartilhar!

Contexto: Israel está no exílio. Jerusalém se encontra em ruínas. Esperanças e anseios. Será que um dia voltariam? O profeta retrata alguém nas ruínas de Jerusalém olhando para o leste, ansiando e aguardando para ver se Deus levaria os exilados de volta. Então, vê um único corredor trazendo boas-novas. Deus conquistou a vitória! Ele estava a caminho do lar!

Boas-novas para os exilados (o texto em seu contexto do Antigo Testamento — Horizonte 1)

Deus reina (v. 7).

- "Paz"

- “Boas”
- “Salvação”

Cada uma dessas palavras contava com um rico significado no Antigo Testamento que pode ser destacado. Quando Deus reina, há paz, a vida é boa (como planejado na criação) e nós seremos salvos. O mensageiro estava levando boas-novas do “evangelho” aos exilados, sintetizadas na expressão culminante “O Deus de Israel reina!”.

Deus volta (v. 8)
A voz do corredor solitário é acompanhada pelos brados das sentinelas, porque conseguem ver o próprio Deus voltando para sua cidade.

Deus resgata (v. 9-10)
O profeta faz as ruínas de Jerusalém se un irem ao cântico! Deus consola e resgata seu povo — outras palavras ricas em significado do Antigo Testamento. Então, o versículo 10 abre o texto ao mundo inteiro: “Todos os confins da terra”! É surpreendente! Mas se encaixa na história

bíblica como um todo. Aquilo que Deus fazia por Israel sempre era, em última instância, para a bênção de todas as nações (Gn 12.1-3).

O "braço" do SENHOR — versículo 10, mas esta imagem de Deus em ação também é usada em 40.10-11 e 53.1 — e o restante do capítulo.

- Poder com compaixão
- Vitória na batalha
- Sofrimento e morte

Boas-novas em Jesus Cristo (o texto no contexto do Novo Testamento — Horizonte 2)

Há uma música de Natal que diz: "Anunciai pelas montanhas que Jesus Cristo já nasceu".[1] É provável que ela tenha sido inspirada nesta passagem. E é correto identificar este texto como boas-novas não só para os exilados de Israel no Antigo Testamento, mas também como uma descrição daquilo que Jesus veio ser e fazer. A linguagem de "boas-novas", "paz", "salvação", "redenção" e "reino de Deus"

corresponde a termos que encontram ressonância no Novo Testamento, pois todos são verdadeiros em Jesus Cristo.

Jesus era e é Deus reinando
Ele anunciou a chegada do reino de Deus.

Jesus era e é Deus voltando
Jesus cumpriu as profecias de Malaquias 3 e Zacarias 9: Deus voltando para seu templo e seu povo. E ele voltará de novo.

Jesus era e é Deus redimindo
O "santo braço" do SENHOR se estendeu na cruz para salvar o mundo.

Boas-novas para nós e para o mundo (o texto no mundo atual, com esperança futura — Horizonte 3)
O que significa para mim dizer que:

- Jesus é o Deus *reinando*? Significa procurar discernir os sinais do reino de Deus em ação no mundo. "Jesus é Senhor" (e não

César). Olho para o mundo com os olhos da fé.

- Jesus é o Deus *voltando*? Os lugares desolados serão endireitados (Sl 96.10-13). Tenho essa esperança.
- Jesus é o Deus *redimindo*? Os confins da terra verão a salvação do nosso Deus. Alegro-me na expectativa desse acontecimento.

É isso que significa para mim e, espero, para todos os cristãos também. MAS...

O que essas verdades significam para as pessoas ao nosso redor?

O que significa para as pessoas nas ruas de nossa terra que Jesus é o Senhor que reina na história, o Rei da criação que voltará e o Redentor e Salvador do mundo?

NADA! — a menos que alguém lhes conte.

É por isso que nosso texto ecoa novamente em **Romanos 10.12-15**. "Como são belos os pés *dos mensageiros* que trazem boas-novas!" (Paulo transforma o corredor singular de Is

52.7 em plural.) Todos nós podemos ser mensageiros das boas-novas. Não há nada de muito belo nos pés, a menos que estejam calçando os tênis de corrida do evangelho para levá-lo ao mundo.

"Anunciai pelas montanhas que Jesus Cristo já nasceu" — ele está reinando, voltando e redimindo.

13

CONHEÇA OS SALMOS

Você gosta de pregar e ensinar sobre o livro de Salmos? Espero que sua resposta seja "Sim!". Eu também, com certeza. Bem, isso nos coloca em boa companhia. Jesus usou Salmos com mais frequência em seus sermões e ensinos do que qualquer outro livro do Antigo Testamento. E a maioria dos autores do Novo Testamento cita bastante os salmos.

Salmos é um livro extremamente central e importante. Não é apenas o lugar que costuma aparecer quando abrimos a Bíblia ao acaso, por estar no meio dela. É também o livro no qual milhões de fiéis — judeus e cristãos — ao longo de vários séculos têm encontrado palavras para todas as ocasiões e

experiências possíveis: palavras de fé e esperança, de dor e consolo, de alegria e tristeza, de ações de graças e lamento, de confissão e perdão, de ânimo e paz. O livro fala sobre Deus como ele verdadeiramente é e sobre a vida como ela costuma ser. Fala ao nosso coração e nos permite falar de coração também. Não é de admirar que seja uma fonte maravilhosa para os pregadores. Pode parecer bem elementar pegar as palavras de alguns salmos e pregá-las e ensiná-las de maneira relativamente simples e direta. Espero que, ao final deste capítulo, você ainda consiga fazer isso, mas talvez com maior profundidade, entendimento e apreço.

CÂNTICOS EM POESIA

A primeira coisa que precisamos saber é que os salmos eram, em essência, cânticos entoados pelos israelitas e, como a maioria das canções, foram compostos em poesia. Hoje, chamamos as palavras de nossas músicas de "letra". Os salmos também têm letras, e elas foram criadas para ser cantadas com uma melodia. Aliás, alguns salmos têm cabeçalhos com sugestões musicais de instrumentos ou melodias. Na maioria dos casos, não sabemos a que esses termos se referiam, mas,

mesmo assim, eles nos lembram que devemos ler, cantar e pregar os salmos pelo que eles eram: poemas.

A poesia assume formas distintas em diferentes línguas e culturas. Em português, boa parte dos poemas, até tempos mais recentes, lançava mão de dois elementos básicos: métrica e rima. Métrica se refere ao número de palavras ou sílabas marcadas em cada verso, que estabelece o ritmo e o compasso das palavras. Rima significa que as palavras ao fim dos versos têm som semelhante, um verso após o outro, em linhas alternadas ou em alguma outra forma de padrão.

Na poesia hebraica, não havia preocupação com rimas ao fim dos versos, mas os poetas se importavam com a métrica. Por isso, muitas vezes você descobre que os versos de seus poemas têm um padrão de três sílabas tônicas, seguidas por outras três ou, às vezes, duas (3 + 3 ou 3 + 2). É claro que isso acontecia no hebraico original, e nem sempre é possível mostrá-lo em nossas traduções. Quase sempre precisamos usar mais palavras na tradução em português, por exemplo, do que há no poema hebraico original.[1] Contudo, ao ler um salmo, é possível perceber que a

maioria dos versos tem praticamente o mesmo tamanho, indicando que a base hebraica contava com esse padrão métrico, rítmico.

Pensemos agora sobre algumas características importantes da poesia bíblica.

Ouça o eco

Existe uma característica muito comum e típica na poesia hebraica. Nós a encontramos não só em Salmos, mas também em outras partes do Antigo Testamento escritas em poesia, como Provérbios, Jó e muitas passagens dos profetas. Esse traço é conhecido pelo termo técnico *paralelismo.* Trata-se do artifício de dizer mais ou menos a mesma coisa duas vezes (em paralelo), mas com pequenas variações, de modo que não soe meramente repetitivo.

Gosto de pensar nisso como o *efeito estéreo*. Deus nos deu dois ouvidos, de modo que, ao ouvir algo em estéreo, escutamos duas trilhas sonoras em paralelo, como se fosse uma de cada lado da cabeça. Mas o efeito combinado é criar um único som quase tridimensional (3D) em nosso cérebro. Os compositores hebraicos usavam essa técnica de paralelismo como forma de "arredondar" e enfatizar

aquilo que estavam dizendo ou cantando, conferindo maior profundidade.

Em nossa Bíblia, a poesia hebraica aparece disposta em linhas. A primeira é colocada junto à margem esquerda, e a segunda (e às vezes uma terceira) fica deslocada um pouco à direita. Em geral (embora nem sempre, é claro, uma vez que os poetas hebreus eram bastante livres e informais em sua maneira de escrever!), a segunda ou terceira linha faz algum tipo de paralelismo com a primeira, ou está ligada a ela de alguma maneira óbvia.

Abaixo se encontram alguns dos diferentes tipos de paralelismo, com exemplos de cada um.

O mesmo de novo

Poderíamos chamar esse tipo de paralelismo *de repetição*.[2] É provavelmente o mais comum e familiar. O salmista faz uma declaração e depois repete a mesma ideia, mas usando palavras ligeiramente diferentes ou preenchendo com um pouco de "sabor" aquilo que acabou de dizer. Por exemplo:

> Os céus proclamam a glória de Deus;
> o firmamento demonstra a habilidade de suas mãos.

Dia após dia, eles continuam a falar;
  noite após noite, eles o tornam conhecido.

Salmos 19.1-2

Não se preocupe com os perversos,
  nem tenha inveja dos que praticam o mal.
Pois, como o capim, logo secarão
  e, como a grama verde, logo murcharão.

Salmos 37.1-2

Nesse tipo de paralelismo, é preciso entender que o autor está expressando uma só ideia, mesmo que a espalhe em dois ou mais versos. Deve-se juntar as partes para encontrar o significado completo. Assim, no primeiro exemplo, os céus e o firmamento não estão proclamando duas coisas diferentes. Não, a glória de Deus é vista na obra de suas mãos. E elas não fazem uma coisa durante o dia e outra à noite. Pelo contrário, o universo revela a verdade sobre Deus o tempo inteiro.

Separe um instante agora para ler alguns salmos aleatoriamente, e veja se consegue identificar esse tipo de paralelismo. Observe como ele enriquece e aprofunda o que é dito.

Pares de opostos

Poderíamos chamar esse tipo de paralelismo *contrastante*.[3] Nesse caso, a segunda linha reforça o que a primeira diz ao falar o contrário de maneira negativa. Por exemplo:

> Tu lhe concedeste o desejo do seu coração
> e não lhe rejeitaste o pedido dos seus lábios.
>
> Salmos 21.2, NVI

> Pois guardei os caminhos do SENHOR;
> não me afastei de meu Deus para seguir o mal.
>
> Salmos 18.21

> Livras os humildes,
> mas humilhas os orgulhosos.
>
> Salmos18.27

Essa forma de paralelismo é ainda mais comum em Provérbios. Mais uma vez, trata-se de uma maneira de fortalecer uma ideia ao nos fazer pensar no contraste com seu oposto.

E outra coisa

Poderíamos chamar esse tipo de paralelismo *suplementar*.[4] Ele acontece quando a segunda ou terceira linha *acrescenta* à ideia da primeira, com conteúdo adicional significativo. Todos os versos apontam para a mesma direção e se unem para expressar o que querem dizer. Entretanto, os paralelos não consistem na simples repetição da primeira linha, mas, sim, em seu preenchimento ou no acréscimo de mais uma dimensão a ela. Mais uma vez, é importante não isolar cada verso, mas ver como todos funcionam juntos para completar a ideia. Por exemplo:

> Todo o meu ser louve o SENHOR;
> que eu jamais me esqueça de suas bênçãos.
> Ele perdoa todos os meus pecados
> e cura todas as minhas doenças.
> Ele me resgata da morte
> e me coroa de amor e misericórdia.
>
> Salmos 103.2-4

> Pois a palavra do SENHOR é verdadeira;
> ele é fiel em tudo o que faz.
> Ele ama a justiça e a retidão;
> a terra está cheia da bondade do SENHOR.

Salmos 33.4-5, NVI

Às vezes, as palavras vão sendo sobrepostas como degraus e escadas — repetindo e então acrescentando um pouquinho mais a cada vez.

O SENHOR reina!
  Vestiu-se de majestade;
de majestade vestiu-se o SENHOR
  e armou-se de poder!
O mundo está firme e não se abalará.
O teu trono está firme desde a antiguidade;
  tu existes desde a eternidade.
As águas se levantaram, SENHOR,
  as águas levantaram a voz;
  as águas levantaram seu bramido.
Mais poderoso do que o estrondo das águas impetuosas,
  mais poderoso do que as ondas do mar é
  o SENHOR nas alturas.

Salmos 93.1-4, NVI

Por que estamos destacando essa característica de Salmos — os paralelismos? Bem, sem dúvida não é para incentivá-lo a repetir tudo que você disser em seu sermão! Alguns pregadores fazem muito isso! Em vez disso, é para que possamos *perceber* a consistência

e a profundidade da poesia dos salmos. As palavras são articuladas com inteligência e beleza. E, quando pregamos ou ensinamos com base em Salmos, mesmo que não falemos em linguagem poética, devemos ajudar nossos ouvintes a apreciar não só *o que* o texto diz, mas também *como* ele diz. A linguagem de Salmos é sonora e ressonante. Isso nos ajuda a lembrar sua mensagem com mais facilidade também.

Pare e leia alguns salmos curtos agora mesmo, de preferência em voz alta. Tente sentir essa característica da poesia e apreciar como ela fortalece o que está sendo dito. Ouça a ressonância. Escute em estéreo.

Observe as figuras

A poesia é uma forma vívida de expressão. Ela gosta de usar imagens mentais e comparações marcantes. Com frequência, uma única imagem é capaz de acelerar a imaginação. Uma metáfora forte pode ser mais poderosa que mil palavras.

Certo dia, Davi estava pensando em como era feliz porque Deus cuidava dele, o guiava, o protegia em meio aos problemas e satisfazia suas necessidades. Ele poderia simplesmente ter dito tudo isso e, então,

expandido cada uma dessas declarações com mais verdades teológicas sobre Deus e algumas ilustrações práticas de sua própria experiência. Poderia ter escrito um ensaio inteiro sobre Deus — ou quem sabe uma longa carta, como o apóstolo Paulo.

Em vez disso, ele olhou para uma das ovelhas de que estava cuidando e disse apenas duas palavras (em hebraico): "O SENHOR é meu pastor". E, com essa imagem simples, Davi começou o salmo mais amado e memorável de todo o livro, criando um mundo inteiro em nossa imaginação.

Tal afirmação, é claro, consiste em uma metáfora. Ela usa uma realidade (a vida e o trabalho de um pastor com seu rebanho) para descrever outra realidade (como Deus cuida das pessoas). Na verdade, é sobre a segunda dessas realidades que ele está falando (o alvo da metáfora). A primeira é usada para fins de comparação (a fonte da metáfora).

Os salmos transbordam de metáforas desse tipo — de todas as espécies de imagens mentais.

Muitas delas falam sobre Deus. Em que você pensa quando os salmistas descrevem Deus usando as seguintes imagens: rocha, escudo, fortaleza, torre forte, leão que ruge, o condutor de um carro, pai, rei

e construtor? É claro que, *literalmente*, Deus não é nada disso. Mas cada uma das imagens é uma metáfora que fala sobre ele de maneira poderosa e criativa. Elas transmitem verdades de uma maneira que descrições abstratas não conseguem nem chegar perto.

Algumas metáforas falam de experiências humanas. Os salmistas falam em afundar na lama ou ser varrido por uma enchente. Sentem-se cercados por feras selvagens ou presos ao chão. Comparam-se a um odre seco na fumaça ou a um verme na terra. Divertem-se como bezerros ou erguem os chifres como os de um touro vitorioso. Ficam de pé sobre uma rocha ou se escondem sob as asas de um grande pássaro. Florescem como a palmeira ou pisoteiam leões e cobras. Todas essas são, obviamente, figuras que retratam diferentes tipos de experiências.

Alguns salmos mostram a criação reagindo aos atos de Deus. As montanhas derretem ou saltam como cordeiros. As árvores dançam. Os rios batem palmas. Campos se alegram.

Quando pregar e ensinar com base em Salmos, tente permitir que essas imagens façam seu trabalho. Às vezes, será necessário explicá-las. Mas não se contente

em apenas oferecer uma "explicação qualquer" para cada imagem vívida. Deixe que elas apelem à imaginação dos ouvintes.

Apenas algumas palavras de advertência:

- Não tente resumir tudo a uma só metáfora. Por exemplo, embora o Salmo 23 comece com a imagem do pastor e sua ovelha, a metáfora não continua até o fim. O versículo 5 muda para outra figura: a de um anfitrião se preparando para receber seus convidados com uma boa refeição. Os pastores não preparam uma mesa para suas ovelhas, nem ungem a cabeça delas com óleo, tampouco lhes dão de beber em um cálice. Essas são coisas que um anfitrião faz. Logo, Davi está comparando Deus *tanto* a um pastor cuidadoso *quanto* a um anfitrião generoso. Ele une as imagens muito bem, mas não deixam de ser figuras separadas.
- Não extrapole com a metáfora, nem vá além de seu objetivo principal de comparação. Só porque o Salmo 23 descreve Deus como um pastor, não significa que devemos nos comportar como ovelhas em todos os aspectos. Sem dúvida,

precisamos seguir nosso pastor e confiar nele. Mas as ovelhas costumam se desgarrar, e isso é muito ruim (Is 53.6)! Tome o cuidado de manter o objetivo pretendido pela Bíblia naquele contexto específico e não o amplie com uma imaginação desenfreada.

Sinta a emoção e compartilhe a experiência

A poesia é a linguagem da experiência. Ela dá voz a todos os sentimentos que cercam as diferentes experiências. E a gama de experiências e emoções de Salmos é absolutamente vasta! Aqui estão alguns exemplos das emoções que encontramos. É fácil encontrar referências nos salmos para cada uma delas:

- Alegria e felicidade
- Gratidão e ação de graças
- Admiração e deslumbramento
- Dor e mágoa
- Raiva e amargura
- Remorso e tristeza
- Questionamento perplexo
- Anseio
- Agonia

- Esperança
- Confiança
- Alívio

Os salmistas descrevem todo tipo de situação. Também não é difícil encontrar salmos que mencionem:

- Estar só
- Estar acompanhado de muitas pessoas
- Ser acusado falsamente
- Passar por grande perigo ou angústia
- Ficar doente, à beira de morte
- Sofrer perda ou dano
- Ser resgatado do perigo
- Sentir culpa por cometer um pecado
- Estar grato pelos dons ou atos de Deus
- Viajar para adorar a Deus em Jerusalém
- Sair em batalha
- Voltar de uma batalha
- Coroar um novo rei
- Dar testemunho na adoração pública
- Ver a destruição da cidade e do templo
- Ir para o exílio

Algo interessante acerca de Salmos é que, originalmente, esses cânticos foram escritos por pessoas e dirigidos a Deus ou a outros indivíduos (p. ex., convidando os outros a louvar a Deus). São palavras *humanas* proferidas (em sua maior parte) *para Deus*. Mas agora nós as lemos como parte da Bíblia, ou seja, a palavra de *Deus para nós*. É por isso que podemos *pregá-las e ensiná-las*. Quando pregamos ou ensinamos sobre qualquer parte da Bíblia, estamos dizendo à nossa congregação: "Acredito que seja isso que Deus quer nos dizer agora, com base naquilo que ele disse nesta passagem da Bíblia". Assim, nesse sentido, Salmos se tornou parte da mensagem de Deus para nós, e não só um conjunto de palavras humanas dirigidas a ele.

Creio que existem diferentes motivos para essa "mudança" (i.e., palavras escritas naquela época por seres humanos a Deus, que hoje lemos como a palavra de Deus para nós).

Em primeiro lugar, isso acontece *porque é o que Deus queria que ocorresse.* Embora esses cânticos tenham se originado no coração e na mente reais de seus autores humanos (eles realmente sentiram, pensaram e disseram essas coisas em relação à sua

própria experiência), era plano divino que aquilo que escreveram e reuniram em coletâneas se tornasse parte de sua palavra inspirada. Nesse sentido, Salmos não difere das outras partes da Bíblia — são palavras humanas que Deus inspirou para se tornarem parte de sua palavra.

Em segundo lugar, creio que é por causa do modo como o próprio *Deus se encontra tão profundamente envolvido nas experiências e emoções que enchem os salmos.* Deus estava lá, naquelas situações que os salmistas enfrentaram. Assim, aqueles que reuniram os salmos para as gerações posteriores de israelitas cantarem reconheciam que, por meio das palavras dos autores originais e das circunstâncias que eles enfrentaram, *Deus poderia continuar a lhes falar* vez após vez. E da mesma maneira, por termos acesso a esses cânticos na Bíblia, *Deus também fala* a todos nós que já enfrentamos o mesmo tipo de situação ou sentimos emoções parecidas.

É isso que acontece quando pregamos e ensinamos os salmos com fidelidade. Para pregá-los e ensiná-los, precisamos *tentar entrar na experiência e nas emoções dos autores.* Não leia os salmos "com frieza". Não leia como se fossem meras "doutrinas em versos". Eles, de

fato, contêm verdades maravilhosas sobre Deus, o mundo e nós mesmos (falaremos sobre isso a seguir). Mas são, acima de tudo, cânticos em poesia, repletos de vida real e emoções reais. Tente ver, ouvir e sentir isso. Identifique o *humor*, bem como a *mensagem* de cada salmo ao se preparar para pregar ou ensinar sobre ele.

CÂNTICOS EM VARIEDADE

No culto cristão, contamos com diferentes tipos de cânticos para entoar. Identificamos a diferença entre um hino tradicional com versos regulares e melodia familiar e um cântico ou coro de louvor curto e moderno, e ainda uma peça cantada por um grupo ou um solista. Temos cânticos para diferentes ocasiões, como hinos de Natal, Páscoa, ações de graças, ceia do Senhor, casamentos ou funerais, e assim por diante. O hinário do Antigo Testamento também conta com diferentes categorias de salmos, e vale a pena conhecer as principais e suas características.

Isso pode nos ajudar quando formos estudar um salmo para pregar ou ensinar sobre ele. Podemos pensar não só no que as palavras dizem, mas também

em que tipo de salmo ele é. Isso nos ajudará a discernir qual é a estrutura do salmo e seu fluxo de raciocínio.

A seguir estão as principais categorias.[5] Tire um momento para olhar os exemplos listados nas notas de rodapé de cada uma delas. Leia alguns dos salmos listados em cada categoria, a fim de ter uma ideia da estrutura e forma característica de cada tipo. Gastar um pouco de tempo lendo alguns dos diferentes tipos de salmos de cada categoria o ajudará a entender as diferenças entre eles.

Hinos de louvor[6]

O "louvor" é o elemento mais forte em Salmos. Aliás, em hebraico, o título do livro inteiro é simplesmente "Os Louvores". Louvor não significa apenas dizer como você está feliz. O louvor também pode incluir lamento, conforme veremos adiante. Mas há muitos salmos que poderíamos chamar de "puro louvor". E consistem, é claro, em louvor a Deus. O mais curto dos salmos nos dá o exemplo perfeito dos elementos-chave desses hinos de louvor — o Salmo 117:

> Louvem o SENHOR todas as nações;
> louvem-no todos os povos.

Pois grande é o seu amor por nós;
a fidelidade do SENHOR dura para sempre.
Louvado seja o SENHOR!

A estrutura é:

Convocação ao louvor
Pode ser uma convocação genérica, ou dirigida a outros israelitas, ou (como neste caso) ao restante do mundo. Pode ser curta ou expandida. E, às vezes, fica apenas implícita e o salmo já começa com o louvor a Deus.

Motivos para o louvor
Esse é o elemento central. Com frequência, mas nem sempre, é introduzido pela palavra "Porque". O salmista está dizendo: "Estou chamando vocês para louvar o SENHOR Deus, e é por isto que devem fazê-lo". São expressos todos os tipos de motivos nos hinos de louvor, mas, em geral, eles fazem uma destas duas coisas (ou ambas): ou *descrevem* quem é Deus (sua grandeza, seu caráter, sua bondade, fidelidade etc.) ou *declaram* aquilo que Deus fez (seus grandes atos na criação e na redenção). O louvor de Israel sempre era

repleto de conteúdo e consistência. Os salmistas não estavam apenas alardeando sentimentos felizes e fazendo barulho. Tinham *motivos* para que as pessoas louvassem a Deus — todos os motivos que você puder imaginar.

Um chamado renovado ao louvor

Outra vez, é possível que seja curto (apenas um breve "Aleluia" para finalizar!) ou mais ampliado e reflexivo. Às vezes, pode levar a um chamado para *confiar* em Deus, pelos mesmos motivos que fomos chamados a *louvá-lo*. Veja, por exemplo, o Salmo 33. Ele começa com um chamado ao louvor (v. 1-3) e termina com uma afirmação de confiança e esperança (v. 20-22). Entre um e outro, apresenta o motivo para o louvor e a base da esperança. Trata-se de um clássico hino de louvor.

Em alguns aspectos, os hinos de louvor são os salmos mais objetivos para pregação. Seu foco principal se encontra no próprio Deus e têm o mesmo alvo como pregação bíblica: incentivar as pessoas a conhecer a Deus e adorá-lo por aquilo que ele é e faz.

Eis uma dica para "entrar" nos salmos de louvor: quando você ler aquilo que o salmista diz sobre Deus, coloque-se na situação dele — um israelita ancestral, séculos antes de Cristo — e pergunte-se: "Como você sabe disso acerca de Deus?".

Exemplo

Volte ao **Salmo 33**. O salmista diz (v. 4-5, NVI):

> Pois a palavra do SENHOR é verdadeira;
> ele é fiel em tudo o que faz.
> Ele ama a justiça e a retidão;
> a terra está cheia da bondade do SENHOR.

Quando prego sobre esse salmo, digo: "Vamos perguntar ao salmista: 'Como você sabe essas coisas sobre YHWH, o Deus de Israel?'". Então, imagino o salmista falando: "Deixe-me contar nossa história para você. Nosso Deus provou sua fidelidade, justiça e bondade nos grandes eventos do êxodo e da peregrinação pelo deserto. É assim que

sabemos quem é Deus, e é por isso que o louvamos".

Isso, no entanto, levanta outra pergunta (e mais uma vez, em nossa pregação, podemos questionar o salmista em nossa conversa imaginária): "Você diz que toda a terra está cheia da bondade de Deus. Mas como isso pode ser verdade? Como toda a terra pode experimentar o que Israel sabe sobre a fidelidade, a justiça e a bondade transformadores de Deus?". O salmista responde a seu questionamento destacando que o Deus que resgatou Israel também criou o universo inteiro. As estrelas, o mar e a terra — tudo isso provém dele, por isso ele tem poder para governar o planeta (v. 6-9). E ele *de fato* o faz. O salmista então prossegue dizendo que o Deus que criou a terra também controla a história (v. 10-11). Ele tem todos os habitantes da terra sob sua responsabilidade (v. 13-15). Logo, o melhor lugar para depositar a confiança não é em recursos humanos, mas somente em Deus (v. 16-19). E é isso que os

cantores do salmo fazem ao final dele (v. 20-22).

Notou que, ao se colocar no mundo do autor, você é levado a compreender a percepção que ele tinha de Deus com base nas coisas que ele sabia na época sobre a história de Israel? É claro que agora sabemos ainda mais. Sabemos que foi por intermédio de Cristo que Deus criou, resgatou e governa o mundo. Cristo é o Senhor dos céus e da terra, bem como o Senhor da história. Logo, podemos conectar as grandes verdades bíblicas do Novo Testamento aos louvores do Antigo. Essa é uma boa pregação bíblica!

Ações de graças[7]

As ações de graças são semelhantes ao louvor, porém mais concentradas em algo específico que Deus tenha feito na experiência do autor do salmo ou das pessoas com quem este deseja cantá-lo.

A maioria dos salmos de ações de graças foi escrita por indivíduos que mencionam um ato de Deus pelo

qual são gratos. Pode ser o livramento de inimigos, enfermidade ou morte; vitória na batalha; ou perdão dos pecados. Com frequência, incluem outros elementos, como levar uma oferta de gratidão em cumprimento a um voto, ou dar testemunho dentro do louvor da congregação.

Algumas ações de graças são comunitárias, quando todo o povo agradece a Deus por uma boa colheita ou pelo livramento de inimigos (p. ex., Sl 65; 124).

A gratidão é mais que uma emoção. Trata-se de uma disciplina espiritual muito importante. Podemos usar tais salmos para incentivar nosso povo a dar graças a Deus com sinceridade e regularidade. Essa é uma parte essencial da vida cristã saudável.

Lamentos

Na verdade, esta é a maior categoria. Cerca de dois terços dos salmos incluem alguma forma de lamento, e há uns poucos que não contêm quase nada além de lamento! São cânticos de protesto, de aflição, de sofrimento e dor. Muitos deles são lamentos individuais,[8] ao passo que outros são lamentos

comunitários entoados por todo o povo em momentos de terrível angústia.[9]

Isso não é meio surpreendente? Temos um livro cujo título é "Os Louvores", porém o maior grupo de "louvores" é formado, na realidade, por *lamentos*! Isso pode parecer contraditório para nós, mas é porque costumamos pensar em "louvor" somente como algo que fazemos quando nos sentimos felizes e alegres. Para Israel, porém, o louvor era algo muito mais profundo que isso. Ele podia acontecer até nos momentos mais sombrios — aliás, *especialmente* nesses momentos.

Para Israel, louvar a Deus significava *reconhecer a realidade e a presença divina.* Louvar era afirmar que o SENHOR Deus de Israel é o único Deus verdadeiro e vivo. O louvor descrevia o caráter de Deus e declarava seus atos. Em essência, louvar era falar de Deus. Louvar consiste em prostrar-se na presença de Deus (a despeito de quais sejam as circunstâncias) e afirmar: "Deus está vivo e está aqui. Ele é assim e tem feito isto".

Mais ainda, louvar significa colocar *toda a vida* na presença de Deus da mesma maneira. Não só as

partes boas da vida sobre as quais queremos dizer: "Muito obrigado". Mas também os aspectos difíceis e confusos, que nos fazem querer clamar: "O que está acontecendo?". A questão é que os salmistas entravam na presença de Deus para reconhecer a realidade divina, não importa como estivessem se sentindo — e essa era uma forma de louvor. Eles levavam tudo de si para o todo que sabiam de Deus. Por isso, quando a vida era dolorosa, insuportável ou simplesmente incompreensível, eles lançavam tudo isso sobre Deus e clamavam a ele. Note que as pessoas lamentavam *para ele*, e não *sobre ele* para outras pessoas, como fazemos com tanta frequência com nossas reclamações. Não, elas levavam tudo à presença de Deus e ali permaneciam, de pé ou ajoelhadas, chorando, questionando, esperando...

Penso que perdemos alguma coisa na adoração cristã porque quase não permitimos nem a nós mesmos nem aos outros fazer isso. Ignoramos os salmos de lamento. Em vez disso, tentamos fingir que todos estão ou deveriam estar felizes. Subentendemos (ou até dizemos) que, se você não estiver alegre e feliz durante a adoração, há algo errado com você ou com sua fé. Não incentivamos ou permitimos que as

pessoas sejam *honestas* na adoração e verdadeiramente se envolvam com Deus em meio a suas lutas.

Algo que realmente me incomoda em alguns cultos é quando o líder de louvor começa dizendo mais ou menos o seguinte: "Bem, todos nós tivemos muitas coisas na nossa mente e na nossa vida ao longo da semana. Enfrentamos todo tipo de problemas e, quem sabe, coisas tristes ou difíceis. Mas vamos deixar tudo isso de lado, esquecer de nós mesmos, e apenas entrar na presença de Deus e adorá-lo". O que há de bom nisso? Quer dizer então que você deixa os problemas na porta da igreja ao entrar e depois pega todos de volta quando estiver saindo? Você não os colocou diante de *Deus* e fez as perguntas difíceis que realmente o estão incomodando. *Sua realidade não tocou a realidade de Deus.* E, por esse motivo, tudo que você fez ou cantou na igreja não foi realmente "louvor a Deus" — pelo menos, não no sentido que os salmistas reconheceriam como louvor. Pois eles não "deixavam simplesmente os problemas de lado". Pelo contrário. Eles permitiam que Deus soubesse tudo acerca de seus problemas em termos bem claros. Clamavam, gritavam, reclamavam, protestavam, ficavam bravos e lutavam — mas faziam isso na

presença de Deus, confiando em sua fidelidade e em seu poder.

Os salmos de lamento também têm uma estrutura típica, que é mais ou menos a seguinte:

- Deus, estou sofrendo demais aqui.
- Deus, todos estão contra mim ou rindo de mim. É horrível e não é nada justo.
- Deus, tu não estás fazendo nada para me ajudar agora, e preciso desesperadamente de ti.
- Por favor, por quanto tempo isso continuará? Será que precisarei esperar para sempre?
- Mas, Deus, eu ainda confio em ti e continuarei a te louvar, não importa o que aconteça.

O último elemento pode ser encontrado na maioria dos salmos de lamento. Há uma substituição do sofrimento e da dor do lamento por alguma expressão de esperança, confiança ou expectativa de livramento e louvor renovado. No Salmo 73, isso acontece no momento em que o salmista sai para adorar com outros fiéis, o que o ajuda a colocar as coisas na perspectiva certa (Sl 73.15-28). Em alguns casos, porém, o lamento dura até o fim do salmo e o

salmista não parece encontrar nenhum consolo. Isso ocorre no Salmo 88, que provavelmente é o mais sombrio de todos os salmos de lamento — tanto que termina na escuridão. Tenho certeza de que, ao longo das eras, ele fala a muitos que não encontraram fim para seu sofrimento, pelo menos não nesta vida.

Separe algum tempo para ler uma seleção dos salmos de lamento listados nas notas de rodapé. Tente *senti-los.* Procure entrar nas várias situações que levaram a tal linguagem. Observe a sequência típica acima e, em particular, como a mudança para fé renovada e louvor só acontece depois que o cantor expressou completamente como são terríveis seus sofrimentos ou sua angústia.

Então, deixe-me fazer duas perguntas:

- Em primeiro lugar, se você é pastor, permite que suas ovelhas pensem ou digam as coisas que os salmos de lamento expressam? Ou lhes diz que os cristãos não devem dizer esse tipo de coisa? Se Deus colocou esses salmos na Bíblia, certamente devemos incentivar as pessoas a conhecê-los e usá-los nos momentos em que se sentem da mesma maneira que os salmistas. Não abafemos as

palavras do próprio Deus quando as pessoas precisam proferi-las. Não forcemos as pessoas a ser desonestas naquilo que cantam e oram.

- Você já pregou ou ensinou sobre um salmo de lamento ou pregou uma série acerca de vários deles? Se não, penso que você esteja privando sua congregação de uma parte importante das Escrituras e de um recurso valioso para momentos de sofrimento e necessidade. Deus os colocou na Bíblia. Aliás, ele colocou *vários deles* na Bíblia, como para nos dar muitas palavras para cada situação. Vamos deixá-las à disposição de nosso povo!

Salmos de Sião

Os israelitas sabiam que podiam orar a Deus em qualquer lugar (como Jonas descobriu). Mas o centro de sua adoração se encontrava no templo de Jerusalém. Aquele era o lugar onde o nome de Deus fizera morada, conforme diz a Bíblia. E, quando Salomão dedicou o templo, o que mais destacou foi que aquele era um local de oração (1Rs 8).

Por esse motivo, alguns salmos celebram o lugar em si — o templo, a cidade de Jerusalém, ou Sião,

conforme se tornou conhecida. Originalmente, os salmos de Sião foram compostos sobre a cidade ou as coisas que aconteceram ali.[10] Mas Sião também simbolizava o próprio povo de Deus, reunido na adoração da aliança e no compromisso com ele. Por isso, alguns dos salmos de Sião falam claramente sobre o povo, e não apenas sobre o lugar. Tratam do amor de Deus por seu povo, a proteção que ele lhe dispensa e o fato de habitar em seu meio. Podemos pregar e ensinar sobre tais salmos com a mesma mensagem básica, uma vez que, em Cristo, nós nos tornamos esse templo, o local da morada de Deus por intermédio de seu Espírito (Ef 2.21-22).

Os israelitas saíam de outras partes da terra para ir a Jerusalém, sobretudo para as grandes festas anuais. Eles esperavam ansiosos a chegada à cidade, a visita ao templo e a adoração comunitária a Deus. Por isso, foram compostos vários cânticos para acompanhá-los na jornada a Jerusalém. São os cânticos de peregrinação.[11] Expressam o anseio por estar na presença de Deus, as dificuldades e os perigos da jornada, bem como a alegria de adorar com o povo de Deus. Não é difícil traduzir tais coisas para o âmbito

cristão. Aliás, Hebreus nos conta que, mediante Jesus Cristo, chegamos "ao monte Sião" pela fé (Hb 12.22), para adorar o Deus vivo junto com todos os seus santos e anjos.

Salmos reais

Depois que Davi, o autor de muitos salmos, foi coroado rei sobre todo o Israel em Jerusalém, a cidade se transformou não só no local do templo, mas também na "cidade de Davi". Era ali que ficava o palácio e o trono dos reis. Primeiro, Davi e Salomão reinaram sobre todas as tribos de Israel e, depois, os reis de Judá continuaram a governar em Jerusalém. Tal situação perdurou até o fim da linhagem de descendentes de Davi. Em 587 a.C., a cidade e o templo foram destruídos por Nabucodonosor. O último rei a reinar em Jerusalém foi Zedequias. E o último rei da linhagem de Davi, Joaquim, morreu no exílio na Babilônia, para onde fora levado cativo em 597 a.C. Até essa época, porém, foram escritos muitos cânticos sobre o rei ou para o rei. É possível que alguns deles tenham sido compostos na época da coroação. Outros foram escritos para apoiar o rei

quando este saía em batalha. São conhecidos como "salmos reais".[12]

Em certo sentido, o rei humano sobre o trono de Davi representava o fato de que Deus é o verdadeiro Rei de Israel (e do mundo). Por isso, alguns dos salmos apresentam uma imagem idealizada de quem o rei deveria ser e do que deveria fazer, a fim de refletir o reinado de Deus e seu caráter. O mais claro dentre esses é o **Salmo 72**. Trata-se de um salmo de (ou para) Salomão e o retrata em termos bastante elogiosos.

Todavia, depois que a linhagem de reis descendentes de Davi chegou ao fim, para quem ou sobre quem tais salmos seriam cantados? A partir do exílio, eles passaram a ser interpretados *de maneira messiânica*. Ou seja, expressavam a esperança e a expectativa de que, um dia, Deus levantaria um rei da linhagem de Davi para ser o verdadeiro Rei de Israel. Ele seria o ungido de Deus por meio de quem Deus verdadeiramente dominaria como Rei.

Sabemos que essa esperança se cumpriu por meio de Jesus Cristo, o Filho de Davi. É por isso que o Novo Testamento pode pegar muitos desses salmos reais e

aplicá-los, de diferentes formas, a Jesus — sobretudo o Salmo 110, o mais citado no Novo Testamento. Assim, quando ensinamos e pregamos sobre eles, podemos e devemos fazer uma conexão apropriada com Jesus. Antes, porém, precisamos nos lembrar que foram escritos *primeiro* para ou sobre um dos reis de Israel da linhagem de Davi. Um bom exemplo desse caso seria o Salmo 22, um salmo de Davi.

Exemplo: Salmo 22

Jesus citou o primeiro versículo do Salmo 22 na cruz: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?". Fica claro que Jesus se sentia na mesma situação que Davi em sua aflição. Seus sofrimentos poderiam ser descritos da mesma maneira, sobretudo nos versículos 6-18. Por isso, Jesus exclamou as palavras de abertura do salmo, como se estivesse dizendo: "Estou exatamente na posição de tudo que esse salmo diz". Por esse motivo, com frequência, o salmo tem sido considerado profético — apontando

para o sofrimento do Messias e, em especial, para a cruz.

Não discordo disso. Afinal, foi o próprio Jesus que trouxe o salmo para sua situação. Mas precisamos tomar cuidado. Depois de tudo que conversamos no capítulo 4, não deveríamos simplesmente dizer: "O Salmo 22 é todo *sobre* Jesus", como se não passasse de uma predição. Ele foi escrito originalmente por alguém que estava sofrendo muito e que descreve seu sofrimento por meio de uma série de imagens, *sobretudo metafóricas.* Ele está cercado por inimigos que o atacam (v. 12-13,16). Sente-se paralisado pelo medo (v. 14). Não pode falar em sua defesa (v. 15). É como se estivesse amarrado ao chão, sem poder se mover (v. 16b). Ele se sente vulnerável e exposto à vergonha pública (v. 17). É tratado como se já estivesse morto e seus bens fossem a leilão (v. 18).

Algumas das imagens que o autor do Salmo 22 usou para descrever seu sofrimento se tornaram vívida e literalmente reais na experiência de Jesus (sede, perfuração e a

divisão de suas roupas). Mas outras não (touros, leões e cães). Portanto, devemos considerar esse salmo uma descrição extraordinariamente vívida e perceptiva do sofrimento — um sofrimento que Jesus suportou infinitamente mais que o autor original. Mas não foi uma mera "predição" que "se tornou realidade" na cruz (caso contrário, precisaríamos explicar a ausência dos touros, leões e cães, que não "se cumpriram").

O mais significativo na conexão entre o Salmo 22 e Jesus é como o salmo passa surpreendentemente para a libertação e o louvor (v. 22-31). O salmista confia no livramento de Deus e relaciona isso com a salvação final do mundo inteiro efetuada por Deus (que visão!). Jesus, é claro, não orou para ser livrado *da* cruz. Embora tenha morrido em agonia, não morreu em desespero. Ele confiava que Deus o ressuscitaria dos mortos e que sua morte e ressurreição trariam a vitória final que levaria todos os confins da terra a louvarem a Deus (v. 27). Por isso, é provável que seu brado final, "Está consumado", também ecoe a

última frase do Salmo 22, "Ele agiu poderosamente".

Por isso, ao pregar ou ensinar sobre o Salmo 22, não fique somente na primeira metade e em como ela aponta para Jesus na cruz. Certifique-se de passar para a segunda metade e mostrar como ele aponta para a vitória de Jesus e o plano da missão de Deus de levar o mundo inteiro a adorá-lo e louvá-lo.

CÂNTICOS EM COLETÂNEA

Você já se perguntou por que Salmos é dividido em cinco livros? (Não vou deixá-lo em uma situação embaraçosa perguntando *se* você já sabia disso!) Ele está. Pegue sua Bíblia e você descobrirá o seguinte:

- Livro I: Salmos 1—41
- Livro II: Salmos 42—72
- Livro III: Salmos 73—89
- Livro IV: Salmos 90—106
- Livro V: Salmos 107—150

A primeira coisa que isso mostra é que Salmos não é uma mistura aleatória de cânticos de louvor. Alguém daquela época os editou no formato que temos hoje e os reuniu dessa maneira em uma coletânea estruturada. Infelizmente, essa pessoa não anotou os motivos que a levaram a isso, então precisamos pensar por nós mesmos. Já foram apresentados todos os tipos de ideias, mas três delas me parecem mais úteis.

Reflexo da Torá

Uma possível razão é refletir os cinco livros da Torá, o Pentateuco (Gênesis a Deuteronômio). Essa ideia ganha força quando lemos o Salmo 1. Algo interessante é o seguinte: já dissemos que Salmos é chamado de "Os Louvores" em hebraico. Mas começa com um salmo sobre a Torá![13] O Salmo 1 é uma espécie de prefácio para o livro inteiro. Parece estar dizendo: "Neste livro, adoraremos a Deus de todas as maneiras. Aqui há uma coletânea de cânticos para todas as ocasiões. Antes de começar, porém, lembremo-nos que a adoração é para a *vida*, e não só para os sábados e dias de festa. E existem somente duas maneiras de viver: a *maneira dos justos* e a *maneira dos ímpios*. Eis a diferença".

O Salmo 1, então, descreve como é bem-aventurada e frutífera a pessoa que tem prazer "na lei do SENHOR", ou seja, na Torá. Em seguida, como para provar o argumento, descobrimos que o livro inteiro de Salmos é subdividido em cinco livros, assim como a lei de Moisés, e tem o mesmo propósito. A adoração é um guia para a vida. Ela nos mantém andando no caminho do SENHOR.

Do lamento para o louvor

A segunda coisa a se observar sobre a estrutura dos cinco livros é que cada um deles termina com uma doxologia — palavras de louvor a Deus e um "Amém" duplo (veja o último versículo de Sl 41; 72; 89; 106). Aliás, o Livro V termina com cinco salmos inteiros que começam e terminam com "Aleluia!". Ainda há pouco, estávamos pensando sobre os salmos de lamento e em como eles são numerosos. Note, porém, que quase todos os salmos de lamento se encontram nos Livros I—III, e a maioria consiste em lamentos *individuais.* Ao entrar nos Livros IV e V, a nota de ação de graças e louvor é bem mais dominante e a ênfase recai sobre a comunidade em adoração. Em outras palavras, analisando o livro

como um todo, há uma alteração gradual do lamento para o louvor, do individual para o comunitário. Isso não deve ser acidental. Reflete o que encontramos no Salmo 73, em que um israelita que estava lutando com a fé por causa da prosperidade dos ímpios vai adorar com todo o povo de Deus e volta a confiar, louvar e a entender mais profundamente. De igual modo, o livro como um todo transmite a mensagem: há muitos motivos na vida para lamentar e protestar com Deus, muitas coisas que nos causam dor e sofrimento, mas, no fim, descobrimos que Deus atende às nossas maiores necessidades e podemos confiar nele. Juntos, podemos continuar a lhe render louvores e, por fim, o louvor preencherá toda a nossa vida. Aleluia!

Seguindo a história de Israel

Terceiro, parece que os salmos foram organizados, em sentido amplo e geral, de uma maneira que acompanha a história de Israel no Antigo Testamento. É mais ou menos assim:

- Nos Livros I e II, há vários salmos ligados ao início da vida de Davi e então à sua ascensão até se

tornar rei — o "filho de Deus" ungido (Sl 2). O Livro II termina com um retrato do rei ideal, na oração por Salomão no Salmo 72.

- Mas o Livro III começa, estranhamente, com uma imagem muito contrária (Sl 73). Os ímpios continuavam a prosperar, assim como aconteceu ao longo dos reinados dos monarcas que sucederam Salomão. O Salmo 78 narra o fracasso e a rebelião de Israel por muitas gerações. O Salmo 79 consiste em um claro retrato da destruição de Jerusalém e do templo em 587 a.C. Então, o Livro III termina no Salmo 89 com o povo lembrando tudo que Deus havia prometido a Davi, mas como aquelas coisas tinham dado errado com o fim da linhagem de Davi e o exílio. Um enorme ponto de interrogação paira no ar — assim como ocorreu com os exilados e conforme encontramos em Lamentações.
- O Livro IV começa com o sóbrio lembrete de que o único lugar seguro é confiar em Deus, assim como Moisés fizera (Sl 90 se chama "Oração de Moisés, homem de Deus"). No meio do livro, há uma concentração de salmos que proclamam que YHWH, o SENHOR, é rei (93; 96—99). Mesmo

sem nenhum filho de Davi no trono de Jerusalém, Deus continua no trono do universo, e Israel precisa aprender a confiar nele novamente. Mas o livro termina lembrando mais uma vez o registro histórico da falha e rebelião de Israel, um povo que necessitava desesperadamente de salvação (106.47)!

- O Livro V começa com uma celebração da redenção divina, descrevendo o primeiro êxodo a fim de contar a Israel que haverá um novo êxodo, maior que o primeiro (assim como no Salmo 114). Os exilados provarão "a bondade do SENHOR". Os cânticos de peregrinação a Sião serão mais uma vez o júbilo daqueles que estão voltando para Deus e provaram de seu poder salvador. Assim, toda a coletânea termina em uma efusão de louvor a Deus.

Como eu disse, isso ocorre em sentido "amplo e geral", e não devemos tentar espremer cada salmo individual nesse esquema. Mas parece, sim, haver certo fluxo histórico ao longo do livro inteiro que se equipara aos grandes momentos da história do Israel do Antigo Testamento. A adoração de Israel estava

ligada à sua história. Eles estavam "caminhando" ao lado de Deus havia séculos, e seus cânticos refletiam isso.

Talvez você esteja se perguntando: "Qual é o objetivo de tudo isso para a pregação e o ensino?". Não espero que você mencione tudo isso em um sermão, mas, se estiver fazendo estudos bíblicos com sua igreja, pode ser útil. Contudo, creio que sempre ajuda ver qualquer livro da Bíblia *como um todo*. E, quando fazemos isso com o enorme livro de Salmos, essas são algumas de suas características e seu possível significado. É claro que ainda precisamos estudar e pregar cada salmo individualmente, mas, ao perceber de onde vem o salmo dentro dessa estrutura abrangente da coletânea inteira e da maneira que ela foi organizada, é possível apreciar sua mensagem com maior profundidade.

14

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NOS SALMOS

Por que pregamos sobre a Bíblia? Certamente porque queremos que as pessoas *conheçam a própria fé*, ao compreender de maneira mais completa tudo que Deus fez por elas. E também porque desejamos que *conservem a fé que professam*, ao prosseguir ao lado de Deus, mesmo em meio a dificuldades e sofrimento. Pregamos tanto para *ensinar* a fé quanto para *fortalecê-la.* Se esse é o caso (e espero que você concorde), então Salmos deve aparecer com regularidade em sua agenda de pregações. Pois os salmos fazem essas duas coisas, vez após vez.

CÂNTICOS PARA A FÉ

Declarando a fé do povo de Deus

Já foi dito que Salmos reúne toda a teologia do Antigo Testamento em adoração. Eu iria além. Penso que Salmos exprime a teologia da Bíblia inteira. É claro que foi composto no Ato 3 da Bíblia, antes de Jesus nascer, viver, morrer e ressuscitar (a história do evangelho no Ato 4). E vem antes do Ato 5, a grande expansão missionária da igreja de Atos em diante. Ainda assim, Salmos antecipa a grande história do Novo Testamento. E aqueles que fizeram parte da história do Novo Testamento — Jesus e seus discípulos — usaram Salmos com frequência para ajudar as pessoas a entender quem Jesus era e o que os acontecimentos significavam.

Pense mais uma vez na grande história da Bíblia, de acordo com os seis atos que apresentamos no capítulo 2. Salmos é relevante para todos os seis, conforme mostra a tabela abaixo. Assim, se você planeja pregar ou ensinar durante um período mais longo (de pelo menos vários meses), abordando todos os seis atos da grande história da Bíblia, pode incluir pelo menos um ou dois salmos em cada seção. E, quando pregar ou

ensinar sobre Salmos (mesmo que não seja em uma série desse tipo), não se esqueça de mostrar as conexões do salmo com a grande história da Bíblia. As pessoas precisam saber que sua *fé pessoal* está ligada à *Fé* — às grandes verdades de toda a Bíblia que o povo de Deus recebeu e transmite de uma geração para a outra. Compartilhamos a fé dos salmistas porque também compartilhamos de sua história.

Ato 1	Criação	A criação e o Criador aparecem nos salmos com frequência.
Ato 2	A queda	A realidade do pecado e do mal é exposta vividamente. Os salmos têm muito a dizer sobre a maldade em todas as suas formas.
Ato 3	A promessa — Israel do Antigo Testamento	A história de Deus com Israel, desde Abraão, é lembrada com frequência nos salmos. O caráter de Deus como Redentor é proeminente. O tema do êxodo aparece repetidas vezes. Os “atos

		poderosos" de Deus são celebrados.
Ato 4	O cumprimento em Cristo	Os salmos preveem a identidade de Jesus (Filho de Davi) e a chegada do reino de Deus. Jesus usou os salmos com frequência para mostrar quem ele era e o propósito de Deus para sua vida.
Ato 5	A missão da igreja	Alguns salmos proclamam enfaticamente o propósito salvador de Deus para todas as nações e a expectativa de que todas as nações irão adorá-lo (ver abaixo, Ato 6).
Ato 6	A nova criação	Alguns salmos falam sobre o reino de Deus e adiantam a alegria de toda a criação quando Deus endireitar todas as coisas (p. ex., Sl 96; 98).

Pense mais uma vez nos antigos israelitas entoando esses cânticos vez após vez. O que eles aprendiam? Do

que eram lembrados? O que declaravam acerca de Deus, do mundo, de si mesmos e do futuro? A adoração em Israel era uma *educação* constante nos aspectos essenciais de toda a sua fé e visão de mundo. E não pode haver dúvidas de que era exatamente isso que Deus queria para eles. Enquanto cantavam e cantavam essas músicas, *aprendiam* a essência de sua fé.

É por isso que é tão importante pregar e ensinar os salmos, bem como incentivar nosso povo a lê-los por si com regularidade. A propósito, também é por esse motivo que devemos prestar atenção àquilo que *nós* cantamos em nossos momentos de louvor. As pessoas passam a acreditar inconscientemente naquilo que cantam com frequência. Precisamos garantir que essas letras e canções expressem toda a amplitude de nossa fé bíblica. Muitos cânticos modernos de louvor parecem superficiais e vazios em comparação com os salmos!

Sustentando a fé do povo de Deus

A fé, contudo, é provada. O Antigo Testamento está cheio de histórias que mostram isso. E os salmos procuram encorajar o povo de Deus a continuar

confiando em Deus e lhe obedecendo, mesmo durante tempos difíceis ou quando são tentados a fugir em outras direções. Às vezes, os salmos fazem isso de forma muito positiva — simplesmente chamando os adoradores a se lembrar de como Deus é grande e a continuar a confiar nele (Sl 46). Ou um indivíduo dá testemunho de como Deus o apoiou em meio a problemas ou o resgatou de perigos (Sl 40). São salmos que *incentivam* a esperança e *fortalecem* a fé. Às vezes, fazem isso de modo mais negativo, narrando ocasiões na história de Israel em que o povo se rebelou contra Deus e sofreu por causa disso (Sl 106). São salmos que *advertem* contra a infidelidade e a rebelião.

Tais experiências e provas são comuns ao povo de Deus de todas as eras. Portanto, certamente podemos pregar e ensinar sobre esses salmos a fim de sustentar a fé das pessoas, sobretudo em meio a desafios ou sofrimento. Foi isso que Pedro fez. Leia 1Pedro e observe quantas vezes ele cita textos do Antigo Testamento, em especial de Salmos, a fim de animar seus leitores em meio ao sofrimento.

Lista de conferência

Aqui estão algumas perguntas que podem ajudá-lo quando você for pregar ou ensinar um salmo que acha que poderá instruir as pessoas ou fortalecê-las na fé. Mas lembre-se: a *primeira* coisa que você precisa fazer (como é o caso em cada passagem das Escrituras) é ler o salmo com muito cuidado por si só. Cada salmo tem um tema principal e estrutura própria. Você deve estudá-lo até ser capaz de resumir sua ideia principal e esboçar seu fluxo de pensamento. Depois, pense sobre estas coisas:

- O que este salmo ensina sobre Deus? Que imagens são usadas para Deus? Que características de Deus são mencionadas? Que ações de Deus são contadas — no passado, presente ou futuro? Como você acha que o autor sabia tudo isso sobre Deus? Onde ele aprendeu tais coisas?
- Que acontecimentos da história de Israel são mencionados (se houver algum)? O que Israel deveria aprender com esses eventos?

- Que verdades sobre o mundo, o povo de Israel ou outras nações são mencionadas ou subentendidas?
- Que motivos o salmo apresenta para confiar em Deus, ou para lhe obedecer, ou ainda para não desistir da fé?
- De que maneiras este salmo se conecta com o Novo Testamento, com Cristo, o evangelho ou a igreja?
- Este salmo é citado no Novo Testamento? Se for, por quais razões?
- Como, então, devemos reagir a este salmo em nossa *compreensão* da nossa fé e na *perseverança* na nossa fé? O que podemos aprender que aumenta nosso conhecimento sobre Deus e nossa confiança nele?

CÂNTICOS PARA A VIDA

No último capítulo, observamos que o **Salmo 1** funciona como um prefácio para todo o livro de Salmos e relembra os israelitas de que adorar não diz

respeito somente ao modo como cantamos, mas, sim, ao modo como estamos vivendo.

Volte e leia o Salmo 1 devagar algumas vezes. Percebe a combinação poética de figuras? Existe o contraste agrícola entre uma árvore frutífera plantada perto de uma fonte de água e a palha inútil que é soprada para longe dos grãos de trigo. Essa metáfora tem "mão dupla". Há a séria figura de dois destinos: os justos que permanecerão seguros diante do juízo divino e os ímpios que serão destruídos. Trata-se de uma combinação curta, mas muito poderosa, de encorajamento e advertência.

O justo tem prazer na "lei do SENHOR" e nela medita. A palavra "meditar" (em hebraico) não significa simplesmente pensamento interior silencioso (como em português). Em geral, ela significa ler em voz alta (sozinho ou em grupo), recitar ou até mesmo cantar as palavras das Escrituras repetidas vezes. Trata-se de um engajamento ativo com o texto, "ruminando-o", conforme poderíamos dizer. Mas a palavra "prazer" tem o mesmo significado nos dois idiomas: deleitar-se com algo, apreciar e aproveitar. Temos prazer pelos bons amigos, por um presente amoroso, uma boa refeição, ou por um lindo dia. E o

justo, diz o salmo, encontra esse tipo de prazer nos ensinos de Deus em sua Palavra.

Observemos, em primeiro lugar, que essas duas palavras (prazer e meditar) não significam que o salmista esteja envolvido em uma atividade meramente emocional ou intelectual. Antes, essa pessoa ama a lei de Deus por *viver* dessa maneira. Ela a coloca em prática. Este salmo, a introdução do livro inteiro, proclama uma bênção sobre aqueles que *vivem* sua fé em Deus, *seguindo* as instruções divinas. Somente essas pessoas são capazes de adorar ao Senhor de maneira aceitável (conforme explicam melhor os Salmos 15 e 24).

Em segundo lugar, porém, note que esse indivíduo bem-aventurado não vê a lei como um fardo rígido e pesado de exigências que deveria cumprir ao pé da letra. Ele tem *prazer* na Torá! E sua vida é frutífera por causa disso. Não se trata de um código de escravidão religiosa, mas da receita para a liberdade responsável e a alegria de viver na presença do Deus vivo. A mesma mensagem é transmitida nos **Salmos 19 e 119** (vez após vez!).

A adoração, portanto, é uma experiência de aprendizado — ou deveria ser; e não somente de

aprendizado intelectual, mas *aprendizado para a vida*. Muitos dos salmos apresentam reflexões para a vida, sabedoria para tempos problemáticos e bons conselhos para viver de maneira agradável a Deus. Acima de tudo, eles fornecem constante incentivo para continuar a confiar em Deus e andar em seus caminhos, mesmo que o caminho dos ímpios pareça mais atraente. Às vezes, eles são chamados de "Salmos de Sabedoria", por serem semelhantes, em alguns aspectos, à mensagem que encontramos na literatura de sabedoria.[1]

Todavia, até mesmo os salmos que simplesmente louvam a Deus trazem lições de vida. Israel acreditava que o caráter do SENHOR, seu Deus, era o melhor indício de como ele desejava que o povo vivesse. Por isso, sempre que entoavam cânticos sobre como o SENHOR é fiel, verdadeiro, confiável, justo, compassivo, amável, cuidadoso e provedor, a implicação não dita, mas muito poderosa, era: "É assim que também devemos ser". A adoração nos leva a nos tornar semelhantes e a querer nos tornar semelhantes àquele a quem adoramos.

Às vezes, esse desdobramento é expresso com toda clareza. Os **Salmos 111 e 112** são dois bons exemplos. Ambos são "acrósticos", ou seja, cada verso do salmo começa com uma letra do alfabeto hebraico na sequência correta, como se fosse de A a Z. O Salmo 111 consiste em um cântico que descreve o caráter e relata as ações do SENHOR. Já o Salmo 112 é uma canção sobre o caráter e as ações daqueles que temem o SENHOR e têm "grande prazer em seus mandamentos" (ecoando Sl 1). Leia-os lado a lado. Você perceberá que várias das coisas ditas sobre Deus no Salmo 111 ecoam naquilo que se afirma sobre os justos no Salmo 112. Compare os versículos 3, 4 e 7 de ambos os salmos, e também 111.5 com 112.9. Os justos que vivem no temor do SENHOR serão cada vez mais parecidos com o Deus a quem adoram.

Logo, os salmos estão repletos de ensinamentos *éticos.* À medida que eram cantados repetidas vezes, entranhavam na mente e na consciência do povo de Israel um estilo de vida agradável a Deus, e advertiam contra o que não era. Por isso, podemos pregar e ensinar sobre eles com a mesma intenção — a de ajudar as pessoas não só a entender e conservar a própria fé, mas também a colocá-la em prática no

mundo lá fora. Há tanto a descobrir sobre nós mesmos, sobre a vida no mundo de Deus, sobre as tentações do pecado e do mal, sobre o que é justo e agradável a Deus! Há muitas pregações boas e bons ensinos nesses salmos!

Todavia, quando pregamos e ensinamos os salmos como cânticos para a vida, ou seja, cânticos que ajudam as pessoas a saber como viver, não podemos nos esquecer de algumas coisas:

- Em primeiro lugar, lembre-se que o ensino ético de Salmos era (e continua a ser) para aqueles que conhecem a grande história da salvação divina e pertencem ao povo de Deus. Conforme vimos com a lei, sempre devemos pregar acerca das instruções e dos ensinos bíblicos com base na graça divina, isto é, não como uma maneira de ganhar crédito com Deus. Vivemos em *resposta* a quem é Deus e àquilo que ele fez. Essa sempre deve ser nossa ênfase.
- Segundo, não esqueça que os salmistas viam a lei de Deus como um presente, uma alegria, um prazer (confira mais uma vez os Salmos 1 e 19), e não como um fardo. Então, use esses salmos para

ajudar as pessoas a *amar, apreciar e ter prazer em* viver em obediência a Deus. Não os pregue de uma maneira que crie os fardos do legalismo.

- Terceiro, embora alguns desses salmos falem de coisas boas que sobrevêm a quem vive em obediência aos caminhos de Deus, nunca devemos pregá-los como promessas e garantias celestiais. É isso que alguns pregadores da teologia da prosperidade fazem. Eles distorcem versículos como Salmos 34.10, "aos que buscam o SENHOR nada de bom faltará", transformando o texto em um pressuposto de que, se você tem fé suficiente, também terá saúde, riquezas e todas as coisas boas da vida. Mas os salmistas sabiam que, embora fosse correto, bom e bem-aventurado viver em fiel obediência a Deus, às vezes aqueles que assim vivem sofrem terrivelmente neste mundo caído cheio de mal ao redor. O Salmo 73 aborda exatamente esse problema. Não pregue os salmos despertando expectativas falsas ou egoístas.

CÂNTICOS PARA A MISSÃO

Às vezes, eu me pergunto o que se passava na cabeça de um ancestral israelita quando cantava alguns dos

salmos. Para falar a verdade, às vezes também me pergunto o que se passa na cabeça de alguns cristãos quando cantam as letras de nossos cânticos de louvor — mas nem vamos entrar nesse assunto! Mas ouça. Ali está um israelita, quem sabe mil anos antes de Cristo, quando Israel não passava de um pontinho no mapa-múndi e Jerusalém era uma cidade de tamanho modesto em uma pequena colina. No entanto, ele canta as seguintes palavras (destaquei as que parecem mais surpreendentes):

> *Todas as nações* que criaste virão e se prostrarão diante de ti, Senhor,
> e glorificarão o teu nome.
>
> Salmos 86.9

Em outro dia, ele canta:

> *Todas as nações* temerão o nome do SENHOR,
> e *todos os reis da terra*, a sua glória.
>
> Salmos 102.15, RA

Então, chega ao ponto de convocar todas as nações a dar uma salva de palmas ao SENHOR e se unir em

cântico:

> Batam palmas, vocês, *todos os povos*!
> Celebrem a Deus em alta voz!
>
> Salmos 47.1

> Cantem ao SENHOR um cântico novo!
> *Toda a terra* cante ao SENHOR!
>
> Salmos 96.1

Esses são apenas alguns dos muitos versículos ao longo do livro que estendem o horizonte da adoração a todas as nações e a toda a terra.[2]

Como é que os adoradores israelitas imaginavam que esse tipo de coisa poderia acontecer? Eu realmente não faço ideia. Mas eles tinham a imaginação e a fé necessárias para colocar tais expectativas em seus cânticos de adoração. Até Paulo chama isso de "mistério que esteve oculto durante épocas" (Cl 1.26, NVI). Isto é, os israelitas do Antigo Testamento acreditavam *que* Deus um dia cumpriria sua promessa a Abraão, e pessoas de todas as nações seriam tão abençoadas que iriam adorá-lo. Mas o mistério, aquilo que eles não tinham como saber, era

como Deus faria isso. É claro que agora nós sabemos. Pois, conforme disse Paulo, o mistério foi revelado *mediante o evangelho* (Ef 2.11—3.6). Foi por intermédio do Senhor Jesus Cristo que o caminho se abriu para gente de todas as nações se aproximar de Deus (incluindo você e eu). Paulo, em Romanos 15.11, cita o Salmo 117 ao lado de vários textos do Antigo Testamento que celebram de antemão a expansão missionária da igreja entre os gentios (que significam simplesmente "as nações").

Esses salmos fazem parte de um tema muito mais amplo que perpassa o Antigo Testamento, aguardando com expectativa que pessoas de todas as nações partilhassem da bênção e da salvação de Deus e o adorassem como eles faziam. Confira a gama de passagens nesta nota de rodapé[3] e observe, em especial, como o tema é proeminente em Isaías. Foi essa visão que inspirou Paulo e a igreja primitiva a levar as boas-novas de Jesus aos gentios — as nações não judaicas de sua época.

O que foi prometido no Ato 3 (bênção para todas as nações) foi realizado no Ato 4 (o evangelho de Jesus Cristo) e está se cumprindo ao longo do Ato 5 (a

disseminação do evangelho com a missão da igreja). E estará concluído no Ato 6, quando pessoas de todas as nações de fato se reunirão para adorar diante do trono de Deus (Ap 7.9-10). Esse é o contexto bíblico geral para esses salmos que retratam todas as nações e toda a terra louvando a Deus.

Percebe como entendemos a importância e o significado desses salmos quando os enxergamos à luz da história de toda a Bíblia? Eles não são apenas cânticos alegres de adoração com uma pontinha de imaginação poética por cima. Não são apenas exagero romântico, que falam sobre a terra inteira como alguém apaixonado diria à amada que ela é a mulher mais bela do mundo inteiro. Não, esses salmos estavam afirmando e celebrando a missão divina de levar bênção a todas as nações. Anteviam todas as nações chegando dos confins da terra para adorar a Deus. Eles fazem parte do evangelho bíblico! Devemos lê-los, pregá-los e ensiná-los à luz da promessa de Deus a Abraão, à luz da grande comissão de Jesus de fazermos discípulos de todas as nações e à luz do glorioso final da Bíblia em Apocalipse 21—22. Esse é o pano de fundo e o contexto apropriado de tais salmos.

EXEMPLO DE ESBOÇO

Amo pregar e ensinar com base em alguns desses grandes salmos "missionários", como 47, 67 e 87. Um dos meus preferidos é o **Salmo 96**. Ele começa convocando todos a cantar "um cântico novo". Faço dela a expressão-chave do esboço. Gosto de pregar sobre a passagem nos "domingos das missões mundiais".

UM NOVO CÂNTICO PARA UM NOVO MUNDO
Salmo 96

Três perguntas: No mundo atual, repleto de sofrimento, violência e mal:

- Ainda é possível crer nas antigas verdades do evangelho?
- É possível continuar acreditando nelas, mesmo cercados por deuses e ídolos de outros povos, inclusive outras religiões?

- É possível ter esperança de um mundo novo e melhor?

Este salmo responde "Sim!" às três perguntas.

Estrutura: Note que os versículos 1-9 se concentram na terra como lugar da habitação humana — pessoas e nações. Os versículos 10-13 focam a terra em si — a criação. Todos louvarão a Deus com "um cântico novo". O SENHOR reina sobre tudo (v. 10 é o ponto central do salmo).

Um novo cântico que faz reviver velhas palavras (v. 1-3)

O compositor começa com grande entusiasmo: "Cantem, cantem, proclamem, anunciem, contem!". Ele quer que cantemos "um cântico *novo*". Mas o conteúdo do cântico é cheio de *palavras velhas*, ou seja, de coisas sobre as quais Israel sempre havia cantado:

- O *nome* do SENHOR
- Sua *salvação*
- Sua *glória*

- Seus *feitos poderosos*

(Pergunte o que cada uma dessas palavras significava para um israelita do Antigo Testamento, em primeiro lugar, e o que elas significam hoje para nós por intermédio de Cristo.)

- O que faz dele um cântico *novo* é: onde ele seria cantado (em toda a terra) e quem se uniria em louvor (todas as nações). O velho cântico de Israel (sobre Deus e sua salvação) se transforma no novo cântico das nações. O velho cântico se torna novo quando é entoado por novas pessoas em novos lugares.
- É isso que a missão faz com o evangelho. A velha história é sempre nova quando novas pessoas, de todos os confins da terra, a escutam e nela creem. E essa é a tarefa da missão mundial. Nada pode mudar os fatos históricos fundamentais do evangelho, mas somos chamados a celebrá-los com novidade e frescor, bem como adaptá-los a

cada cultura, fazendo isso com alegria e cânticos.

A missão torna novos velhos cânticos.
A missão convida o mundo a ouvir a música e se unir em louvor.

Um novo cântico que destitui deuses antigos (v. 4-9)

- Este é um cântico para *YHWH, o SENHOR* — não para nenhum outro deus.
- Se as nações estão sendo convidadas a adorar o SENHOR, o Deus de Israel, elas também reconhecerão que todos os outros deuses são falsos e inúteis em comparação com esse Deus (v. 4-6). Logo, precisa haver uma destituição radical das velhas idolatrias. Pois somente YHWH é grande, digno de louvor e de ser temido (v. 4).
- Não importa o que "sejam" os outros deuses (coisas que tememos, amamos ou admiramos — todos os tipos de idolatria do mundo, e não só "outras religiões"), no

fim das contas, eles não são nada em comparação com o Deus vivo (v. 5-6).

- Por isso, as nações devem prestar adoração somente ao único Deus vivo (v. 7-9). Leia esses versículos com ênfase no *Senhor*: *seu* santuário... *seu* nome... *seus* átrios... *sua* santidade. Há um forte contraste (v. 5). O salmista não está convidando as nações a aceitarem YHWH como um de seus deuses, ao lado dos demais. Nada disso! Ele é o único Deus verdadeiro e vivo, por isso todos os outros falsos deuses devem sair de cena.
- A missão transforma o cenário religioso. Nós não *atacamos* outras religiões. Em vez disso, levamos as pessoas ao conhecimento do único Deus vivo que é digno de adoração. Assim, os outros deuses simplesmente perdem seu posto. Isso acontece à medida que a missão leva as pessoas a conhecer o Senhor Jesus Cristo.
- A missão mundial leva a grandes mudanças — nos indivíduos, nas famílias, em vilas, regiões e até culturas inteiras. Isso pode

acontecer depressa ou demorar centenas de anos. No fim das contas, porém, o novo cântico destituirá os deuses antigos.

A missão transforma o cenário religioso.

Um novo cântico que celebra o fim do velho mundo (v. 10-13)

- O versículo 10 é o ponto culminante e a tônica central do salmo: "Digam entre as nações: 'O SENHOR reina!'". YHWH sempre foi, é e sempre será o verdadeiro Rei do universo. Aqui, portanto, muito antes de Jesus pregar na Galileia, encontramos as boas-novas do reino de Deus.
- Mas a descrição do reino de Deus nestes versículos faz forte contraste com o mundo que conhecemos — o velho mundo caído do pecado e do mal. O salmo apela à nossa imaginação e nos convida a ver o mundo que Deus está criando e celebrá-lo em nosso novo cântico. Trata-se de um novo

mundo que vira nosso velho mundo de cabeça para baixo.
    - Um mundo de *confiabilidade* — "ele firmou".
    - Um mundo de *justiça* — "com imparcialidade".
    - Um mundo de *alegria* — "alegrem-se os céus e exulte a terra". Quando Deus vier "endireitar as coisas" (o significado de "julgar a terra"), toda a criação será incluída. O evangelho é holístico, e não só evangelístico; é ecológico tanto quanto teológico.
- Nosso velho mundo é o oposto de todas essas três coisas: é um lugar de instabilidade e caos, um lugar de injustiça e opressão, um lugar de sofrimento e tristeza, tanto para os seres humanos quanto para a natureza.
- Aguardamos com expectativa o novo mundo que Deus está criando. As missões mundiais olham para o futuro com uma visão que transcende e transforma o presente. Celebramos de antemão a "missão cumprida". E, na confiança dessa esperança

bíblica, saímos para participar da obra do reino de Deus, em palavras e ações. O salmo nos convida a olhar para cima, olhar para o futuro e celebrar o que Deus está fazendo, bem como aquilo que um dia realizará.

A missão proclama e celebra um novo mundo.

Esperança é a capacidade de ouvir a música do futuro.
Fé é a coragem para dançá-la hoje.

Autor desconhecido

UMA PALAVRA SOBRE OS SALMOS IMPRECATÓRIOS

Há alguns salmos difíceis de pregar e ensinar. Na verdade, é até difícil saber se devemos mesmo pregar ou ensinar com base neles. Alguns cristãos chegam a se perguntar por que eles estão na Bíblia. Refiro-me, é claro, àqueles salmos que pedem a Deus que derrame seu juízo sobre os ímpios — os salmos imprecatórios.

Aqui estão alguns deles. Não gaste muito tempo lendo-os agora, ou pode acabar deprimido!

Salmos 7; 10; 17; 35; 55; 58—59; 69; 83; 109.

Seguem-se alguns pensamentos que podem nos ajudar a pensar com mais clareza sobre eles:

- Eles fazem parte das Escrituras que Paulo diz serem "inspiradas por Deus" e "úteis" (2Tm 3.15-16), por isso não podemos simplesmente ignorá-los. Devem estar na Bíblia para um propósito, e precisamos aceitá-los como parte da mensagem geral do que Deus tem a nos dizer na Bíblia e aprender com o que podem nos ensinar.
- Jesus os conhecia, lia e estudava em seus anos de menino e jovem judeu. Também os cantava regularmente na sinagoga. Não temos o menor indício de que Jesus os rejeitou ou de que se sentia envergonhado por eles. No entanto, é fato que, em um momento crucial de sua vida, ele os *transcendeu*, conforme veremos.
- Precisamos entender o contexto no qual foram escritos. Esses salmos provêm do sofrimento intenso causado por pessoas que se comportavam perversamente. Isso pode ter ocorrido quando o

autor foi vítima de uma acusação injusta num tribunal, que colocou sua vida em perigo; ou quando mentiram para ele ou o traíram; ou ainda quando enfrentou inimigos violentos que queriam matá-lo. Sabemos, por exemplo, que Davi passou por esse tipo de situação, e é provável que muitos outros salmistas também.

- Mas não era somente quando as pessoas sofriam ataques *pessoais* que elas expressavam tais sentimentos. Às vezes, tratava-se de um anseio para que Deus detivesse a injustiça no mundo porque *outros* estavam sofrendo demais — os pobres, os famintos, os marginalizados etc. A maioria de nós já teve esse mesmo sentimento. Ficamos bravos e angustiados quando as pessoas fazem coisas desprezíveis e cruéis às outras. Desejamos que Deus as detenha!
- Por isso, talvez devêssemos parar de condenar de imediato os salmistas que expressam algumas palavras zangadas e rogam a Deus que aja — até que nos coloquemos no lugar deles. Pois há muitos cristãos em nosso mundo que sofrem graves injustiças e tais salmos lhes dão conforto, pois conseguem expressar *a Deus* aquilo que

anseiam, sem buscar vingança com as próprias mãos.

- Esse é outro ponto importante. O que os salmistas estão fazendo nesses salmos é *obedecer* à ordem divina de que *não* devemos nos vingar. Não procuramos "ficar quites" com aqueles que nos fazem o mal. Em vez disso, colocamos a questão nas mãos de Deus e deixamos que ele lide com os ímpios à sua maneira, em seu tempo. É isso que os salmistas fazem. Eles pedem a Deus que *faça aquilo que prometeu*, isto é, rebaixar os ímpios e vindicar os justos, endireitar as coisas, deter os malfeitores e fazer justiça em nosso mundo.
- Se você quer saber, eles às vezes parecem impacientes! Pedem a Deus que se apresse! E sugerem algumas atitudes que gostariam que ele tomasse! No entanto, precisamos nos dar conta de que, no mundo antigo (e ainda em muitas culturas tradicionais hoje), havia todo um catálogo de maldições que se podia mencionar. Eles tinham muitas frases feitas e estereótipos. Contavam com uma lista bem variada e um tanto quanto desagradável de maldições que podiam escolher. Por isso, ao ler algo como o Salmo 109,

por exemplo, não devemos imaginar que o autor queria dizer cada palavra ao pé da letra. Boa parte da linguagem é retórica e exagerada.

- Acima de tudo, é claro, precisamos avaliar esses salmos (assim como todo o Antigo Testamento) à luz da revelação e dos ensinos do Novo Testamento. E isso nos leva imediatamente a Jesus — tanto a seus ensinos quanto a seu exemplo.
- Jesus foi bem claro a esse respeito: seus discípulos deveriam abençoar os outros, e não amaldiçoar. Devemos amar nossos inimigos, e não procurar matá-los ou exigir que Deus o faça (Mt 5.43-48). Ele seguiu seu próprio ensino por ocasião de seu julgamento e crucificação. Cristo poderia ter amaldiçoado seus inimigos. Poderia ter recorrido a qualquer um desses salmos, se quisesse. Ninguém ficaria surpreso com isso. Mas, não, ele surpreendeu aquelas pessoas e a nós com suas palavras imortais: "Pai, perdoa-os...". Nesse momento, Jesus transcendeu os salmistas. Ele não disse que foi errado da parte deles pedir a Deus que julgasse os ímpios. Isso faz parte da mensagem inteira da Bíblia, que Deus cumprirá. Mas Cristo veio a fim de *salvar* os ímpios e, mesmo no

momento de sua morte, foi isso que pediu a Deus que fizesse.

- E, é claro, na cruz, Cristo não só suportou a maldição do pecado, como também se tornou maldição por nós. Dessa maneira, as orações dos salmistas para que Deus julgasse os ímpios se cumpriram. Deus *realmente* julga o pecado e o mal. Mas ele fez isso tomando sobre si essa maldição, na pessoa do próprio Filho.
- Portanto, assim como Estêvão, o primeiro mártir, devemos seguir o exemplo e o ensino de Jesus, orando até mesmo por aqueles que nos fazem mal (At 7.59-60). É extremamente difícil fazer isso. Na verdade, é impossível sem o amor e o poder transformador de Cristo dentro de nós. Mas também é o que o apóstolo Paulo ordena: "Abençoem aqueles que os perseguem. Não os amaldiçoem, mas orem para que Deus os abençoe" (Rm 12.14,17-21).

O que, então, devemos fazer com esses salmos?

Creio que podemos ajudar as pessoas a entendê-los com cuidado, da maneira que acabo de delinear. *Nunca* podemos usá-los para amaldiçoar diretamente

qualquer pessoa em particular ou um grupo de pessoas. Somos proibidos de fazer isso. Mas *podemos* orar esses salmos em sentido muito geral com o anseio de que Deus traga justiça ao mundo e impeça que os malfeitores causem tanta dor e tanto sofrimento aos outros. Assim como Jesus, porém, não devemos orar para que Deus os julgue sem também pedir e desejar que se arrependam e sejam perdoados por Cristo, que morreu por eles.

Lembre-se, toda vez que fazemos a Oração do Pai Nosso, pedimos: "Venha o teu reino". Trata-se de uma oração para que Deus endireite as coisas no mundo e, quando o reino de Deus enfim for estabelecido por ocasião do retorno de Cristo, haverá o juízo e a destruição final daqueles que permaneceram ímpios e impenitentes. Os salmos imprecatórios não existem para que os imitemos no sentido de pregá-los e orá-los contra nossos inimigos. Mas estão na Bíblia para nos lembrar que existe sofrimento real no mundo, sobretudo para os cristãos perseguidos. Devemos orar por eles e pedir a Deus que os livre das mãos dos malfeitores. Tais salmos também nos ensinam sobre a seriedade da reação

divina ao pecado e ao mal e que podemos confiar que, por fim, ele fará justiça em toda a terra.

15

COMO PREGAR E ENSINAR COM BASE NA LITERATURA DE SABEDORIA

Já falamos sobre muita coisa até aqui, não é mesmo? Já refletimos sobre os relatos dos livros históricos, os livros da lei, os profetas e os salmos. Falta alguma coisa? Bem, há vários livros pequenos (como Rute, Ester, Lamentações, Cântico dos Cânticos) que, infelizmente, não poderemos abordar por falta de espaço. Mas existe mais um grupo considerável de livros sobre os quais realmente precisamos dizer algo: Provérbios, Jó e Eclesiastes. Em geral, eles são agrupados juntos e recebem o nome de "literatura de sabedoria". Às vezes, o termo inclui Cântico dos

Cânticos e também alguns salmos. Mas nos concentraremos aqui nesses três maiores.

LIVROS SÁBIOS PARA PESSOAS SÁBIAS

Em Israel e nas nações do Oriente Próximo ao redor, havia uma classe especial de indivíduos conhecidos como "os sábios". Eram pessoas renomadas por seu conhecimento e sua sabedoria. Os outros os procuravam para pedir conselhos sobre todo tipo de assunto. Às vezes, isso ocorria em nível local — homens e mulheres mais velhos da comunidade que eram respeitados por sua experiência de vida. Era possível confiar que dariam conselhos aos jovens, como se fosse de pai para filho. Às vezes, porém, "os sábios" eram uma elite culta de conselheiros reais, algo mais semelhante a "pensadores" e administradores do governo. Por meio de descobertas arqueológicas, sabemos que também havia tais indivíduos no Egito e na Babilônia. Existem manuais de instruções para servidores do governo, cheios de conselhos para o sucesso na vida pública. Há também alguns textos filosóficos, que refletem sobre o sentido da vida e as questões do mal e do sofrimento. Assim, a literatura de sabedoria que encontramos na Bíblia

faz parte de um gênero literário comum no amplo espectro de culturas do Oriente Próximo, remontando a mil anos antes de Israel se estabelecer em Canaã. Voltaremos a essa dimensão internacional da sabedoria e o que ela significa para nossa pregação e nosso ensino um pouco mais adiante.

Leia **Jeremias 18.18**. Alguns dos inimigos de Jeremias estavam procurando matá-lo. E disseram consigo mesmos: "Não tem importância se matarmos Jeremias. Ainda teremos sacerdotes para nos ensinar a lei. Ainda teremos profetas para nos dizer a palavra de Deus. Ainda teremos sábios para nos dar conselhos. Um profeta a menos não fará a menor diferença". Isso nos mostra que eles faziam uma distinção clara entre três grupos: *sacerdotes*, *profetas* e *sábios*. Era como se fossem profissões separadas.

Portanto, assim como temos os livros da lei (que os sacerdotes deveriam guardar e ensinar) e os livros dos profetas, também temos os livros dos sábios de Israel. Eles aparecem na terceira parte do cânone hebraico, conhecida como os Escritos, que incluem Jó, Salmos, Provérbios e Eclesiastes.[1] Dentre esses, analisaremos aqui Provérbios, Jó e Eclesiastes. Por isso, quando

usarmos o termo "sabedoria" a seguir, estaremos nos referindo a esses livros — à literatura de sabedoria.

Conforme mostra Jeremias 18.18, os sábios eram um grupo de indivíduos separado dos sacerdotes e profetas. Vejamos então como seus livros também são diferentes.

A LITERATURA DE SABEDORIA ERA DIFERENTE DA LEI

Faça um pequeno exercício:

> Leia Êxodo 20.14; Levítico 20.10 e Deuteronômio 22.22.
> Agora leia Provérbios 5; 6.20-35.

Tenho certeza de que você percebeu que todas as passagens são sobre adultério — infidelidade sexual no casamento. E todas o condenam. Mas o estilo é muito diferente. As leis são objetivas e vão direto ao ponto: "Não faça isso! Se fizer, a pena é a morte". Trata-se de uma ordem direta de Deus que recebe o

suporte de uma penalidade legal severa. Mas Provérbios não fala em tom de mandamento, mas, sim, de forte advertência, cujo suporte é a menção de algumas das consequências desastrosas do ato: "Pode arruinar você e sua família. Mesmo se você não for pego e condenado à morte, ainda há muito a perder. Pense mais uma vez!".

Esse exemplo ilustra uma diferença importante entre a sabedoria e a lei.

- A lei ordena. A sabedoria aconselha, adverte e persuade.
- A lei se encontra no fundamento da autoridade de Deus e de suas exigências para a aliança. A sabedoria fala com base na experiência e destaca os prováveis resultados.
- A lei aponta o dedo diretamente no seu rosto e simplesmente lhe diz o que você não deve fazer. A sabedoria coloca o braço ao redor de seus ombros e insiste para que você pense duas vezes.

Nas diversas sociedades em que vivemos, nós, cristãos, temos a oportunidade de debater todo tipo de questão social, política e moral com as pessoas ao

nosso redor. Às vezes, conversamos com gente de outras crenças ou com indivíduos que dizem não seguir religião nenhuma. Em algumas ocasiões, temos a oportunidade de falar em eventos cívicos, na presença de líderes da comunidade. Penso que a literatura de sabedoria nos permite fazer isso sem parecer que estamos "batendo o martelo" ou impondo exigências legalistas sobre as pessoas. Podemos nos levantar em defesa daquilo que é sábio e prudente. Podemos chamar atenção para as consequências positivas ou negativas de seguir determinadas políticas ou ações. Podemos defender os valores e as prioridades bíblicas, convidando os outros a ver que eles fazem sentido e existem para o bem comum.

Então, lembre-se da diferença entre os livros da lei e de sabedoria se quiser usar Provérbios para pregar e ensinar. *Os provérbios não são leis*. Não são ordens absolutas, regras ou declarações daquilo que *sempre* acontece. Eles são afirmações curtas e incisivas sobre todos os tipos de situações da vida. Foram feitos para chamar nossa atenção e nos fazer pensar. Oferecem *insights*, perspectivas e orientações, e não regras rigorosas. Os provérbios nos dizem que determinados

tipos de comportamento em geral produzem bons resultados, ao passo que outros tipos de comportamento em geral produzem maus resultados. Os sábios escolhem os primeiros. Os insensatos escolhem os segundos. E os resultados *normalmente* se seguem. Mas não podemos transformar essas observações em leis inalteráveis, nem em promessas garantidas. A vida é mais complexa do que isso. Nem sempre as coisas funcionam da maneira que os provérbios exprimem em sua simplicidade. E os homens e as mulheres sábios que compilaram Provérbios sabiam disso também — é por esse motivo que nos deixaram Jó e Eclesiastes, conforme veremos adiante.

A LITERATURA DE SABEDORIA ERA DIFERENTE DOS PROFETAS

Eis mais um pequeno exercício:

> Leia Jeremias 22.13-17; Ezequiel 34.1-6 ("pastores" é uma metáfora para os reis de Israel); Amós 7.10-11 e Isaías 10.1-4.

Agora leia Provérbios 8.12-16; 16.10,12-13; 20.8,26; 25.2-5; 31.1-9.

Os dois conjuntos de textos falam sobre reis, governo e líderes políticos. Que diferenças você percebe? Bem, para começar, os profetas são muito mais hostis e pessoais em seus ataques. Eles denunciam de maneira específica líderes corruptos e falhos, chegando a mencionar alguns deles pelo nome. São muito penetrantes e minuciosos. Os sábios, em contrapartida, declaram princípios e expectativas. São mais otimistas, expressando os ideais de um bom governo em termos amplos. É assim que os líderes políticos devem se comportar. São bem genéricos.

Mais uma vez, é importante destacar que não há conflito nos princípios dos profetas e dos sábios, mesmo que o tom de voz seja bem diferente. Provérbios descreve como as coisas deveriam ser, ao passo que os profetas afirmam o que elas realmente são — a situação "pé no chão", conforme dizemos. E necessitamos de ambas as perspectivas. Não dá para

criticar *o jeito que as coisas são* sem uma visão de *como elas deveriam ser*. A Bíblia nos apresenta os dois elementos.

A tabela abaixo nos mostra outras diferenças marcantes entre os profetas e os sábios.

Os profetas	**Os sábios**
"Assim diz o SENHOR..."	"Dê ouvidos ao meu conselho..."
Desafio a ouvir e decidir	Convite a aprender e entender
Foco na redenção e no juízo divino	Foco na criação e na providência divina
Uso frequente da história de Israel	Sem uso da história de Israel
Contexto muito específico e particular	Relevância geral e universal
Dirigido a indivíduos ou nações específicos	Dirigido a todos que se dispõem a ouvir
Estilo direto e imperativo	Estilo reflexivo e convincente

Vimos nos capítulos 11 e 12 que, quando pregamos ou ensinamos usando os profetas, só conseguimos entendê-los de verdade se conhecermos um pouco do contexto histórico de suas mensagens. Precisamos responder com a maior clareza possível às perguntas "Quem?", "O quê?", "Quando?", "Onde?" e "Por quê?". Entretanto, quando pregamos ou ensinamos sobre a literatura de sabedoria, a situação é muito mais genérica, pois não depende de contextos históricos específicos da mesma maneira. É um tanto quanto "atemporal". É claro que ela ainda assim foi escrita dentro do contexto cultural do Israel do Antigo Testamento. Assim, precisamos conhecer a cultura e o estilo de vida do povo, a fim de compreender alguns dos provérbios e ditos. Em outros aspectos, porém, tais livros falam em um sentido mais geral a qualquer era.

A LITERATURA DE SABEDORIA ENFATIZAVA DEUS COMO CRIADOR

Está pronto para mais um exercício?

Leia os textos da lei a seguir. Enquanto lê cada um, observe não só o que a lei diz, mas também o motivo que ela apresenta. *Por que* os israelitas deveriam guardar tais leis?

Êxodo 23.9; Levítico 19.33-36; 25.39-43; Deuteronômio 15.12-15; 24.14-22.
Tenho certeza de que você percebeu que todas as passagens falam sobre justiça e compaixão por aqueles que passam necessidades — estrangeiros, devedores, escravos e pobres. Em todos os casos, Deus alude ao êxodo, lembrando os israelitas de que eles haviam sido estrangeiros e escravos no Egito — uma minoria étnica imigrante oprimida. Mas Deus fora bondoso com eles e os libertara. Por isso, deveriam fazer o mesmo pelas pessoas que se encontravam em situação semelhante.

Agora leia os textos a seguir da literatura de sabedoria: Provérbios 14.31; 17.5; 19.17; 22.2; 29.7,13; Jó 31.13-15.
Mais uma vez, todas as passagens dizem respeito a como devemos tratar os pobres ou

necessitados. Devemos nos relacionar com eles com bondade e respeito, lidando com seus sofrimentos de modo justo. Mas como o autor da literatura de sabedoria justifica sua ideia? *Ele volta à criação.* Deus é o Criador de todos nós, ricos ou pobres. Temos um único Criador e, por isso, a humanidade é comum a todos. Por isso, se zombamos de um pobre ou o insultamos, na verdade estamos fazendo isso com Deus, seu Criador. E, se formos bondosos com uma pessoa pobre, é como se estivéssemos emprestando "ao SENHOR" (Pv 19.17).

Percebemos, portanto, que tanto a lei quanto os livros de sabedoria (bem como os profetas, é claro) ensinam sobre justiça social e compaixão. Não há diferença em seus objetivos. Todos querem a mesma coisa. Desejam que as pessoas façam aquilo que é justo e bom em sociedade. Mas há uma diferença significativa em relação à forma como *motivam* os cidadãos a fazer tais coisas.

A lei e os profetas apontam para a história de Israel. Lembram Israel de que ele era um povo a quem Deus havia resgatado da escravidão no êxodo. Lembram Israel da aliança. Já vimos isso nos capítulos sobre a lei e os profetas. Eles falavam a um povo redimido que deveria saber viver de maneira consistente com aquilo que Deus, em sua graça tão grande, fizera em seu favor.

Os autores das obras de sabedoria, porém, não fazem referência nenhuma à história de Israel. Não aludem a nenhuma das grandes tradições históricas daquele povo: a promessa a Abraão, o êxodo, o Sinai, a peregrinação pelo deserto, a conquista da terra. Não mencionam a história de redenção que conhecemos tão bem com base nos primeiros livros da Bíblia.

É impossível que os homens e as mulheres sábios de Israel não conhecessem essas tradições. Eles viviam em Israel — *tinham de* conhecê-la! Ao usarem o nome divino YHWH, o SENHOR, conforme fazem repetidas vezes, demonstram que o conheciam como o Deus da redenção e da aliança. Mas eles também sabiam (assim como todos os israelitas) que o mesmo Deus Redentor de Israel era o Criador do mundo e de todas as nações. Raciocinavam então que, sendo Deus

consistente no aspecto moral, seus padrões deveriam se aplicar a todas as pessoas. Viam que há princípios morais embutidos na própria criação. Existem formas de viver que são boas para os seres humanos de todas as partes, e há outras que são prejudiciais à vida humana em qualquer lugar. Ou seja, enquanto a lei e os profetas se dirigiam a Israel em particular como o povo redimido de Deus, a literatura de sabedoria tem um apelo humano mais universal.

Não há, porém, nenhuma contradição. Pois, conforme vimos no capítulo 10, Deus criou Israel desde o princípio para ser um instrumento de bênção às nações. Ele lhes entregou a lei parcialmente com o objetivo de moldar os israelitas, a fim de que fossem um modelo para as nações. Assim, os ensinos encontrados na lei do Antigo Testamento poderiam ser usados como exemplo ou paradigma para outros. É isso que fazem os autores de sabedoria. Eles identificam os princípios gerais por trás de leis específicas e os transformam em conselhos, orientações, provérbios e figuras que podem ser compreendidos e internalizados por qualquer um.

Penso ser útil lembrar esse ponto quando estivermos pregando ou ensinando com base nesses textos. A

sabedoria da Bíblia não se restringe aos cristãos, mas serve para qualquer um. Todos somos humanos, criados à imagem de Deus, vivendo no mundo de Deus. Isso significa que devemos demonstrar respeito por todas as pessoas, a despeito de sua origem étnica ou cultural, da religião que praticam ou da posição social que ocupam. Há uma igualdade fundamental entre todos os seres humanos, porque todos foram criados por Deus. A literatura de sabedoria afirma isso, e é um bom ponto de partida para começar a ensinar essa mensagem. Logo adiante, pensaremos mais sobre como isso também pode ajudar a construir uma ponte para o evangelho.

A LITERATURA DE SABEDORIA FAZIA PERGUNTAS DIFÍCEIS

Você se anima a fazer mais um rápido exercício? Ele tem duas partes. Em cada uma delas, você lerá duas passagens lado a lado, contrastando-as.

Leia Salmos 146.5-9.

O que o texto diz sobre YHWH — o SENHOR Deus? É de aquecer o coração, não é mesmo? Esse é o Deus a quem Israel conhecia e adorava.

Agora leia Jó 24.1-12.
Que contraste mais radical! Jó vê o que realmente acontece com os pobres e necessitados em nosso mundo caído e é desolador. Mas o pior de tudo: o que Jó fala sobre Deus nos versículos 1 e 12? Deus parece não fazer nem dizer nada acerca da trágica injustiça e dos sofrimentos em nosso mundo.

Leia Levítico 26.3-5,14-17 e Deuteronômio 30.15-18.
Esses textos expressam a "lógica" direta da aliança entre Deus e Israel. Se Israel andasse em obediência a Deus, continuaria a desfrutar suas bênçãos. Caso, porém, se tornasse ímpio e infiel, sofreria grandemente sob seu juízo. Parece bem simples.

Agora leia Eclesiastes 8.14—9.4.

Mais um contraste tremendo! O autor de Eclesiastes (em geral, ele recebe o nome que usa para se identificar ao longo do livro — *Qoheleth*, que significa "O Pregador") destaca que, às vezes, a vida nos apresenta o contrário do que deveríamos esperar com base em Levítico e Deuteronômio. Aquilo que as pessoas merecem parece cair nas mãos erradas! E, no fim, todos morrem do mesmo jeito. Qual o sentido de tudo isso?

Conforme já mencionei, os homens e as mulheres sábios de Israel conheciam a Torá e os salmos. Parece então que, às vezes, eles pegam algumas das sólidas afirmações que encontramos nessas passagens e as questionam. É como se fizessem o mesmo que você acabou de fazer no exercício acima. Dizem: "Vejam o que este texto diz. Agora olhem o mundo ao seu redor. Não há muita harmonia entre os dois, não é mesmo?".

É importante destacar que eles não estavam *negando* a verdade das Escrituras. Eles criam, não eram ateus.

Mas estavam interessados em *fazer perguntas difíceis* acerca do fato de que a vida nem sempre funciona de maneira ordenada e lógica, ou da forma como a Bíblia diz que deveria ser. Mesmo em meio a essas indagações, eles continuam a crer e confiar que Deus um dia endireitará as coisas. Até mesmo Eclesiastes termina com um conselho veemente:

> Esta é minha conclusão: tema a Deus e obedeça a seus mandamentos, pois esse é o dever de todos. Deus nos julgará por todos os nossos atos, incluindo o que fazemos em segredo, seja o bem, seja o mal.
>
> Eclesiastes 12.13-14

"É nisso que eu *creio*", ele parece dizer. "Mas o que *vejo* no mundo é isto. Por quê? Por quê?"

Ao pregar e ensinar com base nos livros de sabedoria, é importante manter o mesmo senso de equilíbrio que as obras em si demonstram. Podemos ficar otimistas e ingênuos demais se lermos Provérbios e acharmos que a vida sempre será daquela maneira. Mas poderíamos nos tornar muito pessimistas e deprimidos se lêssemos Eclesiastes e começássemos a pensar que não faz sentido viver, já

que a vida é tão inútil, frustrante e curta. Há uma espécie de mecanismo de "autocorreção" na tradição da literatura de sabedoria que nos impede de ir de um extremo para o outro. É como uma conversa entre os livros que funciona mais ou menos assim:

Provérbios: "Aqui estão orientações para a vida. Siga-as e você terá uma vida longa e feliz".
Jó e Eclesiastes: "Seguimos e não deu certo".
Provérbios: "No entanto, vivemos no mundo de Deus e, mesmo em meio a sofrimentos e frustrações, sempre é melhor seguir as instruções divinas, mesmo que a vida seja difícil ou injusta".

Jó aborda o problema do sofrimento de pessoas boas que não parecem merecê-lo. Trata-se de um drama escrito de maneira brilhante, no qual vemos um homem tão justo quanto se possa imaginar (tanto o narrador quanto Deus o dizem, 1.1,8; 2.3), mas que sofre o pior que se possa imaginar. O discurso de seus amigos explora todas as razões possíveis para seu sofrimento, sobretudo as razões teológicas de que ele devia estar sofrendo por causa de pecados que cometeu. Mas estavam completamente errados.

Sabemos disso (porque lemos os primeiros capítulos), Deus sabe disso, e Jó também. Ainda assim, ele sofre. E o pior de tudo não é apenas o seu sofrimento, mas, sim, *o silêncio de Deus.* Jó não conseguia "chegar até" Deus para apresentar seu caso e ser defendido. No fim, quando Deus fala, ele não "responde ao problema do sofrimento". Em vez disso, restaura seu relacionamento com Jó e lhe pede que confie no Deus que é maior do que conseguimos imaginar, o Deus que, no fim das contas, controla até mesmo as forças do mal que não compreendemos.

Eclesiastes lida com o problema de como a vida parece sem sentido. O autor sabe que a vida é cheia de coisas boas — comida e bebida, trabalho, casamento, família, e assim por diante — e que tais coisas são presentes de Deus que devemos desfrutar. Muitas vezes, porém, até as melhores coisas da vida são destruídas ou desperdiçadas, ou ainda vão parar nas mãos de pessoas erradas. E, no fim, a morte parece tornar tudo sem sentido de qualquer maneira. Ele sabe que é melhor ser sábio do que tolo, mas, depois de morto, qual é a importância disso? Um sábio morto está tão morto quanto um insensato morto, e ambos estão tão mortos quanto um cão

morto. No fim, qual é a diferença? Tudo é sem sentido, frustrante e vão (esse é o significado da palavra hebraica que costumava ser traduzida por "vaidade").

Penso que Eclesiastes é o melhor comentário do Antigo Testamento sobre **Gênesis 3**. Ele mostra os resultados da queda na vida humana. Olha fixamente para o pó da morte que Deus disse que seria nosso destino. Somente **Romanos 1.18-32** vai além na descrição das consequências terríveis do pecado. Eclesiastes encara realidades duras. O Pregador conhece *parte* da verdade sobre Deus e confia nele, mas se sente simplesmente perplexo, entristecido e deprimido por aquilo que acontece em nosso mundo. Não é assim com todos nós em alguns momentos? Creio que Eclesiastes exprime o que muitas pessoas pensam, sentem e perguntam. E isso faz uma ponte para o evangelho, conforme logo veremos.

Mas, por enquanto, qual é a contribuição da literatura de sabedoria para nossas pregações e nossos ensinos bíblicos? Acredito que Deus colocou esses livros na Bíblia pelo mesmo motivo que inseriu os salmos de lamento. Eles nos dão *permissão* para fazer perguntas difíceis, encarar problemas e sofrimentos

cruéis, lutar contra coisas que nos perturbam e, às vezes, até reclamar e protestar sobre coisas que não são como deveriam. Contudo, assim como nos salmos, a literatura de sabedoria faz tudo isso *de uma posição humilde de fé e confiança.* Penso que isso seja uma pista para nossos sermões e ensinos. Devemos permanecer humildes, sem tentar "saber tudo" — ou fingir que sabemos. Isso nos protege de dois perigos opostos:

- Por um lado, alguns pregadores tendem a ser muito *dogmáticos.* Eles parecem ter todas as respostas certas para todas as perguntas. Tudo que o pastor diz deve ser a verdade definitiva sobre todos os assuntos. Espero que você não seja tentado a ser assim, mas é provável que conheça alguns pregadores nessa condição. Eles são capazes de explicar tudo e insistem que sua interpretação seja aceita. O problema é que eram os amigos de Jó que se comportavam exatamente desse modo. Eles tinham as respostas certas — assim achavam. Mas estavam completamente errados e eram cruéis do ponto de vista pastoral. No fim, Deus os

condenou por falarem coisas *erradas* a respeito dele e de Jó.

- Ou, por outro lado, alguns pregadores tendem a ser muito *ingênuos.* Pregam como se tudo fosse acontecer bem do jeito que a Bíblia diz neste ou naquele versículo específico. Fazem promessas reluzentes e despertam expectativas irreais. Além disso, ignoram que a própria Bíblia mostra que a vida nem sempre funciona dessa maneira em nosso mundo caído.

Sem dúvida, a literatura de sabedoria nos incentiva a ser *humildes* em nossa pregação e em nosso ensino (e na vida de modo geral). Há momentos em que precisamos dizer: "Não sei qual é a resposta para esse problema. Não sei por que essas coisas aconteceram. Não sei por que Deus permite coisas que parecem contrárias àquilo que sabemos sobre ele. Existem *pessoas na Bíblia* que também não sabiam as respostas. Mas faziam perguntas, lutavam e se esforçavam em sua dor e, às vezes, em sua ira. Deus *permite* que façamos isso — que nos sintamos dessa maneira e digamos tais coisas. Tudo bem não estar bem. Deus até nos dá exemplo de pessoas que fizeram isso (nos

salmos de lamento e em livros como Jeremias, Jó e Eclesiastes), de modo que podemos fazer nossas as suas palavras. Mas continuemos apegados a Deus mesmo em meio às lutas, como fizeram esses indivíduos. Continuemos confiando nele mesmo que não consigamos entendê-lo. 'O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria' (Pv 9.10)".

A LITERATURA DE SABEDORIA COMO PONTE PARA O EVANGELHO

No início deste capítulo, mencionei que a literatura de sabedoria do Antigo Testamento faz parte de uma ampla gama de escritos do antigo Oriente Próximo daquela época. Os homens e mulheres sábios de Israel pertenciam a uma espécie de classe internacional encontrada em diferentes culturas. E eles sabiam disso. O Antigo Testamento faz menção a homens e mulheres sábios de vários países ao redor — às vezes em atitude de admiração, às vezes com menos generosidade! Eles conheciam, por exemplo, as tradições ou escolas de sabedoria do Egito (Gn 41.8; Êx 7.11; 1Rs 4.31), de Edom (Jr 49.7), de Tiro (Ez 28; Zc 9.2), da Assíria (Is 10.13) e da Babilônia (Is 44.25; 47.10; Jr 50.35). E temos o exemplo da rainha

de Sabá, que foi, assim como outros turistas culturais, visitar Salomão e admirar sua sabedoria (1Rs 4.29-34; 10.1-9). É como se Jerusalém tivesse se transformado em uma cidade universitária internacional!

Foram encontrados muitos escritos dessas outras culturas, sobretudo no Egito e na Mesopotâmia (a terra da Assíria e da Babilônia). É interessante perceber que seus livros de sabedoria tratam de algumas das questões que encontramos no Antigo Testamento. Por exemplo, eles dão conselhos sobre habilidades sociais e relacionais básicas — como comportar-se em meio a familiares e amigos. Preocupam-se com a ordem moral, a estabilidade social e o bom governo. Dão conselhos sobre como ter sucesso na vida política. Falam sobre como ter um bom casamento e uma família bem estabelecida. E também refletem sobre assuntos mais filosóficos como a justiça divina (os deuses agem com justiça?) e o problema do sofrimento não merecido.

Fica claro que os homens e as mulheres sábios de Israel não só sabiam a respeito da sabedoria dessas outras culturas, como também ficavam até felizes em usar trechos delas nos próprios escritos. Há um texto egípcio chamado *A sabedoria de Amenemope* que

apresenta tantas semelhanças com Provérbios 22.17—24.22 que fica bem claro que o autor de Provérbios tinha uma cópia. Há uma abertura notável para reconhecer que Deus havia dado sabedoria também a pessoas de outras nações.

No entanto, os israelitas reconheciam que deviam ter cuidado ao fazer uso da sabedoria de outras nações. Pois, embora pudessem respeitar a sabedoria de outros e se beneficiar dela, os autores israelitas não a aproveitavam sem mudanças. Não eram culpados de plágio. Havia algumas diferenças claras, bem como semelhanças.

Por exemplo, havia coisas nesses textos estrangeiros de sabedoria que estão absolutamente ausentes das encontradas no Antigo Testamento, como o politeísmo (ter muitos deuses); práticas ocultistas e interesse no "submundo" após a morte; o uso de magia e o fatalismo (simplesmente aceitar tudo que acontece como obra do destino impessoal e imutável).

Por outro lado, os autores do Antigo Testamento afirmam sua fé no único Deus vivo e verdadeiro, YHWH, o Deus da aliança com Israel. Tudo na vida deve ser relacionado a Deus e sua soberania. E o ponto de partida, o princípio da sabedoria é prestar o

respeito e a obediência que só pertencem a Deus — "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Pv 9.10).

De que maneira, então, tudo isso constrói uma ponte para o evangelho?

Bem, assim como nos tempos do Antigo Testamento, vivemos em um mundo no qual nós, cristãos, temos muitas coisas em comum com as pessoas ao nosso redor. Gente comum de todos os lugares tem o desejo de viver feliz, ter uma boa vida familiar, apreciar seu trabalho, conquistar sucesso e respeito e viver em uma sociedade que mantém a ordem e pune os crimes. Esses são desejos comuns de todas as culturas. Também temos os mesmos problemas que os outros. Todos deparamos com doenças, roubos, violência e mortes acidentais que parecem muito sem sentido. Nós nos perguntamos por que essas coisas acontecem e ansiamos por um mundo melhor onde nada disso acontecerá. Tudo isso representa temas encontrados na literatura de sabedoria da Bíblia — e na cultura ao nosso redor. Sem dúvida, podemos unir as duas coisas em nossas conversas e, às vezes, em pregações e ensinos.

Tenho amigos no trabalho cristão em diversas

culturas ao redor do mundo. Eles dizem que há muitos pontos de contato entre os ditados populares e as histórias dessas culturas e a literatura de sabedoria bíblica. Por isso, a literatura de sabedoria é muito útil para fazer contato e construir relacionamento com outras culturas. A Sociedade Bíblica Tailandesa, por exemplo, publicou recentemente o livro de Provérbios (separado) em tailandês, pois se trata de uma ferramenta útil para começar conversas com outras pessoas dessa sociedade.

No entanto, uma ponte é apenas uma ponte. Algo precisa atravessá-la. Precisamos encontrar maneiras de usar a ponte da sabedoria em benefício do evangelho. Sugiro que podemos fazer isso por intermédio de três palavras simples: *Sim. Mas. Então.*

- **Sim** é onde estão os muitos pontos de interesse e desejo comuns nos quais podemos concordar com os outros. E podemos mostrar que a Bíblia também fala sobre essas coisas nos livros de sabedoria. Isso constrói a ponte.
- **Mas** é o momento em que precisamos dizer que boa parte do esfacelamento em nosso mundo é causada por nossos pecados (mesmo que não seja

todo ele, ainda é verdade que a maior parte de nosso sofrimento é consequência do pecado ou da insensatez humana). Esse é o diagnóstico da Bíblia. E podemos destacar isso em qualquer assunto em comum sobre o qual estejamos dialogando.
- **Então** é o ponto em que mostramos o que Deus fez por intermédio de Jesus Cristo e da grande história da Bíblia, dando-nos salvação, vida e esperança. Essa é a boa-nova que temos para compartilhar!

Acredito que a melhor maneira de pregar ou ensinar com base em **Provérbios** é de maneira *temática*. Os nove primeiros capítulos são relativamente temáticos em si mesmos, e cada capítulo pode ser pregado inteiro. Mas, a partir de então, os provérbios parecem se acumular uns sobre os outros como uma grande cascata. Não é fácil pregar um sermão coerente com uma única grande ideia de um capítulo inteiro, e é provável que seja demais pregar um sermão inteiro sobre um só versículo. Por isso, penso que seja mais útil extrair alguns dos temas principais que encontramos em diferentes partes e pregar sobre eles,

usando uma série de versículos diferentes. E, conforme agimos assim, eis o que podemos fazer para construir pontes para o evangelho. Vou sugerir apenas quatro grandes temas. Você será capaz de encontrar muitos temas como esses por meio de seu próprio estudo pessoal.

Sabedoria e família: casamento, pais e filhos

- *Sim*: Há muitos dizeres em Provérbios que defendem o casamento, as virtudes de uma boa esposa e a importância de ser fiel (Pv 5; 7; 12.4; 18.22; 19.14; 31.10-31). O livro fala muito também sobre o relacionamento entre pais e filhos (1.8; 2.1; 3.11-12; 4.1-4; 13.24; 22.6,15). É provável que haja provérbios semelhantes em outras culturas. Você pode fazer comparações úteis entre os provérbios bíblicos e os ditos populares do seu país sobre casamento e criação de filhos.
- *Mas*: Enxergamos a realidade da queda e do pecado humano em todas essas áreas. Casamentos desabam. Famílias se esfacelam. Pais agem com crueldade. Filhos se desviam do bom caminho. E

o próprio Antigo Testamento ilustra tais realidades em muitas de suas histórias. A Bíblia é dolorosamente honesta quanto ao fracasso humano nos relacionamentos familiares.

- *Então*: Necessitamos do evangelho do perdão e da graça de Deus em todos esses relacionamentos. E precisamos conectar nossa pregação daquilo que Provérbios tem a dizer com o que o Novo Testamento ensina sobre como o evangelho transforma os relacionamentos dentro da família.

Sabedoria e amigos

- *Sim*: Provérbios dá muito valor à amizade (17.17; 27.6) e reconhece a importância da bondade e da generosidade como meio de mantê-la (11.17,25; 12.10; 14.31; 22.9). Tais atributos são admirados na maioria das culturas.
- *Mas*: A queda nos tornou egoístas e gananciosos. É cada um por si e, nessa luta, às vezes negligenciamos os outros e traímos até os amigos. Mais uma vez, o próprio Antigo Testamento está repleto de histórias com esse tema!

- *Então*: Necessitamos do evangelho do amor reconciliador de Deus, que nos torna não só amigos, mas irmãos e irmãs em Cristo. Esse é um elo ainda mais forte, que requer ainda mais bondade e generosidade entre nós.

Sabedoria e trabalho

- *Sim*: O trabalho foi uma das boas dádivas de Deus na criação. O próprio Deus é um trabalhador em Gênesis 1 e criou o ser humano à sua imagem. Por isso, o trabalho também é extremamente valorizado em Provérbios, ao mesmo tempo que a preguiça recebe forte condenação (6.10-11; 10.4-5; 12.11; 14.23; 26.13-16). Esse é um valor cultural amplamente partilhado (embora nem sempre seguido em todos os lugares!). O trabalho é algo que temos em comum com quase todo mundo ao nosso redor.
- *Mas*: Nosso trabalho foi corrompido e deteriorado pelo pecado de diversas maneiras. Temos de trabalhar duro e suar apenas para sobreviver no mundo. O trabalho pode se tornar uma ferramenta de opressão e exploração dos outros

(como ocorreu com os hebreus no Egito e ainda acontece em muitos lugares do mundo atual). O trabalho pode parecer inútil e frustrante (conforme mostra Eclesiastes com bastante clareza). O pecado se infiltrou de forma significativa nos ambientes de trabalho.

- *Então*: Necessitamos do evangelho de Deus para restaurar nossa verdadeira humanidade em Jesus Cristo. O Novo Testamento tem muito a dizer sobre a importância do trabalho, ao mesmo tempo que também condena a preguiça e o ócio. O evangelho transforma o trabalho do cristão. Mesmo escravos cristãos de senhores não cristãos podem trabalhar "para o Senhor" (Cl 3.23).[2] E nosso trabalho pode contribuir até mesmo para a nova criação (Ap 21.24,26). Em Cristo, nosso trabalho "não será inútil" (1Co 15.58). As palavras de Paulo no final de 1Coríntios 15 ecoam deliberadamente as queixas de Eclesiastes. Qoheleth reclama: "Tudo é em vão". Mas Paulo afirma: "Nada disso! Não se você estiver no Senhor Jesus Cristo ressurreto".

Sabedoria e sofrimento e morte

- *Sim*: Todas as culturas conhecem as realidades do sofrimento, da injustiça e da morte, e lidam com elas de muitas maneiras diferentes. A literatura de sabedoria também questiona esses males, sobretudo em Jó e Eclesiastes.
- *Mas*: Embora os autores da literatura de sabedoria conhecessem tudo sobre a relação entre pecado e sofrimento (no sentido geral de que a maior parte do sofrimento no mundo é causada por atos de maldade e pela insensatez humana), eles também sabiam que as grandes perguntas ainda careciam de resposta.

Jó aborda o problema do sofrimento inocente de pessoas boas. E o livro *recusa* as "explicações" que os três amigos e Eliú dão. Por isso, não devemos nos unir a esses amigos e despejar os mesmos motivos como "explicações" quando amigos ou membros de nossa congregação estão sofrendo de algum modo ou são assolados por desastres. Alguns pregadores são tentados a dizer que, no fim, Jó cometeu, sim, o pecado da autojustificação. Tiram essa ideia de Jó 32.1-2, o qual afirma que Jó era "justo aos seus próprios olhos" (RA). Acham que isso é

necessariamente errado e pecaminoso. Mas Jó também era justo aos olhos de Deus, que disse isso duas vezes. Se Jó tivesse caído de repente em pecado, Deus teria pedido aos três amigos que orassem por ele. Em vez disso, Deus pediu foi a Jó que orasse por eles. Jó estava certo; os amigos estavam errados. Então, não devemos ensinar esse livro tomando o partido dos amigos e acusando Jó! Não. No final, Deus não responde à pergunta de Jó ("Por que estou sofrendo, mesmo sabendo que não é castigo por algum pecado?"). Mas ele respondeu ao anseio de Jó — com a própria presença e com um relacionamento direto com ele. No fim, Jó é justificado.

- *Então*: Necessitamos colocar à luz do evangelho o questionamento que Jó suscita. Pois Deus anseia nos declarar justos também a seus olhos. Isso, porém, só pode acontecer por intermédio daquele que sofreu sendo inocente — por nós. Em última instância, o único verdadeiramente justo foi Jesus Cristo. E uma vez que ele, inocente de todos os males, sofreu em nosso lugar, pecadores, podemos ser justificados pela fé e um dia o veremos como nosso Redentor vivo. Isso não "responde ao

problema" (mais do que o livro de Jó), mas o coloca na perspectiva da cruz. Deus esteve lá por nós.

Eclesiastes aborda o problema da morte. A vida em si já é instável e frustrante o suficiente. Mesmo, porém, que a vida seja boa, a morte vem ao fim e parece destruir todo valor e toda esperança. O livro clama a Deus, pedindo que faça algo para resolver a inutilidade e a incerteza da "vida debaixo do sol" e para vencer a terrível maldição da morte em si.

- *Então*: Necessitamos que o evangelho nos conte que Deus já fez essas duas coisas. O autor de Eclesiastes não tinha como saber aquilo que hoje conhecemos por meio do Novo Testamento. Ele não sabia que Deus (em quem ele confiava, mas que não entendia) um dia viria a este mundo. E, pela encarnação de seu Filho, Deus vivenciaria todas as limitações e frustrações da "vida debaixo do sol". Então o próprio Deus, em Cristo, sofreria exatamente aquilo que um versículo de Eclesiastes chama de "sem sentido", para transformá-lo em meio para nossa salvação:

> Há mais uma coisa sem sentido na terra: *justos que recebem o que os ímpios merecem*, e ímpios que recebem o que os justos merecem. Isto também, penso eu, não faz sentido.
>
> Eclesiastes 8.14, NVI

Será que Paulo tinha esse versículo em mente quando escreveu: "Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus" (2Co 5.21, NVI)? Talvez. Eu não sei. Mas tenho certeza de que Paulo tinha Eclesiastes em mente quando terminou seu grande capítulo sobre a ressurreição de Cristo com as palavras:

> Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil.
>
> 1Coríntios 15.58, NVI

"Não será inútil!" Não será sem sentido. Não será vazio. Não será "vaidade". A palavra que Paulo usa nesse versículo é a mesma que a tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) havia empregado

para a palavra que ecoa constantemente em Eclesiastes: "Sem sentido! Tudo é sem sentido!". "Não!", diz Paulo. Não mais, porque Cristo morreu e ressurgiu. Deus derrotou a morte. A morte não é mais vitoriosa. E, no fim, a morte não mais existirá.

Logo, o evangelho da vida, morte e ressurreição de Jesus é a resposta da própria Bíblia ao desafio de Eclesiastes.

Isso não quer dizer que Eclesiastes "não é verídico" ou que não deveria estar na Bíblia. Pelo contrário, é *muito* verdadeiro ao descrever a realidade da vida neste mundo caído. Como Eclesiastes, conseguimos ver tantas coisas boas por causa das dádivas que Deus nos deixou na criação, mas também identificamos quanto foi deteriorado ou frustrado pelo pecado. Poderíamos expressar da seguinte maneira: Eclesiastes é uma reflexão sobre o *mundo tal qual o conhecemos com base nos Atos 1 e 2 da grande história bíblica.* Mas foi escrito por alguém que vivia no Ato 3, e não tinha conhecimento do que Deus faria no Ato 4 ou de como a história bíblica terminaria no Ato 6. Pela graça de Deus, nós hoje sabemos tudo que Deus fez por intermédio de Jesus Cristo e tudo que ele fará quando Cristo voltar, conforme revela o Novo

Testamento. É assim que penso que devemos pregar e ensinar com base em Eclesiastes. Podemos explorar tudo que o livro diz sobre a vida — e concordar que é realista e condizente com o que o autor observa. Mas sabemos que a única resposta para os problemas e males que ele vê tem de ser encontrada no evangelho do Senhor Jesus Cristo.

Mais uma vez (e pela última!), espero que você reconheça quanto ajuda quando enquadramos tudo que lemos na Bíblia dentro do fluxo de sua grande história. A Bíblia *como um todo* nos apresenta as boas-novas de Deus. Por isso, mesmo quando lemos a parte das "más notícias", conseguimos encontrar sentido nelas à luz da revelação mais plena de Deus no evangelho. E, mesmo quando um livro como Eclesiastes não a *conhece*, é para lá que aponta suas perguntas sem resposta e seu anseio não atendido.

A seguir se encontram outros temas que ocorrem sobretudo no decorrer de Provérbios. Que tal ler o livro selecionando versículos relacionados a esses temas, compilá-los em uma lista e escolher os mais apropriados para elaborar uma pregação ou lição sobre o tema?[3]

- *Retidão e justiça.* Existe uma forte preocupação com a integridade política e o exercício apropriado de autoridade dentro da comunidade por aqueles que devem preservar os padrões da justiça e equidade. Há também a condenação de todos os tipos de maldade e desigualdade.
- *Bondade e compaixão.* Como o amor, a fidelidade e a compaixão de Deus são muito louvados em Israel (confira, em especial, os salmos), tais qualidades deveriam ser vistas entre aqueles que "temem ao SENHOR".
- *Palavras e discurso.* Deus nos colocou uma ferramenta muito poderosa em nossa boca: a língua (conforme Tiago também diz)! Há muitos provérbios sobre o uso que fazemos do dom da fala — com sabedoria ou insensatez, para dar vida ou destruir, curar ou machucar. A fofoca recebe condenação particular (assim como é condenada por Paulo).

EXEMPLOS DE ESBOÇO

Embora eu tenha acabado de dizer que provavelmente seja melhor pregar sobre Provérbios de maneira temática, é possível pegar um capítulo inteiro e trabalhar em um esboço que aborde seus assuntos principais. Confira o exemplo a seguir.

UMA VIDA JUSTA
Provérbios 11

Ser justo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, significa não só ter um relacionamento correto com Deus, mas também cultivar relacionamentos corretos na terra, em sociedade. Provérbios está cheio de máximas sobre "o justo", em contraste com o ímpio. O capítulo 11 ilustra vários aspectos relacionados à justiça.

É possível pregar ou ensinar um capítulo como esse tornando os dois primeiros pontos relevantes para a sociedade em geral. No entanto, ao chegar à parte 3, é possível mostrar como, em última instância, nossa única

segurança se encontra na justiça que provém de Cristo e garante vida eterna e segurança no dia do juízo.

Ao apresentar um material como esse, sobretudo para cristãos, você deve tentar conectá-lo com outros textos relevantes da lei e dos profetas, encontrados no Antigo Testamento, ou com alguns dos ensinos de Jesus e dos apóstolos no Novo Testamento.

Justiça na vida econômica

- O versículo 1 declara um princípio fundamental (p. ex., Lv 19.35-36; Mq 6.10-11). A desonestidade nos negócios é não só ilegal, como também um pecado que Deus odeia.
- O versículo 15 ecoa as advertências de 6.1-5.
- O versículo 18 mostra a instabilidade da riqueza obtida por meio de engano e o valor da recompensa honesta.
- O versículo 26 condena o especulador que retém uma mercadoria de que as pessoas

necessitam a fim de obter posteriormente um lucro maior proveniente de preços mais altos — um mal que acontece em escala internacional hoje em dia.
- Os versículos 24-25 exaltam a generosidade e podem ter influenciado Paulo em 2Coríntios 9.6-15.

Justiça na vida social

- Versículos 10-11: Em posições de liderança social (em cidades ou no governo nacional), a integridade é um requisito e também um benefício para todos.
- Versículos 9,12-13: Entre amigos e vizinhos, os justos tomam cuidado com aquilo que é dito. O difamador, o fofoqueiro e o propagador de boatos, além de malquistos e destrutivos, são também uma abominação para Deus (6.12-19). No fim das contas, eles acabam prejudicando a si próprios também (v. 17).

Justiça e segurança na vida

- A vida é cheia de perigos e ameaças de todos os lados. Provérbios 11 afirma que a melhor maneira de estar seguro é sendo justo — uma pessoa honesta e íntegra (v. 3,6,8,19,21,30-31). É semelhante ao provérbio inglês: "A honestidade é a melhor política".
- Mas a experiência pode nem sempre ser assim em um mundo caído. Por isso, há indícios de um sentido mais espiritual ou eterno segundo o qual a justiça leva à "vida" (v. 19,30).
- Mesmo que o versículo 18 nem sempre funcione exatamente como diz, haverá um acerto de contas final que endireitará as coisas (v. 21).
- Por isso, não confie apenas nas riquezas. O que conta no fim não é aquilo que a pessoa *tem*, mas, sim, quem ela *é* (v. 4,21).

A VIDA GANANCIOSA
Eclesiastes 5.8-20

Essa pode ser uma mensagem que adverte os cristãos contra os perigos da ganância (há muito sobre isso no Novo Testamento, especialmente nos ensinos de Jesus). Mas também pode ser usado em uma abordagem evangelística suave, expondo alguns dos perigos e o engano das riquezas e da cobiça — tão predominantes na sociedade —, e então levar a um final evangélico que vai além da conclusão positiva da passagem em si.

A ganância aliada à burocracia oprime (v. 8-9)

- Uma observação sobre hierarquia social muito fiel à realidade e sobre como o dinheiro parece subir dos pobres para os ricos (a despeito de todas as teorias sobre redistribuição de renda).

A ganância é insatisfatória e causa estresse e ansiedade (v. 10-12)

- A ganância se alimenta de si mesma. Quanto mais riquezas você tem: (1) mais pedintes o cercam; (2) menos prazer pessoal você tem, além da ostentação; (3) mais ansioso e insone você se torna. Por isso as pessoas gastam quantias enormes com segurança, muros, guardas, sistemas de alarme etc.

A ganância não é confiável em tempos de infortúnio (v. 13-14)

- A riqueza pode levar a roubos violentos. Pode ser perdida por "má sorte". Mercados entram em colapso. Bancos falem.

A ganância é patética diante da morte (v. 15-17)

- Versículos muito sombrios, porém completamente realistas. As consequências de Gênesis 3. "A vida é uma peregrinação entre dois momentos de nudez — o

nascimento e a morte. É melhor viajar com pouco" (John Stott).
- Jesus: Lucas 12.13-21.

Mas a vida deve ser desfrutada como uma boa dádiva de Deus (v. 18-20)

- Uma súbita virada positiva.
- A *ganância* pode até ser destrutiva e frustrante, mas *a riqueza em si*, se conquistada com honestidade e recebida como um presente de Deus, pode ser desfrutada com trabalho produtivo, alegria e satisfação na vida.
- Eclesiastes tem uma visão positiva sobre o valor da vida e do trabalho, bem como das coisas boas que Deus concedeu à humanidade neste mundo. A resposta do livro ao mal da ganância não é o ascetismo, a retirada para uma vida de falsa pobreza e dificuldades. Em vez disso, o autor exalta o prazer *responsável*, com contentamento.

Daqui em diante, você pode passar para os ensinos do Novo Testamento sobre o assunto, por exemplo, em 1Timóteo 6.6-10,17-19.

Anexo 1

Antepassados de Israel	Escravidão no Egito	Êxodo	Terra	Juízes	Monarquia unida	Reinos divididos		Apenas Judá	Período pós-exílico
2000 a.C.	**1400**			**1000**	**900**	**800 700**		**600**	**500 400 →**
Abraão		Moisés	Josué	Samuel	Saul	Judá (sul)	Israel (norte)	587 Queda de Jerusalém	Esdras
Isaque		Sinai	Conquista; estabelecimento das tribos		Davi			Babilônia	Neemias
Jacó		Lei da aliança			Salomão		721 Queda de Samaria	EXÍLIO	Pérsia
José		Tabernáculo			Templo		Assíria	538 Início do retorno para a terra	Grécia
		Deserto							Roma
						Séculos dos grandes profetas			

Anexo 2

Século 10 a.C.	**Século 9**		**Século 8**		**Século 7**	**Século 6**	**Século 5**
1000	**900**		**800**		**700**	**600**	**500 400**
Monarquia unida	Judá (sul)	Israel (norte)*	Judá (sul)	Israel (norte)*	Judá	Judá	Judá
			Reis				**Líderes**
Saul	Roboão	Jeroboão I	Amazias	Jeoás	Ezequias	Joaquim	Esdras
Davi	Abias	Onri	Uzias	Jeroboão II	Manassés	Zedequias	Neemias
Salomão	Asa	Acabe	Jotão	Menaém	Amom		
	Josafá	Acazias	Acaz	Oseias	Josias	**587 Queda de Jerusalém, exílio babilônico**	
	Jeorão	Jorão			Jeoacaz		
	Acazias	Jeú			Jeoaquim		
931 Divisão do reino	Atalia	Jeoacaz		**721 Queda de Samaria**		**538 Começo do retorno à terra**	
	Joás						
			Profetas				
	Natã	Elias	Isaías	Oseias	Isaías	Jeremias	Ageu
		Eliseu	Miqueias	Amós	Miqueias	Ezequiel	Zacarias
					Jeremias	Habacuque	Malaquias
						Sofonias	

*Foram incluídos somente os principais reis de Israel, o reino do norte. Alguns dos secundários reinaram por apenas alguns dias ou algumas semanas!

Bibliografia

Esta lista inclui livros que considero úteis — não quer dizer necessariamente que concordo com tudo que está escrito neles! Trata-se de uma mistura de alguns de nível mais simples com outros mais acadêmicos. Alguns são meio antigos e podem não estar acessíveis com tanta facilidade. Mas, se você tiver acesso a uma biblioteca, alguns deles podem ser úteis para você também.

ACHTEMEIER, Elizabeth. *Preaching from the Old Testament*. Louisville: Westminster John Knox, 1989.

BRUCE, F. F. *New Testament Development of Old Testament Themes*. Exeter: Paternoster e Grand Rapids: Eerdmans, 1968.

CLOWNEY, Edmund P. *Preaching and Biblical Theology*. London: Tyndale, 1961.

DAVIS, Dale Ralph. *The Word Became Fresh: How to Preach from Old Testament Narrative Texts*. Fearn: Christian Focus, 2006.

DAVIS, Ellen F. *Wondrous Depth: Preaching the Old Testament*. Louisville: Westminster John Knox, 2005.

DUDUIT, Michael, ed. *Handbook of Contemporary Preaching*. Nashville: Broadman, 1992.

GIBSON, Scott M., ed. *Preaching the Old Testament*. Grand Rapids: Baker, 2006.

GOLDSWORTHY, Graeme. *Preaching the Whole Bible as Christian Scripture*. Leicester: IVP e Grand Rapids: Eerdmans, 2000 [disponível em português sob o título *Pregando toda a Bíblia como Escritura cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2013].

GREENSLADE, Philip. *A Passion for God's Story: Discovering Your Place in God's Strategic Plan*. Milton Keynes: Authentic, 2002.

GREIDANUS, Sidney. *Preaching Christ from the Old Testament: A Contemporary Hermeneutical Method*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999 [disponível em

português sob o título *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento: Um método hermenêutico contemporâneo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006].

HASLAM, Greg, ed. *Preach the Word: The Call and Challenge of Preaching Today*. Lancaster: Sovereign World, 2006.

HILL, Harriet; HILL, Margaret. *Translating the Bible into Action: How the Bible Can Be Relevant in All Languages and Cultures*. Carlisle: Piquant, 2008 [disponível em português sob o título *Colocando a Bíblia em ação: Como tornar a Bíblia relevante para todas as línguas e culturas*. São Paulo: Vida Nova, 2010].

HOLBERT, John C. *Preaching Old Testament: Proclamation & Narrative in the Hebrew Bible*. Nashville: Abingdon, 1991.

KAISER JR., Walter C. *Preaching and Teaching from the Old Testament: A Guide for the Church*. Grand Rapids: Baker, 2003 [disponível em português sob o título *Pregando e ensinando a partir do Antigo Testamento: Um guia para a Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016].

KENT, Grenville J. R. et al., eds. *"He Began With Moses": Preaching the Old Testament Today*. Nottingham: IVP, 2010.

ROBERTS, Vaughan. *God's Big Picture: Tracing the Story-Line of the Bible*. Leicester: IVP, 2002.

STANDING, Roger. *Finding the Plot: Preaching in a Narrative Style*. Milton Keynes: Paternoster, 2004.

WILLIAMS, Michael. *How to Read the Bible through the Jesus Lens: A Guide to Christ-Focused Reading of Scripture*. Grand Rapids: Zondervan, 2012.

1. Confira uma descrição mais completa dessas alianças no livro de minha autoria *Knowing Jesus through the Old Testament* (Carlisle: Langham Preaching Resources, 2014).
2. Devo este conceito e diagrama a Chris Gonzalez e Tyler Johnson, que lideram a Missional Pastors Training Network em Phoenix, Arizona, EUA.

1. Leia em muito mais detalhes no livro de minha autoria *Knowing Jesus through the Old Testament* como o Antigo Testamento nos ajuda a compreender Jesus (Carlisle: Langham Preaching Resources, 2014).
2. Jesus nunca usou as palavras "cristão" ou "cristianismo". Esses termos foram inventados depois. *Christianoi* (que significa "pessoas que continuam falando sobre Cristo") foi usado primeiro como apelido para os seguidores de Jesus em Antioquia da Síria. A palavra "cristão" só aparece três vezes no Novo Testamento. O termo mais costumeiro era "discípulos", isto é, seguidores de Jesus, que ocorre mais de duzentas vezes.
3. Na verdade, a promessa de Deus remonta ainda mais ao passado, a Gênesis 3.15, que é às vezes chamado de *protoevangelium*, o "primeiro evangelho, pois apresentou a Adão e Eva as boas-novas de que Deus um dia esmagaria a cabeça da serpente mediante um descendente de Eva.

1. Você pode encontrar o poema inteiro em <www.askeugene.wordpress.com/2010/11/24/give-me-Jesus/>. É importante destacar que o título do capítulo "Não me dê só Jesus" se aplica somente à pregação com base no Antigo Testamento e não tem o objetivo, em nenhum aspecto, de servir como crítica a Anne Graham Lotz e seu ministério.

2. Se você já leu o clássico de Gordon Fee e Douglas Stuart *Entendes o que lês?* (São Paulo: Vida Nova, 2011), aprendeu isso logo no início. Essa *sempre* é a primeira coisa a ser feita, toda vez que estudamos qualquer texto da Bíblia.

2. *The Word Became Flesh: How to Preach from Old Testament Narrative Texts* (Fearn: Christian Focus, 2006), p. 135-138.

1. Apresentei uma explicação bem mais completa sobre "tipologia", isto é, sobre como encontrar esses padrões de correspondência entre Jesus e o Antigo Testamento em meu livro *Knowing Jesus through the Old Testament*.
2. Os judeus que aceitaram Jesus e creem nele como Messias, Senhor e Salvador (judeus messiânicos) em geral costumam fazer a escolha de seguir as leis alimentares do Antigo Testamento, por fazer parte de sua herança cultural judaica, e optam por viver como judeus que adoram a Jesus. Entretanto, para a maioria dos judeus messiânicos, a observância das leis alimentares é uma questão de livre escolha de identificação cultural com o próprio povo, e não de obrigação *perante* a lei.
3. Debati esse problema em mais detalhes no livro de minha autoria *O Deus que eu não entendo: Para compreender melhor algumas questões difíceis da fé cristã* (Viçosa: Ultimato, 2011). Também refletiremos um pouco mais sobre essa questão no capítulo 14, ao abordar os salmos imprecatórios.

1. Em 2015, a única foto e depois a história familiar do pequeno Aylan Kurdi, de 3 anos, que se afogou na costa da Turquia, mudaram todo o rumo do debate na Europa, tanto na mídia quanto na política, sobre a crise de refugiados do Oriente Médio.

1. Se você refletir, verá que a Bíblia como uma única grande história segue essa linha ampla de enredo. Começamos com: (1) a boa criação de Deus. Então, vem (2) a queda e tudo que o pecado acarreta para a vida na terra. Em seguida, vem (3) a promessa de Deus a Abraão e a longa história do Israel do Antigo Testamento, até (4) o próprio Deus vir na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo, chegando ao clímax da vitória sobre o mal na cruz e ressurreição. Isso leva (5) ao longo período do "já, mas ainda não", enquanto a missão de Deus por intermédio da igreja propaga aos confins da terra a solução efetuada por Cristo. Por fim, (6) chegamos à cena final — a nova criação — a qual não será, claro, apenas o fim da longa história da Bíblia, mas o início de uma nova história que só conheceremos quando começarmos a vivê-la.
2. Ou mesmo quando ele nem sequer é mencionado, como em Ester. Embora Deus não seja mencionado em Ester, qualquer leitor que conheça o restante do Antigo Testamento consegue identificar as "digitais divinas" ao longo de toda a história.

1. As pessoas conheciam histórias alegóricas ou fábulas nos tempos do Antigo Testamento e sabiam usá-las com eficácia. A fábula de Jotão em Juízes 9 é uma história sobre árvores. Mas todos sabiam que ele estava falando sobre Abimeleque e sua ambição de ser rei. Suas palavras tinham significado simbólico, e as pessoas sabiam interpretá-las. Mas as narrativas históricas do Antigo Testamento não são simbólicas dessa maneira. Podem até apontar para Cristo de diversas formas, mas não são cheias de significados ocultos. Elas simplesmente nos contam o que aconteceu e por quê.
2. Encontrei todas essas "interpretações" (e outras mais) em *websites* que disponibilizam sermões sobre histórias bíblicas. A "explicação" de que ele pegou cinco pedras porque Golias tinha outros quatro irmãos gigantes (2Sm 21) e precisava das pedras para matá-los também não é alegórica, mas puramente especulativa. Não sabemos nada acerca do conhecimento de Davi em relação a Golias ou ao restante dos filisteus. O fato é que *o narrador simplesmente não nos conta* por que Davi pegou cinco pedras, ao que parece por achar que era algo óbvio ou insignificante demais. Qualquer coisa que dissermos

para explicar não passa de adivinhação e, para ser franco, desperdício de tempo.

3. Dale Ralph Davis explica como as histórias da Bíblia são "ossos doutrinários revestidos de carne narrativa" em *The Word Became Flesh: How to Preach from Old Testament Narrative Texts* (Fearn: Christian Focus, 2006), p. 127.

4. Coro de "The chimes of time ring out the news", de Stuart Hamblen. É uma canção evangélica da década de 1950.

1. Christopher J. H. Wright, *Old Testament Ethics for the People of God* (Leicester: IVP, 2004), p. 282.
2. Conforme disse, amo pregar sobre esse texto. Coloquei um esboço do meu sermão ao fim do capítulo.
3. Com frequência, uso este texto, Êxodo 19.1-6, para ser trabalhado em grupos na criação de um esboço de sermão no seminário de pregação Langham. E, muitas vezes, o grupo tem a seguinte ideia: "Obedeça a Deus e você será ricamente abençoado". Isso pode até ser verdade (embora não da maneira proclamada pelo evangelho da prosperidade). Mas simplesmente não é o que a passagem diz.
4. Também acrescentei um exemplo de esboço de sermão sobre este texto ao fim do capítulo.
5.John E. Bode, "O Jesus, I Have Promised", 1868.
24. Uma parte da "teoria do Plano A" é muito errada — e você deveria ser capaz de detectá-la de imediato. Deus não entregou a lei a Israel para que o povo fosse salvo ao guardá-la. Vimos anteriormente que Deus já havia agido para salvar os israelitas e fazer deles seu povo. Ele entregou a lei não para que pudessem merecer a salvação, mas para que *respondessem* com

amor e gratidão à salvação que já lhes havia concedido.

1. Se você deseja ler uma abordagem mais completa sobre a lei do Antigo Testamento, é possível que ache útil o capítulo 9, "Law and the Legal System", do livro de minha autoria *Old Testament Ethics for the People of God* (Leicester: IVP, 2004). Trato de assuntos como os tipos de leis em Israel (criminal, civil, familiar, ritual e compassiva), a administração da justiça e a escala de valores da lei do Antigo Testamento.
2. Um paradigma é um exemplo, modelo ou caso muito específico nos próprios detalhes, mas que serve como padrão para pensar sobre questões, problemas ou situações que podem ser muito diferentes, mas aos quais os mesmos princípios se aplicam. Há paradigmas na ciência. Isso acontece quando os cientistas usam uma solução particular que conhecem por experimento e prova para analisar e resolver outros problemas. Existem paradigmas linguísticos. Ao aprender uma língua estrangeira, você aprenderá alguns padrões verbais, nominais etc. que poderão ser aplicados a muitas outras palavras da mesma classe gramatical em diversas frases diferentes. Existem paradigmas jurídicos. Os juízes usam julgamentos proferidos em casos específicos do passado como

“precedentes” dos quais derivam princípios para decidir outros casos que devem julgar.

1. É interessante notar que o Novo Testamento também menciona cinco profetisas: Ana e as quatro filhas de Filipe. Paulo, porém, se refere a outras mulheres em geral que exerciam o dom de profecia nas igrejas.

1. “Go, tell it on the mountain”, John W. Work Jr., 1907.

1. Por exemplo, Salmos 23.1 tem nove palavras em português: "O SENHOR é meu pastor, e nada me faltará", mas são necessárias apenas quatro palavras em hebraico.
2. O termo técnico para esse fenômeno é "paralelismo sinonímico".
3. O termo técnico para esse fenômeno é "paralelismo antitético".
4. O termo técnico para esse fenômeno é "paralelismo sintético". Não é preciso lembrar os termos técnicos e, sem dúvida, você não deveria usá-los no púlpito!
5. Os estudiosos da Bíblia já encontraram diversos outros tipos de salmos e subdividem algumas dessas categorias em subgrupos ainda menores. Mas vou procurar manter a simplicidade.
6. Os hinos de louvor incluem salmos como 8; 33; 47; 65—66; 100; 103—104; 111; 113; 117; 145—150.
7. Salmos de ação de graças incluem 18; 30; 32; 34; 40; 66; 92; 116; 118; 138.
8. Lamentos individuais incluem 3; 6; 13; 22; 31; 39; 42; 57; 71; 73; 88; 142.
9. Lamentos comunitários incluem 44; 74; 80; 91; 94; 137.

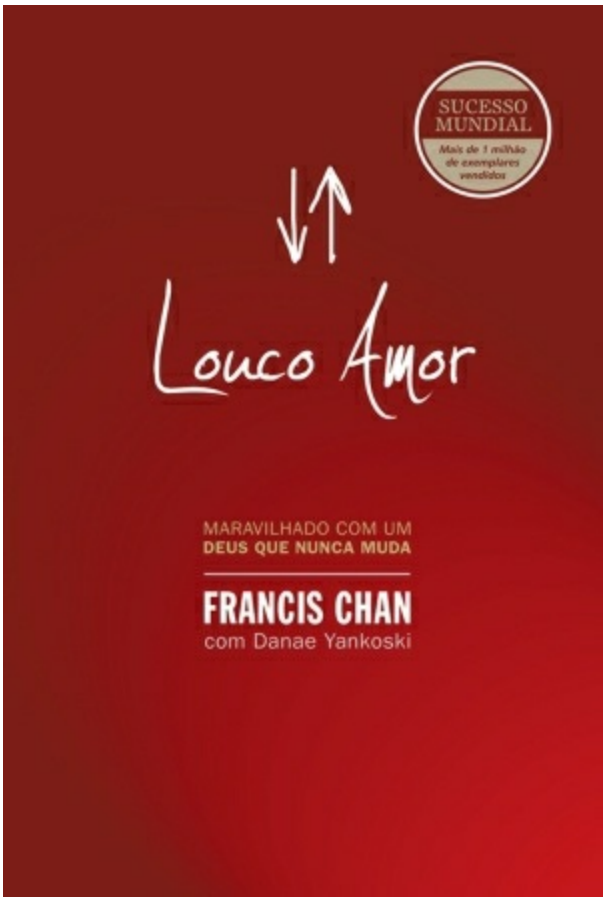
10. Salmos de Sião incluem 46; 48; 76; 84; 87; 122; 125.
11. Em Salmos, eles são chamados de "Cânticos dos Degraus" (RC), porque as pessoas precisavam "subir" para chegar a Jerusalém, uma vez que a cidade ficava em cima de uma colina. Eles incluem os Salmos 120—134.
12. Salmos reais incluem 2; 18; 20—21; 45; 72; 89; 101; 110; 132.
13. O mais interessante é que o chamado a observar a Torá do SENHOR e meditar nela aparece não só no início de Salmos (Sl 1), mas também no início de Josué. É o único outro lugar que fala sobre meditar nas "palavras deste Livro da Lei" "de dia e de noite" (Js 1.8). A Bíblia hebraica contém três seções: *A Lei* (ou Torá: Gênesis a Deuteronômio), *Os Profetas* (começando com Josué; eles chamavam os livros históricos de "Profetas Anteriores") e *Os Escritos* (começando com Salmos e incluindo Jó, Provérbios e os outros livros). Assim, bem no início dos Profetas (Js 1) e dos Escritos (Sl 1), os leitores são lembrados da importância fundamental da lei. Não esqueça, é claro, que a Torá incluía a história da criação, as promessas de Deus a Abraão, a redenção do Egito e a

aliança no Sinai — bem como as leis propriamente ditas.

1. Exemplos desses salmos de sabedoria ou salmos de ensino incluem 36—37; 49; 73; 112; 127—128; 133.
2. Veja os salmos a seguir e identifique em todos eles o mesmo tom universal: 22.27; 67; 87; 96; 98—99; 117.
3. 1Reis 8.41-43,60; 2Reis 19.15-19; Isaías 2.1-5; 12.4-5; 19.19-25; 45.22; 49.6; 56.3-8; 60.1-3; 66.19; Amós 9.12; Zacarias 2.11.

1. Os Escritos incluem os seguintes livros do cânone hebraico: Salmos, Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2Crônicas.
2. Isso não quer dizer que a escravidão em si é validada. A Bíblia como um todo condena a escravidão e aponta na direção que eventualmente levou à sua abolição. A ideia aqui é simplesmente que o evangelho transforma o *trabalho* — até mesmo o trabalho de um escravo cristão.
3. Se você tiver acesso à obra de Derek Kidner, *Tyndale Commentary on Proverbs* (Downers Grove: IVP Academic, 2009), a introdução apresenta um apanhado muito útil de diferentes temas em Provérbios, bem com vários versículos para ilustrar.

Compartilhe suas impressões de leitura
escrevendo para:
opiniao-do-
leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*:
<www.mundocristao.com.br>


SUCESSO MUNDIAL
Mais de 1 milhão de exemplares vendidos
Louco Amor
MARAVILHADO COM UM
DEUS QUE NUNCA MUDA
FRANCIS CHAN
com Danae Yankoski

Louco amor

Chan, Francis
9788573257229
176 páginas

Compre agora e leia

Faz parte de qualquer relacionamento. A intensidade e a vibração dos primeiros momentos aos poucos são tomadas pela rotina e o que antes era uma feliz dependência torna-se um fardo, quando não, a cínica indiferença para com o outro. Infelizmente, o mesmo ocorre em nosso relacionamento com Deus. Acabamos nos acostumando a viver longe dele... só demoramos a nos dar conta disso. Nossa suposta auto-suficiência torna difícil encaixar Deus num mundo cujas principais respostas já foram dadas. Se essa é a conclusão a que

chegamos, vale a pena ler e ouvir alguém que não se conforma com desculpas fatalistas. Francis Chan dedica sua vida a ser um tipo diferente de cupido. Tendo experimentado com grande intensidade o amor de Deus, empenha-se em contagiar outras pessoas a (re)viverem a mesma paixão. Segundo Chan, apenas experimentando e nutrindo um honesto relacionamento com Deus podemos dar a necessária chacoalhada em nossa vida e espantar a terrível mornidão que caracteriza nossa atitude diante do Pai. "O livro Louco Amor tira as nuvens que tornam nossa espiritualidade nublada, reacende a chama por um relacionamento profundo com Deus e mexe com nossa mente. Se você quer deixar de ser um ativista cristão e aprofundar seu relacionamento com Deus não deixe de ler este livro". Josué Campanhã - Diretor Sepal Brasil

Compre agora e leia


MIROSLAV VOLF
UMA FÉ
PÚBLICA
COMO O CRISTÃO PODE CONTRIBUIR PARA O BEM COMUM

Uma fé pública

Volf, Miroslav
9788543301723
159 páginas

Compre agora e leia

Qual o papel da religião no cenário atual? Como os seguidores de Jesus podem manifestar sua fé num contexto de múltiplas religiões e de antipatia à fé cristã? De que maneira os cristãos podem exercer influência positiva sobre a sociedade contemporânea? O renomado teólogo croata Miroslav Volf sistematiza as questões que afetam a presença cristã num mundo cada vez mais secularizado. Tendo como alvo a participação dos cristãos para o bem comum, Volf contribui decisivamente para o debate sobre as implicações da tolerância e da liberdade

religiosa no ambiente polarizado de nossos dias.

Compre agora e leia


kevin leman
é seu filho,
não um
hamster
Reduza o estresse na educação das crianças

É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin
9788573258356
249 páginas

Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades.

Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia


STORMIE
OMARTIAN
MINHA HISTÓRIA DE PERDÃO E CURA
2ª EDIÇÃO AMPLIADA
MC

Minha história de perdão e cura - 2ª edição ampliada

Omartian, Stormie
9788543302621
232 páginas

Compre agora e leia

Muitos anos antes de se tornar conhecida internacionalmente por seus livros sobre a eficácia da oração, Stormie Omartian vivia pelo avesso. Quando criança, sofreu agressões e humilhações impostas pela mãe. A juventude foi marcada por relacionamentos vazios, depressão, ansiedade, envolvimento com drogas, abortos e até ocultismo. Apesar de inúmeras oportunidades de seguir uma carreira de sucesso como cantora e atriz, nada parecia contribuir para sua felicidade. Pensamentos de morte lhe rondavam a

mente. Contudo, quando o desespero estava para cobrar seu preço mais alto, ela conheceu Jesus, uma experiência que transformou sua vida. Livre da opressão, abandonou a sedução da fama para ficar com o tesouro mais valioso e incorruptível. Sua trajetória desde o vale de angústia e trevas até o encontro com o Autor da vida é relatada em Minha história de perdão e cura. Neste livro-testemunho, a autora de vários títulos de sucesso abre o coração e revela detalhes sobre as lutas que enfrentou e o processo de restauração proporcionado por Deus.

Compre agora e leia


kevin leman
transforme
seu adolescente
até sexta
conquiste o respeito, a confiança e o coração de seu filho em cinco dias

Transforme seu adolescente até sexta

Leman, Kevin
9788573258271
245 páginas

Compre agora e leia

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem

dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

Compre agora e leia